

Christopher Paolini

ERAGON



ROCCO
JOVENS LEITORES

instáveis, colocando-os de volta no caminho certo, formatando o livro, desenhando a capa e ouvindo tantas apresentações. Minha avó Shirley, por me ajudar a criar começo e fim satisfatórios. Minha irmã, por seus conselhos quanto à trama, por seu bom humor ao ser retratada como uma herbolária em Eragon e pelas longas horas que passou editando o olho de Saphira na capa. Kathy Tyers, por me dar os meios para reescrever, de modo brutal e muito necessário, os três primeiros capítulos. John Taliaferro, por seus conselhos e maravilhosa revisão. Um fã chamado Tornado - Eugene Walker - que pegou vários erros de copidesque. E Donna Overall, por seu amor pela história, por seus conselhos quanto à edição e formatação e por seu olhar aguçado com relação a todas as coisas que tinham a ver com elipses, linhas viúvas, órfãs, kerning e frases contínuas. Se existem Cavaleiras de Dragões na vida real, ela é uma delas, correndo, de forma abnegada, ao socorro de escritores perdidos no Pântano das Vírgulas. E agradeço a minha família por me apoiar de todo o coração... E por ler esta saga mais vezes do que qualquer pessoa sã deveria fazer.

A nova turma: Michelle Frey, que não só amou a história o bastante para se arriscar em uma fantasia épica escrita por um adolescente, mas que também conseguiu otimizar o ritmo de Eragon com sua percepção editorial. Meu agente, Simon Lipskar, que me ajudou a achar o melhor lar para Eragon. Chip Gibson e Beverly Horowitz por sua maravilhosa oferta. Lawrence Levy por seu bom humor e consultoria jurídica. Judith Haut, que é um gênio da publicidade. Daisy Kline por sua impressionante campanha de marketing. Isabel Warren-Lynch, que criou a adorável contracapa do livro, seu interior e o mapa. John Jude Palencar, que coloriu a arte da contracapa (de fato, eu me inspirei no nome dele ao batizar o vale Palancar em sua homenagem antes mesmo de ele trabalhar em Eragon. Artie Bennett, o decano da revisão e o único homem vivo a entender a diferença entre ver o futuro e ver o futuro daquilo. E toda a equipe da Knopf, que tornou esta aventura possível.

Finalmente, um agradecimento muito especial aos meus personagens, que enfrentaram bravamente os perigos que os forcei a encarar e sem os quais eu não teria uma história.

Que suas espadas permaneçam afiadas!

A LÍNGUA DOS URGALS

drajl - cria de vermes.

Ithrô Zhâda (Orthíad) - Destino rebelde.

Kaz jtierl trazhid! Otrag bagh. - Não ataquem! Cerquem-no.

ushnark – pai.

O Espectro pôs sua paciência à prova quando os minutos se tornaram horas. O aroma se propagava muito à frente dos que o exalavam. Ele não deixou que os Urgals se levantassem ou se esquentassem. Também negava esses luxos a si mesmo, permanecendo atrás de uma árvore, observando a trilha. Outra rajada de vento cortou a floresta. O cheiro estava mais forte dessa vez. Excitado, ergueu o lábio fino, mostrando os dentes.

- Preparem-se - sussurrou. Seu corpo todo tremia. A ponta de sua espada se movia em pequenos círculos. Foram necessários muitos planos e muito sacrifício para colocá-lo ali, naquele momento. Não podia perder o controle agora.

Os olhos dos Urgals brilhavam abaixo das grossas sobrancelhas, e as criaturas seguravam suas armas com mais força. À sua frente, o Espectro ouviu um tinido, como se algo tivesse batido com força em uma pedra solta. Vultos indistintos emergiram da escuridão e avançaram pela trilha.

Três cavalos brancos e seus cavaleiros galopavam em direção à emboscada. Eles estavam de cabeça erguida, orgulhosos, suas mantas ondulavam sob o luar, parecendo prata líquida.

No primeiro cavalo ia um elfo de orelhas pontudas e de sobrancelhas elegantes e oblíquas. Tinha o corpo esguio, porém forte, como um florete. Um poderoso arco pendia em suas costas. Uma espada pressionava a lateral de seu corpo e estava oposta a uma aljava cheia de flechas guarnecidas com penas de cisnes.

O último cavaleiro tinha o rosto igualmente belo e feições angulosas parecidas com as do outro. Transportava uma longa lança na mão direita e um punhal branco na cinta. Um elmo extraordinariamente trabalhado, forjado com âmbar e ouro, repousava em sua cabeça.

Entre eles dois cavalgava uma elfa, que, com perfeito equilíbrio, observava o entorno. Enquadrados por tranças longas e negras, seus olhos profundos brilhavam com uma força instigante. Suas roupas não tinham adornos, entretanto, isso não diminuía sua beleza. Na sua lateral pendia uma espada e, nas costas, um arco e uma aljava. Levava no colo uma bolsa para

Shur'tugal - Cavaleiro de Dragão.

Skulblaka, eka celôbra ono un mulabra ono un onr Shur'tugal né haina.

Atra nosu waíse fricai. - Dragão, eu o respeito e não desejo nenhum mal a você ou ao seu Cavaleiro. Sejam amigos.

slytha - dormir Stenr reisa! - Pedra, levante-se!

thyrsta - empurrar, comprimir Thrysta deloi. - Comprima-se a terra.

Thverr stenr un atra eka hórna! - Atravesse a pedra e deixe-me ouvir!

Togira Ikonoka - O Imperfeito Que É Perfeito tuatha du orothrim - modificando o conhecimento de um tolo (fase de treinamento dos Cavaleiros).

Varden - Os Guardiões.

vôndr - uma vara fina e reta.

Waíse heill! - Fique curado!

Wiol pômnuria ilian. - Pela minha felicidade.

wyrda - destino

yawê - sinal de confiança

Enquanto os Urgals abriam caminho em meio às árvores, o Espectro subiu em uma pedra de granito que se projetava acima deles. De seu poleiro, podia ver toda a floresta circundante. Ele ergueu a mão e gritou:

- *Böetq istalri!*

E uma área de quatrocentos metros da floresta explodiu, ardendo em chamas. De modo assustador, incendiou trechos após trechos de mata até formar um anel de fogo, em um raio de mais de dois quilômetros em volta do local da emboscada. As chamas pareciam uma coroa derretida repousando sobre a floresta. Satisfeito, examinou o anel de fogo com cautela para evitar falhas.

O círculo de fogo aumentou, diminuindo a área que os Urgals tinham de vasculhar. De repente, o Espectro ouviu berros e um grito de guerra. Pelas árvores, viu três dos seus soldados caírem em fila, feridos mortalmente. Ainda conseguiu ver de relance a elfa correndo para longe dos Urgals remanescentes.

Ela fugiu rumo à grande pedra de granito a uma velocidade tremenda. O Espectro examinou o solo seis metros abaixo e pulou, aterrissando agilmente na frente da elfa, que mudou de direção rapidamente e voltou correndo para a trilha. O sangue preto dos Urgals pingava de sua espada, manchando a bolsa que levava na mão.

Os monstros chifrudos saíram da floresta e circundaram-na, bloqueando todas as passagens existentes. Ela virou a cabeça rapidamente, tentando achar um modo de fugir dali. Como não viu nenhuma saída, levantou-se com um desdém régio. O Espectro aproximou-se de mão erguida, deliciando-se com a impotência dela.

- Peguem-na.

Quando os Urgals correram em sua direção, a elfa abriu a bolsa, pôs a mão lá dentro e depois a deixou cair no chão. Nas mãos, ela segurava uma grande pedra de safira que refletia a luz furiosa do fogo; suspendeu-a acima da cabeça, e seus lábios pronunciaram palavras em um ritmo frenético. Desesperado, o Espectro berrou:

A LÍNGUA ANTIGA

Nota: Como Eragon ainda não é um mestre da língua antiga, suas palavras e comentários não foram traduzidos literalmente para poupar o leitor de sua gramática deplorável. Citações de outros personagens, contudo, foram deixadas intocadas.

Aí varden abr du Shur'tugals gata vanta. - Um guardião dos Cavaleiros pede passagem.

Aiedail - a estrela da manhã.

arget - prata

Argetlam - Mão de Prata

Atra gülai un ilian tauthr ono un atra ono waíse skölr frá rauthr. - Que a sorte e a felicidade sigam-no e que você seja protegido contra o infortúnio.

Bôetq istalri! - Fogo intenso!

breoal - família; casa.

brisingr – fogo.

Deloi moi! - Terra, transforme-se!

delois - planta de folhas verdes com flores roxas.

Domia abr Wyrda - Domínio do destino (livro).

dras – cidade.

draurnr kópa - fitar sonhando - encanto para bola de cristal.

Du grind huilr! - Segure o portão!

"Du Silbena Datia" - "A Névoa Suspirante" (música-poema).

Du Súdavar Freohr - Morte dos Espectros.

A DESCOBERTA

Eragon ajoelhou-se no tapete de grama pisado e examinou atentamente as pegadas com seu olhar experiente. As marcas disseram-lhe que o cervo esteve naquela campina há apenas meia hora. Logo, todos iriam dormir. Seu alvo, uma pequena corça que mancava da pata esquerda dianteira, ainda estava com o rebanho. Ele estava surpreso por ela ter conseguido ir tão longe sem que um lobo ou urso a tivesse capturado.

O céu estava limpo e escuro, e uma brisa suave agitava o ar. Uma nuvem prateada pairava sobre as montanhas que o cercavam, cujos cumes resplandeciam com a luz avermelhada da lua da época da colheita, aninhada entre dois picos. Riachos corriam montanha abaixo, brotando das frias geleiras e das brilhantes camadas de neve. Uma névoa pesada arrastava-se acima do solo do vale, quase espessa o bastante para ocultar os seus pés.

Eragon tinha quinze anos, faltava menos de um ano para a idade adulta. Sobrancelhas escuras repousavam acima dos seus vivos olhos castanhos. Suas roupas eram surradas por causa do trabalho. Uma faca de caça, com o cabo feito de osso, estava presa à cinta. E um tubo de pele de veado protegia da neblina o arco feito de teixo. Carregava também uma saca com estrutura de madeira.

A corça levou-o até os recônditos da Espinha, uma cadeia de montanhas indomadas que se estendia do começo ao fim das terras da Alagaésia. Frequentemente histórias estranhas e homens surgiam dessas montanhas trazendo maus agouros e doenças. Apesar disso, Eragon não temia a Espinha, ele era o único caçador perto de Carvahall que ousava caçar em seus recantos mais íngremes.

Era a terceira noite da caçada e metade de sua ração já havia sido consumida. Se não abatesse a corça, seria forçado a voltar para casa de mãos vazias. Sua família precisava da carne para o inverno que se aproximava rapidamente. Eles não tinham condições financeiras para comprá-la no Carvahall.

milhares de cacos, matando você - declarou Arya com simplicidade. As palavras dela denunciavam o poder que havia dentro dela.

Ângela acrescentou amargamente:

- É, e isso quase matou você também. Tive de usar todos os meus conhecimentos para manter vocês dois vivos.

Uma dor aguda repentina correu pelo corpo de Eragon, comparando-se em intensidade à sua cabeça latejante. Minhas costas... Mas ele sentiu que não havia nenhuma atadura nelas. - Há quanto tempo estou aqui? - perguntou apreensivo.

- Há um dia e meio - respondeu Ângela. - Você teve sorte de eu estar por perto, caso contrário levaria semanas para ficar curado, se tivesse sobrevivido. - Assustado, Eragon tirou os cobertores de cima do seu tronco e virou-se para tocar as costas. Ângela segurou o pulso dele com sua pequena mão, o receio refletia-se nos olhos dela.

- Eragon... Você precisa entender que meu poder não é como o seu ou como o de Arya. Ele depende do uso de ervas e poções. Há limites para o que eu posso fazer, especialmente com algo tão grande quanto...

Com um puxão, ele libertou seu pulso da mão de Ângela e tocou as costas, seus dedos tateavam. Sua pele estava suave e quente, perfeita. Músculos rígidos flexionavam-se embaixo das pontas de seus dedos conforme ele se mexia. Deslizou a mão em direção à nuca e, inesperadamente, sentiu uma saliência dura com mais de um centímetro de largura. Ele a acompanhou, descendo por suas costas, horrorizado. O golpe de Durza o deixou com uma enorme cicatriz nodosa que se esticava do ombro direito até a cintura oposta.

A compaixão tomou conta do rosto de Arya quando ela murmurou:

- Você pagou um preço terrível por sua façanha, Eragon Matador de Espectros.

Murtagh riu de modo estridente.

- É você agora é igual a mim.

A natureza jamais havia polido uma pedra como aquela. Na superfície não havia uma falha sequer, era azul-escura, exceto pelas finas veias brancas que se espalhavam sobre ela como uma teia de aranha. A pedra era fria e não produzia atrito quando tocada, como seda endurecida. Era oval e tinha uns trinta centímetros de comprimento. Pesava alguns quilos, embora parecesse mais leve do que deveria.

Eragon achou a pedra tão bela quanto assustadora. De onde ela veio? Para que serviria? Pensou. Depois, um pensamento mais perturbador surgiu em sua mente: Será que ela veio parar aqui por acidente ou estarei destinado a possuí-la? Se ele tinha aprendido algo com as antigas histórias, era tratar com muito cuidado a magia e aqueles que a usavam.

Mas o que farei com a pedra? Seria cansativo carregá-la e havia a chance de ser perigoso. Talvez fosse melhor deixá-la para trás. Um tremor de indecisão percorreu-o, e ele quase a deixou cair, mas algo acalmou sua mão. Pelo menos, poderei comprar um pouco de comida com ela, decidiu ele, dando de ombros e enfiando a pedra em sua saca.

O vale estava muito exposto para servir como abrigo seguro, então voltou para a floresta e estendeu sua manta de dormir embaixo das raízes de uma árvore caída. Depois de um jantar frio de pão e queijo, se enrolou nos cobertores e adormeceu, meditando no que havia acontecido.

É bom ver que você também está, mas como...

Os outros querem explicar, então deixarei.

Você cuspiu fogo! Eu vi!

Foi, - disse ela com orgulho.

Ele deu um sorriso fraco, ainda confuso, e olhou para Arya e Murtagh. Os dois ostentavam ataduras: Arya no braço e Murtagh na cabeça. Murtagh deu um sorriso largo.

- Já era hora de você acordar. Estamos sentados no corredor há horas.

- O que... O que aconteceu? - perguntou Eragon.

Arya estava triste. Mas Murtagh gritou triunfante:

- Nós vencemos! Foi incrível! Quando os espíritos do Espectro, se podemos chamá-los assim, voaram por Farthen Dur, os urgals pararam de lutar para vê-los indo embora. Foi como se eles tivessem sido libertados de um encanto, pois os clãs deles, de repente, começaram a brigar uns com os outros. O exército inteiro deles foi desagregado em poucos minutos. Nós os afugentamos depois disso!

- E todos eles morreram? - perguntou Eragon.

Murtagh balançou a cabeça.

- Não, muitos deles escaparam fugindo para dentro dos túneis. Os varden e os anões estão ocupados expulsando-os neste momento, mas isso vai demorar. Eu estava ajudando até que um urgál me atingiu na cabeça e fui mandado para cá.

- Eles não vão prender você de novo?

A expressão no rosto dele ficou séria.

- Ninguém está ligando para isso agora. Muitos dos varden e dos anões foram mortos. Os sobreviventes estão ocupados tentando se recuperar da batalha. Mas, pelo menos, você tem um motivo para ficar feliz. Você é um

Acampou em um pequeno bosque perto da ravina e viu a lua nascer antes de se deitar.

O tempo ficou ainda mais frio no dia seguinte e na primeira metade do outro. Eragon viajava rapidamente e viu pouco da vida selvagem. Logo depois do meio-dia, ouviu as cataratas Igualda cobrindo tudo com o som abafado de milhares de litros de água caindo. A trilha levou-o até uma chapada de ardósia úmida, por onde o rio havia passado que se lançava no vazio do ar e caía por encostas cheias de musgo.

Perante ele estava o vale Palancar, exposto como um mapa aberto. A base das cataratas Igualda, a mais de oitocentos metros abaixo, era o ponto mais ao norte do vale. Perto das cataratas ficava Carvahall, um punhado de edificações de cor marrom. A fumaça branca subia das chaminés, desafiando a área selvagem em volta. Naquela altura, as fazendas eram pequenos retalhos quadrados, menores do que a ponta do dedo dele. A terra em volta delas era ressecada ou arenosa, onde o mato seco dançava ao vento. O rio Anora cortava a terra desde as cataratas até o lado sul de Palancar, refletindo grandes porções da luz do sol. Longe, ele corria por fora do vilarejo de Therinsford e pela solitária montanha Utgard. Além daquilo, ele sabia apenas que o rio virava para o norte e corria para o oceano.

Depois de uma pausa, Eragon saiu da chapada e começou a descer a trilha, contraindo o rosto durante o percurso. Quando chegou lá embaixo, o suave crepúsculo banhava todas as coisas, reduzindo cores e formas a massas cinzentas. As luzes de Carvahall brilhavam bem perto, sob o sol que se punha. As casas projetavam sombras compridas. Além de Therinsford, Carvahall era o único vilarejo no vale Palancar. O povoado era isolado, cercado por uma terra rude e bela. Poucos passavam por ali, com exceção dos mercadores e caçadores.

O vilarejo era formado por edificações resistentes feitas de madeira com tetos baixos - alguns eram feitos de sapê e outros de tábuas. A fumaça subia das chaminés, dando ao ar um cheiro amadeirado. As casas tinham varandas largas, onde as pessoas se reuniam para conversar ou comerciar. Ocasionalmente, uma janela brilhava quando uma vela ou lampião era

- Eu sou Osthato Chetowa, o Sábio Pesaroso. E Togira Ikonoka, o Imperfeito Que É Perfeito. Venha até mim, Eragon, pois tenho respostas para suas perguntas. Você não estará seguro até me encontrar.

- Mas como posso encontrá-lo se não sei onde você está? - perguntou ele em desespero.

- Confie em Arya e vá com ela para Ellesméra, eu estarei lá. Tenho esperado por muitas estações, então não se demore ou poderá ser tarde demais... Você é maior do que imagina Eragon. Pense no que fez e rejubile-se, pois você livrou a terra de um grande mal. Você realizou uma façanha que ninguém mais poderia ter realizado. Muitos têm uma dívida com você.

O estranho tinha razão: o que ele havia feito era digno de honra, de reconhecimento. Não importava o que as suas experiências futuras lhe trouxessem, ele não era mais apenas um peão no jogo do poder. Ele havia transcendido tudo isso e era algo diferente, algo mais. Ele havia se tornado o que Ajihad queria: uma autoridade independente de qualquer rei ou líder.

Ele sentiu aprovação quando chegou a essa conclusão.

Você está aprendendo - disse o Sábio Pesaroso, aproximando-se. Uma visão passou dele para Eragon: uma explosão de cores brotou em sua mente, formando uma figura curvada, vestida de branco, em pé em um penhasco banhado pela luz do sol. - *Chegou a hora de você descansar, Eragon. Quando você acordar, não fale sobre mim a ninguém* - disse a figura gentilmente, com o rosto oculto por uma nuvem prateada. - *Lembre-se: você precisa ir até os elfos. Agora, durma...* - Ele ergueu uma de suas mãos, como em uma bênção, e a paz tomou conta de Eragon.

Seu último pensamento foi que Brom teria sentido orgulho dele.

- Acorde - ordenou uma voz. - Acorde, Eragon, pois você já está dormindo há muito tempo. - Ele se mexeu contra a sua vontade, avesso a ouvir qualquer coisa. O calor que o cercava era confortável demais para ser abandonado. A voz soou de novo. - Levante-se, Argetlam. Precisamos de você!

mercadorias? Acha que devo dar carne a você sem cobrar nada? Além do mais, está tarde. Volte amanhã com dinheiro. O expediente encerrou por hoje.

Eragon olhou fixamente para ele.

- Não posso esperar até amanhã, Sloan. Garanto que não vai perder seu tempo. Encontrei algo com o qual posso pagá-lo. - Ele tirou a pedra da mochila e colocou-a gentilmente em cima do balcão todo cortado, onde ela brilhou com as luzes das chamas dançantes.

- Deve ter roubado - resmungou Sloan, inclinando-se para a frente com uma expressão interessada.

Ignorando o comentário, Eragon perguntou:

- Isso basta?

Sloan pegou a pedra e sentiu o peso dela, tentando determinar seu valor. Passou as mãos em sua superfície suave e examinou as veias brancas. Com um olhar de quem calculava, a pôs no balcão.

- É bonita, mas quanto vale?

- Não sei - admitiu Eragon. - Mas ninguém se daria ao trabalho de polí-la se não tivesse algum valor.

- Obviamente - concordou Sloan, demonstrando impaciência. - Mas quanto vale? Como você não sabe, sugiro que procure um mercador que saiba ou que aceite a minha oferta de três coroas.

- Isso é uma oferta desprezível! Deve valer, pelo menos, dez vezes mais - rebelou-se Eragon. - Três coroas não seriam suficientes para comprar carne para uma semana.

Sloan deu de ombros.

- Se não gostou da minha oferta, espere os mercadores chegarem. De qualquer forma, estou farto desta conversa.

Os mercadores formavam um grupo nômade de vendedores e artistas que visitavam o Carvahall toda primavera e todo inverno. Compravam o

O SÁBIO PESAROSO

Fragmentos das memórias do Espectro continuavam a lampear na mente de Eragon. Um furacão de eventos sombrios e emoções tomou conta dele, tornando impossível pensar. Submerso naquele redemoinho, ele não sabia onde estava ou quem era. Encontrava-se cansado demais para se livrar da presença estranha que deixava sua mente nebulosa. Imagens violentas e cruéis do passado do Espectro explodiram atrás de seus olhos até que sua alma gritasse em desespero perante aquelas visões sangrentas.

Uma pilha de corpos se elevou perante ele... Inocentes trucidados pelas ordens do Espectro. Viu ainda mais corpos, vilarejos inteiros cheios deles, que perderam a vida depois de uma palavra ou de um gesto da mão daquele feiticeiro. Não havia escapatória da carnificina que o cercava. Ele vacilava como a chama de uma vela, incapaz de resistir àquela onda de maldade. Rezou para que alguém o tirasse daquele pesadelo, mas não havia ninguém para guiá-lo. Se pudesse, pelo menos, lembrar o que ele devia ser: rapaz ou homem, vilão ou herói, Espectro ou Cavaleiro, tudo estava embolado em um frenesi sem sentido. Ele estava perdido, completa e totalmente, naquela massa rolante.

De repente, uma aglomeração de suas próprias memórias irrompeu no meio da nuvem deplorável deixada pela mente malevolente do Espectro. Todos os eventos acontecidos desde que ele encontrou o ovo de Saphira surgiram para ele em uma luz fria de revelações. Suas realizações e suas falhas foram igualmente exibidas.

Perdeu muitas das coisas que eram queridas por ele, contudo o destino havia lhe dado dons raros e grandiosos. Pela primeira vez, sentia orgulho, simplesmente, de ser quem ele era. Como em uma reação à sua breve autoconfiança, a escuridão sufocante do Espectro investiu contra ele mais uma vez. A identidade dele vagou em direção ao vazio enquanto a incerteza e o medo consumiam seus sentidos.

Quem ele era para achar que podia desafiar os poderes da Alagaésia e continuar vivo?

- Ele não...

- Silêncio - determinou Horst com uma voz de trovão enquanto estalava os dedos. Ele era o ferreiro do Carvahall, como atestavam seu pescoço grosso e seu avental de couro, todo cortado pelas ferramentas. Seus braços fortes não tinham pelos até os cotovelos, uma grande parte de seu peito peludo e musculoso era visível pela parte de cima da camisa. Uma barba preta, desleixadamente aparada, acompanhava os movimentos dos músculos da mandíbula. - Sloan, o que você fez desta vez?

- Nada. - Ele olhou furiosamente para Eragon e, depois, soltou: Este... Garoto entrou aqui e começou a me atormentar. Pedi para que fosse embora, mas ele não saiu do lugar. Cheguei a ameaçá-lo, mas ele continuou a me ignorar! - Sloan parecia encolher enquanto olhava para Horst.

- É verdade? - perguntou o ferreiro.

- Não! - respondeu Eragon. - Ofereci esta pedra como pagamento por uma porção de carne, e ele aceitou. Mas quando eu disse que a achei na Espinha, ele se recusou a tocá-la. Que diferença faz de onde a pedra veio?

Horst olhou para a pedra com curiosidade e, depois, voltou sua atenção para o açougueiro.

- Por que você não quer negociar com ele, Sloan? Eu também não morro de amores pela Espinha, mas se for uma questão de quanto a pedra vale, posso dar uma garantia com o meu próprio dinheiro.

A questão pairou no ar por um momento. Sloan passou a língua nos lábios e disse:

- Esta loja é minha. Posso fazer aqui o que bem quiser.

Katrina saiu de trás de Horst e jogou para trás seus cabelos castanho avermelhados como uma onda de cobre derretido.

- Pai, Eragon está querendo pagar. Dê a carne a ele e, depois, poderemos ir jantar.

Os olhos de Sloan estreitaram-se perigosamente.

lentamente, dando a ele orgulho e confiança. As semanas gastas cuidando de seu mestre adoecido depois de um encanto que deu errado. A alegria dele quando Haeg se recuperou...

Mas não havia tempo para reagir... Não havia tempo...

Os bandidos que atacaram durante a noite, matando Haeg. O ódio que Carsaib sentiu, e os espíritos que ele havia invocado para obter vingança. Mas os espíritos eram mais fortes do que ele esperava. Eles se viraram contra ele, possuindo sua mente e seu corpo. Ele gritou. Ele era... EU SOU DURZA!

A espada acertou pesadamente as costas de Eragon, cortando tanto a malha de aço quanto a pele. Ele gritou quando a dor explodiu em seu corpo, forçando-o a ficar de joelhos. A agonia curvou seu corpo e apagou todos os seus pensamentos. Cambaleou, quase perdendo a consciência, o sangue quente escorria pelas suas costas. Durza disse algo que ele não conseguiu ouvir.

Em meio à aflição, Eragon levantou os olhos para os céus, as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Tudo tinha dado errado. Os varden e os anões estavam destruídos. Ele foi derrotado. Saphira se entregaria pelo bem dele, como ela já havia feito antes, e Arya seria recapturada ou morta. Por que tinha de terminar assim? Que justiça poderia ser essa? Tanta coisa por nada.

Enquanto ele olhava para a Isidar Mithrim muito acima de seu corpo torturado, um clarão de luz rompeu em seus olhos, cegando-o. Um segundo depois, a câmara retumbou com um estrondo ensurdecedor. Então, a visão dele clareou, e ele suspirou descrente.

A estrela de safira foi quebrada em vários pedaços. Um círculo que se expandia, formado por cacos afiados como adagas, despencava em direção ao chão distante, os cacos brilhantes aproximavam-se das paredes. No centro da câmara, voando, descendo, com a cabeça apontada para baixo, estava Saphira. As mandíbulas dela estavam abertas e do meio delas brotava uma grande língua de fogo, de cor amarelo brilhante e com um quê de azul. No dorso dela estava Arya, seus cabelos debatiam-se

eu ter chegado, pois vocês estavam prestes a brigar. Infelizmente, duvido que ele venderá para você ou para alguém de sua família quando forem à loja dele, mesmo tendo moedas na mão.

- Por que ele ficou com raiva daquela forma? Nós nunca fomos amigos, mas sempre aceitou o nosso dinheiro. E eu nunca vi Sloan tratar Katrina daquela maneira - disse Eragon, abrindo a parte de cima da saca.

Horst deu de ombros.

- Pergunte ao seu tio. Ele sabe mais sobre isso do que eu.

Eragon enfiou a carne em sua saca.

- Bem, agora tenho mais uma razão para ir depressa para casa: resolver esse mistério. Tome, por direito, isto é seu. - Ele ofereceu a pedra. Horst deu uma risada.

- Não, fique com a sua pedra estranha. Albriech planeja ir para Feinster na primavera. Ele quer se tornar um mestre-ferreiro, e vou precisar de um ajudante. Você pode ir trabalhar comigo nos seus dias de folga para pagar a dívida.

Eragon curvou-se levemente, satisfeito. Horst tinha dois filhos, Albriech e Baldor, os dois trabalhavam na ferraria. Ficar no lugar de um deles era uma oferta generosa.

- Mais uma vez, obrigado! Estou ansioso para trabalhar com o senhor. - Ele estava feliz por haver uma maneira de pagar Horst. O tio nunca aceitaria caridade. Em seguida, Eragon lembrou o que seu primo disse antes de ele partir para a caçada.

- Roran queria que eu desse um recado a Katrina, mas como isso não será possível, será que o senhor poderia dar o recado a ela?

- Claro.

- Ele quer que ela saiba que ele irá à cidade assim que os mercadores chegarem e que vai até lá encontrá-la.

- Só isso?

- É mesmo? - perguntou Durza, erguendo uma sobrancelha. A luz da estrela de safira dava à pele dele uma tonalidade apavorante. - Não estou vendo o seu "amigo" Murtagh por perto para ajudá-lo. Você não pode me deter agora. Ninguém pode!

O medo tocou Eragon. Como ele sabe sobre Murtagh? Pondo todo o escárnio que podia em sua voz, ele caçoou:

- Foi bom levar uma flechada?

A expressão no rosto de Durza fechou-se momentaneamente.

- Eu serei pago em sangue por causa daquilo. Agora, diga, onde seu dragão está escondido?

- Nunca.

Durza exibiu uma expressão mais zangada ainda.

- Então, tirarei essa informação de você à força! - A espada dele assobiou no ar. No momento em que Eragon aparou a espada com seu escudo, uma sonda mental se fincou fundo em seus pensamentos. Lutando para proteger sua consciência, empurrou Durza para trás e atacou com a mente.

Eragon investiu com todas as suas forças contra as barreiras, sólidas como o ferro, em volta da mente de Durza, mas sem nenhum proveito. Girou Czar'roc, tentando pegar Durza de guarda baixa. O Espectro desviou o golpe para o lado sem fazer nenhum esforço, e respondeu ao ataque com a velocidade de um raio.

A ponta da espada atingiu as costelas de Eragon, cortando a cota de malha e deixando-o sem ar. Contudo, a malha cedeu, e a lâmina não cortou a pele dele por um fio. A distração era tudo que Durza precisava para invadir a mente de Eragon e começar a tomar o controle.

- Não! - gritou Eragon jogando-se para cima do Espectro. O rosto dele se contorceu quando lutava com Durza, que puxou com força o braço com que ele empunhava a espada. Durza tentou cortar a mão de Eragon, mas ela estava protegida pela luva com forro de cota, fazendo a espada ser jogada

A casa ficou abandonada durante meio século até eles se mudarem, depois que a esposa de Garrow, Marian, morreu. A casa ficava a dezesseis quilômetros do Carvahall, mais longe do que a de qualquer outra pessoa. O povo achava que toda aquela distância era perigosa, pois a família não podia contar com a ajuda do vilarejo quando tinha problemas, mas o tio de Eragon não dava ouvidos a ninguém.

A uns trinta metros da casa, em um galpão de cor apagada, viviam dois cavalos, Birka e Brugh, junto com algumas galinhas e uma vaca. Às vezes, também havia um porco, mas eles não tiveram dinheiro para comprar um este ano. Uma carroça ficava espremida entre as baias. No limite da propriedade, uma grossa linha de árvores acompanhava o rio Anora.

Ele viu uma luz se mover atrás de uma janela enquanto, cansado, se aproximava da varanda.

- Tio, sou eu, Eragon. Deixe-me entrar.

Uma cortininha foi puxada para trás por um instante e, depois, a porta foi aberta para dentro.

Garrow permaneceu com a mão na porta. Suas roupas muito usadas vestiam-no como andrajos numa carcaça. Um rosto magro, faminto, com olhos intensos, observava tudo por baixo de cabelos que começavam a ficar grisalhos. Tinha a aparência de um homem que havia sido parcialmente mumificado antes de descobrirem que ainda estava vivo.

- Roran está dormindo. - Foi a resposta dele para o olhar inquisidor de Eragon.

A luz de um lampião tremeluzia em cima de uma mesa de madeira tão velha que os nós e veios da madeira sobressaíam em relevo como uma impressão digital gigantesca. Perto de um fogão à lenha ficavam carreiras de utensílios de cozinha, pendurados na parede em pregos feitos em casa. Uma segunda porta dava acesso ao resto da casa. O piso era feito de tábuas, polidas pelos pés que as pisaram durante anos.

Eragon tirou a saca das costas e pegou a carne.

metal no peito de Saphira foram amassadas juntas, tolhendo a capacidade de ela se curvar e respirar direito.

- Tome cuidado - disse ele colocando a mão no lado do corpo dela, e saiu correndo pela passagem arqueada.

Parou e xingou. Estava no topo de Vol Turin, a Escadaria Sem Fim. Devido à sua preocupação com Saphira, ele não havia pensado em como chegaria até a base de Tronjheim, onde os urgals estavam invadindo. Não havia tempo para descer as escadas. Olhou para a estreita canaleta à direita da escadaria, pegou uma das almofadas de couro e se atirou para cima dela.

O escorrega de pedra era liso como madeira laqueada. Com o couro embaixo dele, Eragon acelerou quase que imediatamente para uma velocidade assustadora, as paredes passavam como borrões por ele, e o ângulo curvo do escorrega o empurrava com força em direção à parede. Eragon ficou completamente deitado para que pudesse ir mais rápido. O ar passava forte por seu capacete, fazendo-o vibrar como um catavento no meio de uma ventania. A canaleta era estreita demais para ele, e Eragon estava perigosamente muito próximo de ser cuspidos longe, mas enquanto mantivesse seus braços e pernas imóveis, estaria bem.

Foi uma descida rápida, mas ele ainda precisou de quase dez minutos para chegar lá embaixo. O escorrega nivelou-se no final e o fez deslizar um bom pedaço em cima do grande piso de cornalina.

Quando finalmente parou, estava tonto demais para caminhar. Sua primeira tentativa para ficar em pé o deixou enjoado. Agachou-se, segurou a cabeça com as mãos e esperou as coisas pararem de girar. Quando se sentiu melhor, pôs-se de pé e olhou cuidadosamente em volta.

A grande câmara estava completamente deserta, o silêncio era perturbador. Uma luz rosada descia, filtrada pela Isidar Mithrim. Ele titubeou... Aonde ele devia ir? E tentou fazer contato mental com os gêmeos. Nada. Ficou paralisado quando um grande estrondo ecoou por Tronjheim.

Uma explosão rasgou o ar. Uma grande placa do piso da câmara cedeu e foi jogada a uns dez metros para o alto. Pedacos pontiagudos de pedra

- Frio. - Foi a resposta de Eragon. - Não nevou, mas as noites eram congelantes.

- Garrow ficou preocupado com essas notícias.

- Amanhã você deve ajudar Roran a acabar de colher a cevada. Se conseguirmos colher as abóboras também, o frio não nos incomodará. Ele passou a pedra para Eragon. - Tome, fique com ela. Quando os mercadores chegarem, descobriremos o valor disto. Vendê-la será a melhor coisa a fazer. Quanto menos nos envolvermos com magia, melhor. Por que Horst pagou pela carne?

Eragon levou apenas um minuto para explicar sua briga com Sloan.

- Não entendo o que o deixou tão zangado.

Garrow deu de ombros.

- A esposa de Sloan, Ismira, caiu das cataratas Igualda um ano antes de você ser trazido para cá. Ele não passa perto da Espinha desde então. Não passa perto de lá e não quer ter nada a ver com aquele lugar. Mas isso não era motivo para recusar o seu pagamento. Acho que ele queria arranjar um problema com você.

Eragon inclinou-se para frente e disse:

- É bom estar de volta.

O olhar de Garrow suavizou-se, e ele concordou com a cabeça.

Eragon entrou tropeçando em seu quarto, colocou a pedra embaixo da cama e jogou-se em cima do colchão. Casa. Pela primeira vez, desde o começo da caçada, relaxou completamente quando o sono tomou conta dele.

Ainda atordoado por causa da pancada que levou, Eragon conseguiu ajeitar-se na sela. Saphira pulou para cima, levantando voo, e ficou circundando no alto, deixando que o cavaleiro se recuperasse. Ele examinou a planície de Farthen Dur e viu, para seu espanto, que todas as três frentes de batalha não iam bem. Nem Ajihad, nem Jormundur, nem Hrothgar conseguiam deter os urgals, que tinham, simplesmente, um número muito superior de guerreiros.

Eragon pensou em quantos urgals ele conseguiria matar de uma vez só com a magia. Ele conhecia seus limites muito mal. Se ele quisesse eliminar um número significativo ao ponto de fazer alguma diferença...

Seria suicídio. Esse seria o preço da vitória.

A luta continuou durante horas intermináveis, uma após a outra.

Os varden e os anões estavam exaustos, mas os urgals continuavam a avançar com vigor, devido aos reforços que recebiam.

Aquilo foi um pesadelo para Eragon. Embora ele e Saphira lutassem com todo o empenho, sempre havia outro urgál para tomar o lugar daquele que eles tinham acabado de matar. O corpo dele inteiro doía, especialmente a cabeça. Sempre que ele usava magia, perdia um pouco mais de energia. Saphira estava em melhores condições, embora suas asas estivessem pontilhadas de pequenos ferimentos.

Enquanto Eragon desviava um golpe, os gêmeos fizeram contato urgente com ele.

Há fortes estrondos embaixo de Tronjheim. Parece que os urgals estão tentando abrir um túnel no meio da cidade. Precisamos de você e de Arya para derrubar os túneis que eles estão escavando.

Eragon se livrou de seu oponente com um golpe de espada. Já vamos para lá. Procurou Arya e a viu engajada em um combate com um grupo de urgals. Saphira abriu rapidamente o caminho para a elfa, deixando uma pilha de corpos feridos em seu rastro. Eragon esticou a mão e disse:

- Monte!

bom o bastante para a mãe. Sei que havia um bom motivo para ela ter feito o que fez. Eu só queria saber qual.

Outra coisa o incomodava: quem era seu pai? Selenia não tinha contado a ninguém e, seja lá quem fosse, nunca foi procurar Eragon. Queria saber quem era, nem que fosse apenas o nome. Seria bom conhecer a linhagem dele.

Suspirou e foi até a mesa de cabeceira, onde lavou o rosto, tremendo enquanto a água escorria pelo pescoço. Refrescado, pegou a pedra que estava embaixo da cama e colocou-a em uma prateleira. A luz da manhã a acariciava, projetando uma sombra na parede. Tocou-a mais uma vez, depois foi depressa para a cozinha, ansioso para rever sua família. Garrow e Roran já estavam lá, comendo frango. Enquanto Eragon os cumprimentava, Roran ficou em pé sorrindo.

Roran era dois anos mais velho do que Eragon, musculoso, forte e metuculoso em seus movimentos. Não poderiam ser mais próximos mesmo se fossem irmãos de verdade.

Roran sorriu.

- Estou feliz porque você voltou. Como foi a viagem?

- Difícil - respondeu Eragon. - O tio contou a você o que aconteceu? - Eragon pegou um pedaço de frango que devorou avidamente.

- Não - informou Roran, e a história rapidamente foi contada. Devido à insistência de Roran, Eragon largou a comida para mostrar-lhe a pedra. Esta provocou uma admiração considerável em Roran, mas ele logo perguntou nervosamente:

- Você conseguiu falar com Katrina?

- Não. Não surgiu uma oportunidade depois da discussão com Sloan. Mas ela vai esperá-lo quando os mercadores chegarem. Dei o recado a Horst, e ele o passará a ela.

- Você contou a Horst? - indagou Roran, incrédulo. - Isso era segredo. Se eu quisesse que todos soubessem, poderia ter acendido uma fogueira e

Os voos de Saphira sobre os combatentes deram a Eragon um entendimento singular de como a batalha progredia. Havia três lutas separadas sendo travadas dentro de Farthen Dur, cada uma perto da boca de um túnel. Os urgals estavam em desvantagem devido à dispersão de seus soldados e à incapacidade de seu exército inteiro sair dos túneis de uma vez só. Mesmo assim, os varden e os anões não podiam evitar que os monstros avançassem e, lentamente, eram forçados a recuar em direção a Tronjheim. Os defensores pareciam insignificantes contra a massa de urgals, cujos números continuavam a aumentar conforme saíam aos montes dos túneis.

Os urgals organizaram-se em volta de vários estandartes, cada um representando um clã, mas não estava claro quem comandava todos eles. Os clãs não prestavam atenção uns nos outros, como se estivessem recebendo ordens de outro lugar. Eragon desejou saber quem estava no comando para que ele e Saphira pudessem eliminá-lo.

Lembrando as ordens de Ajihad, começou a passar informações para os gêmeos. Eles ficaram interessados pelo que ele disse sobre a falta aparente de um líder entre os urgals e o questionaram rigorosamente. A troca de informações era sutil, breve. Os gêmeos disseram a ele:

Você recebeu ordens de ir ajudar Hrothgar, o combate está ruim para ele.

Entendido, - respondeu Eragon.

Saphira voou rapidamente até os anões sitiados, descendo em direção a Hrothgar. Trajando uma armadura dourada, o rei dos anões estava à frente de um pequeno grupo de seus consanguíneos, brandindo Volund, o martelo de seus ancestrais. Sua barba branca refletiu a luz dos lampiões quando ele olhou para cima, em direção a Saphira. A admiração brilhou nos olhos dele.

Saphira pousou ao lado dos anões e enfrentou os urgals que avançavam. Até o Kull mais violento acovardou-se perante a ferocidade dela, permitindo que os anões avançassem. Eragon tentava manter Saphira em segurança. O flanco esquerdo dela estava protegido pelos anões, mas à frente e à direita um mar de inimigos rugia. Ele não demonstrou piedade e tirou vantagem de tudo que podia, usando magia sempre que Czar'roc não

para o Carvahall, juntando, com sorrisos amargos, itens que podiam ser vendidos. Naquela tarde, sem esperança, Eragon foi verificar a estrada de novo. Viu cortes profundos na neve e numerosas pegadas entre eles. Exultante, voltou correndo para casa, gritando, dando novo vigor a seus preparativos.

Carregaram a carroça com o excedente dos produtos agrícolas antes do amanhecer. Garrow colocou o dinheiro ganho naquele ano em uma sacola de couro e amarrou-a cuidadosamente no cinto. Eragon pôs a pedra embrulhada entre os sacos de grãos para que ela não rolasse com o sacolejo da carroça.

Depois de um café da manhã apressado, arrearam os cavalos e limparam a trilha que desembocava na estrada. As carroças dos mercadores já haviam aberto sulcos na neve, fazendo-os avançarem mais depressa. Ao meio-dia, já podiam ver o Carvahall.

Sob a luz do dia, aquele era um vilarejo tosco, repleto de gritos e risos. Os mercadores instalaram-se em um campo baldio nas cercanias da cidade. Grupos de carroças, barracas e fogueiras estavam espalhados pelo lugar. Eram pontos coloridos na neve. As quatro tendas dos trovadores eram decoradas com muitas cores. Um fluxo constante de pessoas ligava o acampamento ao vilarejo.

Multidões agitavam-se em volta de uma fila de barracas e tendas iluminadas, enchendo a rua principal. Cavalos relinchavam por causa do barulho. A neve foi amassada, dando à rua uma superfície escorregadia. Em outros lugares, as fogueiras derreteram a neve. Castanhas assadas acrescentavam um rico aroma aos cheiros que os envolviam.

Garrow estacionou a carroça e prendeu os cavalos. Em seguida, tirou moedas da sacola.

- Vão comer alguma coisa. Roran, faça o que quiser, só não deixe de estar na casa de Horst na hora do jantar. Eragon, pegue aquela pedra e venha comigo. - Eragon sorriu para Roran e guardou o dinheiro, já planejando como gastá-lo.

emitido pelo grupo de homens e anões que corriam para a batalha. Saphira bramiu e pulou em direção ao combate, mergulhando em um turbilhão de ruídos e de ações indistintas.

Com suas mandíbulas e suas garras, Saphira rasgou um urgäl. Seus dentes eram tão letais quanto uma espada, sua cauda funcionava como uma maça gigantesca. De cima de suas costas, Eragon aparou um golpe de martelo de um dos chefes dos Urgäls, protegendo suas asas vulneráveis. A lâmina avermelhada de Czar'roc parecia brilhar com prazer quando o sangue corria por sua extensão.

De relance, Eragon viu Orik decepando pescoços dos urgäls com golpes poderosos do seu machado. Ao lado do anão estava Murtagh, montado em Tornac, com o rosto desfigurado por um rosnado feroz, enquanto golpeava com sua espada raivosamente, cortando todas as defesas. Saphira virou-se, e Eragon viu Arya saltar o corpo sem vida de um oponente.

Um urgäl rolou por cima de um anão ferido e golpeou com a espada a perna de Saphira. A lâmina bateu violentamente na armadura, produzindo uma explosão de fagulhas. Eragon golpeou-o na cabeça, mas Czar'roc ficou presa nos chifres do monstro e foi arrancada da sua mão.

Xingando, pulou de cima de Saphira e atacou o urgäl, batendo no rosto dele com o escudo. Arrancou Czar'roc dos chifres com um puxão e se abaixou correndo, quando outro urgäl veio para cima dele.

Saphira preciso de você! - Gritou ele, mas a confusão da batalha os separou. De repente, um Kull pulou em sua direção, com a clava erguida para desferir o golpe. Sem poder erguer o escudo a tempo, Eragon proferiu:

- *Jierda!* - A cabeça do Kull caiu para trás, dando um alto estalo quando seu pescoço foi quebrado. Mais quatro urgäls sucumbiram às mordidas famintas de Czar'roc, depois Murtagh cavalgou para o lado de Eragon, fazendo a onda de urgäls recuar.

- Vamos! - gritou ele, esticando a mão de cima de Tornac, puxando Eragon para cima do cavalo. Correram em direção a Saphira, que estava envolvida em um embate com vários inimigos. Doze urgäls que empunhavam lanças cercaram-na, espetando-a com suas lanças. Eles já

Garrow esclareceu com um tom de voz baixo:

- Não queremos comprar. Queremos vender. - Merlock, imediatamente, cobriu a rosa e olhou para eles com um novo interesse.

- Entendo. Talvez, se esse item tiver algum valor, vocês poderiam trocá-lo por uma ou duas dessas lindas peças. - Ele fez uma pausa por um momento, enquanto Eragon e o seu tio ficaram parados de maneira desconfortável. Depois, continuou:

- Vocês trouxeram o item a ser avaliado?

- Trouxemos, mas acho melhor mostrá-lo em outro lugar - disse Garrow com uma voz firme.

Merlock levantou uma sobrancelha, mas falou de modo suave:

- Sendo assim, permita-me convidá-los a entrar na minha tenda. Juntou suas joias e, gentilmente, colocou-as em uma arca de ferro, a qual trancou. Depois, seguiu na frente, pelo caminho até o acampamento temporário.

Andaram entre as carroças até uma barraca afastada. Era avermelhada em cima e negra embaixo, com pequenos triângulos coloridos que se entrelaçavam. Merlock desamarrou a corda que fechava a barraca e jogou o pano para o lado.

Pequenas bijuterias e alguns móveis estranhos, como uma cama redonda e três assentos entalhados em três pedaços de tronco enchiam a barraca. Uma adaga retorcida, que tinha um rubi no punho, estava em cima de uma almofada branca.

Merlock fechou o pano que servia de porta da barraca e virou-se para eles.

- Por favor, sentem-se. - Depois de sentarem, continuou: - Agora, mostrem-me o porquê de nos encontrarmos em particular. - Eragon desembulhou a pedra e colocou-a entre os dois homens. Merlock aproximou-se para observá-la com um brilho nos olhos. Então, parou e perguntou: - Posso? - Quando Garrow deu a permissão, Merlock pegou-a.

BATALHA SOB FARTHEN DUR

- Começou - disse Arya com uma expressão triste no rosto. As tropas no acampamento estavam em pé, alertas, com armas em punho. Orick girou seu machado para se certificar de que tinha espaço bastante. Arya preparou uma flecha e a segurou pronta para o disparo.

- Um batedor saiu correndo de um túnel há alguns minutos - disse Murtagh a Eragon. - Os urgals estão chegando.

Juntos, observavam a boca escura do túnel em meio às fileiras de soldados e toras de madeira afiadas. Um minuto passou se arrastando, depois, mais outro... E mais outro. Sem tirar os olhos do túnel, Eragon içou a si mesmo para cima da sela de Saphira, com Czar'roc na mão, um peso confortador. Murtagh montou em Tornac ao lado dele. Depois, um homem gritou:

- Estou ouvindo-os!

Os guerreiros ficaram imóveis, suas mãos seguraram suas armas com mais firmeza. Ninguém se mexia... Ninguém respirava. Em algum lugar, um cavalo relinchou.

Gritos roucos dos urgals rasgaram o ar quando formas escuras começaram a surgir aos montes na boca do túnel. Respondendo a um comando, os caldeirões de piche fervente foram inclinados, derramando o líquido escaldante na garganta faminta do túnel. Os monstros urravam de dor, seus braços debatiam-se. Uma tocha foi jogada no piche borbulhante, um pilar alaranjado de chamas oleosas rugiu na abertura, envolvendo os urgals em um inferno de fogo. Sentindo repugnância, Eragon olhou para o outro lado de Farthen Dur, para os outros dois batalhões, e viu chamas idênticas àquelas em cada um deles. Embainhou Czar'roc e preparou seu arco.

Logo, mais urgals apagaram o fogo do piche e saíram com dificuldade dos túneis, passando por cima de seus irmãos queimados. Agruparam-se, formando uma parede sólida contra os homens e anões. Atrás da paliçada

Ele disse de repente:

- Mas quanto ela vale?

- Não sei dizer - respondeu Merlock com uma voz triste. - Sei que há pessoas que pagariam bem para tê-la, mas nenhuma delas mora no Carvahall. Você teria de ir até as cidades do sul para encontrar um comprador. Isto é apenas uma curiosidade para a maioria das pessoas e não um item com o qual devam gastar dinheiro, já que há tantas outras coisas mais necessárias.

Garrow olhava para o teto da barraca como um jogador calculando os riscos.

- Você vai comprá-la?

O mercador respondeu instantaneamente:

- O risco não vale a pena. Eu poderia encontrar um comprador rico durante as minhas viagens na primavera, mas não há como ter certeza. E mesmo se eu achasse, você não seria pago até eu voltar no ano que vem. Você terá de achar outra pessoa com quem negociar. Mas, entretanto, estou curioso, por que insistiram em falar comigo em particular?

Eragon guardou a pedra antes de responder.

- Porque - ele olhou para o homem, imaginando se o mercador explodiria de raiva como Sloan - encontrei isto na Espinha, e o pessoal daqui não gosta daquele lugar.

Merlock olhou para ele espantado.

- Sabe por que meus amigos mercadores e eu nos atrasamos este ano?

Eragon balançou a cabeça.

- Nossas viagens têm sido assoladas pelo infortúnio. Parece que o caos está reinando na Alagaésia. Não conseguimos evitar doenças, ataques e a mais amaldiçoada sorte negra. Como os ataques dos varden aumentaram, Galbatorix forçou as cidades a mandarem mais soldados para as fronteiras, homens necessários para combater os urgals. Os brutos têm migrado para o

A expressão no rosto dela ficou séria.

- Não tente me mimar, humano. Os elfos treinam tanto seus homens quanto suas mulheres para lutar. Não sou como uma de suas fêmeas indefesas que fogem sempre que há perigo. Eu recebi a tarefa de proteger o ovo de Saphira... Na qual falhei. Minha *breoal* foi desonrada e ficaria ainda mais envergonhada se eu não defendesse você e Saphira neste campo. Você esqueceu que sou mais forte com a magia do que qualquer um aqui, incluindo você. Se o Espectro aparecer, quem poderá derrotá-lo além de mim? E quem mais teria tal direito?

Eragon olhou para ela sem saber o que dizer, reconhecendo que ela tinha razão e odiando tal fato.

- Então, tome cuidado. - Nervoso, ele acrescentou na língua antiga:

- *Wipl pömnuria ilian*. - Pela minha felicidade.

Arya desviou o olhar, sem graça. A franja de seus cabelos ocultou seu rosto. Ela passou a mão em seu arco polido e murmurou:

- É meu destino estar aqui. A dívida deve ser paga.

Ele retirou-se abruptamente e foi até Saphira. Murtagh, curioso, olhou para ele.

- O que ela disse?

- Nada.

Envoltos em seus próprios pensamentos, os defensores mergulharam em um silêncio taciturno conforme as horas se arrastavam. A cratera de Farthen Dur, novamente, ficou escura, exceto pelo brilho sanguíneo dos lampiões e das fogueiras que aqueciam o piche. Eragon se alternava entre examinar de modo míope os elos de aço de sua cota de malha e espiar Arya. Orik, repetidamente, passava uma pedra de amolar na lâmina do seu machado, examinando com frequência o fio entre as passadas. O barulho da pedra raspando no metal era irritante. Murtagh apenas olhava fixamente para o horizonte.

sobre a instabilidade na Alagaésia. Várias vezes, a mensagem era repetida: a segurança do ano passado nos abandonou, novos perigos apareceram. Nada mais é seguro.

Mais tarde, naquele dia, comprou três bastões de doce maltado e uma tortinha de cereja extremamente quente. Aquele calor foi bom depois de passar horas em pé na neve. Lambeu a calda grudada dos dedos com pena, querendo mais. Sentou-se à beira de uma varanda e mordiscou um pedaço do doce. Dois meninos do Carvahall lutavam perto dele, mas Eragon não sentiu nenhuma vontade de se juntar a eles.

Conforme o dia chegava ao final da tarde, os mercadores iam negociar nas casas das pessoas. Eragon esperava impaciente pela noite, quando os trovadores apareciam para contar histórias e fazer truques. Ele adorava ouvir contos sobre magia, deuses e, se tivesse muita sorte, sobre os Cavaleiros de Dragões. O Carvahall tinha o seu próprio contador de histórias, Brom, amigo de Eragon, mas os contos dele ficaram velhos, ao passo que os trovadores sempre tinham histórias novas que ele ouvia avidamente.

Eragon tinha acabado de quebrar uma ponta de gelo do beiral da varanda quando viu Sloan ali perto. O açougueiro não o viu, então Eragon abaixou a cabeça e saiu correndo, virando uma esquina, em direção à taverna do Morn.

O interior estava quente e repleto da fumaça oleosa das velas feitas de gordura. Os chifres do urgal, pretos e brilhantes - cuja envergadura retorcida tinha a extensão dos braços dele esticados, - estavam pendurados acima da porta. O bar era comprido e baixo, com uma pilha de pedaços de madeira de um lado para os clientes cortarem. Morn atendia no bar com as mangas enroladas até os cotovelos. A metade de baixo de seu rosto era curta e amassada, como se tivesse encostado o queixo em uma roda de moagem. As pessoas lotavam as sólidas mesas de carvalho e ouviam dois mercadores que tinham encerrado seus negócios mais cedo e foram beber cerveja.

Morn olhou por cima de uma caneca que ele limpava.

- Eragon! Que bom ver você! Onde está o seu tio?

Olhe. - A mão dele apertou Czar'roc quando viu Murtagh, de capacete, empunhando um escudo dos anões e sua comprida espada, aproximando-se com Tornac.

Orik xingou e levantou-se com um pulo, mas Murtagh disse rapidamente:

- Está tudo bem. Ajihad me libertou.

- Por que ele faria isso? - inquiriu Orík.

Murtagh sorriu ironicamente.

- Ele disse que esta seria uma oportunidade de provar minhas boas intenções. Aparentemente, ele não acha que eu seria capaz de fazer muitos danos mesmo se eu me voltasse contra os varden.

Eragon acenou com a cabeça, dando as boas-vindas, relaxando a pressão no punho da espada. Murtagh era um guerreiro excelente e impiedoso, exatamente a pessoa que Eragon gostaria de ter ao seu lado durante uma batalha.

- Como podemos saber que você não está mentindo? - perguntou Orík.

- Porque assim eu digo - anunciou uma voz firme. Ajihad entrou com passos largos no meio deles, armado para a batalha com o peitoral protegido por uma armadura e com uma espada com punho de marfim. Ele pôs uma mão forte no ombro de Eragon e afastou-o até um ponto onde os outros não podiam ouvir. Ele lançou um olhar na armadura de Eragon.

- Ótimo, Orík o equipou.

- De fato... Alguma coisa foi vista nos túneis?

- Nada. - Ajihad apoiou-se em sua espada. - Um dos gêmeos ficará em Tronjheim. Ele observará a batalha do abrigo para dragões e passará informações para mim usando o irmão dele. Sei que você pode se comunicar mentalmente. Preciso que diga aos gêmeos qualquer coisa, qualquer coisa incomum que você veja na batalha. Além disso, eu passarei ordens para você por intermédio deles. Entendeu?

o pescoço e com o papo, o resto do corpo era magro e se unia forma não-natural.

O primeiro mercador tentava, em vão, puxar para dentro da cadeira as laterais do seu corpo que escorregavam para fora. Ele disse:

- Não, não, vocês não entendem. Foi só pelos incessantes esforços do rei em favor de vocês que podemos conversar agora em segurança. Se ele, em toda a sua sabedoria, retirasse o seu apoio, vocês estariam arruinados!

Alguém gritou:

- Certo, então por que você também não nos conta que os Cavaleiros voltaram e que cada um de vocês matou uns cem elfos? Acha que somos crianças para acreditarmos na sua história? Podemos cuidar de nós mesmos. - O grupo riu.

O mercador começou a responder quando o companheiro magro interferiu com um aceno de mão. Nos dedos, joias vistosas brilhavam.

- Vocês não entenderam direito. Nós sabemos que o Império não pode tomar conta de cada um de nós, como vocês desejam, mas pode evitar que urgals e outras abominações invadam este - ele procurou vagamente pelo termo correto - lugar.

O mercador continuou:

- Vocês estão com raiva do Império por tratar pessoas injustamente, é uma preocupação legítima, mas um governo não pode agradar a todos. Inevitavelmente, haverá discussões e conflitos. Entretanto, a maioria de nós não tem nada do que reclamar. Todo país tem um pequeno grupo de pessoas descontentes que não estão satisfeitas com o equilíbrio do poder.

- É - gritou uma mulher -, se você quiser chamar os varden de "pequeno grupo"!

O homem gordo suspirou.

- Já explicamos que os varden não têm interesse em ajudá-los. Isso é apenas uma mentira perpetuada pelos traidores em uma tentativa de abalar o Império e nos convencer de que a verdadeira ameaça está dentro, e não fora,

Saphira arqueou o pescoço para experimentá-la, e a armadura curvou-se suavemente, acompanhando os movimentos dela.

Isto me deixará mais lenta, mas ajudará a deter as flechas. Como estou?

Muito ameaçadora, - retrucou Eragon com sinceridade. Isso a agradou. Orik pegou os itens restantes no chão.

- Eu também trouxe uma armadura para você, embora tenha me dado um bocado de trabalho para achar uma do seu tamanho. Raramente forjamos armaduras para humanos ou elfos. Não sei para quem esta foi feita, mas nunca foi usada e irá servi-lo bem.

Eragon passou por cima da cabeça uma resistente camisa de malha, com as costas forradas de couro, que chegava até a altura dos joelhos, como uma saia. Ela pendia pesada em seus ombros e tinha quando ele andava. Ele prendeu Czar'roc por cima dela, o que ajudou a evitar que a cota ficasse balançando. Em sua cabeça foi colocado um chapéu de couro, uma touca feita de malha e, finalmente, um capacete dourado e prateado. Proteções metálicas foram postas em seus antebraços e placas de ferro em suas pernas. Em suas mãos havia luvas forradas com cota de malha na parte superior. Finalmente, Orik deu a ele um grande escudo adornado com uma árvore de carvalho.

Sabendo que ele e Saphira tinham ganhado o equivalente a uma pequena fortuna, Eragon curvou-se e disse:

- Obrigado por estas ofertas. Recebemos os presentes de Hrothgar com muita satisfação.

- Não me agradeçam agora - disse Orik com um sorriso. - Esperem até as armaduras salvarem suas vidas.

Os guerreiros em volta deles começaram a marchar. Os três batalhões reposicionaram-se em partes diferentes de Farthen Dur. Sem saberem ao certo o que deviam fazer, Eragon olhou para Orik, e disse:

- Suponho que devemos acompanhá-los.

var-den exceto que se você fosse um fugitivo e tivesse de se esconder, ou se odiasse o Império, aí eles o aceitariam. O único problema era achá-los.

Morn inclinou-se sobre o bar e disse:

- Incrível, não é? Eles são piores do que abutres voando em círculos sobre um animal morto. Haverá encrenca se ficarem aqui por muito mais tempo.

- Para nós ou para eles?

- Para eles - disse Morn, enquanto vozes zangadas enchiam a taverna. Eragon saiu quando a discussão ameaçou ficar violenta. A porta bateu atrás dele, cortando as vozes. Estava no começo da noite, e o sol desaparecia rapidamente. As casas projetavam sombras compridas no chão. Enquanto Eragon descia a rua, notou Roran e Katrina em pé numa viela.

Roran disse algo que Eragon não conseguiu ouvir. Katrina olhou para baixo, para as mãos dela, e respondeu em voz baixa. Depois, ficou nas pontas dos pés e beijou-o antes de sair correndo. Eragon foi andando depressa na direção de Roran e brincou:

- Está se divertindo? - Roran resmungou de forma não-comprometedora uma resposta conforme começou a andar.

- Você ouviu as novidades que os mercadores contaram? - perguntou Eragon, seguindo-o. A maioria das pessoas do vilarejo estava dentro de casa, conversando com os mercadores ou esperando até ficar escuro o bastante para a atuação dos trovadores.

- Ouvi. - Roran parecia estar distraído. - Qual é a sua opinião sobre Sloan?

- Achei que isso fosse óbvio.

- Haverá sangue entre nós quando ele descobrir sobre mim e Katrina - afirmou Roran. Um floco de neve caiu no nariz de Eragon, que olhou para cima. O céu havia ficado cinza. Ele não conseguia pensar em nada apropriado para dizer. Roran estava certo. Segurou forte no ombro do primo enquanto continuavam descendo pela pequena rua secundária.

A luz surgia tímida no pequeno pedaço de céu acima deles enquanto ele trabalhava. Não era nada demais, mas aumentou a confiança de Eragon. Ele afastou-se das ruínas do último túnel destruído e observou o terreno com interesse.

Um grande êxodo de mulheres e crianças, juntamente com os idosos dos varden, fluía para fora de Tronjheim. Todos levavam fardos de provisões, roupas e pertences. Um pequeno grupo de guerreiros, composto predominantemente de garotos e idosos, acompanhava-os.

A maioria das atividades, entretanto, acontecia na base de Tronjheim, onde os varden e os anões reuniam seu exército, que era dividido em três batalhões. Cada seção ostentava o estandarte dos varden: um dragão branco segurando uma rosa acima de uma espada, que apontava para baixo, em um campo roxo.

Os homens estavam em silêncio, de punhos cerrados. Os cabelos deles pendiam livremente, saindo por baixo de seus capacetes. Vários guerreiros tinham apenas uma espada e um escudo, mas havia várias fileiras munidas com lanças e arpões. Na retaguarda dos batalhões, os arqueiros testavam seus arcos.

Os anões trajavam pesadas roupas de batalha. Armaduras feitas com escamas de aço polido iam até a altura dos joelhos, portavam no braço esquerdo pesados escudos redondos, adornados com os brasões de seus clãs. Espadas curtas estavam embainhadas na cintura enquanto, na mão direita eles carregavam picaretas ou machados de guerra. Suas pernas estavam cobertas por uma malha extrafina. Usavam capacetes de ferro e botas guarnecidas com latão.

Uma pequena figura separou-se do batalhão mais distante e foi correndo em direção a Eragon e Saphira. Era Orík, vestido como os outros anões.

- Ajjihad quer que vocês se juntem ao exército - disse ele. - Não há mais túneis para demolir. Há comida esperando por vocês.

Eragon e Saphira acompanharam Orík até uma barraca, onde acharam pão e água para Eragon e uma pilha de carne seca para Saphira. Comeram sem reclamar, era melhor do que ficar com fome.

deles, cidades e altas torres foram construídas. Enquanto mantiveram a paz, a terra prosperava. Foi uma época de ouro. Os elfos eram nossos aliados, e os anões, nossos amigos. A riqueza enchia nossas cidades, e os homens prosperavam. Mas chorem, pois isso não podia durar muito tempo.

Brom olhou para baixo, silenciosamente. Uma tristeza infinita ressoava em sua voz.

- Embora nenhum inimigo pudesse destruí-los, eles não tinham como se protegerem de si mesmos. E aconteceu, no auge do poder, que um menino, chamado Galbatorix, nasceu na província de Inzilbêth, que deixou de existir. Aos dez anos ele foi testado, segundo o costume, e descobriu-se que um grande poder residia nele. Os Cavaleiros aceitaram-no como um deles.

"Ele passou pelo treinamento, superando todos os outros em habilidade". Dotado de uma mente veloz e um corpo forte, ele ascendeu rapidamente na hierarquia dos Cavaleiros. Alguns viram a rápida ascensão como um perigo e alertaram os outros, mas os Cavaleiros ficaram arrogantes por causa do seu poder e ignoraram o aviso. Infelizmente, o infortúnio nasceu naquele dia.

"Então, logo depois que o seu treinamento terminou, Galbatorix fez uma imprudente viagem com dois amigos. Voaram para longe, para o norte, noite e dia, e passaram pelo território remanescente dos urgais, imprudentemente pensando que seus novos poderes os protegeriam. Lá, em um grosso lençol de gelo, que não se derrete nem no verão, sofreram uma emboscada enquanto dormiam. Embora os amigos e os dragões deles tivessem sido assassinados, e ele tivesse sofrido grandes ferimentos, Galbatorix matou seus adversários. Tragicamente, durante a luta, uma flecha perdida atingiu o coração do seu dragão. Sem ter o conhecimento necessário para salvá-lo, o animal morreu em seus braços. Assim, as sementes da loucura foram semeadas."

O contador de histórias apertou as mãos e olhou lentamente em volta, as sombras oscilavam em seu rosto desgastado pelo tempo. As palavras seguintes soaram como o som fúnebre de um réquiem.

As rugas de expressão acentuaram-se no rosto de Ajihad.

- Todas as mulheres e crianças estão sendo levadas para os vales adjacentes. Se formos derrotados, elas terão guias que as levarão até Surda. É tudo que posso fazer.

Jormundur teve de fazer um esforço para ocultar seu alívio.

- Senhor, Nasuada também vai sair?

- Ela não está satisfeita, mas irá.

Todos os olhos estavam em Ajihad quando ele alinhou os ombros e anunciou:

- Os urgals chegarão em uma questão de horas. Sabemos que são numerosos, mas nós precisamos defender Farthen Dur. A derrota significará a ruína dos anões, a morte dos varden e, finalmente, a derrota para Surda e os elfos. Esta é uma batalha que não podemos perder. Agora, vão e realizem suas tarefas! Jormundur, prepare os homens para lutar.

Saíram do gabinete e se separaram: Jormundur foi para os alojamentos, Orik e Arya para as escadas que levavam ao subsolo, e Eragon e Saphira até um dos quatro principais salões de Tronjheim. Apesar de ser muito cedo, a cidade-montanha fervia como um formigueiro. As pessoas corriam, gritavam mensagens e carregavam trouxas com seus pertences.

Eragon já havia lutado e matado antes, mas a batalha que os aguardava o fez sentir arrepios de medo no peito. Ele nunca teve a oportunidade de esperar ansiosamente por uma luta. Agora que a tinha, isso o enchia de pavor. Sentia-se seguro quando ia enfrentar poucos oponentes, ele sabia que poderia derrotar facilmente três ou quatro urgals usando Czar'roc e a magia, mas em um grande conflito, tudo poderia acontecer.

Saíram de Tronjheim e procuraram os anões que deveriam ajudar. Sem sol ou lua, o interior de Farthen Dur estava escuro como breu, pontuado por lampiões de brilho saltitante dentro da cratera.

Talvez eles estejam no lado oposto de Tronjheim, - sugeriu Saphira. Eragon concordou e pulou para cima das costas dela.

"Durante anos ele se escondeu nas terras desoladas como um animal caçado, sempre vigilante contra seus perseguidores". A atrocidade cometida não foi esquecida, mas, com o passar do tempo, as buscas cessaram.

"Depois, devido a um momento de infortúnio, ele encontrou um jovem Cavaleiro, Morzan, forte de corpo, mas de mente fraca. Galbatorix convenceu-o a deixar um portão destrancado na cidadela Ilirea, que hoje é chamada de Urû'baen. Por esse portão, Galbatorix entrou e roubou um filhote de dragão.

"Ele e seu novo discípulo se esconderam em um lugar maléfico onde os Cavaleiros não ousavam se aventurar". Lá, Morzan virou aprendiz das artes ocultas, aprendendo segredos e magias proibidas que nunca deveriam ser reveladas. Quando seu aprendizado terminou e o seu dragão negro, Shruikan, estava crescendo, Galbatorix revelou-se ao mundo, tendo Morzan ao seu lado. Juntos, lutavam contra qualquer Cavaleiro que encontrassem. A cada morte a força deles crescia. Doze dos Cavaleiros juntaram-se a Galbatorix por desejarem o poder e por quererem vingança contra atos vistos como ofensas. Aqueles doze, com Morzan, viraram os Treze Renegados. Os Cavaleiros não estavam preparados e não resistiram ao massacre. Os elfos também lutaram amargamente contra Galbatorix, mas foram sobrepujados e forçados a fugir para os seus locais secretos, de onde nunca mais saíram.

"Somente Vrael, líder dos Cavaleiros, conseguiu resistir a Galbatorix e aos Renegados". Mais velho e sábio, lutou para salvar o que podia e evitou que os dragões restantes caíssem nas mãos dos seus inimigos. Na última batalha, perante os portões de Dorú Areaba, Vrael derrotou Galbatorix, mas hesitou no golpe final. Galbatorix aproveitou o momento e feriu-o no lado. Gravemente ferido, Vrael fugiu para a montanha Utgard, onde ele esperava recuperar as forças. Mas isso não aconteceria, pois Galbatorix o encontrou. Durante a luta, Galbatorix deu um chute entre as pernas de Vrael. Com esse golpe baixo, ele ganhou domínio sobre Vrael e decepou a cabeça dele com uma espada flamejante.

"Depois, conforme o poder corria por suas veias, Galbatorix proclamou-se rei de toda a Alagaésia".

- Orthiad! - exclamou Orik. Depois da indagação confusa de Jormundur, ele explicou: - É uma antiga habitação nossa que foi abandonada assim que Tronjheim foi terminada. Durante o seu auge, era a maior das nossas cidades. Mas ninguém vive lá há séculos.

- E é velha o bastante para que alguns túneis tenham desabado disse Ajihad. - Foi assim que supomos que ela deve ter sido descoberta pela superfície. Suspeito que Orthiad está sendo chamada agora de Ithro Zhâda. Era para onde a tropa de urgals que perseguiam Eragon e Saphira deveria ir, e estou certo de que é para onde os urgals têm migrado durante o ano todo. De Ithro Zhâda eles podem ir para onde bem entenderem nas montanhas Beor. Eles têm o poder para destruir tanto os varden quanto os anões.

Jormundur curvou-se sobre o mapa, analisando-o cuidadosamente.

- O senhor sabe quantos urgals estão lá? As tropas de Galbatorix estão com eles? Não podemos planejar uma defesa sem saber a dimensão do exército deles.

Ajihad retrucou tristemente:

- Não temos certeza quanto a essas duas coisas, entretanto nossa sobrevivência depende da última questão. Se Galbatorix aumentou as tropas dos urgals com seus soldados, não teremos nenhuma chance. Mas se ele não fez isso, por não querer que sua aliança com os urgals seja revelada ou por qualquer outro motivo, é possível alcançarmos a vitória. Nem Orrin nem os elfos podem nos ajudar em um prazo tão curto. Mesmo assim, enviei mensageiros até eles com notícias sobre nosso apuro. Pelo menos, não serão pegos de surpresa se nós cairmos.

Passou a mão sobre sua sobrancelha negra como carvão.

- Eu já falei com Hrothgar, e estabelecemos um plano de ação. Nossa única esperança é conter os urgals em três dos maiores túneis e direcioná-los para dentro de Farthen Dur, evitando que entrem aos montes em Tronjheim como gafanhotos.

"Preciso que vocês, Eragon e Arya, ajudem os anões a desmoronar os túneis irrelevantes. Essa tarefa é grande demais para os métodos comuns.

UM PRESENTE DO DESTINO

Na noite após a volta do Carvahall, Eragon decidiu testar a pedra como Merlock havia feito. Sozinho em seu quarto, ele a colocou na cama e pôs três ferramentas ao lado dela. Começou com um martelinho de madeira e bateu na pedra levemente. Aquilo produziu uma reverberação sutil. Satisfeito, pegou a ferramenta seguinte, um pesado martelo para couro. Um toque lúgubre repercutiu no momento do impacto. Finalmente, bateu com uma pequena talhadeira na pedra. O metal não lascou ou arranhou a pedra, mas produziu um som bem claro. Quando a nota final ia se esmorecendo, achou ter ouvido um fraco grunhido.

Merlock disse que a pedra era oca. Poderia haver algo valioso dentro dela. Mas eu não sei como abri-la. Deve haver algum bom motivo para alguém tê-la esculpido, mas seja lá quem tenha mandado a pedra para a Espinha não se deu ao trabalho de ir pegá-la ou não sabia onde ela estava. Mas não acho que um mago que tivesse poderes bastante para transportá-la não fosse capaz de reencontrá-la. Então, será que era o meu destino ficar com ela? Ele não conseguia responder à pergunta. Submisso a um mistério insolúvel, recolheu as ferramentas e voltou a colocar a pedra na prateleira.

Naquela noite, foi despertado abruptamente. Escutou com cuidado. Tudo estava em silêncio. Inquieto, passou a mão por baixo do colchão e agarrou sua faca. Esperou alguns minutos, depois, lentamente, voltou a cair no sono.

Um chiado quebrou o silêncio, voltando a despertá-lo repentinamente. Saiu da cama e puxou a faca para fora da bainha. Manejando atabalhoadamente uma pederneira, acendeu uma vela. A porta do quarto estava fechada. Embora o chiado tivesse sido alto demais para ser o de um camundongo ou de um rato, ele, ainda assim, olhou embaixo da cama. Nada. Sentou na beirada do colchão e esfregou os olhos, com sono. Outro chiado encheu o ar, dando-lhe um grande susto.

De onde vinha aquele barulho? Nada poderia estar no piso ou nas paredes, pois eram feitas de madeira maciça. O mesmo valia para sua cama,

OS ESPECTROS CRESCEM

Saphira acordou Eragon com uma batida rápida de seu focinho, machucando-o com sua dura mandíbula.

- Ai! - exclamou ele, colocando-se sentado. A caverna estava escura, exceto por um brilho fraco que emanava do lampião coberto. Do lado de fora do abrigo para dragões, a Isidar Mithrim brilhava com milhares de cores diferentes, iluminada por sua guirlanda de lâmpadas.

Um anão agitado estava em pé na entrada da caverna, apertando suas mãos.

- Você precisa vir, Argetlam! Grande problema, Ajihad mandou chamá-lo. Não há tempo!

- O que houve? - perguntou Eragon.

O anão apenas balançou a cabeça, sua barba sacudiu-se.

- Vá, você precisa ir! *Carkna bragha!* Agora!

Eragon pôs Czar'roc na cinta, pegou seu arco e suas flechas e colocou a sela em Saphira.

Daria tudo por uma boa noite de sono, - reclamou ela, agachando-se para que ele pudesse montar em suas costas. Bocejou ruidosamente quando Saphira se lançava para fora da caverna.

Orik esperava por eles, com uma expressão séria no rosto, quando pousaram perto dos portões de Tronjheim.

- Vamos, os outros estão esperando. - Ele os guiou por Tronjheim até o gabinete de Ajihad. No caminho, Eragon o bombardeou de perguntas, mas Orik dizia apenas: - Eu mesmo não sei de muita coisa, espere para ouvir tudo de Ajihad.

A porta do grande gabinete foi aberta por um par de guardas corpulentos. Ajihad estava em pé atrás de sua mesa, examinando um mapa

O DESPERTAR

O dragão não era maior do que seu antebraço, porém era magnífico e nobre. As escamas dele eram de um azul-safira forte, da mesma cor da pedra. E ele percebeu que não era uma pedra, era um ovo. O dragão bateu as asas. Eram elas que fizeram-no parecer tão distorcido. As asas eram muito mais compridas do que o corpo e guarnecidas de dedos finos, com ossos que se esticavam da borda dianteira da asa, formando uma linha de garras bem separadas. A cabeça do dragão era mais ou menos triangular. Duas pequenas presas brancas diminutas, curvadas para baixo, despontavam da sua mandíbula superior. Pareciam ser muito afiadas. Suas garras também eram muito brancas, como marfim polido e ligeiramente serrilhadas na curvatura interna. Uma fileira de pequenos espinhos descia pelas costas da criatura, desde a base da cabeça até a ponta da cauda. Uma depressão, onde seu pescoço e seus ombros se juntavam, criava um vão maior do que o normal entre os espinhos.

Eragon moveu-se um pouco, e a cabeça do dragão virou-se depressa. Firmes olhos azul-claros fixaram-se nele, que continuou imóvel. Aquele bicho poderia ser um inimigo formidável se resolvesse atacar.

O dragão perdeu o interesse por Eragon e, desajeitado, explorou o quarto, gritando quando batia em uma parede ou em um móvel. Com um bater das asas, pulou em cima da cama e engatinhou até o travesseiro, chiando. A boca estava aberta de modo piedoso, como a de um pássaro jovem, exibindo carreiras de dentes pontudos. Eragon sentou-se cuidadosamente na beira da cama. O dragão cheirou a mão dele e mordiscou sua manga. Ele puxou o braço para trás.

Um sorriso tomou os lábios de Eragon enquanto olhava para a pequena criatura. Hesitante, esticou o braço e, com a mão direita, tocou o flanco do animal. Uma explosão de energia gelada entrou pela mão dele e correu pelo braço, queimando-lhe as veias como fogo líquido. Caiu para trás dando um forte grito. Um barulho metálico encheu seus ouvidos, e ele ouviu um silencioso grito de fúria. Todas as partes de seu corpo queimavam de dor.

Eragon riu e, com um sorriso curioso, sentou perto de Murtagh.

- Mas você não está zangado? Você ainda é um prisioneiro.

- Ah, fiquei no começo - disse Murtagh dando de ombros. - Mas quanto mais penso sobre isso, mais percebo que este é o melhor lugar para mim. Mesmo se Ajihad me concedesse a liberdade, eu ficaria no meu quarto a maior parte do tempo.

- Mas por quê?

- Você sabe muito bem. Ninguém ficaria à vontade perto de mim, conhecendo a minha verdadeira identidade. E sempre haveria pessoas que não conseguiriam se privar de usar palavras e olhares desagradáveis. Mas chega disso, estou ansioso para ouvir as novidades. Vamos, conte.

Eragon recontou os eventos dos últimos dois dias, incluindo seu encontro com os gêmeos na biblioteca. Quando ele terminou, Murtagh recostou-se, refletindo.

- Eu suspeito - disse ele - que Arya é mais importante do que nós imaginávamos. Pense em tudo que você descobriu: ela é mestre com as armas, poderosa na magia e, acima de tudo, foi escolhida para guardar o ovo de Saphira. Ela não pode ser alguém comum, mesmo entre os elfos.

Eragon concordou.

Murtagh olhou para o teto.

- Sabe, acho essa prisão estranhamente pacífica. Pela primeira vez na vida, não preciso ter medo. Eu sei que deveria ter... Entretanto alguma coisa neste lugar me transmite tranquilidade. E uma boa noite de sono também ajuda.

- Sei o que você está insinuando - disse Eragon ironicamente. Ele se moveu para um ponto mais macio na cama. - Nasuada disse que o visitou. Ela falou algo interessante?

O olhar de Murtagh voltou-se para um ponto distante, e ele balançou a cabeça.

Ao voltar com dois pedaços de carne-seca, encontrou o dragão sentado no peitoril da janela, olhando a lua. Cortou a carne em pequenos quadrados e ofereceu um ao dragão. O animal cheirou o quadrado com cuidado e, depois, lançou a cabeça para a frente como uma cobra, arrancando o pedaço de carne dos dedos dele, engolindo-o inteiro com um movimento peculiar. O dragão procurou mais comida na mão de Eragon.

Alimentou o dragão, tendo o cuidado de não deixar os dedos no caminho. Quando restava apenas um pedaço de carne, a barriga do dragão estava enorme. Ele ofereceu a última porção, o dragão hesitou por um momento e, em seguida, preguiçosamente mordeu-a. Depois de comer, o animal engatinhou para o braço do rapaz e aninhou-se no peito dele. Por fim, bufou, e uma pequena nuvem de fumaça preta saiu de seu nariz. Eragon olhou maravilhado para aquilo.

Exatamente quando ele percebeu que o dragão havia adormecido, um zumbido baixo saiu da garganta do animal, que vibrava. Gentilmente, levou o bicho para a cama e colocou-o perto do seu travesseiro. O dragão, de olhos fechados, passou a cauda em volta da cabeceira, satisfeito. Eragon deitou-se ao seu lado, esticando as mãos na escuridão.

Eragon se deparou com um difícil dilema: se criasse o dragão, poderia se tornar um Cavaleiro. Mitos e histórias sobre os Cavaleiros eram muito apreciados, e ser um deles o colocaria automaticamente entre essas lendas. Entretanto, se o Império descobrisse o dragão, ele e a sua família seriam mortos, a não ser que se juntasse ao rei. Ninguém podia, ou iria, ajudá-los.. A solução mais simples seria matar o dragão, mas a ideia era repugnante, e ele a rejeitou. Respeitava demais os dragões para sequer considerar tal possibilidade. Além disso, o que poderia nos entregar? Pensou ele.

Moramos em uma área isolada e não fizemos nada para chamar a atenção.

O problema seria convencer Garrow e Roran a deixá-lo ficar com o dragão. Nenhum deles gostaria de ter um dragão por perto. Eu poderia criá-lo em segredo. Em um mês ou dois, o dragão estará grande o bastante para Garrow poder se livrar dele, mas será que ele vai aceitá-lo? E mesmo que aceite, será que conseguirei arranjar comida bastante para alimentar o

- Algo que nem eles podem realizar. É possível falar o nome de um objeto na língua antiga e evocar sua forma verdadeira. Isso requer anos de aperfeiçoamento e grande disciplina, mas a recompensa é o controle completo sobre o objeto. É por isso que o nome verdadeiro da pessoa é sempre mantido em segredo, pois se ele cair nas mãos de alguém que tenha maldade no coração, terá domínio total sobre você.

- É estranho - disse Eragon depois de um momento -, mas antes de ser capturado em Gil'ead, eu a via nos meus sonhos. Era como se eu a visse em uma bola de cristal, e fui capaz de vê-la depois, mas isso acontecia sempre enquanto eu dormia.

Arya mordeu os lábios pensativa.

- Houve ocasiões em que sentia como se outra pessoa estivesse me observando, mas eu estava freqüentemente confusa e febril. Nunca ouvi falar que alguém, nem nas tradições ou nas lendas, pudesse ter visões durante o sono.

- Eu mesmo não entendo - disse Eragon, olhando para as suas mãos. Ele girava o anel de Brom em seu dedo. - O que a tatuagem nas suas costas significa? Eu não queria vê-la, mas quando estava curando suas feridas... Não pude evitar. É igual ao símbolo neste anel.

- Você tem um anel com um yawë nele? - perguntou ela de repente.

- Tenho. Era de Brom. Quer ver?

Ele mostrou-lhe o anel. Arya examinou a pedra de safira e disse:

- Isto é um presente dado apenas aos amigos mais estimados dos elfos. De fato, tão estimados que não damos um destes há séculos. Pelo menos, eu pensava assim. Eu não sabia que a rainha Islanzadi tinha Brom em tão alto apreço.

- Então, eu não deveria usá-lo - disse Eragon temendo ser presunçoso.

- Não, use-o. Ele lhe dará proteção se encontrar meu povo por acaso e poderá ajudá-lo a ganhar a simpatia da rainha. Não fale a ninguém sobre a minha tatuagem. Isso não deve ser revelado.

frente do abrigo para manter o calor lá dentro. Satisfeito, apreciou seu trabalho.

- Chegou a hora de apresentá-lo à sua nova casa - disse, e ergueu o dragão até os galhos. O animal se contorceu, querendo se soltar, entrou na cabana, onde comeu um pedaço de carne, enrolou-se e piscou envergonhadamente para ele.

- Você não terá problemas enquanto ficar aqui - explicou. O dragão piscou de novo.

Certo de que o animal não o havia entendido, Eragon procurou em sua mente até sentir a consciência do dragão. Novamente, sentiu a terrível sensação de abertura, de um espaço tão grande que o pressionava como um pesado cobertor. Juntando suas forças, concentrou-se no dragão e tentou impor-lhe a ideia: Fique aqui. O dragão parou de se mexer e virou a cabeça para ele. Eragon tentou com mais força: Fique aqui. Uma sensação de entendimento sutil surgiu naquela ligação, mas Eragon tinha dúvidas se o dragão havia entendido a mensagem. Afinal, ele é apenas um animal. Desfez aquele contato com certo alívio, voltando a sentir a segurança de sua própria mente envolvendo-o.

Eragon deixou a árvore, olhando de vez em quando para trás. O dragão colocou a cabeça para fora do abrigo e observou, com seus olhos grandes, Eragon distanciar-se.

Depois de uma caminhada apressada para casa, entrou escondido no quarto para se livrar dos pedaços da casca do ovo. Tinha certeza de que Garrow e Roran não dariam falta do ovo, pois os dois tiraram-no da mente depois que souberam que não poderia ser vendido. Quando sua família acordou, Roran disse ter ouvido alguns barulhos à noite, mas, para o alívio de Eragon, não continuou no assunto.

O entusiasmo de Eragon fez o dia passar depressa. A marca em sua mão era fácil de ser escondida, então, não levou muito tempo para deixar de se preocupar com ela. Logo, voltou à árvore, levando salsichas que havia roubado no porão. Apreensivo, ele se aproximou da árvore. Será que o dragão conseguirá sobreviver ao inverno aqui fora?

- É por isso que vim até aqui hoje - revelou Arya, virando-se para ele. Sua voz sonora tinha sotaque e era exótica. Ela falava com clareza, com a insinuação de um trinado, como se estivesse prestes a cantar. - Tenho para com você uma dívida que deve ser paga. Você salvou a minha vida. Isso nunca poderá ser esquecido.

- Não foi... nada - respondeu Eragon atrapalhando-se com as palavras, sabendo que não eram verdadeiras, já no momento em que as pronunciava. Encabulado, ele mudou de assunto. - Como você foi parar em Gil'ead?

A dor marcou o semblante de Arya. Ela olhou para o horizonte.

- Vamos caminhar. - Desceram a pequena colina e andaram com tranquilidade em direção a Farthen Dur. Eragon respeitou o silêncio de Arya enquanto caminhavam. Saphira andava silenciosamente ao lado deles. Finalmente, Arya ergueu a cabeça e disse com a graça de sua espécie:

- Ajjihad me disse que você estava presente quando o ovo de Saphira apareceu.

- Isso. - Pela primeira vez, Eragon pensou na energia que deve ter sido usada para transportar o ovo pelas dezenas de quilômetros que separavam Du Weldenvarden da Espinha. Tentar realizar tal feito era pedir para que um desastre acontecesse, quiçá a morte.

As palavras seguintes dela foram pesadas.

- Então, saiba disso: no momento em que você o contemplou, eu fui capturada por Durza. - A voz dela estava cheia de rancor e pesar. - Era ele que liderava os urgals que emboscaram e exterminaram meus companheiros, Faolin e Glenwing. De alguma maneira, ele sabia onde nos esperar, não tivemos nenhum aviso. Eu fui drogada e levada para Gil'ead. Lá, Durza recebeu ordens de Galbatorix para descobrir para onde eu tinha enviado o ovo e tudo que eu sabia sobre Ellesméra.

Ela olhou friamente para a frente, suas mandíbulas estavam fechadas com força.

- Durante meses, ele tentou descobrir o que queria sem sucesso. Seus métodos eram... Hostis. Quando a tortura falhava, ordenava aos soldados a

pequena cabana. Encontrou o dragão acordado e a salvo, observando o sol nascer do alto da árvore. Agradeceu fervorosamente a todos os deuses, conhecidos e desconhecidos. O dragão desceu até o solo, quando Eragon se aproximou, e pulou nos braços dele, aconchegando-se ao peito do rapaz. O frio não havia feito mal ao bichinho, mas ele parecia assustado. Uma baforada de fumaça preta saiu de suas narinas. Eragon acariciou-o carinhosamente, sentou, encostando-se na árvore, e sussurrou baixinho. Ele ficou imóvel quando o dragão enfiou a cabeça embaixo do seu casaco. Depois de um tempo, saiu do abraço do rapaz e foi para o ombro dele. Eragon alimentou-o e então ajeitou os novos trapos em volta da cabana. Brincaram por um tempo, mas Eragon tinha de voltar logo para casa.

Uma rotina tranquila foi rapidamente estabelecida. Todas as manhãs, Eragon corria até a árvore e dava o café da manhã ao dragão antes de voltar correndo. Durante o dia, Eragon tentava acabar suas tarefas o mais rápido possível para poder visitar o dragão de novo. Tanto Garrow quanto Roran notaram seu comportamento e perguntaram por que ele passava tanto tempo fora de casa. Eragon deu de ombros e começou a se certificar de que não estava sendo seguido até a árvore.

Depois dos primeiros dias, ele parou de achar que algo ruim aconteceria com o dragão. O crescimento do animal era incrível. Logo, o bicho estaria seguro contra quase todos os perigos. O dragão dobrou de tamanho na primeira semana. Quatro dias depois, o dragão já batia nos joelhos dele. Ele não cabia mais dentro da cabana que foi feita na árvore, e Eragon foi forçado a construir um abrigo escondido no chão. Essa tarefa custou-lhe três dias.

Quando o dragão tinha duas semanas de idade, Eragon estava compelido a deixá-lo solto, pois ele precisava de muita comida. Na primeira vez em que Eragon desamarrou o animal, bastou usar a força da mente para evitar que o dragão o seguisse até a fazenda. Sempre que o bicho tentava, Eragon o afastava com a mente, até o dragão aprender a evitar a casa e seus habitantes.

E ele incutia no dragão a importância de caçar somente na Espinha, onde havia menos chances de ser visto. Os fazendeiros notariam se animais

juntarem novamente. Suas imagens sinuosas entrelaçavam-se como formas retorcidas de uma fumaça soprada pelo vento.

Eragon não podia se lembrar de quanto tempo lutaram. Foi atemporal, preenchido apenas por ação e reação. Czar'roc ficou pesada em sua mão, seu braço queimava ferozmente a cada golpe. Finalmente, jogou-se para a frente de maneira abrupta, Arya ligeiramente deu um passo para o lado, passando a ponta de sua espada na altura do maxilar dele com uma velocidade sobrenatural.

Eragon paralisou quando o metal gélido tocou sua pele. Seus músculos tremiam devido ao esforço. Indistintamente, ele ouviu Saphira bufar de emoção e os guerreiros gritando ruidosamente em volta deles.

Arya baixou sua espada e a colocou na bainha.

- Você passou - disse ela baixinho no meio da balbúrdia.

Chocado, ele lentamente se pôs ereto. Fredric, agora, estava ao lado dele, batendo entusiasmado nas costas do rapaz.

- Vocês demonstraram uma habilidade incrível com a espada! Eu até aprendi alguns movimentos novos ao vê-los lutar. E a elfa... Estonteante!

“Mas eu perdi”, protestou ele silenciosamente. Orik elogiou a atuação dele com um sorriso largo, mas tudo que Eragon notava era Arya em pé, solitária e em silêncio. Ela fez um movimento sutil com o dedo, não mais do que uma breve contração, apontando para uma pequena colina a quase dois quilômetros do campo de treinamento, depois virou-se e saiu andando. A multidão derretia-se perante ela. Um silêncio caía sobre os homens e anões enquanto ela passava.

Eragon virou-se para Orik.

- Preciso ir. Voltarei em breve para o abrigo para dragões. - Com um golpe ligeiro, ele colocou Czar'roc em sua bainha e montou em Saphira. Ela decolou do campo de treinamento, que se transformou em um mar de rostos, quando todos olhavam para ela.

recusava-se a tentar esconder os gigantescos montes de estrume que se tornavam cada vez mais comuns. O dragão esfregava-se contra as árvores, arrancando a casca, e afiava as garras em pedaços de madeira, deixando sulcos com quase três centímetros de profundidade. Se Garrow ou Roran fossem um pouco além dos limites da fazenda, descobririam o dragão. Eragon não podia imaginar maneira pior para a verdade ser revelada, então decidiu se prevenir explicando tudo a eles.

Porém, queria fazer duas coisas primeiro: dar ao dragão um nome apropriado e aprender mais sobre sua espécie. Para isso, precisava falar com Brom, mestre das epopeias e lendas, os únicos locais onde o folclore sobre dragões havia sobrevivido.

Então, quando Roran foi levar uma talhadeira para ser consertada no Carvahall, Eragon se ofereceu para ir junto.

e apontou para o anel na mão de Eragon. - *Arget!* - exclamou ela como um trovão.

A prata brilhou, e uma imagem espectral do anel materializou-se ao lado dele. As duas coisas eram idênticas, só que a aparição afigurava ser mais pura e brilhava com uma luz incandescente branca. Ao verem aquilo, os gêmeos viraram-se e saíram depressa, seus mantos debatiam-se ao vento freneticamente. O anel insubstancial desapareceu da mão de Eragon, deixando o círculo de prata para trás. Orík e Fredric estavam em pé, observando Arya com cautela. Saphira agachou-se, pronta para agir.

A elfa examinou todos eles. Seus olhos profundos pararam em Eragon. Depois, virou-se e andou a passos largos até o centro do campo de treinamento. Os guerreiros pararam de lutar e olharam maravilhados para ela. Em poucos momentos, o campo inteiro ficou em silêncio, admirado com a presença dela.

Eragon foi arrastado para a frente de modo inexorável devido ao fascínio que sentia. Saphira falou, mas ele abstraiu os comentários dela. Um grande círculo formou-se em volta de Arya. Olhando apenas para Eragon, ela declarou:

- Reclamo o direito de fazer o seu teste de armas. Desembainhe sua espada.

Ela quer duelar comigo!

Mas eu acho que ela não quer lhe fazer mal, - retrucou Saphira lentamente. Ela deu um pequeno empurrão nele com o nariz. - *Vá e porte-se dignamente. Ficarei observando.*

Eragon, relutante, deu um passo à frente. Ele não queria fazer aquilo em um momento em que estava exausto devido ao uso da magia e quando havia tantas pessoas olhando. Além disso, Arya podia não estar em forma para lutar. Fazia apenas dois dias desde que ela havia recebido o néctar de Túnvior. “Vou abrandar meus golpes para que ela não se machuque”, decidiu ele.

Uma voz falou alto:

- O que você quer rapaz?

Ele se virou depressa. Atrás dele, Brom estava apoiado em uma bengala retorcida, decorada com entalhes estranhos. Usava um manto marrom com capuz, como um frade. Uma bolsa pendia do cinto de couro gasto. Acima da barba branca, um orgulhoso nariz de águia curvava-se sobre sua boca e dominava seu rosto. Observou Eragon atentamente com olhos profundos, sombreados por uma testa enrugada, e esperou pela resposta.

- Informações - disse Eragon. - Roran foi levar uma talhadeira para o concerto, e como fiquei com tempo livre, vim ver se o senhor poderia responder a algumas perguntas.

O homem velho bufou e esticou a mão para abrir a porta. Eragon notou um anel de ouro na mão direita dele. A luz brilhou sobre uma safira, destacando um símbolo estranho entalhado na superfície da pedra.

- É melhor você entrar, vamos conversar durante um bom tempo. Parece que as suas perguntas nunca acabam. - Dentro da casa, o ambiente estava mais escuro do que carvão, um aroma forte e ácido pairava no ar. - Agora, um pouco de luz. - Eragon ouviu o ancião se mover e, depois, um xingamento baixo quando alguma coisa caiu no chão. - Ah, pronto. - Uma faísca branca brilhou, e uma chama ganhou existência.

Brom estava em pé, segurando uma vela diante de uma lareira de pedra. Pilhas de livros cercavam uma cadeira de madeira toda entalhada, de espaldar alto, que ficava de frente para a moldura da lareira. As quatro pernas da cadeira tinham a forma de garras de águia, e o assento e o encosto tinham um acabamento almofadado de couro, que era ornamentado com um desenho de rosas em alto-relevo. Um grupo de cadeiras menores sustentava pilhas de pergaminhos. Potes de tinta e penas estavam espalhados em cima de uma escrivaninha.

- Fique à vontade, mas pelos reis perdidos tenha cuidado. Todas essas coisas são valiosas.

parar e pensar cuidadosamente sobre quais palavras deveria usar. E, cada vez mais, os gêmeos lutavam com ele amargamente, embora nunca demonstrassem sinais de cansaço no rosto.

Foi só com o apoio de Saphira que Eragon conseguiu se manter firme. Em uma pausa entre duas das tarefas, ele perguntou a ela:

Por que eles continuam com este teste? Nossas habilidades já ficaram claras o bastante a julgar pelo que eles viram em minha mente.

Ela inclinou a cabeça de modo pensativo.

Sabe de uma coisa? - Disse intrigado, quando percebeu o que eles queriam. - *Eles estão usando isso como uma oportunidade para descobrir quais palavras da língua antiga eu sei e para, talvez, aprender coisas novas.*

Então, fale baixinho para que eles não possam ouvi-lo e use as palavras mais simples possíveis.

A partir daquele momento, Eragon usou apenas um punhado de palavras básicas para completar as tarefas. Mas encontrar meios para que elas tivessem o mesmo efeito de frases completas explorou a criatividade dele ao máximo. Ele foi recompensado pela frustração que contorcia o rosto dos gêmeos conforme ele os derrotava uma vez atrás da outra. Não importava quanto tentassem, não conseguiam fazer com que Eragon usasse palavras novas da língua antiga.

Mais de uma hora se passou, mas os gêmeos não demonstravam sinal de que iam parar. Eragon estava com calor e com sede, mas privou-se de pedir uma pausa, ele persistiria tanto quanto eles. Fizeram vários testes: manipular água, lançar fogo, adivinhação, malabarismo com pedras, endurecer couro, congelar coisas, controlar o voo de uma flecha e curar arranhões. Ele pensava quanto tempo demoraria até que os gêmeos ficassem sem novas ideias.

Finalmente, os gêmeos ergueram as mãos e disseram:

- Resta apenas mais uma coisa a fazer. É bem simples. Qualquer usuário competente de magia acharia isso fácil. - Um deles tirou um anel de prata

Brom usou uma pederneira para acender o cachimbo. Ele deu algumas baforadas e disse:

- Então... Não teremos de parar, exceto pelo chá. Agora, quanto aos Cavaleiros, ou Shur'tugal, como são chamados pelos elfos. Começar por onde? Eles existiram durante incontáveis anos e, no auge do poder, dominaram por duas vezes as terras do Império. Numerosas histórias foram contadas sobre eles, na maioria, falsas. Se acreditássemos em tudo que era dito, acharíamos que eles tinham poderes parecidos com os de um semi-deus. Estudiosos dedicaram a vida à separação das fantasias dos fatos, mas duvida-se que algum deles tenha obtido sucesso. Entretanto, não será uma tarefa impossível se nos concentrarmos nas três áreas que você especificou: Como os Cavaleiros surgiram? Por que eram tão conceituados? E de onde vieram os dragões? Começarei com o último item.

Eragon recostou-se e escutou a voz hipnotizante do homem.

- Os dragões não tiveram um começo específico, a não ser que isso tenha acontecido junto com a criação da própria Alagaésia. E se terão um fim, isso acontecerá quando este mundo perecer, pois sofrem junto com esta terra. Eles, os anões, e alguns poucos outros são seus verdadeiros habitantes. Vivem aqui antes de todos os outros, fortes e orgulhosos em sua glória primária. O mundo deles era imutável até que os primeiros elfos atravessaram o mar com seus navios prateados.

- De onde os elfos vieram? - interrompeu Eragon. - E por que são chamados de "povo justo"? Eles existem de verdade?

Brom fechou a cara.

- Você quer que eu responda às primeiras perguntas ou não? Isso não acontecerá se você quiser explorar todas as informações sobre as quais não tiver conhecimento.

- Sinto muito - disse Eragon. Ele abaixou a cabeça e tentou parecer arrependido.

- Você não sente, não - Brom disse com um certo prazer. Ele desviou o olhar para o fogo e observou-o lamber a parte de baixo da chaleira. - Se

Eles olharam para Fredric com arrogância.

- Recebemos ordens de Ajihad para testar a perícia de Eragon com a magia, antes de você fatiga-lo ao bater em pedaços de metal.

Fredric olhou para eles com raiva.

- Por que outra pessoa não pode testá-lo?

- Ninguém tem poder bastante - falaram os gêmeos torcendo o nariz. Saphira soltou um rosnado grave e olhou fixamente para eles. Um filete de fumaça saiu de suas narinas, mas eles a ignoraram. - Venha conosco - ordenaram e foram andando a passos largos para um canto vazio do campo de treinamento.

Dando de ombros, Eragon seguiu-os com Saphira. Atrás, ele ouviu Fredric falar para Orik baixinho:

- Devemos evitar que eles vão longe demais.

- Eu sei - respondeu Orik em um tom de voz baixo. - Mas não posso interferir de novo. Hrothgar deixou claro que não poderá me proteger na próxima vez em que isso acontecer...

Eragon fez força para conter sua ansiedade que crescia a cada instante. Os gêmeos podiam saber mais técnicas e palavras do que ele...

Contudo, lembrou-se do que Brom havia dito a ele: os Cavaleiros eram mais fortes com relação à magia do que os homens comuns. Mas será que isso seria o suficiente para resistir ao poder duplo dos gêmeos?

Não se preocupe tanto, eu ajudarei você, - disse Saphira. - *Nós também somos dois.*

Ele tocou-a gentilmente na pata, aliviado por suas palavras. Os gêmeos olharam para Eragon e perguntaram:

- E qual é a sua resposta para nós, Eragon?

Negligenciando a expressão intrigada de seus companheiros, ele disse secamente:

- Ninguém sabe por que aquele ovo foi abandonado. Alguns dizem que os pais foram mortos em um ataque dos elfos. Outros acreditam que os dragões deixaram o ovo lá de propósito. Seja como for, Eragon enxergou o valor de criar um dragão amigo. Cuidou do animal em segredo e, segundo o costume da língua antiga, chamou-o de Bid'Daum. Quando Bid'Daum atingiu um bom tamanho, eles viajaram juntos entre os dragões e os convenceram a viver em paz com os elfos. Tratados foram feitos entre as duas raças. Para garantir que nunca haveria guerra de novo, decidiram que era necessário criar os Cavaleiros.

"No começo, os Cavaleiros deviam servir meramente como um meio de comunicação entre os elfos e os dragões. Contudo, com o passar do tempo, o valor deles foi reconhecido, e eles ganharam mais autoridade. Finalmente, adotaram a ilha Vroengard como lar e lá construíram uma cidade, Dorú Areaba. Antes que Galbatorix os depusesse, os Cavaleiros tinham mais poder do que todos os reis na Alagaésia. Agora, acredito ter respondido a duas das suas perguntas".

- Respondeu - disse Eragon distraidamente. Parecia uma coincidência incrível ele ter recebido o nome do primeiro Cavaleiro. Por algum motivo, sentia que seu nome não era mais o mesmo. - O que quer dizer Eragon?

- Eu não sei - respondeu Brom. - É muito antigo. Duvido que alguém lembre, exceto os elfos, e a sorte terá sorrido para você antes de conseguir falar com um deles. Porém, é um bom nome de se ter, você devia se orgulhar. Nem todos têm um nome tão honroso.

Eragon tentou tirar essa questão da mente e se concentrou no que estava aprendendo com Brom. Mas ainda faltava alguma coisa.

- Eu não entendo. Onde nós estávamos quando os Cavaleiros foram criados?

- Nós? - perguntou Brom, erguendo uma sobrancelha.

- O senhor sabe, todos nós. - Eragon gesticulou com as mãos indistintamente. - Os humanos em geral.

Brom riu.

Saphira rosnou bem alto:

Eu vou! - E isso encerrou o assunto.

O barulho desordenado das lutas vindo do campo chegou até eles: as batidas altas produzidas pelos choques de metais, o baque seco das flechas atingindo alvos almofadados, o chocalhar e os estalos de pedaços de madeira sendo quebrados e os gritos dos homens no clima da batalha. Os barulhos eram misturados, entretanto cada grupo tinha ritmos e padrões peculiares.

Grande parte do campo de treinamento estava ocupada por um grupamento de soldados campais, que lutavam com seus escudos e machados de guerra, que eram quase tão altos quanto os homens. Treinavam em grupo, com várias formações diferentes. Exercitando-se ao lado deles, havia centenas de soldados sozinhos armados com espadas, clavas, lanças, machados, chicotes e escudos de todos os tipos e tamanhos, e Eragon chegou até a ver alguém empunhando um forcado. Quase todos os guerreiros trajavam armaduras, geralmente uma malha com um capacete, as armaduras inteiriças não eram tão comuns. Havia tanto anões quanto humanos, embora os dois grupos evitassem se misturar um com o outro. Atrás dos guerreiros que lutavam, havia uma larga fileira de arqueiros que disparavam freqüentemente contra bonecos feitos com sacos cinzentos.

Antes que Eragon tivesse tempo para pensar o que ele deveria fazer, um homem barbado - sua cabeça e seus ombros largos estavam cobertos por uma capa curta com touca de malha - dirigiu-se a passos largos até eles. O resto dele estava protegido com um traje feito com couro de boi que ainda tinha pelos. Uma espada enorme - quase tão grande quanto Eragon - pendia atravessada em cima de suas costas largas. Passou o olhar rapidamente por Saphira e Eragon, como se estivesse avaliando o perigo que eles representavam, e disse em um tom rouco:

- Knurla Orik. Você não aparece aqui há muito tempo. Não restou ninguém para lutar comigo.

Orik sorriu.

- Não. Eles seguiram os elfos, cruzando o mar, como carrapatos atrás de sangue. Eles foram uma das razões por que os Cavaleiros ganharam valor por sua proeza na batalha e por sua capacidade de manter a paz... Muita coisa pode ser aprendida com essa história. É uma pena o rei fazer dela um tópico delicado - lamentou Brom.

- É, ouvi a sua história na última vez em que estive na cidade.

- Como história! - berrou Brom. Os olhos dele faiscavam. - Se aquilo foi apenas uma história, então os rumores da minha morte são verdadeiros, e você está falando com um fantasma! Respeite o passado, você nunca sabe como ele poderá afetá-lo.

Eragon esperou a expressão no rosto de Brom melhorar antes de ousar perguntar:

- Qual era o tamanho dos dragões?

Uma nuvem escura de fumaça rodopiava em cima de Brom como uma tempestade em miniatura.

- Eram maiores do que uma casa. Até mesmo os menores tinham asas cuja envergadura passava de trinta metros. Eles nunca paravam de crescer. Alguns dos mais antigos, antes do Império matá-los, podiam se passar por grandes colinas.

O medo tomou conta de Eragon. Como conseguirei esconder meu dragão daqui a alguns anos? Ele ficou com raiva, mas manteve a voz calma.

- Quando chegavam à idade adulta?

- Bem - disse Brom, coçando o queixo, - eles só conseguiam cuspir fogo depois dos cinco ou seis meses de idade, que era a época em que eles podiam acasalar. Quanto mais velho um dragão fosse, maior era a chama que podia cuspir. Alguns deles podiam manter a chama acesa durante vários minutos. - Brom fez um anel de fumaça e observou-o flutuar até o teto.

- Ouvi dizer que as escamas deles brilhavam como pedras preciosas. .

Brom inclinou-se para a frente e murmurou:

criaturas relacionadas com a magia. Ele suspirou, aliviando a tensão do dia enquanto tirava Czar'roc da cinta.

Solembum, você sabe onde Ângela está? Eu não a encontrei e preciso do conselho dela.

Solembum apertou com as patas as costas escamosas de Saphira.

Ela está em algum lugar de Tronjheim.

Quando ela voltará?

Logo.

Quando? - Perguntou ele impacientemente. - *Preciso falar com ela hoje. Não tão logo assim.*

O menino-gato recusou-se a falar mais, apesar das persistentes perguntas de Eragon. Ele desistiu e aconchegou-se, encostando-se em Saphira. O ronronado de Solembum era um zumbido monótono e grave acima da cabeça dele.

“Preciso visitar Murtagh amanhã”, pensou ele, girando o anel de Brom.

- Desculpe, meus pensamentos estavam longe. Sim, um dragão vive durante um bom tempo, para sempre, de fato, viverá enquanto não for morto ou até que o seu Cavaleiro morra.

- Como se tem certeza disso? - retrucou Eragon. - Se os dragões morrem quando seus Cavaleiros morrem, então eles só vivem uns sessenta ou setenta anos. O senhor disse durante a sua... narrativa que os Cavaleiros viveram centenas de anos, mas isso é impossível. - O pensamento de viver mais do que sua família e seus amigos o incomodava.

Um calmo sorriso mexeu os lábios de Brom, enquanto ele falou com sagacidade:

- O que é possível é algo subjetivo. Alguns dizem que ninguém sobrevive a uma viagem pela Espinha, mas você sobreviveu. É uma questão de perspectiva. Você tem que ser muito sábio para saber tanto com tão pouca idade. - Eragon ficou com o rosto corado, e o velho homem riu. - Não fique zangado. Não se pode esperar que você saiba essas coisas. Você esquece que os dragões eram mágicos, eles afetavam tudo em volta deles de um modo estranho. Os Cavaleiros eram as pessoas mais próximas deles e, como tal, eram os que mais vivenciavam isso. O efeito colateral mais comum era ter a vida prolongada. Nosso rei já viveu tempo o bastante para provar isso, mas as pessoas atribuem sua vida longa aos seus poderes mágicos. Também havia outras mudanças menos notáveis. Todos os Cavaleiros tinham o corpo mais forte, a mente mais perspicaz e a visão mais aguçada do que os homens normais. Junto com tudo isso, um Cavaleiro humano adquiria, lentamente, orelhas pontudas, embora elas nunca fossem tão proeminentes quanto as de um elfo.

Eragon teve de se controlar para não tocar a ponta das orelhas. De que outro modo esse dragão mudará a minha vida? Além de entrar na minha mente, ele também está fazendo alterações no meu corpo!

- Os dragões eram muito inteligentes? .

- Você não prestou atenção no que eu lhe contei antes! - reclamou Brom.
- Como os elfos poderiam fazer acordos e tratados de paz com criaturas rudes e burras? Eles eram tão inteligentes quanto você ou eu.

- Obviamente, você sabe quem sou, mas o que você quer?

Nasuada sorriu graciosamente.

- Meu pai, Ajihad, mandou-me trazer uma mensagem. Gostaria de ouvi-la?

Para Eragon, o líder dos varden não pareceu ser do tipo inclinado à paternidade e ao matrimônio. Imaginou quem seria a mãe de Nasuada. Ela deve ter sido uma mulher incomum para ter atraído o olhar de Ajihad.

- Sim, eu gostaria.

Nasuada jogou o cabelo para trás e relatou:

- Ele está satisfeito porque você está se saindo bem, mas aconselhou cautela contra ações como a bênção que você deu ontem. Criam mais problemas do que solucionam. E também recomenda que você prossiga com os testes o mais rápido possível. Ele precisa conhecer a sua capacidade antes de comunicar o fato aos elfos.

- Você veio até aqui em cima só para me dizer isso? - perguntou Eragon pensando na extensão de Vol Turin.

Nasuada balançou a cabeça.

- Eu usei o sistema de roldanas que transporta mantimentos para os níveis mais altos. Poderíamos ter enviado a mensagem usando sinais, mas decidi comunicá-la pessoalmente e conhecer você.

- Você gostaria de se sentar? - convidou Eragon. Ele apontou para a caverna de Saphira.

Nasuada riu levemente.

- Não, estão me esperando em outro lugar. Também devo informá-lo de que meu pai decretou que você pode visitar Murtagh, se desejar. - Uma expressão melancólica perturbou suas feições que antes estavam tranquilas. - Falei com Murtagh mais cedo... Ele está ansioso para falar com você. Parecia estar se sentindo muito solitário. Você devia visitá-lo. - Ela ensinou a Eragon como chegar à cela de Murtagh.

dragões ou dúvidas sobre os ataques aéreos de tirar o fôlego? Já terminamos?

- Por enquanto - riu Eragon. - Eu aprendi o que queria e muito mais.

Ele se levantou, e Brom o acompanhou.

- Então, tudo bem. - Ele levou Eragon até a porta. - Até logo. Cuide-se. E não esqueça: se você lembrar o nome do mercador, venha me dizer.

- Farei isso. Obrigado. - Eragon saiu, banhando-se na ofuscante luz do sol de inverno, apertando os olhos. Ele foi andando lentamente, meditando sobre tudo o que havia aprendido.

- Então, esperaremos sua resposta amanhã. Certifique-se de que seja a certa. - Eles sorriram friamente e andaram de modo altivo para o interior da biblioteca.

Eragon fez uma cara feia. “Não vou entrar para Du Vrangr Gata, não importa o que eles façam”.

Você devia falar com Ângela, - disse Saphira. - *Ela já lidou com os gêmeos antes. Talvez ela possa estar presente quando eles forem testar você. Isso pode evitar que tentem lhe fazer mal.*

É uma boa ideia. - Eragon ziguezagueou entre as estantes até achar Orik sentado em um banco, polindo seu machado de guerra.

- Eu gostaria de voltar ao abrigo para dragões.

O anão enfiou o cabo do machado em uma alça de couro que havia em seu cinto e levou Eragon até o portão onde Saphira esperava. As pessoas já haviam se juntado em volta dela. Ignorando-as, Eragon montou correndo nas costas dela, e eles escaparam para o céu.

Este problema deve ser resolvido rapidamente. Você não pode permitir que os gêmeos o intimidem, - aconselhou Saphira quando pousou em cima da Isidar Mithrim.

Eu sei. Mas espero que possamos evitar deixá-los zangados. Eles podem ser inimigos poderosos. - Ele desmontou rapidamente, mantendo uma das mãos em Czar'roc.

E você também pode ser. Você os quer como aliados?

Ele balançou a cabeça.

De fato, não... Direi a eles amanhã que não entrarei para Du Vrangr Gata.

Eragon deixou Saphira em sua caverna e saiu perambulando fora do abrigo. Ele queria ver Ângela, mas não lembrava como achar o esconderijo dela, e Solembum não estava lá para guiá-lo. Vagou pelos corredores desertos, esperando encontrar Ângela por acaso.

- Por quê?

Eles ficaram um de frente para o outro, a respiração deles era visível no ar.

- Sei que não é fácil ganhar dinheiro, mas sempre conseguimos dar um jeito para sobreviver. Você não precisa ir embora.

- Não preciso. Mas o dinheiro será para mim. - Roran tentou recomeçar a caminhada, mas Eragon se recusou a sair do lugar.

- Para que você precisa de dinheiro? - perguntou.

Os ombros de Roran se aprumaram levemente.

- Eu quero casar.

Perplexidade e surpresa tomaram conta de Eragon. Ele lembrou ter visto Katrina e Roran se beijando durante a visita dos mercadores, mas casamento?

- Katrina? - perguntou baixinho, só para confirmar. Roran concordou com a cabeça. - Você já pediu a mão dela?

- Ainda não, mas na primavera, quando eu puder construir uma casa, pedirei.

- Há trabalho demais na fazenda para você partir agora - protestou Eragon. - Espere até estarmos preparados para o plantio.

- Não - respondeu Roran, rindo levemente. - Vocês precisarão mais de mim na primavera. O solo terá de ser lavrado e semeado. Teremos de tirar as ervas daninhas das plantações e sem falar em todas as outras tarefas. Não, esta é a melhor época para eu sair, pois o que fazemos na realidade é ficar esperando pela mudança da estação. Você e Garrow podem se virar sem mim. Se tudo der certo, logo estarei trabalhando na fazenda com uma esposa.

Relutante, Eragon reconheceu que o que Roran falou fazia sentido.

Ele balançou a cabeça, mas não sabia se foi por surpresa ou raiva.

- Desde que você falou com Ajjihad, nós queremos... Pedir desculpas por nossos atos. - As palavras foram ditas em um tom de zombaria, mas não de um modo que Eragon pudesse reclamar. - Viemos demonstrar nosso respeito por você. - Eragon ficou vermelho de raiva quando eles se curvaram de novo.

Cuidado! - Alertou Saphira.

Conseguiu controlar sua raiva crescente. Não podia deixar a si mesmo ficar irritado por esse confronto. Uma ideia lhe ocorreu e ele falou com um pequeno sorriso:

- Não, quem deve demonstrar respeito por vocês sou eu. Sem a sua aprovação eu nunca teria entrado em Farthen Dûr. - Curvou-se a eles em resposta, fazendo o movimento do modo mais ofensivo possível.

Viu-se um lampejo de irritação nos olhos dos gêmeos, mas eles sorriram e disseram:

- Nós nos sentimos honrados porque alguém tão... importante... como você nos tem em tão alta estima. Sentimo-nos lisonjeados por suas palavras tão gentis.

Depois, foi a vez de Eragon ficar irritado.

- Eu me lembrarei disso quando precisar.

Saphira intrometeu-se rapidamente nos pensamentos dele.

Você está exagerando. Não diga nada do que possa se arrepender. Eles se lembrarão de todas as palavras que puderem usar contra você.

Já estou tendo dificuldade bastante sem você fazendo comentários, - ele disparou. Ela calou-se com um rosnado zangado.

Os gêmeos se aproximaram, a bainha de seus mantos arrastava levemente no chão. A voz deles ganhou um tom mais amigável.

- Mas também temos procurado você por outra razão, Cavaleiro. Os poucos usuários de magia que habitam em Tronjheim formaram um grupo. Nós nos chamamos de Du Vrangr Gata ou a...

Não - disse o dragão. O animal parecia estar encantado com os esforços do rapaz. - *Eragon.*

- Esse é o meu nome, você não pode se chamar assim - disse, coçando o queixo. - Bem, se você não gostou desses, há outros.

Ele continuou a repassar a lista, mas o dragão recusava todos os nomes que ele sugeria. O dragão parecia rir de algo que Eragon não entendia, mas o rapaz ignorou e continuou a sugerir nomes.

- Havia Ingothold, que matou a... - Uma revelação fez que ele parasse. - Já sei qual é o problema! Eu só falei nomes masculinos e você é um dragão fêmea!

Isso. O dragão dobrou as asas, satisfeito.

Agora que sabia o que procurar, Eragon pensou em mais uma meia dúzia de nomes. Ele pensou em Miremel, mas não ficou bom, pois, afinal, esse era o nome de um dragão marrom. Otelia e Lenora também foram descartados. Ele já estava prestes a desistir quando se lembrou do último nome que Brom havia sussurrado. Eragon gostou, mas será que o dragão gostaria?

Ele perguntou:

- Você é Saphira? - Ela olhou para ele com olhos inteligentes. No fundo da mente, sentiu a satisfação dela.

Sou. Algo disparou em sua mente, e a voz dela ecoou, como se viesse de uma grande distância. Ele deu um sorriso largo como resposta.

Saphira começou a zumbir.

campos de treinamento amanhã, pois ainda não estou completamente recuperado.

Orik concordou com a cabeça, sua barba sacudia em cima de seu peito.

- Nesse caso, gostaria de visitar a biblioteca de Tronjheim? Ela é muito antiga e contém pergaminhos de grande valor. Você achará interessante ler a história da Alagaésia que não foi maculada pela mão de Galbatorix.

Com uma sensação de agonia, Eragon lembrou como Brom o ensinou a ler. Pensou se ainda tinha a habilidade necessária para fazer tal coisa. Um longo tempo se passou desde que tinha visto palavras escritas.

- Ótimo, vamos fazer isso.

- Muito bem.

Depois de comerem, Orik guiou Eragon através de uma miríade de corredores até o destino deles. Quando chegaram à entrada arqueada da biblioteca, Eragon entrou com veneração.

O recinto fez com que lembrasse uma floresta. Fileiras de graciosas colunas ramificavam-se, subindo até o teto escuro, guarnecido com vigas, cinco andares acima. Entre os pilares, estantes de livros feitas de mármore negro estavam dispostas em uma sucessão imediata. Prateleiras para pergaminhos cobriam as paredes, intercaladas por corredores estreitos, que recebiam o fluxo de três escadas que desciam se retorcendo. Postos em intervalos regulares ao lado das paredes, havia pares de bancos de pedra que ficavam um de frente para o outro. Entre eles havia pequenas mesas cujas bases fluíam suave e perfeitamente até o chão.

Incontáveis pergaminhos e livros estavam guardados naquele local.

- Este é o verdadeiro legado da nossa raça - disse Orik. - Aqui residem os textos dos nossos maiores reis e estudiosos, desde a Antiguidade até hoje. Aqui também estão registradas as músicas e histórias compostas por nossos artistas. Esta biblioteca provavelmente é a nossa maior riqueza. Entretanto, não há apenas trabalhos nossos, também há obras humanas aqui. A sua raça vive pouco, mas é muito prolífica. E temos pouco ou quase nada dos elfos. Eles guardam seus segredos com muito ciúme.

- Ótimo. Assim teremos tempo para nos preparar. Será diferente ter a casa só para nós. Mas se tudo der certo, não será assim por muito tempo. - Ele olhou por cima da mesa e perguntou: - Eragon, você sabia disso?

Eragon deu de ombros pesaroso.

- Até hoje, não... É uma loucura.

Garrow passou a mão em seu rosto.

- Esse é o curso natural da vida. - Ele se levantou da cadeira. - Tudo vai dar certo, o tempo acertará tudo. Mas, por enquanto, vamos lavar a louça. - Eragon e Roran ajudaram-no em silêncio.

Os dias seguintes foram difíceis. O humor de Eragon não foi dos melhores. Exceto pelas respostas curtas para perguntas diretas, ele não falava com ninguém. Havia pequenos lembretes da partida de Roran por toda parte. Garrow fazia uma mala para ele, havia coisas faltando nas paredes e um vazio estranho que tomava conta da casa. Fazia quase uma semana que ele havia percebido que a distância entre ele e Roran havia aumentado. Quando eles se falavam, as palavras não saíam facilmente. Sentiam-se pouco à vontade.

Saphira era um bálsamo para a frustração de Eragon. Ele podia conversar abertamente com ela. Suas emoções estavam completamente abertas para a mente dela, e ela o entendia melhor do que ninguém. Durante as semanas antes da partida de Roran, ela passou por outro ímpeto de crescimento. Saphira ganhou trinta e um centímetros nos ombros, deixando-a mais alta do que Eragon. Ele descobriu que a pequena depressão entre o pescoço e os ombros dela era um lugar perfeito para se sentar. Ele, freqüentemente, sentava ali à tarde, acariciando o pescoço dela enquanto explicava o significado de várias palavras. Logo, ela entendia tudo o que ele dizia e, com frequência, fazia comentários.

Para Eragon, essa parte da vida era muito boa. Saphira era tão real e tão complexa quanto qualquer pessoa. A personalidade dela era eclética e, às vezes, completamente diferente, entretanto os dois se entendiam em um nível bem profundo. As ações e os pensamentos dela constantemente

Hrothgar ergueu uma de suas grossas sobrancelhas.

- Orik, o filho da minha irmã caçula. Ele servia a Ajihad como prova do meu apoio aos varden. Contudo, parece que ele voltou para o meu comando. Fiquei satisfeito ao saber que você o defendeu com suas palavras.

Eragon entendeu que esse foi outro sinal de *otho*, de "confiança", da parte de Hrothgar.

- Eu não poderia exigir um guia melhor.

- Isso é bom - disse o rei, claramente satisfeito. - Infelizmente, não posso conversar com você por muito mais tempo. Meus conselheiros me esperam, pois há um assunto do qual devo cuidar. Mas devo-lhe dizer isto: se desejar o apoio dos anões dentro do meu reino, primeiro deve provar seu valor a eles. Nós temos excelente memória e não gostamos de decisões apressadas. Palavras não decidirão nada, apenas os atos.

- Não me esquecerei disso - disse Eragon, curvando-se de novo. Hrothgar concordou com a cabeça majestosamente.

- Então, podem ir.

Eragon virou-se com Saphira, e eles começaram a se retirar do salão do rei da montanha. Orik esperava por eles do outro lado das portas de pedra com uma expressão de ansiedade no rosto. Ficou ao lado deles enquanto subiam de volta para a câmara principal de Tronjheim.

- Deu tudo certo? Vocês foram bem recebidos?

- Acho que sim. Mas o seu rei é cauteloso - respondeu Eragon.

- É por isso que ele tem a vida tão longa.

Eu não gostaria de ver Hrothgar zangado conosco, - observou Saphira.

Eragon olhou de relance para ela.

É, eu também não. Não sei o que achou de você, parece não aprovar muito os dragões, embora não tenha dito nada.

Isso pareceu divertir Saphira.

ESTRANHOS NO CARVAHALL

O café estava frio, mas o chá estava quente. O gelo por dentro das janelas havia se derretido com o fogo da manhã, molhando o piso de madeira, marcando-o com poças escuras. Eragon olhou para Garrow e Roran ao lado do fogão e lembrou que essa seria a última vez que ele veria todos juntos durante vários meses.

Roran estava sentado em uma cadeira, amarrando as botas. Sua bolsa cheia estava no chão, perto dele. Garrow estava em pé entre eles, com as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos. A camisa dele pendia bem solta, sua pele demonstrava que estava tenso. Apesar da insistência do jovem, ele se recusou a ir com eles. Quando foi pressionado a dizer o porquê, apenas explicou que seria melhor assim.

- Você já pegou tudo? - perguntou Garrow a Roran.

- Já.

Ele concordou com a cabeça e pegou uma bolsinha de dentro do bolso. As moedas fizeram barulho quando deu a bolsa a Roran.

- Vim economizando isto para você. Não é muito, mas se quiser comprar alguma besteira, será o suficiente.

- Obrigado, mas não pretendo gastar meu dinheiro com besteiras - disse Roran.

- Faça o que quiser, o dinheiro é seu - afirmou Garrow. - Não tenho mais nada para dar a você, a não ser a minha bênção de pai. Você pode aceitá-la ou não, mas ela pode valer alguma coisa.

A voz de Roran estava embargada por causa da emoção.

- Eu ficaria honrado de recebê-la.

- Então, receba-a e vá em paz - disse Garrow e beijou-o na testa. Ele se virou e acrescentou com uma voz mais alta: - Não pense que esqueci de você, Eragon. Tenho algumas palavras para dizer a vocês dois. Chegou a

- Por enquanto, Saphira e eu, simplesmente, queremos recuperar nossas forças em Tronjheim - respondeu Eragon. - Não estamos aqui para causar problemas, mas apenas para obtermos abrigo contra os perigos que estamos enfrentando há vários meses. Ajihad deve nos mandar para os elfos, mas até ele fazer isso, não temos o desejo de partir.

- Então, foi apenas o desejo por segurança que os trouxe até aqui? perguntou Hrothgar. - Vocês pretendem viver aqui e esquecer seus problemas com o Império?

Eragon balançou a cabeça com orgulho, rejeitando aquela questão.

- Se Ajihad lhe falou sobre o meu passado, o senhor deve saber que tenho mágoas o bastante para combater o Império até que não reste mais nada além de cinzas. Contudo, muito mais do que isso... Quero ajudar aqueles que não podem fugir de Galbatorix, inclusive meu primo. Tenho a força para ajudar, então devo fazê-lo.

O rei pareceu ficar satisfeito com a resposta. Ele virou-se para Saphira e perguntou:

- Dragão, o que você pensa sobre essa questão? Qual foi o motivo que lhe trouxe aqui?

Saphira ergueu a ponta do lábio para rosnar.

Diga a ele que estou sedenta pelo sangue dos nossos inimigos e que espero ansiosamente pelo dia em que combateremos Galbatorix juntos. Que eu não sinto compaixão ou misericórdia por traidores e destruidores de ovos como aquele falso rei. Ele me deteve por mais de um século e, até agora, ainda detém dois irmãos meus, que eu libertaria se fosse possível. E diga a Hrothgar que acho que você está preparado para realizar essa tarefa.

Eragon contorceu o rosto ao ouvir as palavras dela, mas as repassou de forma obediente. O canto da boca de Hrothgar ergueu-se, sugerindo um prazer macabro, aumentando as rugas dele.

- Vejo que os dragões não mudaram nada com o passar dos séculos. - Ele bateu levemente no trono com um dos nós de seus dedos. - Sabe por

Eragon olhou para trás e examinou o campo. Seus olhos pararam nas construções solitárias pequenas. Pareciam frágeis. Um fio fino de fumaça subia e ele era a única prova de que aquela fazenda tomada pela neve estava habitada.

- Esse é o nosso mundo - acrescentou Roran melancolicamente. Eragon tremeu impaciente e resmungou:

- E é muito bom também.

Roran concordou com a cabeça, esticou os ombros e seguiu em direção a seu novo futuro. A casa saiu de vista quando eles desceram a colina.

Ainda era muito cedo quando chegaram ao Carvahall, mas já encontraram as portas da ferraria abertas. O ar lá dentro estava prazerosamente quente. Baldor trabalhava lentamente em duas peças metálicas que estavam do lado de uma fornalha repleta de carvões em brasa. Na frente da fornalha, havia uma bigorna preta e um barril cheio de água com sal. Em uma fileira de estacas enfiadas na parede, na altura do pescoço, pendiam vários itens: tenazes gigantes, alicates, martelos de todas as formas e tamanhos, talhadeiras, esquadros, cinzéis, limas, lixas, tornos, barras de ferro e de aço esperando para serem moldadas, tomilhos, tesouras, picaretas e pás. Horst e Dempton estavam perto de uma mesa comprida.

Dempton se aproximou com um sorriso embaixo do seu exuberante bigode ruivo.

- Roran! Que bom que você veio! Terei muito trabalho, mais do que poderei dar conta, com as minhas novas mós. Você está pronto para ir? Roran mostrou o peso da sua bolsa.

- Estou. Vamos demorar para partir?

- Tenho de tratar de alguns detalhes, mas partiremos em menos de uma hora. - Eragon virou-se de lado quando Dempton dirigiu-se a ele, puxando a ponta do bigode. - Você deve ser Eragon. Eu também ofereceria um emprego a você, mas Roran preencheu a única vaga disponível. Quem sabe, daqui a um ano ou dois, não é?

- O rei os espera. - Eragon pôs a mão no lado do corpo de Saphira e os dois continuaram caminhando para a frente. As portas fecharam-se atrás deles, deixando-os sozinhos no mal-iluminado salão do trono com o rei.

Os passos ecoavam pela sala conforme avançavam em direção ao trono. Nos intervalos entre as estalagmites e estalactites, havia grandes estátuas. Cada escultura retratava um rei coroado, sentado em um trono, seus olhos sem vida fixados na distância de modo solene. Seus rostos enfileirados ostentavam feições fortes e poderosas. Havia um nome entalhado em runas embaixo de cada par de pés.

Eragon e Saphira caminhavam com passos longos, solenemente, entre as duas fileiras de monarcas mortos há muito tempo. Passaram por mais de quarenta estátuas, depois viram apenas nichos vazios que esperavam futuros reis. Pararam perante Hrothgar no final do salão.

O rei dos anões estava sentado como uma estátua em cima de um trono elevado, esculpido em uma peça singular de mármore preto maciço, sem adorno e com uma precisão milimétrica. Poder emanava do trono, poder que remetia a épocas ancestrais quando os anões governavam Alagaésia sem a oposição de elfos ou humanos. Um capacete de ouro, adornado com rubis e diamantes estava na cabeça de Hrothgar, em vez de uma coroa. O seu semblante era amargo, desgastado pelo tempo, talhado por muitos anos de experiência. Embaixo de sua testa enrugada brilhavam olhos profundos, duros como pedras e penetrantes. Sobre seu peito poderoso ondulava uma camisa de cota de malha. Sua barba branca estava enfiada embaixo do seu cinto e em seu colo ele segurava um poderoso martelo de guerra com o símbolo do clã de Orik entalhado na cabeça.

Eragon curvou-se desajeitado e ajoelhou-se. Saphira continuou ereta. O rei mexeu-se, como se estivesse despertando de um longo sono, e falou com uma voz grave e alta:

- Levante-se, Cavaleiro, você não precisa fazer reverências para mim.

Colocando-se em pé, os olhos de Eragon encontraram o olhar impenetrável de Hrothgar. O rei o examinou, contemplando-o seriamente, depois disse com um som gutural:

hoje. - Eragon ficou pálido. - Ninguém com juízo bastante disse nada. Eles reconhecem encenra quando a veem, mas sei que algumas pessoas podem falar demais.

O temor encheu o coração de Eragon. Seja lá quem tenha enviado a pedra para a Espinha, finalmente, achou o rastro dela. Ou, talvez, o Império tivesse descoberto tudo sobre Saphira. Ele não sabia distinguir o que era pior. Pense! Pense! O ovo se foi. Será impossível eles o acharem agora. Mas se eles souberem o que era na verdade, o que aconteceu será algo lógico...

Saphira pode estar em perigo. Ele usou todo o seu autocontrole para não ficar ofegante.

- Obrigado por ter me contado. Você sabe onde eles estão? - Ele estava orgulhoso, pois mal se notava o medo em sua voz.

- Eu não falei sobre eles para que você vá encontrá-los! Saia do Carvahall! Vá para casa!

- Tudo bem - disse Eragon para acalmar o ferreiro. - Se é o que pensa, assim farei.

- Isso mesmo. - A expressão no rosto de Horst se suavizou. - Eu posso estar exagerando, mas aqueles estranhos me passaram um mau pressentimento. Será melhor que você fique em casa até eles partirem. Tentarei mantê-los longe da sua fazenda, embora isso talvez não adiante muito.

Eragon olhou para ele com gratidão. Ele desejava poder contar tudo sobre Saphira.

- Irei agora - disse e correu de volta até Roran. Eragon agarrou o braço do primo e despediu-se dele.

- Você não vai ficar mais um pouco? - perguntou Roran surpreso.

Eragon quase riu. Por algum motivo, aquela pergunta pareceu engraçada para ele.

O SALÃO DO REI DA MONTANHA

Um anão esperava Eragon no abrigo para dragões. Depois de se curvar e balbuciar: "Argetlam", o anão disse com um sotaque pesado:

- Bom. Acordado. Knurla Orik espera por vocês. - Ele curvou-se de novo e saiu correndo. Saphira pulou para fora da caverna, pousando ao lado de Eragon. Czar'roc estava nas garras dela.

Isso é para que? - Perguntou ele franzindo o rosto.

Ela inclinou a cabeça.

Use-a. Você é um Cavaleiro e deve portar uma arma condizente com o seu porte. Czar'roc pode ter uma história sangrenta, mas isso não deve influenciar suas ações. Forje uma nova história para ela e carregue-a com orgulho.

Tem certeza? Lembra o conselho de Ajihad?

Saphira bufou, e uma golfada de fumaça saiu pelas suas narinas.

Use-a, Eragon. Se quiser se manter acima das forças aqui, não permita que a censura de alguém dite suas ações.

Como queira, - disse ele relutante, prendendo a espada na cinta. Subiu no dorso de Saphira e saíram voando de Tronjheim. Agora, havia tanta luz dentro de Farthen Dur que a massa indistinta das paredes da cratera, a oito quilômetros em todas as direções, era visível. Enquanto desciam com um movimento em espiral em direção à base da cidade-montanha, Eragon contou a Saphira sobre seu encontro com Ângela.

Assim que pousaram perto de um dos portões de Tronjheim, Orik correu para o lado de Saphira.

- Meu rei, Hrothgar, deseja ver vocês dois. Desmonte rapidamente. Devemos nos apressar.

Império, ousaria ameaçar as pessoas assim? Talvez não, mas quem enviou o ovo devia ter poder bastante para usar a força impunemente.

- Tenho certeza. Estava com ele. Não estou mentindo. Muita gente sabe disso. Pode perguntar. - Sloan parecia estar abalado. Ele falou algo mais que Eragon não conseguiu ouvir.

- As pessoas foram... pouco cooperativas. - As palavras tinham um tom sarcástico. Houve uma pausa. - A sua informação foi útil. Não esqueceremos de você. - Eragon acreditou nele.

Sloan balbuciou algo, e depois Eragon ouviu alguém se afastando com pressa. Espiou pela esquina para ver o que estava acontecendo. Dois homens altos estavam em pé na rua. Ambos vestiam longos mantos pretos, levantados por bainhas de espadas que passavam pelas pernas deles. Nas camisas havia uma insígnia ricamente ornamentada com um fio prateado. Capuzes escondiam seus rostos, e suas mãos estavam enluvadas. Suas costas eram estranhamente curvadas, como se as roupas tivessem enchimento.

Eragon virou-se levemente para obter uma visão melhor. Um dos estranhos parou e sussurrou de modo peculiar para o amigo. Os dois se viraram de repente e se agacharam. Eragon ficou sem respiração. Um medo mortal tomou conta dele. Seus olhos se fixaram nos rostos escondidos, e uma força imobilizante dominou sua mente, mantendo-o parado no lugar. Lutou contra aquilo e gritou para si mesmo: Mova-se! Suas pernas tremeram, mas isso de nada adiantou. Os estranhos aproximaram-se silenciosamente dele com um modo de andar suave e sutil. Sabia que podiam ver o seu rosto agora. Estavam quase na esquina, suas mãos seguravam espadas...

- Eragon! - Ele fez um movimento abrupto quando chamaram seu nome. Os estranhos pararam de repente e chiaram como cobras. Brom correu na direção dele, vindo pelo lado, com a cabeça descoberta e o cajado na mão. Os estranhos estavam fora do alcance da visão do velho.

Eragon tentou avisá-lo, mas sua língua e seus braços ainda não podiam se mexer.

- Não importa, tenha cuidado. - Ângela fez uma pausa e, depois, disse com repulsa. - E também há a questão desse Espectro, Durza. Acho que esse é o maior perigo para os varden agora, além de Galbatorix. Eu odeio Espectros, pois praticam a espécie de magia mais profana, usando a necromancia. Eu gostaria de arrancar o coração dele com um grampo de cabelo sem ponta e jogá-lo aos porcos!

Eragon ficou surpreso com a impetuosidade repentina dela.

- Não entendo. Brom me disse que os Espectros eram feiticeiros que usam espíritos para realizarem seus desejos, mas por que isso os torna tão malignos?

Ângela balançou a cabeça.

- E não os torna. Feiticeiros ordinários são exatamente isso, ordinários, não são melhores nem piores do que nós. Eles usam sua força mágica para controlar os espíritos e os poderes dos espíritos. Os Espectros, entretanto, abrem mão desse controle em sua busca por poderes maiores e permitem que seus corpos sejam controlados pelos espíritos. Infelizmente, somente os espíritos mais malignos desejam possuir os humanos e uma vez que se estabeleçam, nunca mais partem. Tal possessão pode acontecer por acidente, se um feiticeiro invocar um espírito mais forte do que ele. O problema é que, depois que um Espectro é criado, é terrivelmente difícil matá-lo. Como sei que você sabe, somente duas pessoas, Laerte, a elfa, e Irnstad, o Cavaleiro, conseguiram sobreviver a esse feito.

- Já ouvi as histórias. - Eragon apontou para o quarto. - Por que você está vivendo em um andar tão alto em Tronjheim? Não é inconveniente ficar tão isolada? E como você trouxe todas essas coisas até aqui em cima?

Ângela jogou a cabeça para trás e riu ironicamente.

- Quer saber a verdade? Estou me escondendo. Assim que cheguei a Tronjheim tive alguns dias de paz, até que um dos guardas que me deixaram entrar deu com a língua nos dentes sobre quem eu era. Aí, todas as pessoas daqui capazes de usar a magia, embora elas mal sejam dignas desse termo, perturbaram-me para entrar para o grupo secreto delas. Especialmente aqueles gêmeos drajl que o controlam. Finalmente, ameacei transformar

Brom suspirou de forma rude, como se algo tivesse sido confirmado, e esfregou seu nariz curvado.

- Bem, então... Se você lembrar, vá me contar. Estou muito interessado nesse mercador que diz saber tanto sobre dragões. - Eragon concordou com a cabeça, com um ar distraído.

Caminharam em silêncio até a estrada, e Brom disse:

- Vá depressa para casa. Não acho uma boa ideia demorar-se no caminho. - Ele esticou uma das mãos retorcidas.

Eragon apertou-a, mas quando ele ia soltando-a, algo na mão de Brom prendeu na luva dele, puxando-a. A luva caiu no chão. O velho pegou-a.

- Fui desajeitado - desculpou-se e entregou-a ao rapaz. Quando Eragon pegou a luva, os fortes dedos de Brom agarraram seu pulso e viraram-no rapidamente. A palma da mão do rapaz ficou voltada para cima por alguns instantes, revelando a marca prateada. Os olhos de Brom brilharam, mas ele permitiu que Eragon puxasse a mão para trás e que a enfiasse na luva.

- Até logo - disse Eragon forçadamente, perturbado, e saiu depressa pela estrada. Atrás dele, ouviu Brom assoviando uma música alegre.

A expressão do rosto de Ângela ficou séria brevemente.

- Relembrando o fato, foi algo de mau gosto, mas eu não sabia o que se abateria sobre ele. Como posso dizer?... De certo modo, Brom era amaldiçoado. O seu destino era falhar em todas as suas tarefas, exceto em uma, embora nenhuma das falhas fosse culpa dele. Brom escolheu ser um Cavaleiro, mas seu dragão foi morto. Amou uma mulher, mas o afeto dele foi a ruína dela. E foi escolhido, presumo, para guardar e treinar você, mas, no final, também falhou nessa tarefa. A única vez em que teve êxito foi quando matou Morzan, e ele não poderia ter realizado uma façanha melhor do que essa.

- Brom nunca me falou de mulher nenhuma - retrucou Eragon.

Ângela deu de ombros negligentemente.

- Ouvi essa história de alguém que não poderia ter mentido. Mas chega dessa conversa! A vida continua, e não devemos perturbar os mortos com nossas preocupações. - Ela pegou com as duas mãos uma pilha de juncos que estavam no chão e, habilmente, começou a trançá-los, encerrando a discussão.

Eragon hesitou, mas acabou cedendo.

- Tudo bem. Por que você está em Tronjheim em vez de Teirm?

- Ah, até que enfim uma pergunta interessante - disse Ângela. - Depois de ouvir novamente o nome de Brom durante a sua visita, pressenti o retorno do passado na Alagaésia. As pessoas comentavam que o Império estava caçando um Cavaleiro. Então eu concluí que o ovo dos varden devia ter eclodido, aí fechei a minha loja e parti para saber mais sobre essa história.

- Você sabia sobre o ovo?

- Claro que eu sabia. Não sou uma idiota. Tenho muito mais idade do que você possa crer. Pouquíssimas coisas acontecem sem que eu saiba. - Ela fez uma pausa e concentrou-se na trama que fazia. - Bem, eu sabia que devia me aproximar dos varden o mais rápido possível. Já estou aqui há quase um mês, embora eu não sinta muito apreço por este lugar. Ele é

De modo frenético, ele bloqueou as emoções de Saphira e ficou observando sua cauda. Quando ela passou por ele, Eragon se jogou para o lado e agarrou um dos espinhos nas costas. Segurando com força, ele puxou a si mesmo até a pequena cavidade que havia na base do pescoço dela e se agarrou com mais força quando ela se levantou de novo.

- Chega, Saphira! - gritou bem alto. O fluxo de pensamentos dela parou abruptamente. Ele passou a mão em cima das escamas. - Tudo vai dar certo. - Ela se agachou, e as suas asas ficaram para cima. Elas ficaram paradas por um instante, mas depois se abaixaram, enquanto ela se lançava para o céu.

À medida que Eragon gritava, o chão ficava distante, e eles subiam mais alto do que as árvores. A turbulência do ar batia nele, deixando-o sem fôlego para falar. Saphira ignorou o pavor dele e inclinou-se em direção à Espinha. Lá embaixo, ele observou a fazenda e o rio Anora. Seu estômago ficou embrulhado. Apertou os braços em volta do pescoço de Saphira e se concentrou nas escamas que estavam na frente do nariz dele, tentando não vomitar enquanto ela subia cada vez mais. Quando ela nivelou o voo, ele ganhou coragem para olhar em volta.

O ar estava tão frio que gelo se formou em seus cílios. Chegaram às montanhas muito mais rápido do que poderia imaginar. Do ar, os picos pareciam dentes gigantes, afiados como navalhas, esperando para cortá-los em fatias. Saphira deu uma guinada inesperada, e Eragon vomitou sobre a lateral do corpo dela. Ele lambeu os lábios, sentindo o gosto de bÍlis, e pressionou a cabeça contra o pescoço do dragão.

Precisamos voltar, - implorou. - *Os estranhos estão indo para a fazenda. Garrow precisa ser avisado. Faça a volta!* - Não houve resposta. Tentou entrar na mente dela, mas estava bloqueada por uma barreira de medo e raiva. Determinado a fazê-la dar a volta, ele, de modo assustador, penetrou em sua armadura mental. Fez pressão nos pontos mais fracos, minou as partes mais fortes e lutou para fazê-la ouvir, mas não obteve nenhum resultado.

Logo, as montanhas cercaram-nos, formando gigantescas paredes brancas quebradas por precipícios de granito. Havia geleiras azuis entre os picos, como rios congelados. Vales e ravinas compridas se abriam no solo.

Vá. Eu ficarei bem, - sussurrou ela. Solembum esperava por ele embaixo do arco que levava para o resto de Tronjheim.

No momento em que os pés de Eragon tocaram Isidar Mithrim, o menino-gato virou-se com um golpe leve de suas patas e desapareceu, atravessando o arco. Eragon foi correndo atrás dele, esfregando o rosto para se livrar do sono. Ele atravessou a passagem arqueada e viu-se em pé no topo de Vol Turin, a Escadaria Sem Fim. Não havia mais aonde ir, então ele desceu para o andar abaixo.

Estava em pé em uma galeria coberta por um teto arqueado que se curvava levemente para a esquerda e contornava a câmara central de Tronjheim. Entre as colunas inclinadas que sustentavam os arcos, Eragon podia ver Isidar Mithrim reluzindo brilhantemente acima dele, como também a base distante da cidade-montanha. A circunferência da câmara central aumentava a cada andar sucessivamente. A escadaria atravessava o piso da galeria em direção a um andar idêntico abaixo, e descia por um grande número de galerias até desaparecer na distância. A canaleta que servia de escoimento corria pelo lado externo e curvo da escada. No topo de Vol Turin havia uma pilha de almofadas de couro que serviam para escorregar. À direita de Eragon, um corredor empoeirado levava às salas e apartamentos daquele andar. Solembum caminhava lentamente pelo corredor, abanando a cauda.

Espere, - disse Eragon.

Tentou alcançar Solembum, mas só conseguiu vislumbrá-lo rapidamente nos corredores abandonados. Depois, quando Eragon fazia uma curva, viu o menino-gato parar em frente a uma porta e miar alto. Espontaneamente, a porta deslizou para dentro. Solembum entrou rápido, depois a porta se fechou. Eragon parou em frente a ela, perplexo. Ergueu a mão para bater, mas, antes que fizesse isso, a porta se abriu mais uma vez, e uma luz morna inundou o local. Depois de um momento de indecisão, deu um passo à frente.

Entrou em uma singela suíte de dois quartos, decorada com entalhes feitos em madeira e plantas presas na parede. O ar era morno, fresco e úmido. Lâmpioes brilhantes pendiam nas paredes e no teto baixo. Pilhas de

único modo de fazer isso é voando, o que eu não agüento mais fazer. Ele respirou fundo. Oh, como eu queria que Saphira pudesse cuspir fogo. Ele virou a cabeça e a viu perto dele, agachada bem baixo no chão. Ele pôs a mão no lado do corpo dela e sentiu que ela tremia. A barreira na mente dela havia desaparecido. Sem ela, o medo de Saphira o queimou. Ele apertou-a e, lentamente, acalmou-a com imagens tranquilizantes.

Por que os estranhos assustam você?

Assassinos, - sussurrou ela.

Garrow está em perigo, e você me seqüestrou nessa viagem ridícula! Você não é capaz de me proteger?- Ela rosnou profundamente e bateu as mandíbulas com força. - *Ah, mas se você acha que é capaz, por que fugiu?*

A morte é um veneno.

Ele se apoiou em um cotovelo e reprimiu a frustração.

Saphira, veja onde estamos! O sol se pôs, e o seu voo tirou a pele das minhas pernas com tanta facilidade quanto eu descamaria um peixe. Era isso que você queria?

Não.

Então, por que fez isso? - Perguntou. Através do elo que tinha com Saphira, Eragon sentiu o arrependimento dela pela dor que ele sentia, mas não quanto às suas ações. A baixa temperatura adormeceu suas pernas. Embora o frio tivesse aplacado a dor, ele sabia que sua condição não era boa. Ele mudou de assunto. - *Vou congelar a não ser que você faça um abrigo ou um buraco onde eu possa me manter aquecido. Até mesmo uma pilha de galhos e ramos de pinheiro já serve.*

Ela parecia estar aliviada por ele ter parado de interrogá-la.

Não há necessidade disso. Vou me enrolar ao seu redor e cobri-lo com as minhas asas. O fogo dentro de mim manterá o frio longe.

Eragon deixou a cabeça cair para trás, batendo no chão.

Ajihad apóia nossa liberdade, mas talvez nossa sobrevivência se torne difícil se não jurarmos lealdade a um grupo ou a outro. Logo saberemos o que acontecerá.

FIM DA INOCÊNCIA

Quando Eragon abriu os olhos na manhã seguinte, pensou que o céu havia caído. Uma superfície lisa e azul esticava-se sobre sua cabeça e inclinava-se até o chão. Ainda meio adormecido, ergueu a mão titubeante e sentiu uma fina membrana com os dedos. Precisou de um longo minuto para perceber o que estava olhando. Virou o pescoço levemente e olhou fixamente para as ancas escamosas onde sua cabeça repousava. Lentamente, tirou as pernas da sua posição fetal, fazendo as cascas dos machucados se romperem. A dor estava um pouco menos intensa do que ontem, mas ele se encolheu quando pensou em andar. Uma fome lancinante lembrou-o de suas refeições perdidas. Conseguiu juntar energia para se mexer e bateu de modo fraco na lateral do corpo de Saphira.

- Ei! Acorde! - gritou.

Ela se virou e levantou a asa, permitindo a entrada da luz do sol.

Eragon apertou os olhos quando a neve cegou-o momentaneamente. A seu lado, Saphira espreguiçou-se como um gato e bocejou, exibindo fileiras de dentes brancos. Quando os olhos de Eragon se adaptaram à luz, ele examinou o lugar onde estavam. Montanhas imponentes e desconhecidas cercavam-nos, projetando sombras compridas na clareira. Perto dali, viu uma trilha cortando a neve em direção à floresta de onde vinha o gorgolejo abafado de um riacho.

Gemendo, ficou em pé e cambaleou, indo mancando até uma árvore. Agarrou um dos galhos e jogou seu peso contra ele. O galho agüentou, mas acabou se quebrando, produzindo um estalo bem alto. Arrancou os ramos, colocou uma das extremidades do galho embaixo do braço e firmou a outra no chão. Com a ajuda da muleta improvisada, foi mancando até o riacho coberto de gelo. Quebrou a dura cobertura, fez uma concha com as mãos e bebeu a água limpa e amargosa. Saciado, voltou para a clareira. Quando saiu do meio das árvores, reconheceu finalmente as montanhas e aquele pedaço de terra.

Saphira disse com determinação:

Eragon, escolhi você de dentro do meu ovo. Você recebeu uma chance pela qual muitos morreriam. Não está satisfeito com isso? Livre sua mente de tais pensamentos. Eles não podem ser respondidos e não o deixarão mais feliz.

De fato, - disse ele com tristeza. - Mesmo assim, eles continuam a se agitar dentro do meu crânio.

As coisas têm sido... Confusas... Desde que Brom morreu. Isso me deixou inquieta, - reconheceu Saphira, o que o surpreendeu, pois ela raramente parecia estar confusa. Os dois agora estavam sobre Tronjheim. Eragon olhou para baixo, através da abertura em seu pico e viu o chão do abrigo para dragões, nele estava Isidar Mithrim, a grande estrela de safira. Ele sabia que embaixo dela não havia nada, exceto a grande câmara central de Tronjheim. Saphira desceu até o abrigo planando, sem fazer barulho com as asas. Planou suavemente por cima de sua borda, descendo em direção a Isidar Mithrim, pousando com o baque seco de suas garras.

Você não vai arranhá-la? - Perguntou Eragon.

Acho que não. Não é uma gema qualquer.

Eragon desmontou de Saphira e, lentamente, virou-se fazendo um círculo, absorvendo aquela visão incomum. Estavam em um cômodo sem teto, com dezoito metros de largura por dezoito metros de altura. As paredes eram pontilhadas pelas entradas escuras das cavernas, que tinham vários tamanhos, desde grutas pouco maiores do que um homem a enormes cavernas maiores do que uma casa. Havia degraus brilhantes nas paredes de mármore para que as pessoas pudessem chegar às cavernas mais altas. Uma enorme passagem arqueada servia de saída para o abrigo para dragões.

Eragon examinou a enorme pedra preciosa embaixo de seus pés e, impulsivamente, deitou em cima. Apertou o rosto contra a safira gelada, tentando ver através dela. Linhas distorcidas e pontos coloridos dançantes brilhavam fracamente através da pedra, mas sua espessura tornava impossível discernir com clareza qualquer coisa que estivesse no chão da câmara a quase dois mil metros abaixo deles.

galhos. O estômago de Eragon ficou embrulhado, e ele ficou feliz por estar de barriga vazia.

Mais rápido, mais rápido, - insistiu. Ela não disse nada, mas o bater de suas asas aumentou. Ele fechou os olhos com força e curvou os ombros.

Eragon achou que a proteção extra, oferecida por sua camisa, protegeria suas pernas, mas todos os movimentos de Saphira produziam pontadas de dor. Logo, fios de sangue quente escorriam por suas panturrilhas. Sentia a preocupação emanando de Saphira. Agora, ela voava ainda mais rápido.

Suas asas faziam um tremendo esforço. A terra passava depressa, como se estivesse sendo puxada embaixo deles. Eragon achava que para as pessoas no chão eles pareciam apenas um borrão.

No começo da tarde, o vale Palancar se abriu à frente. Nuvens prejudicavam a visão para o sul. O Carvahall ficava ao norte. Saphira diminuía a altitude enquanto Eragon procurava a fazenda. Quando a avistou, o pavor tomou conta dele. Uma nuvem negra, com chamas alaranjadas em sua base, subia.

Saphira! - Apontou ele. - Quero descer na fazenda. Agora!

Ela fechou as asas e deu uma guinada, entrando em um mergulho acentuado, lançando-se em direção ao solo a uma velocidade vertiginosa. Depois, diminuiu o mergulho e seguiu em direção à floresta. Ele gritou contra o vento que soprava forte:

- Pouse no campo! - Eragon segurou-se com mais força quando entraram em um mergulho vertical. Saphira esperou até que estivessem a apenas alguns metros do chão para bater suas asas com força para trás. Pousou pesadamente, fazendo-o se soltar. Ele caiu no chão e levantou-se cambaleante e ofegante.

A casa foi feita em pedaços por uma explosão. Madeiras e tábuas que antes formavam paredes e telhados estavam espalhadas por uma grande área. A madeira foi destruída como se um martelo gigante a tivesse quebrado. Telhas de madeira, cobertas de fuligem, estavam por toda parte. Poucas placas de metal retorcido era o que restava do fogão. A camada de

- *Atra gūlai un ilian tauthr ono un atra ono waise skōlir frá rauthr.*

As palavras deixaram-no, inesperadamente, fraco, como se tivesse usado magia. Ele, lentamente, voltou a calçar a luva e disse à mulher:

- Isso é tudo que posso fazer por ela. Se existem palavras que possam prevenir uma tragédia, são essas.

- Obrigada, Argetlam - sussurrou ela, curvando-se levemente. Começou a cobrir o bebê de novo, mas Saphira bufou e virou-se até que sua cabeça pairasse acima da criança. A mulher ficou paralisada, sua respiração ficou presa no peito. Saphira abaixou o focinho e tocou o bebê entre os olhos com a ponta do nariz, depois, ergueu a cabeça delicadamente.

A multidão inteira suspirou, pois na testa da criança, onde Saphira a havia tocado, uma estrela se formou tão branca e brilhante quanto a *gedwey ignasia* de Eragon. A mulher olhou fixamente para Saphira com uma expressão exaltada, com uma gratidão muda estampada nos olhos.

Imediatamente, Saphira alçou voo, golpeando os espectadores espantados com o vento produzido por suas fortes batidas de asa. Conforme o chão diminuía embaixo deles, Eragon respirou fundo e abraçou o pescoço dela com força.

O que você fez? - Perguntou ele baixinho.

Eu dei a ela esperança. E você deu a ela um futuro.

A solidão, de repente, tomou conta de Eragon apesar da presença de Saphira. O ambiente que o cercava era estranho demais, pela primeira vez percebeu o quanto estava longe de casa. Uma casa destruída, mas ainda era onde seu coração morava.

O que eu me tornei, Saphira? - Perguntou ele. - *Estou apenas no primeiro ano da minha idade adulta, porém já tive uma reunião com o líder dos varden, sou perseguido por Galbatorix, viajei na companhia do filho de Morzan e, agora, as pessoas me procuram para ganhar bênçãos! Que conselhos posso dar às pessoas que elas já não tenham recebido? Que feitos posso realizar que um exército não possa fazer melhor? É uma insanidade! Eu devia estar no Carvahall com Roran!*

Vou procurar em volta das edificações e na floresta, - disse Saphira.

Eragon subiu com dificuldade nos destroços da cozinha e começou a revirar freneticamente o monte de entulhos. Pedacos de pedras que ele, normalmente, não conseguiria levantar agora pareciam não oferecer tanta resistência para sair do lugar. Um armário, quase intacto, impediu seu progresso por um segundo, mas ele o levantou e jogou para o alto. Quando puxou uma tábua, algo agitou-se embaixo dele. Ele se virou, pronto para responder a um ataque.

Uma mão surgiu em meio aos destroços do telhado caído. Ela se movia de modo muito fraco, e ele agarrou-a gritando:

- Tio, você pode me ouvir?

Não houve resposta. Eragon enfiou as mãos no meio dos pedacos de madeira, sem se importar com as farpas que rasgavam a sua pele. Ele, rapidamente, fez um braço e um ombro aparecerem, mas o caminho estava impedido por uma pesada viga. Ele jogou seu ombro contra ela e empurrou-a com toda a força do seu ser. Mas a viga venceu os esforços dele.

- Saphira, preciso de você!

Ela veio imediatamente. Pedacos de madeira quebravam embaixo dos pés dela enquanto se deslocava por cima das paredes destruídas. Sem dar uma palavra, passou cautelosamente por ele e encostou o lado do seu corpo na pesada viga. Saphira enfiou as garras no que restava do piso, e seus músculos se retesaram. Com um rangido, a viga foi erguida, e Eragon entrou depressa embaixo dela. Garrow estava deitado de bruços, quase todas as suas roupas estavam rasgadas. Eragon puxou-o para fora dos destroços. Assim que eles estavam em segurança, Saphira soltou a viga, deixando-a cair no chão.

Eragon arrastou Garrow para fora da casa destruída e colocou-o com cuidado no chão. Apavorado, tocou o tio com cuidado. A pele estava acinzentada, parecendo sem vida, e ressecada como se uma febre o tivesse desidratado. Seu lábio estava partido e havia um arranhão comprido no rosto dele, mas isso não era o pior. Queimaduras profundas e irregulares cobriam a maior parte do corpo. Elas estavam esbranquiçadas e cobertas

- Esse problema foi sanado há muito tempo. Você não notou, mas atrás dos arcos abertos, que ladeiam cada andar, há uma escadaria singular, ininterrupta, que se espirala em volta da parede da câmara central de Tronjheim. A escada sobe até o abrigo para dragões acima da Isidar Mithrim. Nós a chamamos de Vol Turin, a Escadaria Sem Fim. Subir ou descer essa escada rapidamente não é apropriado para emergências e também não é conveniente para o uso casual. Em vez disso, fazemos sinais com os lampiões para transmitir mensagens. Mas também existe outro meio, embora seja usado raramente. Quando Vol Turin foi construída, uma canaleta polida foi aberta ao lado dela. Tal canaleta age como um escorrega gigante tão alto quanto a montanha.

Os lábios de Eragon se contorceram em um sorriso.

- E é perigoso?

- Nem pense em usá-lo. O escorrega foi feito para anões, é estreito demais para os homens. Se você escorregasse para fora dele, poderia ser jogado contra as escadas, contra os arcos ou, até mesmo, no espaço vazio.

Saphira pousou a poucos metros de distância, suas escamas raspavam umas nas outras secamente. Quando ela cumprimentou Eragon, humanos e anões fluíram para fora de Tronjheim, agrupando-se em volta dela, fazendo comentários interessados. Eragon observou a multidão que aumentava desordenadamente.

- É melhor você ir - disse Orik empurrando-o para a frente. - Encontre-me neste portão amanhã de manhã. Estarei esperando.

Eragon hesitou.

- Como saberei que o dia amanheceu?

- Mandarei alguém acordá-lo. Agora, vá! - Sem protestar, Eragon espremeu-se, atravessando o grupo de pessoas que se acotovelavam e cercavam Saphira, e montou nas suas costas.

Antes que ela pudesse decolar, uma anciã deu um passo à frente e agarrou o pé de Eragon com um apertão violento. Tentou desvencilhar-se, mas a mão dela parecia uma garra de aço em volta de seu tornozelo; ele não

Eu posso ser vista.

Isso não tem mais importância!

Ela não argumentou mais, visto que deu uma guinada na direção da estrada e seguiu para o Carvahall. Garrow balançou com força embaixo deles. Só as delgadas tiras de couro impediram que ele caísse.

O peso extra deixou Saphira mais lenta. Logo, a cabeça se curvava e havia espuma em sua boca. Lutou para continuar, mas eles ainda estavam a quase cinco quilômetros do Carvahall quando fechou as asas e mergulhou na direção da estrada.

As patas traseiras tocaram o chão, produzindo uma chuva de neve.

Eragon caiu de cima dela, de lado, pesadamente para evitar machucar ainda mais as pernas. Fez um grande esforço para ficar em pé e foi desamarrar as tiras de couro das patas de Saphira. A forte respiração ofegante do dragão enchia o ar.

Ache um lugar seguro para descansar, - disse ele. - Não sei por quanto tempo ficarei longe, então você terá de se cuidar por um tempo.

Eu esperarei, - disse ela.

Ele cerrou os dentes e começou a arrastar Garrow pela estrada. Os primeiros passos provocaram uma explosão de agonia pelo seu corpo.

- Não consigo fazer isso! - berrou ele para o alto e depois deu mais alguns passos. Fechou a boca com um rosnado. Eragon olhava para o chão entre seus pés enquanto se forçava a manter um passo constante. Foi uma luta contra seu corpo debilitado, uma luta que ele se recusava a perder. Os minutos arrastavam-se em uma velocidade agonizante. Cada metro vencido parecia ser muitas vezes maior. Ansioso imaginava se Carvahall ainda existia ou se os estranhos também a tinham incendiado. Depois de um tempo, em meio a uma onda de dor, ouviu gritos e olhou para cima.

Brom corria em sua direção, de olhos arregalados, cabelos despenteados e com um lado da cabeça repleto de sangue seco. Agitava os braços freneticamente antes de largar seu cajado e agarrar os braços de Eragon,

- Este é o símbolo do meu clã. Nós somos os Ingietum, ferreiros e mestres na forja de metais. O martelo e as estrelas estão incrustados no chão de Tronjheim porque eram a insígnia pessoal de Korgan, nosso patriarca. Um clã para governar, com mais doze à sua volta. O rei Hrothgar também é Durgrimst Ingietum e proporcionou muita glória e honra à minha casa.

Quando devolveram os pratos ao cozinheiro, passaram por um anão no corredor. Ele parou na frente de Eragon, se curvou e disse respeitosamente:

- Argetlam.

O anão deixou Eragon atrapalhado para responder, corado e com o rosto encabulado, mas também estranhamente satisfeito com tal gesto. Ninguém havia se curvado perante ele antes.

- O que ele disse? - perguntou Eragon inclinando-se para ficar mais perto de Orik.

Orik deu de ombros, sem jeito.

- É uma palavra da língua dos elfos que era usada para se referir aos Cavaleiros. Ela significa "mão prateada". - Eragon olhou de relance para sua mão enluvada, pensando na *gedwey ignasia* que embranqueceu a sua palma. - Você deseja voltar para Saphira?

- Há algum lugar onde eu possa me banhar antes? Não tenho a chance de me livrar da sujeira da estrada há muito tempo. Além disso, minha camisa está manchada de sangue, rasgada e fedendo. Eu gostaria de substituí-la, mas não tenho dinheiro para comprar uma nova. Há como eu trabalhar para poder pagar por uma camisa?

- Você pretende insultar a hospitalidade de Hrothgar, Eragon? - Inquiriu Orik. - Enquanto estiver em Tronjheim, você não terá de comprar nada. Você pagará por tudo de outra maneira, Ajihad e Hrothgar cuidarão disso. Venha. Mostrarei onde você poderá tomar um banho e, depois, pegarei uma camisa para você.

Ele desceu com Eragon uma longa escadaria até que estivessem bem abaixo de Tronjheim. Agora, os corredores eram túneis, que apertavam

VIGÍLIA DE MORTE

Sonhos perturbavam a mente de Eragon, reproduzindo-se e vivendo segundo suas próprias leis. Ele observava um grupo de pessoas, montadas em cavalos pomposos, que se aproximavam de um rio solitário. Muitas tinham cabelos prateados e portavam grandes lanças. Um navio belo e estranho esperava por elas, sob o luar. As figuras embarcaram lentamente no navio, e duas delas, mais altas do que as outras, andavam de braços dados. Seus rostos estavam encobertos por capuzes, mas ele podia distinguir que uma delas era uma mulher. Ficaram em pé no convés do navio e olharam para a terra. Um homem estava sozinho em uma praia coberta de cascalhos, o único que não embarcou no navio. Jogou a cabeça para trás e soltou um longo grito de dor. Conforme ficava mais fraco, o navio descia o rio, sem brisa ou sem a ajuda dos remos, indo em direção à terra plana e vazia. A visão ficou embaçada, mas pouco antes de desaparecer, Eragon viu de relance dois dragões no céu.

Eragon percebeu os rangidos pela primeira vez: para a frente e para trás, para a frente e para trás. O som persistente o fez abrir os olhos e ver a parte de baixo de um telhado feito com finas telhas de madeira. Um cobertor pesado estava sobre ele, escondendo sua nudez. Alguém colocou ataduras em suas pernas e um pedaço de pano limpo em volta das articulações dos seus dedos.

Ele encontrava-se em uma cabana de um cômodo. Um pilão estava em uma mesa com tigelas e plantas. Fileiras de ervas secas pendiam nas paredes e enchiam o ar com fortes aromas naturais. Chamas crepitavam dentro de uma lareira, na frente da qual estava sentada uma mulher rotunda em uma cadeira de balanço de vime - a curandeira da cidade, Gertrude. A cabeça dela estava caída para a frente; seus olhos, fechados. Um par de agulhas de tricô e uma bola de linha de lã repousavam em seu colo.

Embora sentindo-se muito enfraquecido, Eragon conseguiu sentar-se. Isso o ajudou a clarear os pensamentos.. Repassou as lembranças dos últimos dois dias. Seu primeiro pensamento foi sobre Garrow, o segundo

- Não, só há luz do sol bastante para musgos, cogumelos e fungos. Tronjheim não pode sobreviver sem os suprimentos que vêm dos vales vizinhos, razão pela qual muitos de nós escolheram viver em outros locais nas montanhas Beor.

- Então, os anões têm outras cidades?

- Não temos tantas quanto gostaríamos. E Tronjheim é a maior delas todas. - Apoiando-se em um cotovelo, Orik deu uma forte tragada em seu cachimbo. - Você viu apenas os níveis mais baixos, então não ficou evidente, porém a maior parte de Tronjheim é deserta. Quanto mais alto você subir, mais vazio ficará. Andares inteiros permanecem intocados há séculos. A maioria dos anões prefere habitar embaixo de Tronjheim e de Farthen Dur, nas cavernas e passagens que perfuram a pedra. Com o passar dos séculos, construímos, exaustivamente, túneis embaixo das montanhas Beor. É possível ir de um extremo ao outro da cordilheira sem pôr o pé na superfície.

- Parece um desperdício ter todo aquele espaço em Tronjheim sem estar sendo usado - comentou Eragon.

Orik concordou com a cabeça.

- Alguns já debateram em prol de abandonarmos este lugar devido ao seu consumo elevado dos nossos recursos, mas Tronjheim realiza um papel incomensurável.

- Qual?

- Em tempos de aflição, ela pode abrigar nossa nação inteira. Em apenas três momentos na história fomos forçados a recorrer a esse extremo, mas em todas as vezes a cidade nos salvou da destruição certa. É por isso que sempre a mantemos guardada, pronta para ser usada.

- Eu nunca vi algo tão magnífico - admitiu Eragon.

Orik sorriu pegando seu cachimbo.

- Fico feliz porque você pensa assim. Foram precisas gerações para construir Tronjheim, e nossas vidas são muito mais longas do que as dos

esse tempo todo. Espero que ela esteja bem.

- A cidade inteira quer saber o que aconteceu. Eles mandaram homens até a sua fazenda e a viram destruída. - Eragon concordou com a cabeça; “já esperava isso”. - O seu galpão foi queimado... Foi assim que Garrow se feriu?

- Eu não sei - disse Eragon. - Não estava lá quando tudo aconteceu.

- Bem, não importa. Sei que tudo vai se resolver. - Gertrude voltou a tricotar enquanto esperava a sopa ferver. - Você tem uma bela cicatriz na palma da sua mão.

Ele, por reflexo, fechou o punho.

- Tenho.

- Como você a arranjou?

Várias respostas possíveis vieram à sua mente, mas ele escolheu a mais simples:

- Eu a tenho desde que nasci. Nunca perguntei ao Garrow como ela apareceu.

- Humm. - O silêncio não foi quebrado até a sopa começar a ferver. Gertrude colocou-a em uma tigela e passou-a para Eragon, junto com uma colher. Ele aceitou-a agradecido e provou-a com cuidado. Estava deliciosa.

Quando terminou, ele perguntou:

- Posso visitar Garrow agora?

Gertrude suspirou.

- Você é um rapaz bem determinado, não é? Bem, se você quer ir de verdade, não vou impedi-lo. Vista as roupas, e nós iremos.

Ela ficou de costas enquanto ele lutava para vestir a calça, se contraindo quando a roupa se arrastava em cima das ataduras. E, depois, vestiu a camisa. Gertrude ajudou-o a ficar em pé. Suas pernas estavam fracas, mas já não doíam tanto quanto antes.

- Carne fresca e água da montanha esperam por você lá em cima - disse ele a Saphira. - Você pode ficar em qualquer uma das cavernas. Assim que fizer sua escolha, a roupa de cama será fornecida e ninguém irá perturbá-la.

- Achei que nós iríamos juntos. Não quero que fiquemos separados - protestou Eragon.

Orik voltou-se para ele.

- Cavaleiro Eragon, eu farei de tudo para acomodá-lo, mas será melhor se Saphira esperar no abrigo enquanto você se alimenta. Os túneis até os salões de refeições não são largos o bastante para que ela possa nos acompanhar.

- Por que não podem levar comida para mim lá no abrigo?

- Porque - disse Orik com uma expressão comedida - os alimentos são preparados aqui embaixo, e o caminho até lá em cima é muito longo. Se desejar, um criado poderá subir até o abrigo para levar comida para você. Vai levar algum tempo, mas assim você poderia comer junto com Saphira.

Ele falou sério, pensou Eragon surpreso com o fato de que fariam tamanho sacrifício por ele. Mas o modo como Orik falou o fez imaginar se o anão o estava testando de alguma maneira.

Estou exausta, - disse Saphira. - E parece que esse abrigo será do meu gosto. Vá, faça a sua refeição e depois me encontre onde eu estiver. Será agradável repousarmos juntos sem o temor de animais selvagens ou soldados. Sofremos as agruras da trilha durante muito tempo.

Eragon olhou pensativo para ela e disse para Orik:

- Comerei aqui embaixo. - O anão sorriu, parecendo satisfeito.

Eragon soltou a sela de Saphira para que ela pudesse deitar sem desconforto.

Você pode levar Czar'roc com você?

Posso, - disse ela segurando a espada e a sela com as garras. - *Mas fique com seu arco. Devemos confiar nessas pessoas, mas nunca a ponto de*

conseguido aquele apoio. Depois, começou a subir a escada, um doloroso passo por vez. Quando chegou ao topo, contemplou um corredor comprido pontilhado por várias portas. A última estava levemente aberta. Respirando fundo, moveu-se com dificuldade até ela.

Katrina estava ao lado de uma lareira, fervendo panos. Ela levantou o olhar, sussurrou uma condolência e voltou a trabalhar. Gertrude estava ao lado dela, moendo ervas para fazer um curativo. Um balde a seus pés continha neve que se derretia, virando água gelada.

Garrow estava deitado em uma cama, embaixo de uma pilha alta de cobertores. O suor cobria sua testa, e seus olhos agitavam-se cegamente embaixo de suas pálpebras. A pele do rosto estava contraída como a de um cadáver. Estava imóvel, salvo os suaves tremores de sua leve respiração. Eragon tocou a testa do tio com uma sensação de irreabilidade. Ela queimava contra a mão dele. Apreensivo, levantou os cobertores e viu que as várias feridas de Garrow estavam cobertas com pedaços de pano. As queimaduras das quais as ataduras estavam sendo trocadas estavam expostas ao ar. Elas não tinham começado a sarar. Eragon olhou para Gertrude com uma expressão desesperançada.

- Você não pode fazer nada acerca dessas feridas?

Ela apertou um pano dentro do balde de água gelada e, depois, colocou o pano frio em cima da cabeça de Garrow.

- Eu já tentei tudo: pomadas, cataplasmas, tinturas, mas nada adianta. Se as feridas fechassem, ele teria uma chance muito melhor. Mas, ainda assim, as coisas podem melhorar. Ele é vigoroso e forte.

Eragon chegou para o canto e se agachou no chão. As coisas não deviam ter acontecido assim! O silêncio engoliu seus pensamentos. Ele olhava admirado para a cama. Depois de um tempo, notou Katrina ajoelhada ao seu lado. Ela pôs o braço em volta dele. Como ele não respondeu, saiu envergonhada.

Algum tempo depois, a porta abriu, e Horst entrou. Ele falou baixinho com Gertrude e se aproximou de Eragon.

Orik se curvou levemente para ela.

- Minhas desculpas. Não me esquecerei disso. - Ele pegou um lampião laranja da parede e guiou-os pelo corredor.

- Há outros em Farthen Dur que podem usar magia? - perguntou Eragon se esforçando para acompanhar o passo rápido do anão. Segurou Czar'roc cuidadosamente, ocultando com o braço o símbolo na bainha.

- Apenas alguns - disse Orik dando de ombros embaixo de sua cota de malha. - E os que podem usá-la não fazem mais do que curar machucados. Todos tiveram de se juntar para salvar Arya devido à força exigida para poder curá-la.

- Com exceção dos gêmeos.

- Sim - resmungou Orik. - Ela não ia querer mesmo que eles a ajudassem. A arte deles não é para curar. Os talentos deles se resumem a tramar e a fazer planos para obterem poder, em detrimento de todos os outros. Deynor, o predecessor de Ajihad, permitiu que se juntassem aos varden porque precisava do apoio deles... ninguém pode se opor ao Império sem lançadores de encantos que possam se defender sozinhos em um campo de batalha. Eles formam um par detestável, mas, de fato, têm suas utilidades.

Eles entraram em um dos quatro túneis principais que dividiam Tronjheim. Aglomerados de anões e humanos andavam calmamente e vozes ecoavam alto no piso polido. As conversações cessaram de repente quando viram Saphira, um grande número de olhos fixou-se nela. Orik ignorou os espectadores e virou à esquerda, rumando para um dos distantes portões de Tronjheim.

- Aonde estamos indo? - perguntou Eragon.

- Para fora destes corredores, assim Saphira poderá voar até o refúgio para dragões chamado Estrela Rosa, que fica acima da Isidar Mithrim. Ele não tem teto, o pico de Tronjheim é aberto para o céu, como o de Farthen Dur, então ela, quer dizer, você, Saphira, será capaz de voar diretamente

Ouça, se houver um Espectro ou um monstro rondando por aí, precisamos saber. Você é o único que pode nos dizer.

Eragon sabia que tinha de mentir.

- Quando deixei o Carvahall... - calculou o tempo - há quatro dias, havia estranhos na cidade perguntando sobre uma pedra como a que eu achei. - Ele apontou para Horst. - Você falou comigo sobre eles e, por causa disso, voltei correndo para casa. - Todos os olhares estavam em cima dele. Ele lambeu os lábios. - Nada... Nada aconteceu naquela noite. Na manhã seguinte, terminei as minhas tarefas e fui andar na floresta. Não demorou muito, ouvi uma explosão e vi fumaça acima das árvores. Voltei correndo, o mais rápido que pude, mas seja lá quem tenha feito isso já havia ido embora. Cavei nos escombros e... Encontrei Garrow.

- Aí, você o colocou em cima da maca e o arrastou até aqui? - perguntou Albriech.

- Isso - respondeu Eragon. - Mas, antes de sair, examinei a trilha até a estrada. Havia dois pares de pegadas, eram de homem. - Ele enfiou a mão no bolso e tirou o pedaço de pano preto. - Isto estava preso na mão de Garrow. Acho que combina com as roupas que aqueles estranhos usavam. - Ele colocou o trapo na mesa.

- Combina - disse Horst. Ele parecia estar pensativo e zangado ao mesmo tempo. - E o que houve com as suas pernas? Como você as machucou?

- Não sei ao certo - respondeu Eragon, balançando a cabeça. - Acho que me machuquei quando tirei Garrow dos escombros, mas não sei. Só notei quando o sangue começou a escorrer por elas.

- Isso é horrível! - exclamou Elain.

- Nós devíamos perseguir aqueles homens - sugeriu Albriech zangado. - Eles não podem ficar impunes! Podemos alcançá-los amanhã com um par de cavalos e trazê-los de volta para cá.

- Tire essa bobagem da sua cabeça - rebateu Horst. - Eles, provavelmente, poderiam levantar você como um bebê e jogá-lo em cima

- Entendi.

- Muito bem, vocês todos podem ir. Mandem os gêmeos entrarem quando saírem.

Ao sair, Eragon curvou-se e perguntou:

- Onde posso encontrar Arya? Eu gostaria de vê-la.

- Ninguém tem permissão para visitá-la. Terá de esperar até que ela vá ao seu encontro. - Ajihad desviou o olhar para baixo, para a sua mesa, em um gesto claro de dispensa.

Baldor se virou para Eragon.

- Falarei com ele com cautela - prometeu, e seguiu Horst e Albriech para fora da cozinha.

Eragon continuou à mesa, seus olhos se concentravam em um nó na madeira. Todos os detalhes marcantes estavam bem claros para ele: as partículas retorcidas, uma saliência assimétrica, três pequenos sulcos com um resto de tinta colorida. O nó estava repleto de infinitos detalhes: quanto mais ele olhava, mais ele via. Eragon procurou respostas nele, mas se elas estavam ali, se esquivavam.

Um fraco chamado interrompeu seus pensamentos pungentes.

Parecia um grito que vinha lá de fora. Ele o ignorou. Deixe outra pessoa cuidar disso. Alguns minutos depois, ouviu o grito novamente, mais alto do que antes. Zangado, tentou ignorá-lo. Será que eles não podem fazer silêncio?

Garrow está descansando. Olhou para Elain, mas ela não parecia estar incomodada com o barulho.

ERAGON!, - o rugido foi tão forte que ele quase caiu da cadeira.

Olhou em volta, assustado, mas nada havia mudado. Percebeu, de repente, que os gritos estavam dentro de sua cabeça.

Saphira? - Perguntou ansioso.

Houve uma pausa.

Sou eu, ouvido de pedra.

Uma sensação de alívio tomou conta dele.

Onde você está?

Ela enviou-lhe uma imagem de um pequeno grupo de árvores.

Tentei fazer contato várias vezes, mas você estava fora de alcance.

Eu estava doente... Mas estou melhor agora. Por que não pude pressentir você antes?

- Então eles devem ser muito mais fortes do que aparentam. Creio que ficariam extremamente apavorados se viessem a se deparar com a fúria de um dragão. Os dois podem ser capazes de me derrotar, mas nunca Saphira. Você devia saber, o dragão de um Cavaleiro aumenta sua magia além dos níveis que um mago normal teria. Brom sempre foi mais fraco do que eu por causa disso. Acho que na ausência dos Cavaleiros, os gêmeos superestimaram seus poderes.

Ajihad ficou com uma expressão consternada.

- Brom era considerado um dos nossos mais fortes mestres de encantos. Só os elfos conseguiam superá-lo. Se o que você disse é verdade, devemos reconsiderar muitas coisas. - Ele curvou-se perante Saphira. - Seja como for, estou feliz por não ter sido necessário fazer mal a nenhum de vocês dois.

Saphira abaixou a cabeça em retorno.

Ajihad pôs-se ereto com um ar altivo e gritou:

- Orik! - O anão entrou correndo na biblioteca e ficou em pé em frente à mesa cruzando os braços. Ajihad franziu o rosto ao olhar para ele irritado. - Você me causou muitos problemas, Orik. Tive de ouvir as reclamações de um dos gêmeos a manhã toda sobre a sua insubordinação. Eles não esquecerão isso até você ser punido. Infelizmente, eles estão certos. É uma questão séria que não pode ser ignorada. Devemos prestar contas.

Os olhos de Orik brilharam em direção de Eragon, mas seu rosto não revelava nenhuma emoção. Ele falou rápido em tons grosseiros:

- Os Kull estavam quase em Kósthá-mérna. Atiravam flechas em Saphira, em Eragon e Murtagh, mas os gêmeos não fizeram nada para detê-los. Como... Sheilven, eles se recusaram a abrir os portões mesmo quando vimos Eragon gritando a senha de abertura no outro lado da cachoeira. E eles se recusaram a agir quando Eragon não emergiu no lago. Talvez eu tenha errado, mas não podia deixar um Cavaleiro morrer.

- Eu não tinha forças para poder sair da água sozinho - expressou Eragon. - Eu teria me afogado se ele não tivesse me puxado.

Ouviu-a descendo a escada. Depois, ele abriu a porta e atravessou o corredor até o quarto de Garrow. Gertrude deu-lhe um sorrisinho por cima de suas velozes agulhas de tricô.

- Como ele está? - Sussurrou Eragon.

A voz dela estava arrastada por causa do cansaço.

- Ele está fraco, mas a febre baixou um pouco, e algumas das queimaduras estão melhorando. Precisamos esperar para ver, mas isso pode significar que ele vai se recuperar.

As boas notícias melhoraram o ânimo de Eragon, e ele voltou para seu quarto. A escuridão não parecia amigável enquanto ele se ajeitava embaixo das cobertas. Finalmente, conseguiu dormir, curando as feridas que o corpo e a alma sofreram.

- Por enquanto, nada. Você percorreu mais de seiscentos quilômetros em oito dias, um feito do qual deve se orgulhar. Sei que apreciará um descanso. Quando estiver recuperado, testaremos sua competência com as armas e a magia. Depois disso, bem, explicarei suas opções, e você terá de decidir o seu rumo.

- E quanto a Murtagh? - perguntou Eragon de modo pungente.

A expressão no rosto de Ajihad endureceu. Ele pôs a mão embaixo de sua mesa e levantou Czar'roc. A bainha polida da espada brilhava sob a luz. Ajihad passou sua mão sobre ela, demorando-se sobre o selo entalhado:

- Ele ficará aqui até que permita aos gêmeos entrarem na mente dele.

- Vocês não podem prendê-lo - contestou Eragon. - Ele não cometeu crime algum!

- Não podemos conceder a liberdade a ele sem termos a certeza de que não se voltará contra nós. Inocente ou não, ele é potencialmente perigoso para nós, como o pai dele era - exclamou Ajihad com um tom de tristeza.

Eragon percebeu que Ajihad não seria convencido do contrário e que a preocupação dele era válida. - Como o senhor conseguiu reconhecer a voz dele?

- Uma vez, encontrei o pai dele - disse Ajihad brevemente. Ele deu um tapa de leve no punho de Czar'roc. - Eu queria que Brom tivesse me dito que tinha pegado a espada de Morzan. Sugiro que você não a use dentro de Farthen Dur. Muitos aqui se lembram da época de Morzan com raiva, especialmente os anões.

- Eu me lembrarei disso - prometeu Eragon.

Ajihad deu Czar'roc a ele.

- Isso me lembra: estou com o anel de Brom, o que ele enviou como confirmação de sua identidade. Eu o estava guardando para quando ele voltasse para Tronjheim. Mas como agora ele está morto, suponho que pertença a você, e acho que ele ia querer que você ficasse com o anel. - Ele abriu uma gaveta na mesa e pegou a joia.

Eragon sentiu Saphira fazendo contato, mas a ignorou e se deixou levar pelo pesar. Ele não podia aceitar que Garrow houvesse partido. Se aceitasse, não restaria mais nada em que acreditar. Apenas um mundo implacável, impiedoso, que apagava as vidas como a chama de uma vela ao vento. Frustrado e apavorado, virou seu rosto encharcado pelas lágrimas em direção ao céu e gritou:

- Que deus faria isso? Mostre-se! - Ele ouviu pessoas correndo para o quarto dele, mas nenhuma resposta veio lá de cima. - Ele não merecia isso!

Mãos confortantes tocaram-no, e ele viu que Elain estava sentada a seu lado. Ela o abraçou enquanto ele chorava e, finalmente, por pura exaustão, relutantemente, adormeceu.

Sempre que um dos navios deles zarpa, desaparece. Os anões não podem nos dar tudo ;que necessitamos, assim os varden estão precisando de suprimentos desesperadamente. Receio que temos um traidor, ou traidores entre nós, apesar dos esforços que fazemos ao examinar a mente das pessoas à procura de sinais de traição”.

Eragon refletiu profundamente sobretudo o que tinha acabado de ouvir. Ajihad esperou calmamente até que ele estivesse pronto para falar, sem se incomodar com o silêncio. Pela primeira vez desde que achou o ovo de Saphira, Eragon sentiu que entendia o que acontecia em torno dele. Pelo menos, ficou sabendo de onde Saphira tinha vindo e o que poderia haver em seu futuro.

- O que o senhor quer de mim? - perguntou ele.

- Como assim?

- Quero dizer, o que esperam de mim em Tronjheim? Vocês e os elfos têm planos para mim, mas e se eu não gostar deles? - Um tom mais duro surgiu em sua voz. - Eu lutarei quando for preciso, festejarei quando houver uma ocasião propícia, lamentarei quando houver dor e morrerei quando chegar a minha hora... Mas não deixarei que ninguém me use contra a minha vontade. - Ele fez uma pausa para deixar as palavras ganharem peso. - Os antigos Cavaleiros eram árbitros da justiça e acima de tudo os líderes de sua época. Eu não reclamo tal posição. Duvido que as pessoas aceitariam tamanha submissão, especialmente a alguém tão jovem quanto eu, depois de terem sido livres a vida toda. Mas eu realmente tenho poder e vou usá-lo como achar por bem. O que quero saber é como vocês planejam me usar. Depois, decidirei se concordarei com os seus termos.

Ajihad olhou para ele de uma maneira irônica.

- Se você fosse outra pessoa e estivesse perante outro líder, provavelmente teria sido morto devido a esse discurso insolente. O que o faz pensar que revelarei meus planos só porque você exigiu?

Eragon ficou ruborizado, mas não abaixou o olhar.

instintos dizerem o contrário? Então, você também deve se controlar. Eu pensei e refleti muito nos últimos dias e percebi o que significa ser um dragão e um Cavaleiro: o nosso destino é tentar fazer o impossível, tentar realizar grandes feitos apesar do medo. É a nossa responsabilidade quanto ao futuro.

Não importa o que você diga, essas razões não são fortes o bastante para eu partir! - Gritou Eragon.

Então, aqui vão mais outras. As minhas pegadas foram vistas, e as pessoas estão cientes da minha presença. Finalmente, eu serei exposta. Além disso, não resta mais nada aqui para você. Não há mais fazenda,família e...

Roran não morreu! - Disse ele com veemência.

Mas, se você ficar, terá de explicar o que aconteceu de verdade. Ele tem o direito de saber como e por que o pai dele morreu. O que ele fará assim que souber da minha existência?

Os argumentos de Saphira giravam na mente de Eragon, mas ele não queria pensar na ideia de deixar o vale Palancar, pois lá era seu lar.

Entretanto, o pensamento de se vingar contra os estranhos era algo extremamente confortante.

Eu sou forte o bastante para isso?

Você me tem.

A dúvida o assolava. Seria uma coisa desesperada e radical de se fazer.

O desprezo por sua indecisão aumentou, e um sorriso hostil surgiu em seus lábios. Saphira estava certa. Nada importava mais, exceto o ato em si.

Agir é o certo. E o que lhe daria mais satisfação do que caçar os estranhos?

Uma energia incrível e uma grande força começaram a crescer dentro dele, reunindo suas emoções e forjando-as em uma barra sólida de ira, com

- Nós não sabemos - respondeu Ajihad, erguendo seus ombros largos. - Nem os elfos. Só esperamos que um dia ele seja destruído por um de seus próprios feitos. - Ele enfiou a mão em seu colete e tirou melancolicamente um pedaço de pergaminho surrado. - Você sabe o que é isto? - perguntou ele, colocando o objeto na mesa.

Eragon inclinou-se para a frente e o examinou. Linhas de letras negras, escritas em uma língua estrangeira, foram redigidas à tinta sobre a página. Grandes partes dos escritos foram destruídos por manchas de sangue. Uma das pontas do pergaminho estava queimada. Ele balançou a cabeça.

- Não. Não sei.

- Isto foi retirado do líder do bando dos urgals que destruímos na noite passada. O custo disso foram doze homens, eles se sacrificaram para que você pudesse escapar em segurança. Esse idioma é uma invenção do rei, um dialeto que ele usa para se comunicar com seus servos. Levei um bom tempo, mas consegui descobrir seu significado, pelo menos onde estava legível. Está escrito:

... A sentinela em Ithro Zhâda deve permitir que o portador e seus servos passem. Eles partirão com outros da espécie deles e por... Mas somente se as duas facções abstiverem-se de lutar. O comando será dado por Tarok, por Gashz, por Durza, por Ushnark, o Poderoso.

- Ushnark é Galbatorix. Isso quer dizer "pai" na língua dos urgals, uma presunção que o agrada.

Encontrem o que eles acharem adequado para e... Os lacaios e... devem ser mantidos separados. Nenhuma arma deve ser distribuída até... Para a marcha.

- Nada mais pode ser lido além daqui, exceto por algumas palavras vagas, - disse Ajihad.

- Onde fica essa Ithro Zhâda? Nunca ouvi falar dela.

- Nem eu - confirmou Ajihad. - O que me faz suspeitar que Galbatorix renomeou um lugar que já existe para seus interesses próprios. Depois de decifrar isto, perguntei a mim mesmo o que centenas de urgals faziam perto

- Talvez o que viu o assustou tanto que não quer falar sobre isso - sugeriu Elain. - Você viu como ele estava confuso.

- Isso ainda não explica como conseguiu trazer Garrow até perto da cidade sem deixar nenhum rastro.

Saphira estava certa, pensou Eragon. É hora de partir. Muitas perguntas de muitas pessoas. Mais cedo ou mais tarde, todos descobrirão as respostas. Ele continuou a andar pela casa, ficando tenso sempre que o piso rangia.

As ruas estavam vazias, poucas pessoas saíam a essa hora do dia. Ele parou um instante e fez força para se concentrar. Não preciso de um cavalo. Saphira será a minha montaria, mas preciso de uma sela. Ela pode caçar para nós dois, então não preciso me preocupar com a comida - embora eu deva arranjar um pouco agora. E as outras coisas de que preciso acharei enterradas na nossa casa.

Ele foi até o curtume de Gedric nos arredores de Carvahall. O cheiro horrível o fez encolher-se, mas não parou e seguiu em direção a um barracão, perto de uma colina, onde as peles curadas eram guardadas. Ele pegou três peles grandes de vaca da fileira pendurada no teto. O roubo fez Eragon sentir-se culpado, mas ele ponderou: "Não é um roubo de verdade. Pagarei Gedric algum dia, e a Horst também". Eragon enrolou o couro grosso e levou-o até um aglomerado de árvores longe do vilarejo. Ele escondeu as peles entre os galhos de uma árvore e voltou para o Carvahall.

Agora, vou arranjar comida. Foi até a taverna, com a intenção de tirar comida de lá, mas depois deu um sorriso maroto e mudou de direção. Se ia roubar, que fosse de Sloan.

Entrou sorrateiramente na casa do açougueiro. A porta da frente ficava trancada sempre que Sloan não estava lá, mas a porta lateral ficava fechada com uma fina corrente, que ele conseguiu quebrar facilmente. Os cômodos lá dentro estavam escuros. Tateou cegamente até que suas mãos encontraram pilhas de carne enroladas com panos. Eragon enfiou o máximo possível de peças de carne embaixo de sua camisa, voltando correndo para a rua e, furtivamente, fechando a porta.

de Brom, os elfos ainda não sabem nada sobre você e Saphira... Sem os suprimentos enviados por eles para sustentar minhas tropas, temos nos saído mal nos últimos meses nos combates contra o Império.

"Com a volta de Arya e com a sua chegada, espero que a hostilidade da rainha diminua. O fato de você ter resgatado Arya nos ajudará muito a reconquistar a simpatia dela. Entretanto, o seu treinamento representará um problema tanto para os varden quanto para os elfos. Obviamente, Brom teve a chance de ensinar a você, mas precisamos saber quanto ele ensinou. Por essa razão, terá de ser testado para determinar a extensão das suas habilidades. Além disso, os elfos vão querer que você termine seu treinamento com eles, embora eu não tenha certeza de que haverá tempo para isso".

- Por que não? - perguntou Eragon.

- Por vários motivos. Um dos mais importantes entre eles está a notícia que você trouxe sobre os urgals - respondeu Ajihad, os olhos dele passaram por Saphira. - Entenda, Eragon, os varden estão em uma posição extremamente delicada. Por um lado, temos de atender os desejos dos elfos se os quisermos como aliados. Ao mesmo tempo, não podemos enfurecer os anões se quisermos continuar em Tronjheim...

- Mas os anões não são parte dos varden? - quis saber Eragon.

Ajihad hesitou.

- De certa forma, são. Permitem que vivamos aqui e nos dão assistência em nossa luta contra o Império, mas eles são leais apenas ao rei deles. Eu não tenho poder sobre eles exceto para o que Hrothgar me concede, e até ele freqüentemente tem problemas com os clãs dos anões. Os treze clãs são subservientes a Hrothgar, mas o chefe de cada clã detém um poder enorme. Escolhem o novo rei dos anões quando o antigo rei morre. Hrothgar simpatiza com nossa causa, mas muitos dos chefes, não. Ele não pode irritá-los desnecessariamente ou perderá o apoio do seu povo. Então, as ações dele em nosso benefício têm sido severamente limitadas.

- Esses chefes dos clãs - disse Eragon -, eles também estão contra mim?

- Não brinque comigo. Sei de onde vem aquela marca na sua mão, a *gedwey ignasia*, a palma brilhante: você tocou um dragão recém-nascido. Sei por que você me procurou para fazer todas aquelas perguntas e sei, mais uma vez, que os Cavaleiros vivem.

Eragon soltou o couro e a carne. "Finalmente, aconteceu... Eu preciso fugir! Não posso correr mais do que ele com as pernas machucadas, mas se..."

Saphira! Gritou.

Durante alguns segundos agonizantes, ela não respondeu, mas depois:

Sim.

Nós fomos descobertos! Preciso de você! - Ele enviou-lhe uma imagem de onde estava, e ela decolou imediatamente. Agora, ele tinha apenas de se livrar de Brom.

- Como você descobriu? - perguntou Eragon com uma voz cavernosa.

Brom olhou para o horizonte e mexeu os lábios sem produzir som algum, como se estivesse falando com outra pessoa. Depois, ele disse:

- Havia pistas e detalhes por toda parte. Eu só tive de prestar atenção. Qualquer um com o conhecimento apropriado teria feito o mesmo. Diga, como está o seu dragão?

- Ela está bem - disse Eragon. - Nós não estávamos na fazenda quando os estranhos chegaram.

- Ah, as suas pernas. Você estava voando?

"Como Brom deduziu? E se os estranhos o tivessem forçado a fazer isso? Talvez eles queiram que Brom descubra aonde estou indo, para preparar uma emboscada. E onde está Saphira?" Ele a procurou com a mente e achou-a circulando no alto, acima deles. *Venha!*

Não, esperarei a hora certa.

Por quê?

os portadores veriam se ele eclodiria para alguém. Caso isso não acontecesse, os portadores do ovo partiriam e voltariam para o outro grupo. Mas, se o dragão realmente nascesse, o treinamento do novo Cavaleiro começaria imediatamente. Durante o primeiro ano ou um pouco mais, ele ou ela seria instruído aqui por Brom. Depois, o Cavaleiro seria levado para os elfos, que terminariam sua educação”.

"Relutantes, os elfos aceitaram esse plano... com a condição de que se Brom morresse antes que o dragão nascesse, eles seriam livres para treinar o novo Cavaleiro sem nenhuma interferência. O acordo foi feito favorecendo-os, pois nós dois sabíamos que o dragão provavelmente escolheria um elfo, mas ele proveu uma necessidade urgente de aparente Igualdade.”

Ajihad fez uma pausa, seus olhos expressivos ficaram melancólicos. Sombras apareceram embaixo de suas maçãs do rosto, destacando-as.

- Esperava-se que esse novo Cavaleiro aproximasse nossas duas raças. Aguardamos por muito mais de uma década, mas o ovo não eclodia. A questão deixou nossas mentes e raramente falávamos sobre ela, exceto para lamentar a inatividade do ovo”.

"Então, no ano passado, sofremos uma tremenda perda. Arya e o ovo desapareceram quando ela voltava para Tronjheim de Osilon, a cidade dos elfos. Eles foram os primeiros a perceber que ela estava desaparecida. Também encontraram o cavalo dela e alguns guardas mortos em Du Weldenvarden, além de alguns urgals mortos perto dali. Mas nem Arya nem o ovo estavam lá. Quando essa notícia chegou a mim, temi que os urgals estivessem com eles dois e que logo descobrissem a localização de Farthen Dur e da capital dos elfos, Ellesméra, onde a rainha deles, Islanzadi, vive. Agora entendo que eles estavam trabalhando para o Império, o que é bem pior. “Não saberemos exatamente o que aconteceu naquele ataque até Arya acordar, mas deduzi alguns detalhes pelo que você contou”.

O colete de Ajihad fez um leve barulho de seda roçando quando ele apoiou os cotovelos na mesa.

deixar as suspeitas de lado por hora.

- Eu não preciso de ajuda - disse Eragon e acrescentou rudemente: - Mas você pode vir.

- Então, é melhor irmos logo - disse Brom. Seu rosto ficou imóvel por um momento. - Acho que o seu dragão vai ouvi-lo de novo.

Saphira? - Perguntou Eragon.

Fale.

Ele resistiu à ânsia de interrogá-la.

Você pode nos encontrar na fazenda?

Posso. Vocês chegaram a um acordo?

Acho que chegamos. - Ela interrompeu o contato e voou para longe.

Eragon olhou para o Carvahall e viu pessoas correndo de casa em casa.

- Acho que estão procurando por mim.

Brom levantou uma sobrancelha.

- Provavelmente. Vamos?

Eragon hesitou.

- Eu gostaria de deixar uma mensagem para Roran. Não parece certo fugir sem contar a ele o motivo.

- Já cuidei disso - tranquilizou-o Brom. - Deixei uma carta para ele com Gertrude, explicando algumas coisas. Também tive o cuidado de alertá-lo quanto a certos perigos. Isso será satisfatório?

Eragon concordou com a cabeça. Enrolou a carne com o couro e começou a andar. Tiveram o cuidado de ficar fora de vista até chegarem à estrada, depois apertaram o passo, ansiosos para se distanciarem do Carvahall. Eragon avançava determinado, suas pernas queimavam. O ritmo acelerado da caminhada liberou sua mente para pensar. Assim que chegarmos em casa, não darei, mais um passo com Brom até obter algumas

Eragon fez que sim com a cabeça.

- Era alto, magro, muito pálido e com cabelos e olhos vermelhos. Ele estava vestido de preto.

- E quanto à espada dele? Você viu? - perguntou Ajihad energicamente.
- Havia um arranhão longo na lâmina?

- Havia - respondeu Eragon surpreso. - Como sabia?

- Porque fui eu que o coloquei lá quando tentava arrancar o coração dele
- Ajihad disse com um sorriso macabro. - O nome dele é Durza, um dos inimigos mais cruéis e astuciosos que já passaram por essas terras. Ele é o servo perfeito para Galbatorix e um perigoso inimigo para nós. Você disse que o mataram. Como foi?

Eragon se lembrava de tudo claramente.

- Murtagh o atingiu duas vezes. A primeira flecha acertou-o no ombro, a segunda, bem no meio dos olhos.

- Eu temia isso - disse Ajihad, franzindo o rosto. - Vocês não o mataram. Espectros só podem ser destruídos com um golpe certo no coração. Qualquer coisa que não seja isso faz que eles sumam e apareçam em outro lugar na forma de espírito. É um processo doloroso, mas Durza sobreviverá e voltará mais forte do que nunca.

Um silêncio deprimente pairou sobre eles como uma profetizante nuvem de trovão! Depois, Ajihad afirmou:

- Você é um enigma, Eragon, um dilema que ninguém sabe como resolver. Todos sabem o que os varden querem, ou os urgals ou até mesmo Galbatorix. Mas ninguém sabe o que você quer. E isso o torna mais perigoso, especialmente para Galbatorix. Ele teme você porque não sabe o que você fará a seguir.

- Os varden me temem? - perguntou Eragon baixinho.

- Não - respondeu Ajihad com cuidado. - Nós temos esperança. Mas se isso se provar falso, aí sim, nós teremos medo. - Eragon olhou para baixo. - Você precisa entender a natureza incomum da sua posição. Há facções que

Não é a mesma coisa. - Ela se aproximou e virou sua cabeça comprida para poder examinar Brom com um grande olho azul. *Vocês, realmente, são criaturas esquisitas,* - disse de modo crítico e continuou a olhar para ele.

Brom ficou imóvel enquanto ela farejava o ar e, depois, estendeu a mão a ela. Saphira abaixou a cabeça lentamente e deixou que ele tocasse a sua testa. Soltando um bufo, ela pulou para trás e se escondeu atrás de Eragon. A cauda abanava no chão.

O que foi? - Perguntou Eragon, mas ela não respondeu. Brom virou-se para ele e perguntou em voz baixa:

- Qual é o nome dela?

- Saphira. - Uma expressão peculiar se formou no rosto de Brom.

Ele bateu com a ponta do seu cajado no chão com tanta força que as juntas dos seus dedos ficaram brancas.

- De todos os nomes que você me deu, esse foi o único que ela gostou. E acho que era apropriado para ela - acrescentou Eragon rapidamente.

- De fato - aquiesceu Brom. Havia algo na voz dele que Eragon não conseguiu identificar. Será que era perda, admiração, medo, inveja? Ele não tinha certeza, poderia ser tudo isso ou nada disso. Brom elevou o tom da voz e disse:

- Saudações, Saphira. É uma honra conhecê-la. - Ele fez um trejeito estranho com a mão e se curvou.

Eu gosto dele, - disse Saphira baixinho.

É claro que gosta, todo mundo gosta de ser bajulado. - Eragon tocou-a no ombro e foi para a casa em ruínas. Saphira foi atrás dele com Brom. O velho estava com uma aparência vibrante, viva.

Eragon entrou na casa e arrastou-se por baixo da porta, atrás da qual estavam os restos do seu quarto. Ele mal o reconheceu sob as pilhas de madeira quebrada. Guiado pela memória, procurou no lugar onde ficava uma parede interna e achou a sua saca vazia. Parte da armação estava quebrada, mas o dano podia ser reparado facilmente. Ele continuou a

- Quero todos fora deste local, com exceção de Eragon e Saphira. Agora!

Curvando-se, os gêmeos saíram, mas Orik disse:

- Senhor, o rei vai querer saber de Murtagh. E ainda há a questão da minha insubordinação...

Ajihad franziu o rosto e, depois, fez um gesto com a mão.

- Eu mesmo falarei com Hrothgar. Quanto aos seus atos... espere do lado de fora até eu chamá-lo. E não deixe os gêmeos irem embora. Eu também ainda não terminei o que tenho de tratar com eles.

- Perfeitamente - disse Orik, inclinando a cabeça. Ele fechou a porta com um baque sólido.

Depois de um longo silêncio, Ajihad sentou-se dando um suspiro de cansaço. Passou uma das mãos no rosto e olhou fixamente para o teto. Eragon esperou impacientemente até que ele falasse. Como nada acontecia, ele disse de repente:

- Arya está bem?

Ajihad baixou o olhar em direção a ele e disse seriamente:

- Não... mas os curandeiros me disseram que ela vai se recuperar. Eles cuidaram dela durante a noite toda. O veneno a debilitou terrivelmente. Ela não teria sobrevivido se não fosse por você. Por causa disso, você tem os agradecimentos mais sinceros dos varden.

Os ombros de Eragon caíram aliviados. Pela primeira vez, ele achou que o esforço do voo deles em Gil'ead tinha valido a pena.

- Então, e agora? - perguntou ele.

- Preciso que você me conte como achou Saphira e tudo que aconteceu desde então - disse Ajihad, formando uma torre com os dedos. - Já sei alguns detalhes por causa da mensagem que Brom nos mandou, e os gêmeos me contaram outras partes. Mas quero ouvir de você, especialmente os detalhes sobre a morte de Brom.

- Não. Eu o achei quando nos mudamos para cá. Levei uma semana para chegar até o centro e outra para retirar todos os galhos mortos. - Saphira pousou ao lado deles e dobrou as asas, tendo o cuidado de evitar os espinhos. Ela se enroscou, quebrando galhos finos com suas escamas duras, e descansou a cabeça no chão. Seus olhos misteriosos os observavam atentamente.

Brom inclinou-se sobre o seu cajado e fixou o olhar nela. Seu escrutínio deixou Eragon nervoso.

Eragon os observou até que a fome o forçou a agir. Ele fez uma fogueira, encheu uma panela com neve e a colocou em cima das chamas para derretê-la. Quando a água estava quente, cortou pedaços de carne e os jogou na panela junto com uma pitada de sal. "Não é uma refeição de primeira", pensou com raiva, "mas vai servir. Provavelmente, comerei só isso por algum tempo, então é melhor ir me acostumando".

O cozido fervia em fogo brando silenciosamente, soltando um rico aroma na clareira. A ponta da língua de Saphira saiu de sua boca e provou o ar. Quando a carne estava macia, Brom se aproximou, e Eragon serviu a comida. Eles comeram em silêncio, evitando cruzar os olhares. Depois, Brom pegou o cachimbo e acendeu-o vagarosamente.

- Por que você quer viajar comigo? - perguntou Eragon.

Uma nuvem de fumaça saiu dos lábios de Brom e subiu em espiral através das árvores até desaparecer.

- Tenho interesse pessoal em mantê-lo vivo - disse.

- Como assim? - exigiu uma resposta Eragon.

- Falando diretamente, sou um contador de histórias e acho que você dará uma boa história. Você é o primeiro Cavaleiro a existir fora do controle do rei em mais de cem anos. O que acontecerá? Você perecerá como um mártir? Você se juntará aos varden? Ou matará o rei Galbatorix? São perguntas fascinantes. E estarei presente para ver todos os detalhes, não importa o que eu tenha de fazer.

disso?

Os gêmeos curvaram a cabeça.

- Descobrimos o nome dele na mente de Eragon, mas não suspeitávamos que este garoto era filho de alguém tão poderoso quanto Morzan. Nunca nos ocorreu...

- E vocês não me disseram nada? - perguntou Ajihad. Ele ergueu uma das mãos, interrompendo a explicação deles. - Falaremos sobre isso depois. - Virou-se para Murtagh de novo. - Primeiro, preciso resolver essa confusão. Você ainda se recusa a ser examinado?

- Eu me recuso - respondeu Murtagh de modo direto, voltando a vestir sua túnica. - Não deixarei que ninguém entre na minha mente.

Ajihad se apoiou em sua mesa.

- Haverá consequências desagradáveis se você não deixar. Até os gêmeos garantirem que você não é uma ameaça, não podemos lhe dar credibilidade, apesar, e talvez por causa, da assistência que você deu a Eragon. Sem essa verificação, as pessoas daqui, anões e humanos, vão fazê-lo em pedaços se souberem da sua presença. Serei forçado a confiná-lo o tempo todo, tanto para a sua proteção quanto para a nossa. E a situação só vai piorar quando Hrothgar, rei dos anões, exigir a sua custódia. Não se coloque em uma situação que pode ser resolvida facilmente.

Murtagh balançou a cabeça com teimosia.

- Não... E mesmo que me submetesse, eu ainda continuaria sendo tratado como um leproso e um excluído. O meu único desejo é partir. Se você me deixar fazer isso pacificamente, nunca revelarei a localização de vocês para o Império.

- O que acontecerá se você for preso e levado para Galbatorix? perguntou Ajihad. - Ele arrancará todos os segredos da sua mente, não importa a força que você tenha. Mesmo que você consiga resistir, qual é a certeza que temos de que não se juntará a ele no futuro? Não posso correr esse risco.

- Uma vez, essa espada já foi de um Cavaleiro - disse Brom sério. - Quando um Cavaleiro terminava o seu treinamento, os elfos o presenteavam com uma espada. Os métodos do forjamento continuam sendo segredo. Portanto, as espadas deles são eternamente afiadas e nunca enferrujam. O costume era que a cor da lâmina combinasse com a cor do dragão do Cavaleiro, mas acho que podemos fazer uma exceção neste caso. O nome dessa espada é Czar'roc. Não sei o que significa. Talvez, algo pessoal para o Cavaleiro que a possuía. - Ele observou Eragon brandindo a espada.

- Onde a conseguiu? - quis saber Eragon. Ele, relutantemente, voltou a colocar a espada na bainha e tentou entregar a arma, mas Brom não fez nenhum movimento para pegá-la.

- Não importa - respondeu Brom. - Apenas direi que tive de passar por uma série de aventuras perigosas e desagradáveis para obtê-la. Considere-a sua. Você tem mais direito de reclamá-la do que eu e, antes de tudo, acho que precisará dela.

A oferta pegou Eragon desprevenido.

- É um presente magnífico. Obrigado. - Sem saber mais o que dizer, ele correu a mão pela bainha. - Que símbolo é este? - perguntou Eragon.

- Essa era a insígnia do Cavaleiro. - Eragon tentou interromper, mas Brom olhou fixamente para ele até que ficasse em silêncio. - Bem, se você realmente quer saber, qualquer pessoa pode aprender a falar com um dragão se tiver o treinamento apropriado. E - ele ergueu um dedo para dar ênfase - aprender somente não significa nada. Eu sei mais sobre dragões e sobre suas habilidades do que quase qualquer outra pessoa viva. Sozinho, você poderia levar anos para aprender o que tenho para lhe ensinar. Ofereço o meu conhecimento como um atalho. E quanto a como eu sei tantas coisas, guardarei isso para mim.

Saphira levantou-se quando Brom acabou de falar e foi zanzando até Eragon, que desembainhou a espada e mostrou-lhe a lâmina.

A espada tem poder, - disse Saphira, tocando a ponta da arma com o nariz. A cor iridescente do metal ondulou como água ao encostar nas

AJIHAD

Eragon entrou em uma elegante biblioteca de dois andares cujas paredes estavam cobertas por prateleiras de cedro. Uma escadaria de ferro fundido se contorcia até chegar a uma pequena plataforma elevada com duas cadeiras e uma mesa para leitura. Lâmpioes brancos pendiam nas paredes e no teto, de modo que se podia ler um livro em qualquer ponto do aposento. O piso de pedra estava coberto por uma intrincada tapeçaria oval. No lado oposto do cômodo, havia um homem em pé atrás de uma mesa de nogueira.

A sua pele resplandecia a cor de ébano oleado. A cabeça era completamente raspada, mas uma barba preta muito bem aparada cobria seu queixo e lábio superior. Traços fortes sombreavam o rosto, e seus olhos sérios e inteligentes espreitavam embaixo de suas sobrancelhas. Os ombros eram largos e fortes, enfatizados por um colete vermelho bordado com fios dourados, que estava por cima de uma camisa cor de púrpura. Ele se portava com grande dignidade, passando um intenso ar de comando.

Quando ele falou, sua voz era forte e confiante:

- Bem-vindos a Tronjheim, Eragon e Saphira. Eu sou Ajihad. Por favor, sentem-se.

Eragon ajeitou-se em uma poltrona perto de Murtagh, enquanto Saphira se acomodou de modo protetor atrás deles. Ajihad ergueu a mão e estalou os dedos. Um homem saiu de trás da escada. Era idêntico ao homem calvo que estava ao lado dele. Eragon olhou admirado para os dois e Murtagh ficou tenso.

- A confusão de vocês é compreensível, eles são irmãos gêmeos - disse Ajihad com um pequeno sorriso. - Eu lhes diria os nomes deles, mas eles não os têm.

Saphira sibilou com aversão. Ajihad a observou por um momento, depois sentou-se em uma cadeira de encosto alto atrás da mesa. Os gêmeos se retraíram para trás da escada e ficaram em pé, impassíveis, lado a lado. Ajihad pressionava os dedos, uns contra os outros, enquanto olhava

isso não possa detê-los se estiverem determinados. Nunca cometa o erro de subestimar um ra'zac, pois eles são espertos e cheios de golpes baixos”.

- Quantos deles existem? - perguntou Eragon imaginando como Brom poderia saber tantas coisas.

- Pelo que sei, somente os dois que você viu. Pode haver mais, porém nunca ouvi falar deles. Talvez sejam os últimos de uma raça em extinção. Sabe, eles são os caçadores de dragões pessoais do rei. Sempre que chegam a Galbatorix boatos de que há um dragão à solta, ele manda os ra'zac para investigar. Geralmente, um rastro de morte os segue. - Brom soprou uma série de anéis de fumaça e observou-os flutuar para cima, entre os arbustos. Eragon ignorou os anéis até notar que eles mudavam de cor e que corriam de um lado para o outro. Brom piscou o olho de modo maroto.

Eragon estava certo de que ninguém havia visto Saphira, então como Galbatorix poderia saber da existência dela? Quando ele expressou as suas objeções, Brom disse:

- Você está certo, parece pouco provável que alguém de Carvahall tenha informado o rei. Por que você não me conta onde achou o ovo e como criou Saphira? Isso pode ajudar a esclarecer a questão.

Eragon hesitou, mas contou todos os eventos desde que havia encontrado o ovo na Espinha. Era maravilhoso poder, enfim, confidenciar aquilo tudo a alguém. Brom fez algumas perguntas, mas ouviu atentamente na maior parte do tempo. O sol estava para se pôr quando Eragon terminou de contar sua história. Os dois estavam em silêncio quando as nuvens começaram a ganhar uma coloração suave cor-de-rosa. Eragon, finalmente, quebrou o silêncio:

- Eu só queria saber de onde ela veio. Mas Saphira não lembra.

Brom ergueu a cabeça.

- Não sei... Você esclareceu muitas coisas para mim. Tenho certeza de que ninguém além de nós dois viu Saphira. Os ra'zac devem ter um informante fora deste vale, alguém que, provavelmente, deve estar morto.

metros acima, estreitando-se conforme se elevava. As paredes eram orladas por arcos, uma carreira para cada nível da cidade-montanha, e o piso era feito de cornalina polida, sobre a qual estava entalhado um martelo rodeado por doze pentágonos prateados, como no capacete de Orik.

O salão era um ponto de conexão para quatro corredores, incluindo o corredor de onde eles tinham saído, que dividia Tronjheim em quatro partes. Os corredores eram idênticos, exceto pelo que estava na frente de Eragon. À direita e à esquerda daquele corredor, havia arcos altos que davam para escadas descendentes, que espelhavam umas as outras quando faziam a curva em direção ao subsolo.

O teto era coroado por uma monstruosa estrela de safira avermelhada. A joia tinha uns dezoito metros de diâmetro e sua espessura atingia quase essa medida. A sua superfície foi entalhada de modo a lembrar uma rosa desabrochada. O entalhe foi tão bem-feito que a flor quase parecia real. Uma profusão de lampiões envolvia a extremidade da pedra, que projetava faixas estriadas de uma luz avermelhada sobre tudo abaixo. Os raios brilhantes da estrela dentro da pedra davam a impressão de que um olho gigante pairava sobre eles.

Eragon podia apenas olhar admirado. Nada o havia preparado para isso. Parecia impossível Tronjheim ter sido construída por seres mortais. A cidade-montanha deixava para trás tudo o que ele já havia visto no Império. Duvidava que até mesmo Uru'baen pudesse igualar a riqueza e a grandiosidade que era exibida ali. Tronjheim era um monumento estonteante ao poder e à perseverança dos anões.

O homem calvo foi andando para a frente de Saphira e disse:

- Agora, vocês devem seguir a pé a partir daqui. - Ouviu-se algumas vaias espalhadas na multidão enquanto ele falava. Um anão levou Tornac e Fogo na Neve. Eragon desmontou de Saphira, mas ficou ao lado dela enquanto o homem calvo guiava-os pelo piso de cornalina para o corredor do lado direito.

Eles o seguiram durante algumas centenas de metros até chegarem a um corredor menor. Os guardas não se afastaram apesar do espaço reduzido.

- Acho que já deixei bem claro que não falaria sobre isso.

- Meu tio está morto por causa disso. Morto! - exclamou Eragon, fazendo um movimento brusco com a mão. - Só confiei em você até agora porque Saphira o respeita, só isso! Você não é aquela pessoa que vi em Carvahall durante todos esses anos. Explique-se!

Durante um longo tempo, Brom olhou fixamente para a fumaça que serpenteava entre eles, rugas profundas marcavam sua testa. Quando se mexeu, foi para dar apenas outra tragada. Finalmente, ele disse:

- Provavelmente, você não deve ter pensado nisso, mas passei a maior parte da minha vida fora do vale Palancar. Foi apenas no Carvahall que adotei o status de contador de histórias. Já desempenhei vários papéis para muitas pessoas diferentes, tenho um passado complicado. Foi, em parte, por causa do desejo de fugir dele que vim para cá. Então, não sou o homem que você pensa que sou.

- Ah! - disparou Eragon. - Então, quem você é?

Brom sorriu gentilmente.

- Sou a pessoa que está aqui para ajudá-lo. Não despreze essas palavras, são as mais verdadeiras que já falei. Mas não responderei às suas perguntas. Por enquanto, você não precisa conhecer a minha história e, além disso, ainda não fez nada para merecer esse direito. Sim, tenho certos conhecimentos que Brom, o contador de histórias, nunca teria, mas sou mais do que ele. Você terá de aprender a viver com o fato de que eu não revelo detalhes da minha vida a qualquer um que pergunte!

Eragon ficou olhando fixamente para ele.

- Vou dormir - disse, deixando o fogo.

Brom não pareceu surpreso, mas havia tristeza em seus olhos. Esticou sua manta ao lado da fogueira enquanto Eragon se deitava ao lado de Saphira. Um silêncio frio pairou sobre o acampamento.

- Muito bem - disse o homem calvo atrás dele. - Agora, comece a andar.

Aliviado, Eragon sentou-se ereto na sela e, brincando, perguntou a Saphira:

Vamos? - Ela arqueou o pescoço e andou para a frente. Quando passaram pela primeira carreira de pessoas, ela olhou de relance para os dois lados e exalou uma nuvem de fumaça. A multidão ficou em silêncio e retraiu-se, depois, recomeçou a aclamá-lo, o entusiasmo deles só fez aumentar.

Exibicionista, - censurou Eragon. Saphira abanou a cauda e o ignorou. Ele olhava curiosamente a multidão que se acotovelava enquanto avançava pelo caminho. Os anões estavam em um número muito maior do que os humanos... E muitos deles olhavam para Eragon com um ar ressentido. Alguns chegaram até a virar as costas para ele com o rosto fechado.

Os humanos eram pessoas duras e robustas. Todos os homens usavam adagas ou facas na cintura, muitos estavam armados como se fossem para a guerra. As mulheres tinham uma postura orgulhosa, mas pareciam esconder uma profunda fadiga. As poucas crianças e bebês olhavam admirados para Eragon com olhos arregalados. Ele tinha certeza de que essas pessoas enfrentaram muitos períodos difíceis e que fariam o que fosse necessário para se defender.

Os varden acharam um esconderijo perfeito. As paredes de Farthen Dur eram altas demais para serem sobrevoadas por um dragão e nenhum exército poderia ter acesso ao interior da cratera, mesmo que conseguisse encontrar as portas escondidas.

A multidão os acompanhava de perto, dando bastante espaço a Saphira. Gradualmente, as pessoas foram se acalmando, embora a atenção de todos permanecesse em Eragon. Ele olhou para trás e viu Murtagh cavalcando tenso na sela, o rosto dele estava pálido.

Eles se aproximaram da cidade-montanha, e Eragon viu que o mármore branco de Tronjheim era altamente polido e talhado, repleto de contornos, como se já tivesse sido moldado no local. A cidade era pontilhada por incontáveis janelas redondas adornadas com entalhes muito elaborados. Um

Com a permissão de Saphira, Brom mediu o pescoço e o peito dela.

Depois, cortou cinco pedaços de couro e fez, mais ou menos, uma dúzia de marcações nas peles. Após terem sido cortados, fez várias tiras compridas do que restou.

Brom usou as tiras para costurar tudo, mas ele tinha de fazer dois buracos no couro para cada ponto. Eragon ajudou-o com essa tarefa. Nós complicados eram usados em vez de fivelas, e cada peça da sela era feita bem maior para acompanhar o crescimento de Saphira nos meses seguintes.

A parte principal da sela foi feita com três pedaços idênticos, costurados com um pouco de enchimento entre eles. Na frente, havia uma presilha grossa, que se encaixava confortavelmente em volta de uma das escamas do pescoço de Saphira, enquanto os pedaços costurados dos lados cobriam a barriga e eram amarrados embaixo. Em vez de estribos, havia uma série de laços que desciam pelos dois lados. Apertados, manteriam as pernas de Eragon no lugar. Uma longa tira foi feita para passar entre as patas dianteiras de Saphira, dividida em duas, e fazia a volta por trás dessas mesmas patas, voltando a se unir à sela.

Enquanto Brom trabalhava, Eragon consertava a sua saca e organizava os suprimentos. O dia terminou perto da hora em que completaram as suas tarefas. Cansado por causa do trabalho, Brom colocou a sela em Saphira e viu se servia. Ele fez pequenos ajustes e depois, satisfeito, tirou-a.

- Você fez um belo trabalho - Eragon reconheceu com má vontade. Brom inclinou a cabeça.

- Tentei fazer o melhor. A sela deve servi-lo bem. O couro era bem forte.

Você não vai experimentar? - Perguntou Saphira.

Amanhã, talvez, - respondeu Eragon, guardando a sela com seus cobertores. Está muito tarde agora. Na verdade, não estava com vontade de voar de novo, ainda mais depois do resultado desastroso da última tentativa.

O jantar foi feito rapidamente. Estava gostoso, embora fosse simples. Enquanto comiam, Brom olhou para Eragon, por cima da fogueira, e

Suas escamas brilhavam sob a luz, produzindo efeitos cintilantes que dançavam nas pilastras. Eragon respirou fundo para aplacar sua ansiedade.

Sem dar nenhum aviso, as portas abriram-se para fora, apoiadas em dobradiças ocultas. Conforme o vão se abria entre eles, raios de luz solar entravam no túnel, caindo em Saphira e em Eragon. Temporariamente cego, Eragon piscou e apertou os olhos. Quando sua visão se ajustou à luz, ele ficou surpreso.

Eles estavam dentro de uma gigantesca cratera de vulcão. Suas paredes estreitavam-se até uma pequena abertura irregular tão alta que Eragon não podia determinar a distância que ela estava - devia estar a mais de dezenove mil metros de altura. Um suave raio de luz entrava pela abertura, iluminando o centro da cratera, embora deixasse o restante do espaço cavernoso envolvido em um crepúsculo abafado.

A extremidade oposta da cratera, com um azul nebuloso ao fundo, parecia estar a uns dezesseis quilômetros de distância. Estalactites gigantescas, com centenas de metros de largura e milhares de metros de comprimento, pendiam quilômetros acima deles como brilhantes adagas gigantes. Eragon sabia por experiência própria que ninguém, nem mesmo Saphira, podia chegar até aqueles cumes altíssimos. Bem abaixo, nas paredes internas da cratera, havia tapetes escuros de musgo e líquen que cobriam a rocha.

Ele abaixou o olhar e viu um caminho largo feito com paralelepípedos que se iniciava na soleira das portas. O caminho ia direto para o centro da cratera, onde terminava na base de uma montanha branca como a neve, que brilhava como uma pedra preciosa que ainda não havia sido cortada, produzindo uma explosão de cores. Ela tinha menos de um décimo da altura da cratera que pairava acima e em volta dela, mas sua aparência diminuta era enganadora, pois tinha uns mil e quinhentos metros de altura.

Por mais extenso que fosse, o túnel os fez atravessar apenas um dos lados da parede da cratera. Enquanto Eragon olhava admirado, Orik disse com uma voz grave:

a servos dispostos a ajudá-los. Também tenha em mente que nada é mais importante para Galbatorix do que recrutar ou matar você, embora notícias sobre a sua existência talvez, ainda não tenham chegado até ele. Quanto mais você conseguir iludir um ra'zac, mais desesperado ele ficará. Ele saberá que, a cada dia, você ficará mais forte e que cada momento dará a você uma chance de se juntar aos inimigos dele. Você deve tomar muito cuidado, pois pode, rapidamente, deixar de ser o caçador para virar a caça.

Eragon ficou perplexo com as palavras fortes. Pensativo, ele rolava um graveto entre os dedos.

- Chega de conversa - cortou Brom. - Já está tarde e meus ossos estão doendo. Podemos conversar mais amanhã. - Eragon concordou com a cabeça e arrumou a fogueira para que ela queimasse por mais tempo e de modo mais lento.

portões, ocasionalmente, maculavam as paredes lisas, mas sempre estavam fechados.

Eragon olhava maravilhado o imenso tamanho do túnel, que havia sido perfurado com uma habilidade incrível - as paredes, o piso e o teto foram talhados com precisão milimétrica. Os ângulos nas bases das paredes eram perfeitamente simétricos, e pelo que ele pôde notar, o túnel em si não variava em seu curso nem por um centímetro.

Conforme avançavam, a expectativa de Eragon quanto ao encontro com Ajihad aumentava. O líder dos varden era uma figura sombria para as pessoas de dentro do Império. Ele havia subido ao poder há quase vinte anos e desde então travava uma guerra ferrenha contra o rei Galbatorix. Ninguém sabia de onde ele tinha vindo ou como se parecia.

Falava-se que ele era um exímio estrategista, um guerreiro brutal. Com tal reputação, Eragon se preocupava com o modo que seriam recebidos. Contudo, saber que Brom confiava nos varden o bastante para tê-los servido ajudava a aplacar seu medo.

Ver Orík novamente levantou novas perguntas em sua mente. O túnel era obviamente trabalho dos anões - ninguém era tão hábil na arte da mineração -, mas será que os anões também faziam parte dos varden? Ou será que meramente davam abrigo a eles? E qual era o rei que Orík mencionou? Será que era Ajihad? Eragon entendeu naquele momento que os varden conseguiram evitar que fossem descobertos ao se esconderem embaixo da terra, mas e quanto aos elfos? Onde eles estavam?

Durante quase uma hora, o homem calvo os guiou pelo túnel, nunca fazendo uma curva ou se desviando do caminho. “Provavelmente, já devemos ter percorrido quase cinco quilômetros”, pensou Eragon. “Talvez estejam atravessando a montanha conosco!” Finalmente, uma fraca luz branca tornou-se visível à frente deles. Ele forçou os olhos, tentando discernir sua fonte, mas ainda estava longe demais para ser revelado qualquer detalhe. O brilho aumentava, ficando mais forte conforme eles se aproximavam.

- O que exatamente os dragões podem fazer? Você disse que sabia algumas coisas sobre as habilidades deles.

Brom riu. Seu anel de safira brilhava no ar enquanto ele gesticulava.

- Infelizmente, sei muito pouco comparado ao que eu gostaria de saber. As pessoas tentam responder a sua pergunta há séculos. Então, entenda que o que eu disser estará, por sua própria natureza, incompleto. Os dragões sempre foram misteriosos, embora não façam isso de propósito.

"Antes que eu possa verdadeiramente responder à sua pergunta, você precisa aprender algumas coisas básicas sobre dragões. Seria extremamente confuso começar no meio de um tópico muito complexo sem entender primeiro a base de todo esse assunto. Começarei com o ciclo de vida dos dragões. E se isso não cansar você poderemos passar para outro tópico”.

Brom explicou como os dragões acasalavam e quais eram as condições para os ovos deles eclodirem.

- Sabe - prosseguiu -, quando um dragão fêmea põe um ovo, o filhote dentro dele está pronto para nascer. Mas ele espera, às vezes durante anos, pelas circunstâncias adequadas. Quando os dragões viviam nas florestas, tais circunstâncias eram ditadas pela disponibilidade de alimento. Porém, depois que eles fizeram uma aliança com os elfos, um certo número de ovos, não mais do que um ou dois, eram dados aos Cavaleiros todos os anos. Esses ovos, ou os filhotes dentro deles, não eclodiam até que a pessoa destinada a ser o Cavaleiro ficasse diante deles, embora não seja conhecido o modo como eles pressentiam isso. As pessoas faziam filas para tocar os ovos, esperando serem escolhidas.

- Quer dizer então que Saphira poderia não ter nascido para mim?

- É bem provável, se ela não tivesse gostado de você.

Sentiu-se honrado, pois de todas as pessoas na Alagaésia, ela o escolheu. Ficou pensando em quanto tempo Saphira esperou e afligiu-se ao imaginar que ela permaneceu confinada dentro de um ovo, cercada pela escuridão.

Saphira levantou a cabeça e piscou para limpar os olhos. Ela farejou o ar e bocejou largamente, sua língua áspera se enrolou na ponta.

Aconteceu alguma coisa? - Eragon balançou a cabeça. - *Espero que me deem mais alguma coisa para comer do que aquele petisco da noite passada. Estou com tanta fome que comeria um rebanho de vacas inteiro.*

Eles vão alimentá-la, - ele garantiu a ela.

É melhor que alimentem mesmo. - Ela pôs-se perto da porta e colocou se em posição de espera, sua cauda agitava-se. Eragon fechou os olhos, aproveitando o apoio. Dormiu durante um breve tempo, acordou e ficou andando pela sala. Entediado, examinou um dos lampiões. Era feito de um pedaço de vidro inteiriço em forma de lágrima, tinha duas vezes o tamanho de um limão e estava cheio de uma luz azul suave que não ondulava ou piscava. Quatro hastes finas de metal envolviam o vidro de modo sutil, encontrando-se no topo para formar um pequeno gancho e, novamente, na parte de baixo, onde eram soldadas, formando três pernas delicadas. O artefato em si era encantador.

A inspeção de Eragon foi interrompida por vozes do lado de fora da sala. A porta abriu-se, e doze guerreiros entraram marchando. O primeiro homem levou um susto quando viu Saphira. Foram seguidos por Orík e pelo homem calvo, que declarou:

- Vocês foram convocados para se apresentarem a Ajihad, o líder dos varden. Se quiserem comer, terão de fazê-lo enquanto marchamos. - Eragon e Murtagh ficaram em pé ao mesmo tempo, olhando para ele com suspeição.

- Onde estão nossos cavalos? E será que podem devolver a minha espada e o meu arco? - perguntou Eragon.

O homem calvo olhou para ele com desdém.

- Suas armas serão devolvidas quando Ajihad permitir, antes disso, não. Quanto aos seus cavalos, eles os esperam no túnel. Agora, venham!

Quando se virava para sair, Eragon perguntou rapidamente:

Encontraram um lugar confortável para passar a noite e armaram acampamento. Saphira juntou-se a eles quando o jantar estava sendo colocado no fogo.

Você teve tempo para caçar alguma coisa para comer? - Indagou Eragon.

Ela bufou fazendo graça.

Se vocês dois andassem um pouco mais devagar, eu teria tempo para atravessar o oceano voando e voltar para cá sem ficar para trás.

Você não precisa nos insultar. Além disso, viajaremos mais rápido quando tivermos cavalos.

Ela soltou uma pequena nuvem de fumaça.

Talvez, mas será o bastante para pegar os ra'zac? Eles têm uma vantagem de vários dias e muitos quilômetros. E temo que eles suspeitem que os estejamos seguindo. Por que eles destruíram a fazenda de uma maneira tão impressionante? Só podia ser para provocá-lo e para que fôssemos atrás deles.

Sei lá, - disse Eragon perturbado. Saphira enroscou-se ao lado dele, e ele recostou-se na barriga dela, aproveitando seu calor. Brom sentou no outro lado da fogueira, cortando duas longas varas com um canivete. De repente, Brom jogou uma para Eragon, que a pegou por reflexo depois que ela passou voando por cima das chamas crepitantes.

- Defenda-se! - gritou Brom, ficando em pé.

Eragon olhou para a vara que segurava na mão e reparou que tinha a forma improvisada de uma espada. Será que Brom queria lutar? Que chance aquele velho teria? Se ele quer brincar, tudo bem, mas se ele acha que vai me vencer, terá uma surpresa.

Eragon se levantou enquanto Brom rodeava a fogueira. Eles se encararam por um momento, até que Brom atacou, balançando sua vara. Eragon tentou bloquear o ataque, mas foi lento demais. Gritou quando Brom o atingiu nas costelas e tropeçou para trás.

Uma de suas asas estendeu-se sobre ele como uma tenda azul, envolvendo-o na escuridão.

Boa-noite, pequenino.

Um pequeno sorriso ergueu os lábios de Eragon, mas ele já estava adormecendo.

Quando terminaram, Eragon caiu pesadamente em seus cobertores e gemeu. Sentia dores em todas as partes do corpo. Brom não foi nem um pouco clemente com sua vara. Saphira soltou um rosnado longo e tossido e ergueu o lábio até que um conjunto formidável de dentes aparecesse.

O que há de errado com você? - Perguntou irritado.

Nada, - respondeu ela. - *É engraçado ver um filhote como você ser derrotado por um ancião.* - Ela produziu aquele som de novo, e Eragon ficou vermelho quando notou que ela estava rindo. Tentando preservar um pouco de dignidade, virou-se para o lado e dormiu.

Sentia-se ainda pior no dia seguinte. Hematomas cobriam seus braços e o corpo doía demais, dando aquela vontade de não se mexer. Brom olhou por cima do mingau que servia e sorriu.

- Como está se sentindo?

Eragon resmungou e engoliu apressadamente seu desjejum.

Na estrada, viajaram rápido para chegar a Therinsford antes do meio dia. Depois de cinco quilômetros, o caminho se alargou, e eles viram fumaça ao longe.

- É melhor você dizer a Saphira para voar distante e nos esperar do outro lado de Therinsford - orientou Brom. - Ela deve tomar muito cuidado por aqui, pois as pessoas poderão notar sua presença.

- Por que você não lhe diz isso? - desafiou Eragon.

- É considerado falta de educação interferir com o dragão de outra pessoa.

- Você não teve nenhum problema para fazer isso no Carvahall.

Os lábios de Brom se agitaram em um sorriso.

- Fiz o que tinha de fazer.

Eragon olhou para ele de modo ameaçador, mas acabou passando as instruções. Saphira alertou:

pegar um destacamento de soldados e destruir os lugares, onde se sabia que os rebeldes se escondiam ocasionalmente. Quando perguntei o que devia fazer com os habitantes de lá e como descobrir se eram realmente culpados, ele gritou: “Todos eles são traidores! Queime-os na fogueira e enterre suas cinzas com estrume!” Ele continuou falando alto, xingando os inimigos e descrevendo como flagelaria a terra das pessoas que lhe desejassem mal.

O tom de voz dele estava muito diferente do nosso primeiro encontro e me fez perceber que ele não tinha a compaixão nem a perspicácia para conquistar a lealdade de seu povo, e que ele governava apenas através da força bruta, incentivado somente por suas paixões. Foi naquele momento que senti a determinação de fugir dele e de Uru'baen para sempre.

"Assim que me afastei da presença dele, eu e meu criado fiel, Tornac, nos preparamos para fugir. Partimos naquela mesma noite, mas de alguma forma Galbatorix antecipou minhas ações, pois havia soldados esperando por nós do lado de fora dos portões. Ah, minha espada ficou manchada de sangue, brilhando sob a luz fraca dos lampiões. Nós derrotamos os homens... Mas durante a batalha Tornac foi morto.

"Sozinho e cheio de pesar, fugi para a casa de um velho amigo, que me ofereceu abrigo. Enquanto eu estava escondido, prestava muita atenção a todos os boatos, tentando prever as ações de Galbatorix para planejar o meu futuro. Durante esse tempo, fiquei sabendo que os ra'zac tinham sido convocados para capturar ou matar alguém. Lembrando dos planos do rei quanto aos Cavaleiros, decidi achar e seguir os ra'zac, caso eles descobrissem um dragão. E foi como encontrei você... Não tenho mais segredos”.

Ainda não sabemos se ele está falando a verdade, - alertou Saphira.

Eu sei, - disse Eragon. - *Mas por que ele mentiria para nós?*

Ele pode ser louco.

Duvido. - Eragon correu um dedo por cima das duras escamas de Saphira, olhando a luz que refletia nelas.

- Sinto muito - desculpou-se Brom e continuou a atravessar a ponte com Eragon.

- Por que você não pechinhou? Ele quase arrancou o seu couro! - exclamou Eragon quando eles estavam fora do alcance da audição do homem. - Ele nem deve ser o dono da ponte. Poderíamos ter forçado nossa passagem por ele.

- Provavelmente - concordou Brom.

- Então, por que você o pagou?

- Porque não podemos discutir com todos os tolos do mundo. É mais fácil deixar que eles pensem que conseguiram o que queriam e enganá-los quando não estiverem prestando atenção. - Brom abriu a mão, e um monte de moedas brilhou.

- Você cortou a bolsa dele! - exclamou Eragon incrédulo. Brom colocou o dinheiro no bolso enquanto piscava o olho.

- E havia uma quantia muito boa. Ele não devia deixar tantas moedas em um só lugar. - Eles ouviram um grito zangado do outro lado do rio. - Eu diria que nosso amigo descobriu a sua perda. Se você vir algum vigia, avise-me. - Ele agarrou o ombro de um menino que corria entre as ruas e perguntou: - Você sabe onde podemos comprar cavalos? - A criança olhou para eles com a cara fechada e apontou para um grande galpão que ficava perto dos limites de Therinsford. - Obrigado - disse Brom, jogando uma pequena moeda para o garoto.

As grandes portas duplas do galpão estavam abertas, revelando duas longas fileiras de estábulos. A parede oposta estava coberta por selas, arreios e outros apetrechos. Um homem de braços musculosos estava lá no fundo, escovando um garanhão branco. Ergueu a mão e fez sinal para que eles se aproximassem.

Quando chegaram mais perto, Brom disse:

- Este é um belo animal.

Murtagh pensou por um minuto antes de continuar.

- Eu teria sido criado dessa maneira se Morzan não tivesse sido convocado para achar o ovo de Saphira. Assim que ele partiu, minha mãe, que foi deixada para trás, desapareceu. Ninguém sabe aonde ela foi e por quê. O rei tentou caçá-la, mas seus homens não conseguiram encontrar o rastro dela, sem dúvida devido ao treinamento de Morzan.”

"Na época do meu nascimento, somente cinco dos Treze ainda estavam vivos. Já na partida de Morzan, esse número estava reduzido a três. Quando ele, finalmente, enfrentou Brom em Gil'ead, era o único que restava. Os Renegados morreram de várias maneiras: suicídio, emboscada, uso excessivo de magia... mas, na maior parte, foi graças ao trabalho dos varden. Soube que o rei ficou terrivelmente zangado por causa dessas perdas.”

"Contudo, antes que as notícias das mortes de Morzan e dos outros chegassem até nós, minha mãe voltou. Muitos meses se passaram desde o seu desaparecimento. A saúde dela estava ruim, como se tivesse sofrido de um grande mal, e ela piorou cada vez mais. Depois de duas semanas, ela morreu”.

- E o que aconteceu depois? - perguntou Eragon em seguida.

Murtagh deu de ombros:

- Eu cresci. O rei me levou para o palácio e mandou que me criassem. Fora isso, ele me deixava em paz.

- Então, por que você partiu?

Murtagh deu uma grande risada.

- Fugiu é o termo mais apropriado. No meu último aniversário, quando fiz dezoito anos, o rei me convidou a ir aos aposentos dele para um jantar particular. O recado me surpreendeu, pois eu sempre me distanciei da corte e raramente o encontrava. Nós já havíamos conversado antes, mas sempre sob as atenções dos ouvidos de nobres bisbilhoteiros.

- Eu preferia não vendê-lo. É o melhor animal que já criei. Espero começar uma bela linhagem com ele.

- Se você estivesse disposto a se separar dele, quanto isso me custaria? - perguntou Brom.

Eragon tentou pôr a mão no cavalo castanho como Brom havia feito, mas o animal se afastou. Ele, automaticamente, tentou fazer contato mental com o animal para tranquilizá-lo e ficou surpreso ao conseguir tocar a mente do cavalo. O contato não foi claro ou direto como era com Saphira, mas conseguiu se comunicar com o cavalo castanho em um certo nível. Hesitante, fez o animal entender que era um amigo. O cavalo acalmou-se e olhou para ele com seus olhos castanho-claros.

Haberth usou os dedos para calcular o preço da compra.

- Duzentas coroas e nada menos do que isso - sorriu, confiante de que ninguém pagaria tanto dinheiro.

Em silêncio, Brom abriu a bolsa e contou o dinheiro.

- Isto basta? - quis saber.

Houve um longo silêncio enquanto Haberth alternava o olhar entre as moedas e Fogo na Neve. Depois de suspirar, disse:

- Ele é todo seu, embora meu coração queira o contrário.

- Vou tratá-lo como se ele fosse filho de Gildintor, o maior cavalo de todos os tempos - garantiu Brom.

- As suas palavras me deixaram satisfeito - disse Haberth, curvando a cabeça levemente. Ele os ajudou a selar os cavalos. Quando estavam prontos para sair, Haberth declarou: - Então, adeus. Pelo bem de Fogo na Neve, faça votos que o infortúnio não caia sobre vocês.

- Não tema, cuidarei bem dele - prometeu Brom enquanto partiam. - Tome - disse ele, passando as rédeas de Fogo na Neve para Eragon. - Vá para o outro lado de Therinsford e espere lá.

Eragon deu de ombros. Estava exausto demais para sentir fome.

Cruzou os braços, sentindo falta do peso de Czar'roc na cinta.

- Por que você está aqui?

- O quê?

- Se você fosse mesmo o filho de Morzan, Galbatorix não o deixaria perambular pela Alagaésia livremente. Como você conseguiu achar os ra'zac sozinho? Por que nunca ouvi dizer que os Renegados tiveram filhos? E o que você está fazendo aqui? - O tom da voz dele elevou-se no final, quase virando um grito.

Murtagh passou as mãos no rosto.

- É uma longa história.

- Nós não vamos a lugar nenhum - retrucou Eragon.

- Está tarde demais para conversar.

- Provavelmente, não teremos tempo para fazer isso amanhã. - Murtagh abraçou as suas pernas e apoiou o queixo nos joelhos, balançando-se para a frente e para trás enquanto olhava fixamente para o chão.

- Isso não é uma... - disse e interrompeu a si mesmo. - Eu não quero parar... Então, coloque-se em uma posição confortável. Minha história vai demorar um pouco. - Eragon ajeitou-se ao lado do corpo de Saphira e concordou com a cabeça. Saphira olhava os dois com atenção.

Murtagh hesitou na primeira frase, mas a voz dele ganhou força e confiança conforme ele falava.

- Pelo que sei, sou o único filho dos Treze Servos, ou Renegados, como são chamados. Pode haver outros, pois os Treze tinham habilidade para esconder o que quisessem, mas duvido que isso tenha acontecido devido a razões que explicarei mais tarde.

"Meus pais conheceram-se em um pequeno vilarejo, e eu nunca soube onde. Na época, meu pai viajava a serviço do rei. Morzan demonstrou um pouco de ternura à minha mãe, sem dúvida em um golpe para conquistar a

- Isso fará com as minhas pernas o mesmo que a montaria em Saphira causou a elas? - perguntou.

- Como estão agora?

- Não doem muito, mas acho que qualquer solavanco mais forte poderá abrir as feridas de novo.

- Nós seguiremos com cuidado - prometeu Brom. Deu algumas instruções a Eragon, e eles começaram a cavalgar em um passo moderado. Logo, a paisagem começou a mudar, passando de campos cultivados para áreas mais selvagens. Arbustos e ervas daninhas ladeavam a estrada, juntamente com grandes roseiras, que espetavam suas roupas. Pedras altas erguiam-se do chão, testemunhas cinzentas da presença deles. Havia um clima pouco amigável no ar, uma animosidade aos intrusos.

Acima, crescente a cada passo, Utgard aparecia indistintamente, seus precipícios íngremes eram sulcados por cânions nevados. A rocha negra da montanha absorvia a luz como uma esponja e escurecia as áreas vizinhas. Havia uma fenda profunda entre Utgard e a fileira de montanhas que se formava no lado leste do vale Palancar. Era a única saída prática. A estrada levava até ela.

Os cascos dos cavalos batiam fortemente no cascalho. A estrada diminuiu, virando uma pequena trilha que rodeava a base de Utgard. Eragon olhou para cima, para o pico que se elevava sobre eles, e ficou surpreso ao ver uma torre lá no alto. A construção estava em mau estado de conservação, mas não deixava de ser uma solene sentinela de todo o vale.

- O que é aquilo? - apontou Eragon.

Brom não olhou para cima, mas respondeu com tristeza e amargura:

- Era um posto avançado dos Cavaleiros. Ele data dos tempos da fundação da ordem. Foi onde Vrael se refugiou e onde, por traição, ele foi encontrado e derrotado por Galbatorix. Quando Vrael caiu, esta área ficou maculada. Edoc'sil, "Inconquistável", era o nome desse bastião, pois a montanha é tão íngreme que quase ninguém consegue chegar ao topo, a não ser que possa voar. Depois da morte de Vrael, os cidadãos começaram a

O homem calvo olhou o anão fixamente durante alguns instantes, a expressão do seu rosto era indecifrável, depois olhou para o teto e fechou os olhos. Uma rigidez peculiar tomou conta dos ombros enquanto seus lábios se moviam sem produzir som algum. Um franzir de rosto intenso enrugou a pele pálida acima dos olhos, e seus dedos se entrelaçaram com mais força ainda, como se estivessem estrangulando um inimigo invisível. Ficou daquele jeito durante alguns minutos, isolado em uma comunicação silenciosa.

Quando abriu os olhos, ignorou Orik e falou depressa para os guerreiros:

- Saíam, agora! - Enquanto eles saíam pelo portal, dirigiu-se friamente a Eragon. - Como não consegui completar minha investigação, você e... o seu amigo passarão a noite aqui. Ele será morto se tentar sair. - Com essas palavras, virou-se e saiu da sala a passos largos, com a cabeça pálida brilhando sob a luz dos lampiões.

- Obrigado - sussurrou Eragon para Orik.

O anão bufou.

- Vou me certificar de que trarão comida para vocês. - Ele balbuciou algumas palavras entre os dentes e, depois, saiu, balançando a cabeça. A tranca foi fechada mais uma vez pelo lado de fora da porta.

Eragon sentou, sentindo-se estranhamente pensativo devido às emoções daquele dia e à sua marcha forçada. Suas pálpebras estavam pesadas. Saphira ajeitou-se ao lado dele.

Precisamos ter cuidado. Parece que temos tantos inimigos aqui quanto tínhamos no Império. - Ele concordou com a cabeça, cansado demais para falar.

Murtagh, cujos olhos estavam vidrados e vazios, encostou-se na parede oposta e foi escorregando até o chão brilhante. Ele apertava a manga contra o corte em seu pescoço para parar o sangramento.

- Você está bem? - perguntou Eragon. Murtagh concordou com a cabeça com movimentos rápidos. - Ele conseguiu tirar alguma coisa de você?

Então, não encontraremos muitos vilarejos. Contudo, ao sul, as planícies são menos áridas e mais habitadas.

Saíram da trilha e desmontaram perto do rio Anora. Ao desselarem os animais, Brom apontou para o cavalo baio.

- Você deve dar um nome a ele.

Eragon pensou por um instante enquanto prendia a rédea do animal em um pedaço de madeira.

- Bem, não pensei em nada tão nobre quanto Fogo na Neve, mas talvez este sirva. - Ele pôs a mão em cima do cavalo baio e disse: - Eu o nomeio Cadoc. Era o nome do meu avô, portanto use-o bem.

Brom assentiu com a cabeça em sinal de aprovação, mas Eragon sentiu-se um pouco tolo.

Quando Saphira pousou, ele perguntou:

Como são as planícies?

Entediantes. Não há nada lá, a não ser coelhos e arbustos raquíticos em todas as direções.

Depois do jantar, Brom ficou em pé e gritou:

- Pegue!

Eragon mal teve tempo para erguer o braço e pegar o pedaço de madeira antes que atingisse a sua cabeça. Ele resmungou ao ver outra espada improvisada.

- De novo, não - reclamou.

Brom apenas sorriu e acenou com uma das mãos. Eragon, relutante, ficou em pé. Giraram rapidamente em meio à agitação das madeiras, e Eragon recuou com um braço dolorido.

O treinamento foi mais curto do que o primeiro, mas foi longo o bastante para que Eragon juntasse uma nova coleção de hematomas.

O homem calvo ignorou-os. Ele voltou-se para Murtagh, que ainda estava detido sob a lâmina da espada.

- Agora, é a sua vez.

Murtagh retesou o corpo e balançou a cabeça. A espada cortou levemente o seu pescoço. O sangue escorreu pela sua pele.

- Não.

- Você não será protegido aqui se recusar.

- Eragon foi declarado confiável, então não pode ameaçar matá-lo para me influenciar. Já que não pode fazer isso, nada que você disser ou fizer me convencerá a abrir minha mente.

Olhando e sorrindo com desprezo, o homem calvo levantou o que teria sido uma sobancelha, se ele tivesse alguma.

- E a sua própria vida? Ainda tenho isso para ameaçar.

- Isso não lhe adiantaria nada - disse Murtagh com frieza e com tanta convicção que era impossível duvidar de suas palavras.

O homem calvo explodiu com raiva:

- Você não tem escolha! - Ele deu um passo à frente e colocou a palma de sua mão na testa de Murtagh, apertando-a para mantê-lo no lugar. Murtagh retesou o corpo ainda mais, a expressão do seu rosto ficou dura como ferro, os punhos cerrados, os músculos do pescoço salientes. Ele obviamente estava combatendo o ataque com toda a sua força. O homem calvo mostrou os dentes com fúria e frustração por causa daquela resistência, os dedos dele apertavam Murtagh de modo inclemente.

O rosto de Eragon expressava dor, sentindo compaixão, pois conhecia a batalha que eles travavam.

Você não pode ajudá-lo? - Perguntou a Saphira.

Não, - disse ela suavemente. - *Ele não permite que ninguém entre em sua mente.*

Trovoadas e Relâmpagos

Na manhã seguinte, Eragon evitou lembrar qualquer um dos eventos mais recentes, eram dolorosos demais. Em vez disso, concentrou suas energias em descobrir um meio de achar e matar os ra'zac. "Vou matá-los com o meu arco", decidiu, imaginando como aquelas figuras que usavam mantos ficariam com flechas atravessadas em suas silhuetas.

Ele tinha dificuldade até para ficar em pé. Seus músculos doíam com o menor movimento. E um dos seus dedos estava quente e inchado. Quando estavam prontos para partir, montou em Cadoc e disse amargamente:

- Se isso continuar, você vai me fazer em pedacinhos.

- Eu não exigiria tanto se achasse que você não é suficientemente forte.

- Pelo menos uma vez, eu não me importaria em ser menosprezado - resmungou Eragon.

Cadoc empinou nervosamente quando Saphira se aproximou. Ela olhou para ele com uma expressão muito próxima da repugnância e disse:

Não há onde se esconder nas planícies. Então, não vou me preocupar em tentar ficar fora de vista. Voarei acima de vocês a partir de agora.

Ela decolou, e eles começaram a descer a vereda íngreme. Em alguns locais, a trilha desaparecia por completo, deixando por conta deles acharem o caminho. Às vezes, tinham de desmontar e guiar os cavalos a pé, segurando-se em árvores para que não caíssem lá embaixo. O chão estava salpicado de pedras soltas, o que tornava a caminhada traiçoeira. A provação os deixou com calor, apesar do frio, e irritados.

Pararam para descansar quando chegaram lá embaixo, por volta do meio-dia.

O rio Anora virava para a esquerda e corria rumo ao norte. Um vento cortante varria a terra, açoitando-os sem piedade. O solo estava ressecado, e a poeira voava, caindo nos olhos.

Eragon apertou os olhos quando a sonda penetrou mais fundo, procurando informações. Parecia um prego que estava sendo enfiado em seu crânio. O homem calvo achou as memórias da infância dele e começou a revistá-las.

Ele não precisa disso, tire-o daí, - resmungou Eragon zangado.

Não posso, a não ser que coloque você em perigo, - disse Saphira. - Posso esconder coisas dele, mas tenho de fazer isso antes que ele as alcance. Pense rápido e me diga o que quer manter escondido!

Eragon tentou concentrar-se apesar da dor. Percorreu suas memórias, começando de quando achou o ovo de Saphira. Escondeu partes de suas conversas com Brom, incluindo todas as palavras da língua antiga que havia aprendido. Em suas viagens pelo vale Palancar, Yazuac, Daret e Teirm quase não mexeu em nada. Mas pediu para Saphira esconder tudo de que ele se lembrava sobre Ângela, a vidente, e sobre Solembum.

Pulou o roubo que fizeram em Teirm para a morte de Brom, para sua prisão em Gil'ead e para as revelações de Murtagh sobre sua verdadeira identidade.

Eragon também queria esconder aquilo, mas Saphira hesitou.

Os varden têm o direito de saber a quem darão abrigo, especialmente se for o filho de um Renegado!

Esconda logo isso, - disse ele nervoso, lutando contra outra onda de agonia. - Não serei eu quem vai desmascará-lo, pelo menos, não para esse homem.

Isso será descoberto assim que Murtagh for examinado, - alertou Saphira com severidade.

Apenas esconda.

Com as informações importantes escondidas, não havia mais nada para Eragon fazer do que esperar o homem calvo terminar sua inspeção.

Era como ficar sentado, sem se mexer, enquanto as suas unhas eram arrancadas com alicates enferrujados. O seu corpo inteiro ficou rígido, suas

Como não havia abrigo, eram forçados a acampar sob o céu aberto. Eragon achou uns arbustos, plantas pequenas e resistentes que sobreviviam naquele ambiente inóspito, e os arrancou da terra. Cuidadosamente fez uma pilha e tentou tocar fogo nela, mas os galhos só produziam fumaça e exalavam um odor horrível. Frustrado, jogou a pederneira para Brom.

- Não consigo fazer isso pegar fogo, ainda mais com este vento insuportável. Veja se você consegue. Se não conseguir, comeremos nosso jantar frio.

Brom se ajoelhou perto da pilha de arbustos e olhou para ela de modo crítico. Mudou alguns galhos de lugar e tentou acender o fogo, jogando uma cascata de fagulhas em cima das plantas. Surgiu uma fumaça, mas nada além disso. Brom fez uma cara feia e tentou novamente, mas ele não teve mais sorte do que Eragon.

- *Brisingr!* - gritou com raiva, batendo a pederneira de novo. De repente, chamas apareceram, e ele recuou com uma expressão satisfeita no rosto. - Pronto. Já devia estar queimando no meio.

Eles treinaram com espadas improvisadas enquanto a comida cozinhava. O cansaço falou mais alto para os dois, e então fizeram este treino mais curto do que os outros. Depois de comerem, deitaram perto de Saphira e dormiram, gratos por sua proteção.

O mesmo vento frio os saudou pela manhã, varrendo aquela planície ameaçadora. Os lábios de Eragon racharam durante a noite. Sempre que sorria ou falava, gotas de sangue cobriam-nos. Lamber o sangue só piorava as coisas. O mesmo valia para Brom. Antes de montar, deixaram os cavalos beber um pouco da água que tinham. O dia resumiu-se a uma jornada monótona e cansativa.

No terceiro dia, Eragon acordou descansado. Isto, somado ao fato de que o vento havia parado, deixou-o de bom humor. Mas a alegria dele ficou um pouco ofuscada quando viu que o céu à frente estava escuro e carregado de pesadas nuvens.

Brom olhou para as nuvens e fez uma cara feia.

- Você está cego, Egraz Carn? Não está vendo que há uma elfa no dragão? Não podemos deixá-la aqui se estiver em perigo. Ajihad e o rei cortarão nossas cabeças se a deixarmos morrer!

O homem apertou os olhos com raiva. Depois de um instante, relaxou e disse baixinho:

- Claro, Orik, não poderíamos deixar isso acontecer. - Ele estalou os dedos e apontou para Arya. - Removam-na do dragão. - Dois guerreiros humanos embainharam suas espadas e, hesitantes, aproximaram-se de Saphira, que os observava atentamente. - Depressa! Depressa!

Os homens soltaram Arya da sela e colocaram-na no chão. Um dos homens examinou o rosto dela e disse de repente:

- É a portadora dos ovos de dragão, Arya!

- O quê? - exclamou o homem calvo. Orik, o anão, arregalou os olhos com a surpresa. O homem calvo fixou seu olhar frio em Eragon e disse sem rodeios: - Você tem muito o que explicar.

Eragon devolveu aquele olhar intenso com toda a determinação que lhe era possível.

- Ela foi envenenada com Skilna Bragh enquanto estava presa. Só o néctar de Túnivor pode salvá-la agora.

A expressão no rosto do homem calvo ficou inescrutável. Ele estava em pé, imóvel, exceto por seus lábios, que se contorciam ocasionalmente.

- Muito bem. Levem-na aos curandeiros e digam o que ela precisa. Vigiem-na até que a cerimônia esteja encerrada. Depois, terei novas ordens para vocês. - Os guerreiros concordaram com a cabeça sumariamente e levaram Arya para fora da sala. Eragon os observou saindo, desejando poder acompanhá-la. As atenções dele voltaram de repente para o homem calvo quando ele disse:

- Chega disso. Já perdemos tempo demais. Prepare-se para ser examinado.

Por meio de uma forte puxada, Eragon fez Cadoc virar e galopar para trás na trilha, estimulando o cavalo tanto com os calcanhares quanto com a mente. *Saphira!* - Gritou ele. - *Tente ficar no chão! Estou chegando!* - Sentiu um agradecimento amargo da parte dela. Ao chegarem perto de Saphira, Cadoc empacou, e Eragon desmontou e correu em direção a ela.

O arco bateu na cabeça dele. Uma forte rajada de vento desequilibrou-o, e ele voou para a frente, caindo de peito. Escorregou e voltou a se pôr de pé rangendo os dentes, ignorando os profundos arranhões em sua pele.

Saphira estava a apenas três metros de distância, mas ele não podia chegar mais perto por causa de suas asas que se debatiam. Ela lutava contra a ventania para tentar dobrá-las.

Correu depressa até a sua asa direita, com a intenção de segurá-la para baixo, mas o vento pegou Saphira e deu-lhe uma cambalhota por cima dele. Os espinhos das costas passaram a poucos centímetros de sua cabeça.

Saphira enfiou as garras no chão, tentando se firmar.

As asas começaram a levantar-se de novo, mas, antes que o vento a virasse, Eragon atirou-se para cima da asa esquerda. A asa se dobrou em suas juntas, e ela apertou-a com força contra o seu corpo. Eragon arqueou-se sobre as costas de Saphira e tombou em direção a outra asa.

Sem dar o menor aviso, ela foi soprada para cima, jogando-o direto para o chão. Ele amortizou a sua queda dando um rolamento, em seguida pulou e agarrou a asa novamente. Saphira começou a dobrá-la, e ele a empurrou com todas as forças. O vento lutou com eles por um segundo, mas, com um último golpe, conseguiram vencê-lo.

Eragon encostou-se em Saphira, ofegante.

Você está bem? - Ele podia sentir que ela estava tremendo.

Ela demorou um momento para responder.

Eu... Acho que estou. - Parecia estar abalada. - *Não há nada quebrado... Eu não podia fazer coisa nenhuma, o vento não me deixava ficar no chão. Eu estava indefesa.* - Com um tremor, ela ficou em silêncio.

CAÇANDO RESPOSTAS

- Por aqui - disparou o homem calvo. Ele deu um passo atrás, mantendo a adaga pressionada embaixo do queixo de Murtagh, depois se virou para a direita, desaparecendo por um portal arqueado. Os guerreiros o seguiram com cautela, suas atenções estavam concentradas em Eragon e Saphira. Os cavalos foram levados para um túnel diferente.

Chocado com todos aqueles eventos, Eragon foi atrás de Murtagh. Ele olhou de relance para Saphira para confirmar se Arya ainda estava presa a seu dorso.

Ela precisa tomar o antídoto! - Pensou ele freneticamente, sabendo que o veneno *SkilnaBragh* ainda realizava seu propósito fatal no corpo dela.

Entrou depressa pelo portal arqueado, passando para um corredor estreito atrás do homem calvo. Os guerreiros mantiveram suas armas apontadas para ele. Passaram depressa por uma escultura de um animal peculiar com penas longas. O corredor fazia uma curva acentuada para a esquerda, depois, para a direita. Uma porta abriu-se, e eles entraram em uma sala vazia que tinha espaço bastante para Saphira movimentar-se com tranquilidade. Ouviu-se um baque seco quando a porta foi fechada, depois houve o barulho alto de um trinco fechando-se do lado de fora.

Eragon examinou lentamente o ambiente que o cercava, apertando com força o cabo de Czar'roc. As paredes, o piso e o teto eram feitos de mármore branco polido, que refletia uma imagem fantasmagórica de todos os presentes, como um espelho de leite talhado. Havia um lampião estranho pendurado em cada canto.

- Há uma pessoa ferida... - Ele começou, mas um gesto abrupto do homem calvo o interrompeu.

- Não fale! Isso deve esperar até que você tenha sido testado. - Ele empurrou Murtagh em direção a um dos guerreiros, que encostou uma espada no pescoço do rapaz. O homem calvo entrelaçou as mãos

feliz. Os cavalos afastaram-se dela, mas Eragon e Brom sorriram por causa de sua exuberância.

Antes que não houvesse mais luz, pararam para passar a noite em uma pequena depressão. Cansados demais para treinar esgrima, foram dormir.

Sons de combate surgiram à direita, e ele virou-se na direção deles, esperando um ataque dos urgals. Os monstros do lado oposto da margem, onde ele estava momentos antes, caíam devido a uma chuva de flechas, que eram disparadas de fendas que pontilhavam a parede do penhasco. Um grande número de urgals já flutuava de barriga para cima na água, cravados de flechas. Os que estavam na margem de Eragon estavam acuados de modo similar. Nenhum dos dois grupos podia recuar de suas posições expostas, pois fileiras de guerreiros apareceram de alguma forma atrás deles, onde o lago encontrava as encostas das montanhas. A única coisa que evitava que os Kull mais próximos atacassem Eragon era a chuva constante de flechas, os arqueiros escondidos pareciam estar determinados a manter os urgals afastados.

Uma voz rouca perto de Eragon disse:

- *Akh Guntéraz dorzâda!* O que eles estavam pensando? Você teria se afogado! - Eragon jogou-se para trás, assustado. Não era Murtagh que estava ao lado dele, mas um homem diminuto, que não passava da altura do cotovelo dele.

O anão estava ocupado torcendo a água de sua longa barba trançada. O peito dele era troncudo, e ele usava um colete feito de elos de ferro, cortado na altura dos ombros, o que revelava seus braços musculosos. Um machado de guerra pendia de uma larga tira de couro presa em volta de sua cintura. Um chapéu, com cobertura de ferro, ostentando um símbolo composto por um martelo cercado por doze estrelas, estava firme em sua cabeça. Mesmo com o chapéu, ele mal chegava a um metro e vinte de altura. Olhou de modo ansioso para a luta e disse:

- Barzul, mas eu desejava poder me juntar a eles!

Um anão! Eragon desembainhou Czar'roc e procurou Saphira e Murtagh. Duas portas de pedras com quase quatro metros de espessura abriram-se no penhasco, revelando um túnel largo, com perto de nove metros de altura, que abria caminho para a profundidade da montanha. Uma fileira de lampiões sem chamas enchia a passagem com uma fraca luz cor de safira que se derramava no lago.

suficiente para ela não ficar para trás. Nós iremos à cidade, compraremos o que precisamos e, depois, vamos encontrá-la.

Não gostei disso, - disse Saphira quando Eragon explicou-lhe o plano. *Isso está me deixando irritada, ter de viver me escondendo como se fosse uma criminosa.*

Você sabe o que aconteceria se fôssemos descobertos.

Ela reclamou, mas acabou cedendo e voou para longe, bem perto do chão.

Eles mantiveram o passo acelerado pensando nas comidas e nas bebidas das quais desfrutariam em breve. Quando se aproximaram das casinhas, viram fumaça saindo de uma dúzia de chaminés, mas não havia ninguém nas ruas. Um silêncio anormal tomava conta do vilarejo. Sem falarem nada, pararam em frente à primeira casa. Eragon disse de repente:

- Não há nenhum cachorro latindo.

- Não.

- Mas isso não quer dizer nada.

- Não.

Eragon fez uma pausa.

- Alguém já deve ter nos visto.

- Já.

- Então, por que ninguém saiu?

Brom apertou os olhos em direção ao sol.

- Podem estar com medo.

- Pode ser - ponderou Eragon. Ele ficou em silêncio por um momento. - E se isso for uma armadilha? Os ra'zac podem estar esperando por nós.

- Precisamos de provisões e água.

- Lá está o Ninor.

Estamos no lado errado do lago! Eu vi as memórias de Arya através de você e acabei de perceber que não estamos no lugar certo. - Ela encostou a cabeça no peito quando outra nuvem de flechas veio na direção deles. A cauda se agitou de dor quando elas a atingiram. - *Não posso mais suportar isso! Eles estão me fazendo em pedaços!*

Eragon enfiou Czar'roc com força dentro de sua bainha e gritou:

- Os varden estão do outro lado do lago! Precisamos passar pela cachoeira! - Notou, sentindo medo, que os urgals, que se encontravam às margens do Kósthá-mérna, estavam chegando à queda-d'água.

Os olhos de Murtagh estavam fixos na violenta inundação que bloqueava a passagem deles.

- Nunca conseguiremos passar com os cavalos por ali, mesmo se conseguirmos nos manter em pé.

- Vou convencê-los a nos seguir - disse Eragon depressa. - E Saphira pode levar Arya. - Os gritos e berros dos urgals fizeram Fogo na Neve bufar de modo zangado. A elfa estava relaxada em suas costas, ignorando o perigo.

Murtagh deu de ombros.

- É melhor do que apanharmos até morrer. - Ele, de modo ágil, cortou as cordas que prendiam Arya na sela de Fogo na Neve, e Eragon pegou a elfa enquanto ela deslizava até o chão.

Estou pronta, - disse Saphira levantando-se, ficando meio agachada. Os urgals que se aproximavam hesitaram, incertos quanto às intenções dela.

- Agora! - gritou Eragon. Ele e Murtagh jogaram Arya em cima de Saphira e prenderam as pernas dela na sela. No mesmo segundo em que eles terminaram, Saphira abriu suas asas e alçou voo para cima do lago. Os urgals que estavam atrás dela uivaram quando viram que ela ia escapar. Flechas ricochetearam em sua barriga. Os Kull do outro lado aceleraram o passo, querendo chegar à cachoeira antes de ela pousar.

existência quando acabamos dessa maneira? Uma onda de desânimo tomou conta dele.

Um corvo desceu, vindo do céu, como uma sombra preta e se empoleirou na lança. Ele jogou a cabeça para o lado e começou a examinar o corpo da criança.

- Ah, não! Nada disso! - proferiu Eragon irritado enquanto esticava seu arco e liberava a corda, produzindo um estalo. Soltando um monte de penas, o corvo caiu para trás, uma flecha saía do seu peito. Eragon preparou outra flecha no arco, mas um enjoo subiu de seu estômago e vomitou ao lado de Cadoc.

Brom deu-lhe alguns tapinhas nas costas. Quando Eragon terminou, Brom perguntou delicadamente:

- Quer esperar por mim fora de Yazuac?

- Não... Eu ficarei - respondeu Eragon, trêmulo, limpando a boca. Evitou olhar novamente a cena terrível que estava diante deles. - Quem poderia ter feito... - Ele não conseguia pronunciar as palavras.

Brom inclinou a cabeça.

- Aqueles que sentem prazer na dor e no sofrimento dos outros. Têm muitos rostos e usam muitos disfarces, mas há apenas um nome para eles: maldade. Não há explicação para isso. Tudo o que podemos fazer é lamentar e honrar as vítimas.

Ele desmontou de Fogo na Neve e andou pelo local, examinando cuidadosamente os rastros no solo.

- Os ra'zac passaram por aqui - disse lentamente. - Mas isso não foi obra deles. Isso foi trabalho dos urgals, a lança foi feita por eles. Uma guarnição passou por aqui, talvez uns cem. É estranho. Sei apenas de algumas raras ocasiões em que eles se reuniram em tamanha...

Ele se ajoelhou e examinou uma das pegadas cautelosamente.

Xingando, voltou correndo para Fogo na Neve e pulou para cima dele.

quatro metros da cortina trovejante, a praia alargava-se, dando a eles espaço para manobrar.

Saphira rugiu quando a lança de um urgial arranhou seu quadril e voltou a mergulhar. Com sua retirada, os Kull começaram a avançar a passos largos. Eles estavam a apenas algumas centenas de metros de distância.

- O que faremos agora? - perguntou Murtagh friamente.

- Eu não sei! Deixe-me pensar! - gritou Eragon tentando lembrar das instruções dadas pelas memórias de Arya. Examinou o solo até achar uma pedra do tamanho de uma maçã. Ele a pegou e bateu no penhasco perto da cachoeira gritando:

- Aí varden abr du Shur'tugals gata vanta!

Nada aconteceu.

Ele tentou de novo, gritando mais alto do que antes, mas só conseguiu machucar a mão. Virou-se, em desespero, para Murtagh.

- Estamos presos... - As palavras dele foram interrompidas quando Saphira pulou para fora do lago, espirrando água gelada em cima deles. Ela pousou na praia e se agachou, pronta para lutar.

Os cavalos recuaram nervosos, tentando fugir. Eragon fez contato mental para tentar acalmá-los.

Atrás de você! - Gritou Saphira. Ele virou-se e viu o líder dos urgals correndo em sua direção, com uma pesada lança em punho. De perto, o Kull era tão alto quanto um pequeno gigante, com pernas e braços tão grossos como troncos de árvores.

Murtagh jogou o braço para trás e atirou sua espada com uma velocidade incrível. A longa arma girou uma vez, atingindo o Kull em cheio no peito, produzindo um barulho abafado de algo sendo quebrado. O grande urgial tombou no chão soltando uma golfada sufocada. Antes que outro daqueles monstros pudesse atacar, Murtagh correu para a frente e arrancou sua espada do corpo.

Eragon ergueu sua mão, gritando:

seu escudo. O monstro se chocou com Eragon antes que ele pudesse atirar de novo, os dois caíram, engalfinhando-se no chão.

Eragon ficou de pé rapidamente e correu em direção a Brom, que trocava golpes com seu oponente enquanto estava montado em Fogo na Neve. Onde está o resto dos urgals? Pensou freneticamente Eragon. Será que só há estes dois em Yazuac? Ouviu-se um estalo alto, e Fogo na Neve recuou, relinchando. Brom se curvou inconsciente sobre sua sela, o sangue corria em seu braço. O urgial ao lado dele uivou triunfante e ergueu seu machado para dar o golpe final.

Um grito ensurdecedor saiu de Eragon quando ele mergulhou para cima do urgial. O monstro parou perplexo e começou a encará-lo com um ar de desdém, balançando seu machado. Eragon conseguiu esquivar-se do golpe dado com as duas mãos e feriu o lado do corpo do urgial, produzindo sulcos ensanguentados. O rosto do monstro contorceu-se de raiva. Ele deu outro golpe, mas errou de novo, pois Eragon se atirou para o lado e correu para um beco.

Eragon concentrou-se em atrair os urgals para longe de Brom. Esgueirou-se por uma passagem estreita entre duas casas, percebeu que era um beco sem saída e parou derrapando. Tentou voltar, mas os urgals já haviam bloqueado a entrada. Eles avançaram, xingando-o com suas vozes roucas. Eragon virou a cabeça de um lado para o outro, procurando uma saída, mas não havia nenhuma.

Quando encarava os urgals, imagens passavam por sua mente: aldeões mortos empilhados em volta de uma lança e um bebê inocente que nunca chegaria à idade adulta. Ao pensar no destino deles, uma força ardente, que queimava, emanou de todas as partes de seu corpo. Era mais do que o desejo por justiça. Era seu corpo inteiro rebelando-se contra a realidade da morte: ele deixaria de existir. A força aumentava cada vez mais, até que se sentiu preparado para liberar toda aquela energia contida.

Ele se pôs ereto, esticando o tronco, e todo o medo havia desaparecido. Ergueu seu arco suavemente. Os urgals riram e levantaram seus escudos. Eragon alinhou o olho à flecha, como já havia feito centenas de vezes, e apontou-a para o alvo. A energia dentro dele ardia em um nível quase

- Vamos. - Eragon tomou a frente e começou a caminhar pelo lado esquerdo do lago. As pedras embaixo dos pés deles estavam molhadas e cobertas de musgo. Quase não havia espaço para Saphira entre a íngreme encosta da montanha e o lago, ela tinha de andar com duas patas dentro da água.

Eles já haviam percorrido meio caminho até o final da cachoeira quando Murtagh alertou:

- Urgals!

Eragon virou-se depressa, pedras voaram debaixo de seus calcanhares. Às margens do Kósthá-mérna, onde eles estavam há apenas alguns minutos, figuras gigantescas surgiram da floresta. Os urgals se reuniram diante do lago. Um deles apontou para Saphira. Palavras guturais pairaram sobre a água. Imediatamente, a horda dividiu-se e começou a dar a volta em ambos os lados do lago, deixando Eragon e Murtagh sem uma rota de fuga. As margens estreitas fizeram os corpulentos Kull marcharem em fila única.

- Corram! - gritou Murtagh desembainhando sua espada e dando tapas nos flancos dos cavalos. Saphira decolou sem dar aviso e voltou-se em direção aos urgals.

Não! - berrou Eragon, gritando com a mente. - *Volte!* - Mas ela continuou, sem levar em consideração os apelos dele. Com um esforço agonizante, desviou o olhar dela e se jogou para a frente, arrancando Czar'roc de sua bainha.

Saphira mergulhou para cima dos urgals, rosnando de modo assustador. Eles tentaram correr, mas estavam presos contra as paredes das montanhas. Ela pegou um dos monstros com as garras e levou o urgál que gritava para o alto, cortando-o com suas presas. O corpo silencioso caiu no lago um instante depois, faltando um braço e uma perna.

Os Kull continuaram contornando o lago Kósthá-mérna. Com fumaça saindo das narinas, Saphira mergulhou para cima deles novamente. Ela virou e girou quando uma nuvem de flechas negras foi disparada contra ela. A maior parte dos projéteis ricocheteou em suas escamas laterais,

REPREENSÕES

Assim que um pouco de força voltou, Eragon saiu cambaleante do beco, contornando os monstros mortos. Não precisou andar muito, Cadoc logo trotava a seu lado.

- Ótimo, você não se feriu - balbuciou Eragon.

Notou, sem dar muita importância, que suas mãos tremiam violentamente e que seus movimentos estavam instáveis. Ele se sentia alheio, como se tudo o que viu tivesse acontecido com outra pessoa.

Eragon viu Fogo na Neve empinando perto de uma casa, com as narinas dilatadas e com as orelhas abaixadas, encostadas na cabeça, pronto para sair correndo. Brom ainda estava caído e imóvel na sela. Eragon fez contato mental e acalmou o cavalo. Assim que Fogo na Neve ficou calmo, Eragon aproximou-se de Brom.

Havia um corte grande, ensopado de sangue, no braço direito do velho sábio. A ferida sangrava muito, mas não era profunda nem era larga. Ainda assim, Eragon sabia que tinha de estancar o sangramento antes que Brom perdesse muito sangue. Acariciou Fogo na Neve por alguns instantes e tirou Brom da sela. O peso era grande demais para ele, e Brom caiu pesadamente no chão. Eragon ficou chocado com sua própria fraqueza.

Um grito de raiva encheu sua cabeça. Saphira apareceu mergulhando no céu e pousou violentamente à sua frente, mantendo as asas meio erguidas. Ela sibilava furiosa, seus olhos queimavam. Saphira chicoteou a cauda, e Eragon recuou quando ela estalou em cima da cabeça dele.

Você está ferido? - Perguntou, a raiva fervia em sua voz.

- Não - respondeu enquanto colocava Brom deitado de costas.

Ela rosnou e exclamou:

Onde estão os monstros que fizeram isso? Vou fazê-los em pedaços!

evitou que eu morresse. Você precisa entender, eu não amo o Império ou o rei. Não devo submissão a eles e não desejo fazer mal nenhum a você! - Os apelos dele eram quase frenéticos.

Eragon, ainda inseguro, tirou a mão do cabo de Czar'roc.

- Então, o seu pai - ele disse com uma voz hesitante - foi morto por...

- Isso, por Brom - disse Murtagh. Ele voltou a vestir a túnica com um ar desinteressado.

Uma trombeta soou atrás deles, fazendo Eragon gritar:

- Vamos, corra comigo. - Murtagh bateu as rédeas dos cavalos, forçando-os a iniciar um trote exaustivo, seus olhos estavam fixos, olhando para a frente, enquanto Arya sacudia de modo letárgico na sela de Fogo na Neve. Saphira ficou ao lado de Eragon, acompanhando facilmente o ritmo da corrida com suas pernas longas.

Você poderia andar mais facilmente no leito do rio, - disse ele quando ela forçou passagem, quebrando vários galhos que impediam seu caminho. - *Não vou deixar você com ele.*

Eragon ficou satisfeito com a proteção dela.

- O filho de Morzan! - Disse ele entre passos largos. - É difícil acreditar na sua história. Como vou saber que você não está mentindo?

- Por que eu mentiria?

- Você poderia estar...

Murtagh o interrompeu rapidamente:

- Não posso provar nada a você agora. Guarde suas dúvidas até chegarmos aos varden. Eles me reconhecerão rapidamente.

- Eu preciso saber - pressionou Eragon. - Você serve ao Império?

- Não. E se servisse, o que eu ganharia viajando com você? Se eu estivesse tentando capturá-lo ou matá-lo, o teria deixado na prisão.

Murtagh tropeçou ao pular um tronco caído.

Depois, Eragon prendeu as pernas de Brom nas correias da sela e ajustou-as. Levantou o olhar quando o ancião gemeu e se virou.

Brom piscou por causa da vista ofuscada, colocando a mão na cabeça. Ele baixou o olhar em direção a Eragon, preocupado.

- Saphira chegou aqui a tempo?

Eragon sacudiu a cabeça.

- Explicarei tudo mais tarde. Seu braço está ferido. Fiz o melhor curativo que pude, mas você precisa de um lugar seguro para descansar.

- Isso - disse Brom, tocando seu braço com cuidado. - Você sabe onde a minha espada... Ah, já vi que você a encontrou.

Eragon terminou de ajeitar as correias.

- Saphira levará você e me seguirá pelo ar.

- Tem certeza que quer que eu monte nela? - perguntou Brom. - Posso ir montado no Fogo na Neve.

- Não com o braço ferido. Em Saphira, mesmo se você desmaiar, não cairá.

Brom concordou com a cabeça.

- Sinto-me honrado. - Ele segurou o pescoço dela com seu braço bom, e ela decolou de modo agitado, subindo alto no céu. Eragon afastou-se, depois de ser atingido pelos golpes de vento produzidos pelas asas, e voltou aos cavalos.

Amarrou Fogo na Neve atrás de Cadoc e saiu de Yazuac, voltando para a trilha e seguindo-a em direção ao sul. O caminho levava a uma área rochosa, desviando-se para a esquerda, e continuava ao longo das margens do rio Ninor. Samambaias, musgos e arbustos pontilhavam os lados da trilha. O clima embaixo das árvores era refrescante, mas Eragon não deixou que o ar reconfortante o iludisse, passando uma falsa sensação de segurança. Ele parou rapidamente para encher os odres e deixar os cavalos

Eu sei, - disse Eragon tentando se conter. - *Mas precisamos resolver isso. Depressa, depressa.*

- Murtagh - disse Eragon em tom sério -, a não ser que você queira morrer, devemos ir aos varden. Não me deixe entrar nos domínios deles sem saber como reagirão ao ver você. Já é algo perigoso demais sem surpresas desnecessárias.

Finalmente Murtagh se virou para Eragon. A respiração dele estava curta e rápida, como a de um lobo encurralado. Ele fez uma pausa e disse com uma voz agoniada:

- Você tem o direito de saber. Eu... Eu sou o filho de Morzan, o primeiro e o último dos Renegados.

do lado dele, seu corpo estava tenso. Ela olhou seriamente para Eragon e perguntou:

Você tem certeza de que não está ferido?

Pelo menos, no lado de fora... Mas não tenho tanta certeza quanto ao resto de mim.

Eu devia ter chegado antes.

Não se culpe. Todos nós cometemos erros hoje. O meu foi não ter ficado perto de você. - A gratidão dela pelo comentário ficou evidente naquele momento. Ele olhou para Brom.

- Como você está?

O ancião olhou para o braço.

- É um arranhão grande e dói terrivelmente, mas deve sarar rápido. Preciso de uma atadura limpa, esta não durou tanto quanto eu esperava.

Ferveram água para lavar a ferida de Brom, que depois amarrou um trapo limpo em seu braço e disse:

- Preciso comer. E você também parece estar com fome. Vamos comer primeiro, conversaremos depois.

Quando a barriga deles estava cheia e aquecida, Brom acendeu o cachimbo.

- Bem, acho que chegou a hora de você me contar o que aconteceu enquanto eu estava inconsciente. Estou muito curioso. - O rosto refletia a luz crepitante do fogo, e suas espessas sobrelhas projetavam-se, demonstrando curiosidade.

Eragon apertou suas mãos nervosamente e contou a história sem acrescentar nenhum encanto. Brom ficou em silêncio o tempo todo, o rosto trazia uma expressão enigmática. Quando Eragon terminou, Brom olhou para o chão. Durante um longo tempo, o único som que se ouvia era o crepitar do fogo. Até que, finalmente, Brom se mexeu.

- Você já usou esse poder antes?

com os olhos semicerrados quando avistou uma fina linha branca à frente. “Será que é a cachoeira?” Pensou.

Ele olhou para o céu, que ainda ostentava a vermelhidão do pôr-dosol. As silhuetas escuras das montanhas curvavam-se juntas, formando uma bacia que encerrava o vale. O fim do vale não está muito distante! Exclamou, apontando para as montanhas.

Você acha que os Varden sabem que estamos chegando? Talvez eles enviem soldados para nos ajudar.

Duvido que eles nos prestem assistência até saberem se somos amigos ou inimigos, - disse Saphira enquanto dava uma guinada abrupta em direção ao solo. *Estou voltando para Murtagh, devemos ficar com ele agora. Como não posso localizar os urgals, poderiam atacá-lo de surpresa sem que nós percebêssemos.*

Eragon soltou Czar'roc em sua baina, imaginando se estaria forte o bastante para lutar. Saphira pousou à esquerda do rio Dente-de-Urso e agachou-se de modo cauteloso. A cachoeira rugia ao longe. Lá vem ele, disse Saphira. Eragon ficou atento para ver se ouviria o som de cascos batendo no chão. Murtagh saiu correndo da floresta, mandando os cavalos na frente. Ele os viu, mas não diminuiu o passo.

Eragon desceu de Saphira com um pulo, cambaleando um pouco quando tentou acompanhar o passo de Murtagh. Atrás dele, Saphira foi para o rio, para poder segui-los sem que fosse atrasada pelas árvores. Antes que Eragon pudesse dar as notícias, Murtagh disse:

- Eu vi que você jogou pedras com Saphira, quanta pretensão. Os Kull pararam ou deram a volta?

- Eles ainda estão atrás de nós, mas estamos quase chegando ao final do vale. Como está Arya?

- Ela não morreu - disse Murtagh de modo ríspido. A respiração dele acontecia em rajadas curtas. As palavras seguintes foram enganosamente calmas, como as de um homem ocultando uma paixão ardente. - Há um vale ou uma garganta à frente por onde eu possa sair?

- Entendo - disse Brom. Ele pegou um pedaço de grama e começou a brincar. - Já está tarde e devemos dormir, mas direi algumas coisas para que você pare de me perturbar. Esta magia, pois é magia mesmo, tem suas regras como tudo no mundo. Se você desobedecer às regras, o castigo é a morte, sem exceção. Seus atos são limitados pela sua força, pelas palavras que você sabe e pela sua imaginação.

- O que quer dizer com palavras?

- Mais perguntas! - gritou Brom. - Por um instante, pensei que você não tinha mais nenhuma pergunta em mente. Mas fez bem ao perguntar. Quando atirou nos Urgals, você não disse alguma coisa?

- Disse *brisingr*. - O fogo aumentou e um calafrio correu pelo corpo de Eragon. Algo naquela palavra o fez sentir-se incrivelmente vivo.

- Foi o que pensei. *Brisingr* vem de uma língua antiga que todas as coisas viventes falavam. Contudo, ela foi esquecida com o passar do tempo e ficou sem ser falada durante um longo período na Alagaésia, até que os elfos levaram-na de volta para o mar. Eles a ensinaram a outras raças, que a usaram para fazer coisas poderosas. A língua tem um nome para cada coisa, se você conseguir achar.

- Mas o que isso tem a ver com magia? - interrompeu Eragon.

- Tudo! Isso é a base de todo poder. A língua descreve a natureza verdadeira das coisas e não o aspecto superficial que todos veem. Por exemplo, o fogo se chama *brisingr*. Esse não é apenas um nome para o fogo, este é o nome do fogo. Se você tiver força o bastante, pode usar *brisingr* para que o fogo faça o que você quiser. E foi o que aconteceu hoje.

.

Eragon pensou durante um momento.

- Por que o fogo era azul? Como ele fez exatamente o que eu queria, se tudo o que falei foi fogo?

- A cor varia de pessoa para pessoa. Depende de quem diga a palavra. Quanto a por que ele fez o que você queria, tudo é uma questão de prática. A maioria dos iniciantes tem de dizer exatamente o que querem que

Houve um toque de sarcasmo nas palavras dela:

Quanta nobreza. Oh, nós derrubaríamos vários urgals, você usando sua magia e sua espada, enquanto minhas armas seriam meus dentes e garras, mas seria inútil no fim. Eles são muito numerosos... Não podemos derrotá-los, podemos apenas ser derrotados.

O que então? - Reclamou ele. - *Não vou abandonar Arya e Murtagh ao sabor do destino.*

Saphira agitou a cauda, a ponta produziu um assovio alto.

Não estou pedindo que você faça isso. Contudo, se atacarmos primeiro, podemos ganhar alguma vantagem.

Você enlouqueceu? Eles vão... - A voz de Eragon sumiu quando ele pensou melhor. - *Eles não vão poder fazer nada,* - concluiu ele surpreso.

Exatamente, - disse Saphira. - *Podemos causar muitos danos a partir de uma altura segura.*

Vamos jogar pedras neles! - Propôs Eragon. - *Isso fará que eles se espalhem.*

Só se os crânios deles não forem duros o bastante para protegê-los. - Saphira virou para a direita e rapidamente desceu até o rio Dente-de-Urso. Ela pegou um pedregulho de tamanho considerável com as suas garras, enquanto Eragon encheu as mãos com várias pedras do tamanho de um punho. Carregada com as pedras, Saphira planou silenciosamente até estarem sobre o exército urgals. - *Agora,* - exclamou ela, soltando o pedregulho. Ouviu-se o barulho abafado de galhos quebrando quando os projéteis desciam pelo topo da floresta. Segundos depois, uivos ecoaram pelo vale.

Eragon sorriu quando ouviu os urgals deslocando-se desordenadamente em busca de abrigo.

Vamos pegar mais munição, - sugeriu inclinando-se em cima de Saphira. Ela rosnou, concordando, e voltou ao leito do rio.

Eragon baixou o olhar, envergonhado.

- Sinto muito.

- Não sinta - disse Brom enquanto movia o braço. - Isso acontece com todo mundo.

- Onde você aprendeu a usar magia?

- Este fato eu guardarei para mim mesmo... É suficiente dizer que foi em uma área isolada e com um professor muito bom. Posso, no mínimo, repassar o que ele me ensinou. - Brom apagou o cachimbo com uma pedrinha. - Sei que você tem mais perguntas, e vou responder a elas, mas precisa esperar pelo amanhecer.

Ele se inclinou para a frente, seus olhos brilhavam.

- Até lá, falarei algo para desencorajar quaisquer experiências: a magia consome tanta energia quanto usar seus braços e costas. Foi por isso que você se sentiu exausto depois de destruir os urgals. E foi por isso que fiquei zangado. Você correu um risco enorme. Se a magia tivesse usado mais energia do que havia em seu corpo, ela o teria matado. Só devemos usar magia para as tarefas que não podem ser realizadas de um modo mundano.

- Como saber se um feitiço usará toda a sua energia? - perguntou Eragon assustado.

Brom ergueu as mãos.

- Na maioria das vezes, não sabemos. É por isso que os mágicos precisam conhecer bem seus limites e, mesmo assim, devem ter muito cuidado. Uma vez que você se comprometa a fazer uma magia, não é possível revertê-la, mesmo que possa matá-lo. Isto é um aviso: não tente fazer nada até ter aprendido mais. Agora, basta por esta noite.

Enquanto eles esticavam seus cobertores, Saphira comentou com satisfação:

Estamos ficando mais fortes, Eragon, nós dois. Logo, ninguém poderá ficar em nosso caminho.

asas para nos alcançar.

- Saphira disse que são maiores do que todos os que já vimos - comentou Eragon.

Murtagh xingou, apertando com força o cabo de sua espada.

- Está explicado! Saphira, você está certa, pois esses são os Kull, a elite dos urgals. Eu devia ter percebido que aquele líder importante devia estar no comando deles. Eles não andam a cavalo porque os animais não agüentam o peso. Nenhum tem menos de dois metros e meio de altura, e eles podem correr durante dias sem dormir e, ainda assim, estarão prontos para a batalha. Podem ser precisos cinco homens para matar um deles. Os Kull nunca saem de suas cavernas, exceto para guerrear, então devem estar esperando um grande massacre se saíram em um número tão grande.

- E podemos ficar à frente?

- Quem sabe? - respondeu Murtagh. - Eles são fortes, determinados e numerosos. É possível que tenhamos de enfrentá-los. Se isso acontecer, espero que as sentinelas dos varden estejam a postos para nos ajudar. Apesar de suas habilidades e de Saphira, não somos páreos para os Kull.

Eragon se moveu para a frente e para trás, hesitante.

- Será que pode me dar um pedaço de pão? Preciso comer. - Murtagh trouxe rapidamente um pedaço para ele. O pão estava velho e duro, mas Eragon o comeu satisfeito. Murtagh examinou as paredes do vale, havia preocupação em seus olhos. Eragon sabia que ele estava procurando uma saída.

- Haverá uma mais à frente.

- Claro - respondeu Murtagh com um otimismo forçado, depois deu um tapa na coxa. - Precisamos partir.

- Como está Arya? - perguntou Eragon.

Murtagh deu de ombros.

A MAGIA É UMA COISA MUITO SIMPLES

- Por que você acha que aqueles dois urgals ainda estavam em Yazuac? - perguntou Eragon depois que eles estavam na trilha já há algum tempo. - Não parece que havia nenhum motivo para que tivessem ficado para trás.

- Suspeito que tenham abandonado o grupo principal para saquearem a cidade. O que acho mais estranho em tudo isso, pelo que sei, é que os urgals se uniram para atacar em conjunto apenas duas ou três vezes na história. É perturbador estarem fazendo isso agora.

- Você acha que os ra'zac provocaram o ataque?

- Não sei. O melhor que podemos fazer é afastar-nos de Yazuac o mais depressa que pudermos. Além disso, estamos na direção que os ra'zac tomaram: sul.

Eragon concordou.

- Mas ainda precisamos de provisões. Há outra cidade por perto?

Brom balançou a cabeça.

- Não, mas Saphira pode caçar para nós se precisarmos comer apenas carne para sobreviver. Este bosque pode parecer pequeno para você, mas há muitos animais nele. O rio é a única fonte de água em um raio de vários quilômetros, então a maioria dos animais da planície vem aqui para beber. Não passaremos fome.

Eragon permaneceu em silêncio, satisfeito com a resposta de Brom. Conforme eles cavalgavam, pássaros barulhentos passavam voando rapidamente em volta deles, e o rio corria pacificamente. Era um lugar ruidoso, cheio de vida e energia. Eragon perguntou:

- Como aquele urgal pegou você? As coisas aconteceram tão rápido e eu não vi nada.

Ele fechou os olhos, escolheu as palavras que precisava, olhou fixamente para a névoa e proferiu:

- *Gath un reisa du rakk!*

Houve uma comoção embaixo. Lá de cima, parecia que o chão estava manando, como um grande rio preguiçoso. Uma pesada faixa de neblina formou-se na frente dos urgals e foi ficando mais densa, erguendo uma parede intimidante, escura como uma nuvem de tempestade. Os urgals hesitaram perante ela, mas depois continuaram a avançar, como um aríete demolidor que não podia ser detido. A barreira agitava-se em volta deles, tirando do alcance da vista as primeiras fileiras.

O consumo da força de Eragon foi repentino e grandioso, fazendo seu coração ficar leve como o de um passarinho à beira da morte. Ele arfava, seus olhos giravam. Lutou para se livrar da pressão que a magia imprimia, tentando abrir mais a brecha por onde a vida dele fluía. Com um rosnado selvagem, ele livrou-se da força da magia, desfazendo o contato. Gavinhas de magia se debatiam em sua mente como cobras decapitadas e, relutantes, se retraíram, agarrando-se aos resquícios das forças do rapaz. A muralha de neblina dissipou-se e a névoa foi caindo lentamente no chão como uma torre de lama que desabava. Os urgals não foram atrasados nem um pouco.

Eragon ficou caído, fraco e ofegante, em cima de Saphira. Foi só naquele momento que ele se lembrou de Brom dizendo:

- A magia é afetada pela distância, como uma flecha ou uma lança. Se tentar levantar ou mover algo que esteja a mais de um quilômetro de distância, isso exigirá mais energia do que se estivesse perto.

“Não vou me esquecer disso de novo”, pensou ele com raiva.

Você nunca devia ter se esquecido - disse, acrescentou Saphira enfaticamente. - *Primeiro, a terra em Gil'ead e agora isso. Você não prestou atenção a nada que Brom lhe ensinou? Se continuar assim, vai acabar se matando.*

Eu prestei atenção, - insistiu ele esfregando o queixo. - *Mas faz muito tempo, e não tive a oportunidade de refletir sobre isso. Eu nunca usei*

- Os alunos deveriam fazer vários exercícios tolos que visavam apenas frustrá-los. Por exemplo: recebiam a ordem de deslocar pilhas de pedras usando apenas os pés, como também encher barris de drenagem com água e outras coisas impossíveis. Depois de um tempo, eles ficavam com raiva o bastante para usar a magia. Na maior parte das vezes, isso dava certo.

"O que isso significa é que você estará em desvantagem se, um dia, encontrar um inimigo que tenha recebido esse treinamento. Ainda há alguns inimigos velhos que estão bem vivos; o rei é um deles, sem falar nos elfos. Qualquer um deles poderia acabar com você facilmente."

- Então, o que posso fazer?

- Não temos tempo para uma instrução formal, mas podemos fazer muita coisa enquanto viajamos - informou Brom. - Conheço muitas técnicas que você pode praticar e que lhe darão força e controle, mas você não pode obter a disciplina que os Cavaleiros tinham da noite para o dia. Você - ele olhou para Eragon jocosamente - terá de acumular todo esse conhecimento durante a nossa viagem. Será difícil no começo, mas as recompensas serão grandes. Acho que vai deixá-lo satisfeito saber que nenhum Cavaleiro na sua idade conseguiu usar magia do modo como você usou ontem contra aqueles dois urgals.

Eragon sorriu com o elogio.

- Obrigado. Esta língua tem um nome?

Brom riu.

- Tem, mas ninguém sabe. Seria uma palavra de um poder incrível, algo com o qual você poderia controlar a língua inteira e todos as que a usassem. As pessoas procuram por ela há muito tempo, mas ninguém a encontrou.

- Ainda não entendo como esta magia funciona - disse Eragon. - Como vou usá-la, exatamente?

Brom ficou surpreso.

- Já não deixei isso claro?

- Não.

Estava frio demais. A água no cabelo de Eragon congelou, dando a ele um capacete brilhante. A camisa e a calça pareciam cascas em volta de seus membros.

As escamas de Saphira ficaram escorregadias por causa do gelo, cristais gelados adornavam suas asas. Nunca tinham voado tão alto, mesmo assim os picos das montanhas ainda estavam quilômetros acima deles.

O bater de asas de Saphira foi diminuindo gradativamente, e sua respiração ficou pesada. Eragon ofegava e arfava, parecia que não havia ar suficiente. Lutando contra o pânico, ele agarrou as pontas dos espinhos do pescoço de Saphira em busca de apoio.

Precisamos... sair daqui, - disse ele. Pontos vermelhos dançavam na frente de seus olhos. *Eu não consigo... respirar.*

Saphira parecia que não o ouvia, então ele repetiu a mensagem, desta vez mais alto. Novamente, não houve resposta. Ela não pode me ouvir, pensou. Ele se agitou, tendo dificuldade para pensar, depois bateu no lado do corpo dela e gritou:

- Vamos descer!

O esforço o deixou tonto. A visão dele foi desaparecendo lentamente até tudo ficar escuro.

Recuperou a consciência assim que surgiram embaixo das nuvens. Sua cabeça latejava. O que aconteceu? Perguntou ele, ajeitando-se na sela e olhando confuso ao redor.

Você desmaiou, - respondeu Saphira.

Ele tentou passar os dedos nos cabelos, mas parou quando sentiu os pedaços de gelo.

É, eu sei, mas por que você não me respondeu?

Meu cérebro ficou confuso... As suas palavras não faziam sentido.. Quando você perdeu a consciência, notei que havia algo errado e descii. Não tive que descer muito para perceber o que havia acontecido..

- Não é bem assim - admitiu Brom. - Eles afirmam que não mentem, e de certa forma isso é verdade, mas eles aperfeiçoaram a arte de dizer uma coisa que significa outra. Nunca sabemos exatamente qual é a intenção deles ou se compreendemos o que falaram. Muitas vezes, revelam apenas parte da verdade e ocultam o resto. Só uma mente refinada e sutil pode lidar bem com a cultura deles.

Eragon ponderou sobre isso.

- O que os nomes próprios significam nessa língua? Eles dão poder sobre as pessoas?

Os olhos de Brom brilharam em sinal de aprovação.

- É claro. Aqueles que falam essa língua têm dois nomes. O primeiro é para ser usado no dia a dia e tem pouca autoridade. Mas o segundo é o nome verdadeiro e só é compartilhado com algumas pessoas de confiança. Houve uma época em que ninguém escondia seu nome verdadeiro, mas não vivemos em tempos melhores do que aqueles. Quem conhecer o seu nome verdadeiro terá um poder enorme sobre você. É como pôr a sua vida nas mãos de outra pessoa. Todo mundo tem um nome oculto, mas poucos o conhecem.

- Como descobrimos nosso nome verdadeiro?

. - Os elfos sabem os deles instintivamente. Ninguém mais tem esse dom. Os Cavaleiros humanos, geralmente, faziam expedições para descobri-lo, ou achavam um elfo que lhes pudesse dizer, o que era raro, pois os elfos não repassam esse dom gratuitamente - respondeu Brom.

- Eu gostaria de saber o meu - disse Eragon desejosamente.

A expressão do rosto de Brom se fechou.

- Tenha cuidado. Pode ser um conhecimento terrível. Saber quem você é, sem qualquer ilusão ou piedade, é um momento de revelação do qual ninguém sai ileso. Algumas pessoas ficaram loucas por causa dessa realidade absoluta. A maioria tenta esquecer. Assim como o nome pode dar poder aos outros, você também poderá ganhar poder sobre si mesmo, se a verdade não acabar com você.

Brotando de pilhas de madeiras que apodreciam, havia vários cogumelos amarelos.

Tudo estava em silêncio, os sons eram abafados pelo ar pesado. Saphira pousou perto deles em uma clareira, o barulho das asas foi estranhamente encoberto. Olhou o ambiente ao fazer um rápido movimento com a cabeça.

Acabei de passar por um bando de pássaros que eram pretos e verdes, com marcas vermelhas nas asas. Nunca vi pássaros como aqueles antes.

Tudo nestas montanhas é estranho, - retrucou Eragon. - Você se importa se eu montar em você um pouco? Quero ficar de olho nos urgals.

É claro.

Ele virou-se para Murtagh.

- Os varden estão escondidos no final deste vale. Se correremos, poderemos chegar lá antes do anoitecer.

Murtagh bufou, com as mãos apoiadas nos quadris.

- Como vou sair daqui? Não vejo nenhum vale se juntando a este, e os Urgals vão nos confinar em breve. Preciso de uma rota de fuga.

- Não se preocupe com isso - disse Eragon impaciente. - Este é um vale comprido. É claro que deve haver uma saída mais à frente. - Ele tirou Arya de Saphira e colocou a mulher em cima de Fogo na Neve. - Tome conta de Arya. Vou voar com Saphira. Vou encontrá-los mais à frente. - Ele pulou para cima do dorso de Saphira e prendeu a si mesmo na sela.

- Tenha cuidado - advertiu Murtagh, a testa dele se enrugou, depois fez um som para os cavalos partirem e voltou para a floresta.

Enquanto Saphira pulava em direção ao céu, Eragon disse:

Você acha que poderia voar até um daqueles picos? Talvez possamos ver nosso destino, como também uma passagem para Murtagh. Não quero ouvi-lo reclamando durante nossa travessia do vale.

Podemos tentar, - concordou Saphira. - Mas vai ficar muito mais frio.

- Isso é muito mais complexo do que eu pensava.

- Exatamente! - exclamou Brom. - Se você não entender o que estiver fazendo, fará algo grande demais e morrerá. - Ele virou-se na sela e inclinou-se para baixo, pegando um punhado de seixos no chão. Fazendo um certo esforço, ajeitou-se e jogou todas as pedrinhas fora, menos uma.

- Está vendo esta pedra?

- Estou.

- Pegue-a. - Eragon a pegou e olhou fixamente para aquela massa desinteressante. Era bem preta, lisa e do tamanho da ponta de seu polegar. Havia inúmeras pedras como aquela na trilha.

- Este será o seu treinamento.

Eragon olhou de volta para ele, confuso.

- Não entendo.

- É claro que não - impacientou-se Brom. - É por isso que estou ensinando você e não o contrário. Agora, pare de falar ou não chegaremos a lugar algum. Quero que você tente o seguinte: faça a pedra levitar na palma da sua mão e mantenha-a no ar o máximo que puder. As palavras que você usará serão *stenr reisa*. Diga-as.

- *Stenr reisa*.

- Muito bem. Tente.

Eragon concentrou-se, de mau humor, na pedra, buscando em sua mente um resquício qualquer da energia que ardeu dentro dele um dia antes. A pedra ficou imóvel enquanto ele olhava fixamente para ela, suando e frustrado. “Como conseguirei fazer isso?” Finalmente, ele cruzou os braços e disparou:

- É impossível.

- Não - disse Brom rispidamente. - Eu digo o que é impossível ou não. Lute pelo que quer! Não desista tão fácil. Tente novamente.

desagradável. À noite, os monstros estavam um terço mais perto do que estavam de manhã. Conforme a fadiga corroía as forças dele e de Murtagh, eles dormiam, se revezando, em cima dos cavalos. E quem ficava acordado, levava os cavalos na direção certa.

Eragon confiou cegamente nas lembranças de Arya para guiá-los. Devido à natureza estranha da mente dela, às vezes ele errava a rota, ao custo de um precioso tempo. Gradualmente, seguiram rumo ao sopé do braço leste das montanhas, à procura do vale que os levaria até os varden. A meia-noite chegou e passou sem dar nenhum sinal dele.

Quando o sol voltou, ficaram satisfeitos ao ver que os urgals tinham ficado bem atrás.

- Este é o último dia - disse Eragon dando um grande bocejo. - Se não estivermos bem próximos dos varden até o meio-dia, voarei na frente com Arya. Aí, estará livre para ir aonde quiser, mas terá de levar Fogo na Neve junto. Não poderei voltar para pegá-lo.

- Talvez isso não seja necessário, ainda podemos chegar lá a tempo disse Murtagh. - Ele esfregou o cabo de sua espada.

Eragon deu de ombros.

- Podemos. - Ele foi até Arya e colocou a mão em sua fronte. Estava úmida e perigosamente quente. Seus olhos mexiam-se de modo inquieto embaixo das pálpebras, como se estivesse tendo um pesadelo. Eragon colocou um pano úmido em sua testa, desejando poder fazer mais.

No fim da manhã, depois que circundaram uma montanha particularmente extensa, Eragon viu um vale estreito, espremido no lado oposto ao deles. Era tão restrito que poderia passar despercebido facilmente. O rio Dente-de-Urso, que Arya havia mencionado, fluía dele e fazia a volta negligentemente sobre a terra. Sorriu aliviado, era para onde eles deviam ir.

Ao olhar para trás, Eragon ficou alarmado quando viu que a distância entre eles e os urgals havia diminuído para um pouco menos de cinco quilômetros. Apontou o vale para Murtagh.

aproximando a mais de um quilômetro de distância, espere até eles chegarem mais perto antes de usar a magia. Agora, de volta ao trabalho! Tente levantar a pedrinha de novo.

- De novo? - perguntou Eragon desanimado por lembrar de todo esforço que teve de fazer para levantá-la apenas uma vez.

- É! E, desta vez, que seja mais rápido.

Continuaram a fazer os exercícios durante a maior parte do dia. Quando Eragon finalmente parou, estava cansado e mal-humorado. Durante aquelas horas, odiou a pedrinha e tudo relacionado a ela. Ele já ia atirá-la longe quando Brom disse:

- Não faça isso. Guarde-a. - Eragon olhou fixamente para ele e, relutante, enfiou a pedra em um bolso.

- Ainda não terminamos - alertou-o Brom. - Então, não relaxe. - Ele apontou para uma pequena planta.

- Isto se chama *delois*. - A partir daí, começou a ensinar a língua antiga a Eragon, dando palavras para ele decorar, desde *vöndr*, um galho fino e reto, até estrela da manhã, *Aiedail*.

Naquela noite, treinaram esgrima em volta da fogueira. Embora Brom tenha lutado com a mão esquerda, sua habilidade não diminuiu.

Os dias seguiam um mesmo padrão. Primeiro, Eragon se esforçava muito para aprender as palavras antigas e para manipular a pedrinha. Depois, à noite, ele lutava com Brom usando as espadas improvisadas. Eragon sentia um desconforto constante, mas começou a mudar gradualmente, quase sem notar. Logo, a pedrinha deixou de vacilar quando ele a fazia levitar. Ao conseguir dominar os primeiros exercícios, Brom começou a passar outros mais difíceis, e seu conhecimento sobre a língua antiga aumentou.

Nos treinos de espada, Eragon ganhou segurança e velocidade, atacando como uma cobra. Seus golpes tornaram-se mais fortes, e o braço não tremia mais quando repelia os ataques. Os combates duravam mais tempo

pelo menos esqueça, pois ele não desejava fazer mal, mesmo que o ato tenha sido imprudente. A sua cabeça continua no lugar, não é?

Franzindo o rosto, Eragon ajeitou-se na sela. Sacudiu o corpo, como um cavalo tentando se livrar de uma mosca, e verificou a posição de Murtagh por cima do ombro de Saphira. Uma mancha colorida, atrás, na rota que percorreram, chamou a atenção dele.

Os urgals estavam acampados perto do leito de um riacho que eles haviam atravessado no final do dia anterior. As batidas do coração de Eragon aceleraram. Como os urgals, mesmo estando a pé, conseguiram se aproximar tanto deles? Saphira também viu os monstros e fechou as asas, deixando-as perto do seu corpo, e iniciou um mergulho de nariz, cortando o ar.

Acho que eles não nos viram, - disse ela.

Eragon esperava que não tivessem visto. Olhou com os olhos semicerrados, contra o vento forte, quando ela aumentou o ângulo do mergulho. O líder deve estar impondo a eles um passo rápido demais, disse ele.

É... Talvez todos eles morram de cansaço.

Quando eles pousaram, Murtagh perguntou rispidamente:

- O que houve agora?

- Os urgals estão nos alcançando - disse Eragon. Ele apontou para o acampamento.

- Quanto ainda temos que percorrer? - perguntou Murtagh colocando suas mãos contra o céu, contando as horas até o pôr do sol.

- Normalmente?... Acho que uns cinco dias. Na velocidade em que estamos viajando, só uns três. Mas se não chegarmos lá amanhã, os urgals provavelmente nos alcançarão, e Arya certamente morrerá.

- Ela pode agüentar mais um dia.

Ele acordou sentindo-se mal e ficou observando as estrelas no céu.

Tudo vai dar certo, pequenino, - disse Saphira gentilmente.

outra. Contudo, a distância parecia ser menor devido ao tamanho das montanhas. Era como se eles estivessem em um vale feito para gigantes.

Quando pararam naquele dia, Eragon e Murtagh jantaram em silêncio, recusando-se a desviar o olhar da comida. Depois de comerem, Eragon disse de forma sucinta:

- Farei o primeiro turno da vigia. - Murtagh concordou com a cabeça e deitou em seus cobertores, de costas para Eragon.

Você quer conversar? - Perguntou Saphira.

Agora, não, - resmungou Eragon. - *Preciso de algum tempo para pensar. Estou... Confuso.*

Ela retirou-se da mente dele com um toque suave e com um sussurro:

Eu amo você, pequenino.

E eu amo você, - disse ele. Ela enrolou-se, formando uma bola ao lado dele, emprestando-lhe seu calor. Ele ficou sentado, imóvel, no escuro, lutando com sua inquietação.

Como se aquilo fosse uma ordem, uma coluna de homens se formou nos telhados das casas que os rodeavam.

Fique longe, Saphira! - Gritou Eragon. - *Há muitos deles. Se aparecer, vão atirar em você ainda no céu. Fique longe!*

Ela ouviu, mas ele não tinha certeza se ela iria obedecer. Preparou-se para usar magia. “Eu terei de deter as flechas antes que elas atinjam a mim ou a Brom”.

- O que vocês querem? - perguntou Brom calmamente.

- Por que vieram aqui? - inquireu o homem.

- Para comprar suprimentos e saber das notícias. Nada mais. Estamos a caminho da casa do meu primo em Dras-Leona.

- Vocês estão fortemente armados.

- Vocês também - disse Brom. - Estamos vivendo tempos perigosos.

- De fato. - O homem olhou para eles cuidadosamente. - Não acho que queiram nos fazer mal, mas tivemos encontros demais com os urgals e com vários bandidos para eu poder confiar apenas na sua palavra.

- Se o que falamos não vale nada, o que acontecerá agora? - contestou Brom. Os homens em cima das casas não se mexeram. Devido à imobilidade deles, Eragon estava certo de que eram extremamente disciplinados ou que estavam mortos de medo. Ele esperava que a última alternativa fosse a correta.

- Vocês dizem que querem apenas comprar suprimentos. Então, concordam em ficar aqui enquanto pegamos o que precisamos, em pagar e partir imediatamente?

- Concordamos.

- Tudo bem - disse o homem, abaixando o arco, embora o mantivesse esticado. Ele fez um sinal para um dos arqueiros, que desceu até o chão e correu. - Digam a ele o que precisam.

Brom ditou uma pequena lista e acrescentou:

por um bastão. Ele caiu no chão, abalado. Os homens ignoraram seu líder caído e fugiram correndo, fazendo alarde, lançando olhares temerosos para Saphira.

Torkenbrand lutou para ficar de joelhos. O sangue escorria em sua testa, espalhando-se sobre a face como ramificações vermelhas. Murtagh desmontou e dirigiu-se até ele com passos largos, espada em punho. Torkenbrand ergueu fracamente seu braço, como se fosse repelir um golpe. Murtagh olhou friamente para ele e lançou sua espada em direção ao pescoço de Torkenbrand.

- Não! - gritou Eragon, mas era tarde demais.

O tronco decapitado de Torkenbrand despencou no chão, levantando um monte de poeira. A cabeça dele aterrisou produzindo um baque seco. Eragon correu até Murtagh, a mandíbula dele se agitava furiosamente.

- Você ficou maluco? - gritou Eragon enfurecido. - Por que o matou?

Murtagh limpou sua espada no colete de Torkenbrand. O aço deixou uma mancha escura.

- Não entendo por que ficou tão contrariado...

- Contrariado! - explodiu Eragon. - Estou muito mais do que isso! Não lhe ocorreu que poderíamos deixá-lo aqui e seguir nosso caminho? Não! Em vez disso, você se transformou em um carrasco e arrancou a cabeça dele. O homem estava indefeso!

Murtagh ficou perplexo com a raiva de Eragon.

- Bem, não podíamos deixar que ele ficasse por perto, ele era perigoso. Os outros fugiram... Sem um cavalo, ele não conseguiria chegar longe. Eu não queria que os urgals o achessem e descobrissem sobre Arya. Então, achei que seria. ..

- Mas matá-lo? - interrompeu Eragon. Saphira, curiosa, cheirava a cabeça de Torkenbrand. Ela abriu a boca levemente, como se fosse mordê-la, mas pensou duas vezes e foi vagueando para o lado de Eragon.

considerar a possibilidade de deixar a cidade - continuou Brom. - Esta área tornou-se perigosa demais para qualquer pessoa viver em paz.

- Eu sei, mas o povo daqui se recusa a mudar. Aqui é o lar deles; é meu lar também, embora eu viva aqui há apenas alguns anos e eles põem o valor do local acima da vida. - Trevor olhou para Brom com seriedade. - Já expulsamos urgals que vieram sozinhos, e isso deu ao povo uma confiança maior do que as habilidades deles. Temo que acordaremos um dia com a garganta cortada.

O arqueiro saiu correndo de uma casa com uma pilha de suprimentos nos braços. Ele pôs tudo perto dos cavalos, e Brom pagou a ele. Conforme o homem se afastava, Brom perguntou:

- Por que escolheram você para defender Daret?

Trevor deu de ombros.

- Eu servi no exército do rei durante alguns anos.

Brom examinou os itens, deu o par de luvas a Eragon e pôs o resto dos suprimentos em seus alforjes.

Eragon calçou as luvas, tendo o cuidado de deixar a palma virada para baixo, e flexionou as mãos. O couro era confortável e forte, embora estivesse gasto devido ao uso.

- Bem - disse Brom -, conforme prometemos, partiremos agora.

Trevor concordou com a cabeça.

- Quando chegarem a Dras-Leona, podem nos fazer um favor? Alertem o Império quanto ao nosso problema e das outras cidades. Se os relatos sobre esses fatos não chegaram ao rei até agora, este será mais um motivo para nos preocuparmos. Se chegaram, porém ele escolheu não fazer nada, isto também é causa de preocupação.

- Passaremos o seu recado. Que as suas espadas permaneçam afiadas - desejou Brom.

- E as suas.

Saphira...

- Vocês dois - disse o líder, dirigindo-se para Eragon e Murtagh. - Seria bom que abaixassem suas armas, pois assim evitarão virar alvos vivos para as flechas dos meus homens. - Os arqueiros sorriam de modo sugestivo, os homens riram de novo.

O único movimento de Murtagh foi girar sua espada.

- Quem são vocês e o que querem? Somos homens livres viajando por esta terra. Vocês não têm o direito de nos deter.

- Oh! Eu tenho todo o direito - disse o homem, com desdém - E quanto ao meu nome, escravos não chamam seus senhores desse modo, a não ser que queiram apanhar.

Eragon xingou baixinho.

- Traficantes de escravos! - Ele lembrou-se claramente das pessoas que viu sendo leiloadas em Dras-Leona. A raiva ferveu dentro dele. Olhou fixamente para os homens que os cercavam, com ódio e desgosto renovados.

As linhas de expressão destacaram-se no rosto do líder.

- Soltem suas espadas e rendam-se! - Os traficantes de escravos ficaram tensos, olhando para eles com olhares frios, quando nem Eragon nem Murtagh baixaram suas armas. A palma da mão de Eragon formigava. Ouviu um ruído vindo por trás, depois, um xingamento alto. Espantado, virou-se.

Um dos traficantes tinha puxado o cobertor de cima de Arya, revelando o rosto dela. Ele olhou boquiaberto e berrou:

- Torkenbrand, esta aqui é da raça dos elfos! - Os homens agitaram-se, surpresos, enquanto o líder deu esporeadas no seu cavalo para chegar até Fogo na Neve. Olhou para baixo, na direção de Arya, e assoviou.

- Bem, quanto ela deve valer? - perguntou alguém.

coisa. Os Cavaleiros tinham regras muito rígidas quanto a isso. Se elas fossem desrespeitadas sem uma causa justa, a punição era severa.

- E você é capaz de fazer isso mesmo não sendo um Cavaleiro? - perguntou Eragon.

- Como já disse antes, com a instrução adequada, qualquer pessoa pode se comunicar mentalmente, mas com diferentes níveis de aproveitamento. Se isso é magia, é difícil dizer. Habilidades mágicas, certamente, despertarão este talento, ou estabelecer alguma ligação com um dragão, mas conheci muitas pessoas que aprenderam a fazer isso sozinhas. Pense bem: você pode se comunicar com qualquer ser sensitivo, embora o contato nem sempre seja bem claro. Você poderia passar o dia inteiro ouvindo os pensamentos de um pássaro ou analisando como uma minhoca se sente durante uma tempestade. Mas eu nunca achei os pássaros muito interessantes. Sugiro que comece com um gato. Eles têm personalidades incomuns.

Eragon apertou as rédeas de Cadoc nas mãos, considerando as implicações do que Brom havia dito.

- Mas se posso entrar na mente de uma pessoa, isso não significa que podem fazer o mesmo comigo? Como posso saber se há alguém invadindo a minha mente? Há uma maneira de evitar isso? - “Como posso saber se Brom pode dizer em que estou pensando neste momento?”

- Há, sim: Saphira já bloqueou o acesso à mente dela?

- Ocasionalmente - admitiu Eragon. - Quando Saphira me levou para a Espinha, eu não conseguia falar com ela. Não é que estivesse me Ignorando, acho que ela não podia me ouvir. Havia muralhas em volta da mente dela impedindo o meu acesso.

Brom mexeu em sua atadura durante alguns instantes, posicionando-a mais alto no braço.

- Poucas pessoas podem notar que há alguém invadindo suas mentes, e destas só algumas podem evitar que tal invasão aconteça. É uma questão de treino e de como pensar do modo correto. Devido aos seus poderes

Pararam em um lago para deixar os cavalos beberem. Eragon puxou uma folha de grama preguiçosamente, girando-a enquanto olhava fixamente para a elfa. Foi despertado abruptamente do seu devaneio pelo som característico de uma espada sendo desembainhada. Instintivamente, pegou Czar'roc e virou-se, em busca do inimigo. Lá estava apenas Murtagh, com sua longa espada a postos. Apontou para uma colina à frente deles, onde um homem alto, vestindo um manto marrom, estava montado em um cavalo avermelhado, com uma clava na mão. Atrás dele havia um grupo de vinte homens em suas montarias. Ninguém se movia.

- Será que são os varden? - perguntou Murtagh.

Eragon, sorrateiramente, preparou seu arco.

- Segundo Arya, eles ainda estão a muitos quilômetros de distância. Esta pode ser uma das patrulhas deles.

- Pressupondo que não sejam bandidos. - Murtagh pulou para cima de Tornac e preparou seu próprio arco.

- Vamos tentar deixá-los para trás? - perguntou Eragon jogando um cobertor em cima de Arya. Os homens poderiam tê-la visto, mas Eragon esperava poder esconder o fato de que ela era uma elfa.

- Não adiantaria nada - disse Murtagh, balançando a cabeça. - Tornac e Fogo na Neve são valentes cavalos de batalha, mas estão cansados e não são bons velocistas. Olhe os cavalos que aqueles homens têm, foram feitos para correr. Eles nos alcançariam em menos de dois quilômetros. Além disso, podem ter algo importante a dizer. É melhor você pedir a Saphira para voltar correndo.

Eragon já estava fazendo isso. Ele explicou a situação e avisou:

Não se mostre a não ser que seja necessário. Não estamos no Império, mas ainda não quero que ninguém saiba sobre você.

Não se incomode com isso, - respondeu ela. - Lembre, a magia pode protegê-lo quando a velocidade e a sorte falham.

Você! Sempre que você sai da minha vista, arranja problemas. Você parece até um filhote, enfiando o focinho em tudo. E o que acontecerá quando você encontrar algo que possa atacá-lo? Como poderá sobreviver? Não posso ajudá-lo quando estou a vários quilômetros de distância. Permaneci escondida para que ninguém me visse, mas acabou! Não farei isso quando você correr o risco de perder a vida.

Entendo sua inquietação, - disse Eragon. - Mas sou muito mais velho do que você e posso cuidar de mim. Pelo que sei, quem precisa de proteção é você.

Ela rangeu e bateu os dentes perto do ouvido dele.

Você realmente acredita nisso? - Perguntou. - Amanhã, você montará em mim e não naquele animal digno de pena que você chama de cavalo. Caso contrário, vou carregá-lo em minhas garras. Você é ou não é um dos Cavaleiros de Dragões? Você não liga para mim?

A pergunta ardeu em seu peito, e ele baixou o olhar. Eragon sabia que ela estava certa, mas ele tinha medo de montar nela. Os voos deles foram as maiores provas que já havia enfrentado.

- E então? - inquiriu Brom.

- Quer que eu monte nela amanhã - respondeu Eragon de maneira pouco convincente.

Brom pensou na possibilidade com um brilho nos olhos.

- Bem, você já tem a sela. Acho que se vocês dois ficarem fora de vista, não haverá problema algum. - Saphira dirigiu o olhar para ele e, depois, voltou-o para Eragon.

- Mas e se você for atacado ou se houver um acidente? Eu posso não chegar a tempo e...

Saphira apertou ainda mais o peito dele, fazendo-o parar de falar.

É exatamente o que estou tentando dizer, pequenino.

Brom parecia esconder um sorriso.

caminho. - Murtagh hesitou. Eragon acrescentou rapidamente: - Se você partir agora, estando ao alcance da vista dos monstros, eles vão segui-lo. E depois como você ficará? Vai enfrentá-los sozinho?

- Tudo bem - disse Murtagh jogando seus alforjes sobre os flancos de Tornac. - Mas quando chegarmos perto dos varden, eu partirei.

Eragon queria interrogar Murtagh ainda mais, porém não com os Urgals tão perto. Juntou seus pertences e selou Fogo na Neve. Saphira bateu suas asas e decolou depressa, voando em círculos acima deles. Montou guarda sobre Murtagh e Eragon enquanto eles levantavam acampamento.

Para qual direção devo voar? - Perguntou.

Para o leste, acompanhando as Beor.

Contendo as asas, Saphira subiu em uma corrente ascendente e flutuou em uma coluna de ar quente, pairando no céu acima dos cavalos.

Imagino por que os urgals estão aqui. Talvez tenham sido enviados para atacar os varden.

Então, devemos tentar alertá-los, - disse ele guiando Fogo na Neve por entre obstáculos pouco visíveis.

Conforme a noite avançava, os urgals desapareciam na penumbra atrás deles.

- *Geuloth du knífr!* - E uma pequena fagulha vermelha apareceu entre seus dedos. Conforme ela crepitava para a frente e para trás, ele correu os dedos por toda a extensão da espada. Depois, ele a girou e fez a mesma coisa do outro lado. A fagulha desapareceu no momento em que seus dedos deixaram de tocar o metal.

Brom esticou a mão, com a palma virada para cima, e passou a lâmina com força. Eragon deu um pulo para a frente, mas não foi rápido o bastante para detê-lo. Ele ficou surpreso quando Brom, com um sorriso nos lábios, ergueu a mão intacta.

- O que você fez? - indagou Eragon.

- Sinta a lâmina - ordenou Brom.

Eragon a tocou e sentiu uma superfície invisível sob seus dedos. A barreira tinha uns seis milímetros de largura e era muito escorregadia.

- Agora, faça o mesmo em Czar'roc - instruiu-o Brom. - A sua barreira será um pouco diferente da minha, mas produzirá o mesmo efeito.

Ele ensinou Eragon a pronunciar as palavras e orientou-o quanto ao procedimento. Eragon fez várias tentativas, mas, logo, conseguiu proteger a lâmina de Czar'roc. Confiante, ele se pôs em posição para lutar. Antes de começarem, Brom advertiu:

- Estas espadas não nos cortarão, mas elas ainda podem quebrar ossos. Eu gostaria de evitar que isso acontecesse, então não bata como você está acostumado. Um golpe no pescoço pode ser fatal.

Eragon concordou com a cabeça e atacou sem avisar. Fagulhas saíram de sua espada, e o som de metal se chocando encheu o ar do acampamento quando Brom desviou o golpe. Eragon sentia a espada lenta e pesada depois de ter treinado tanto tempo com varas. Sem conseguir mover Czar'roc rápido o bastante, recebeu uma pancada firme no joelho.

Os dois tinham grandes hematomas quando pararam. Eragon tinha muito mais do que Brom. Ele ficou maravilhado ao ver que Czar'roc não tinha nenhum arranhão ou amassado depois dos fortes golpes que recebeu.

Murtagh tentou se livrar da pata de Saphira com um empurrão, depois desistiu, xingando.

- Eu não quero! Eles vão esperar coisas de mim que não posso fazer.

- Você roubou algo deles?

- Queria que fosse tão simples assim.

Eragon girou os olhos, irritado.

- Então, o que houve? Você matou alguém importante ou dormiu com a mulher errada?

- Não, eu nasci - disse Murtagh, enigmaticamente. Ele empurrou Saphira de novo. Dessa vez, ela soltou os dois. Eles ficaram em pé, sob os olhares atentos dela, e limpavam a terra das costas.

- Você está evitando a pergunta - disse Eragon tocando de leve seu lábio cortado.

- E daí? - disparou Murtagh enquanto andava pesadamente até os limites do acampamento. Depois de um minuto ele suspirou. - Não importa por que estou nessa situação delicada, mas posso dizer que os varden não me dariam as boas-vindas, mesmo que eu chegasse com a cabeça do rei em uma bandeja. Eles até poderiam me cumprimentar e me deixar participar de um de seus conselhos, mas confiar em mim? Nunca. E se eu chegasse sob circunstâncias menos fortuitas, como as atuais, seria bem provável que eles me colocassem preso a ferros.

- Você não vai me contar o porquê disso tudo? - perguntou Eragon. - Eu também já fiz coisas das quais não me orgulho, então também não sei se passarei pelo julgamento deles.

Murtagh balançou a cabeça lentamente, seus olhos brilhavam.

- Não é nada disso. Não fiz nada que mereça tal tratamento, embora seria mais fácil se fosse assim. Não... meu único erro é existir, em primeiro lugar. - Parou e respirou fundo, trêmulo. - Sabe, meu pai...

Um sibilo abrupto de Saphira o interrompeu de repente:

- Isto é maravilhoso... - As palavras dele perderam-se quando Saphira se inclinou e girou no ar. O solo rodopiou de uma maneira estonteante, e vertigem fez Eragon se agarrar com mais força. - Não faça isso! - gritou. - Parece que vou cair.

Você deve se acostumar com isso. Se eu for atacada no ar, esta será uma das manobras mais simples que eu farei, - respondeu ela. Ele não conseguiu pensar em nenhuma resposta e se concentrou em controlar o estômago. Saphira inclinou-se para dar um mergulho suave e aproximou-se lentamente do chão.

Embora o estômago de Eragon se contraísse a cada guinada, ele começou a aproveitar o passeio. Relaxou os braços um pouco e esticou o pescoço para trás para olhar a paisagem. Saphira deixou que ele admirasse a vista por um tempo e depois disse: *Mostrarei a você como é voar de verdade.*

Como? - Perguntou.

Relaxe e não sinta medo, - disse ela.

A mente dela puxou a dele, extraindo-o de seu corpo. Eragon resistiu por um momento, mas depois se rendeu ao controle dela. Sua visão ficou embaçada, e começou a ver pelos olhos de Saphira. Tudo estava distorcido: as cores tinham tonalidades estranhas, exóticas; os tons de azul eram mais proeminentes agora, enquanto os tons de verde e vermelho ficaram suavizados. Eragon tentou virar sua cabeça e seu corpo, mas não conseguiu. Ele sentia-se como um fantasma que havia descido de um plano etéreo.

Pura alegria emanava de Saphira quando ela subia mais alto no céu. Ela adorava aquela liberdade de poder ir a qualquer lugar. Quando estavam bem acima do chão, olhou para trás, em direção a Eragon. Ele viu a si mesmo como Saphira o via, agarrado em seu dorso com um olhar vazio. Podia sentir o corpo dela fazendo resistência contra o ar, usando as correntes ascendentes para subir. Todos os músculos dela eram como se fossem seus. Ele sentiu a cauda movendo-se no ar como um leme gigante corrigindo o curso. Eragon ficou surpreso ao ver como ela dependia daquilo.

ficar com a consciência tranquila? O seu problema - disse Murtagh cutucando o peito de Eragon - é que você é tão indefeso que força todo mundo a tomar conta de você!

As palavras feriram o orgulho de Eragon, que reconheceu um pouco de verdade nelas.

- Não toque em mim - disse entre os dentes.

Murtagh riu, havia um tom ríspido na voz dele:

- Se não, o quê? Vai me dar um soco? Você não conseguiria atingir nem uma parede de tijolos. - Ele empurrou Eragon de novo, mas Eragon agarrou o braço dele e o atingiu no estômago.

- Eu avisei, não me toque!

Murtagh se curvou, xingando. Depois, gritou e jogou-se para cima de Eragon. Caíram, embolando braços e pernas, socando um ao outro. Eragon deu um chute em direção ao lado direito do quadril de Murtagh, errou e acertou de leve na fogueira. Fagulhas e brasas incandescentes voaram pelos ares.

Lutaram no chão, um tentando ganhar vantagem sobre o outro. Eragon conseguiu colocar o pé embaixo do peito de Murtagh e empurrou-o com força. Murtagh voou por cima da cabeça de Eragon, caindo estatelado de costas, produzindo um forte baque.

A respiração de Murtagh falhou. Rolou com rigor e se pôs em pé, depois girou para ficar de frente para Eragon, ofegando muito. Partiram um para cima do outro mais uma vez. A cauda de Saphira chicoteou entre eles, acompanhada por um rugido ensurdecedor. Eragon ignorou-a e tentou pular por cima da cauda, mas uma pata cheia de garras o pegou em pleno ar e o jogou no chão.

Basta!

Ele, inutilmente, tentou tirar a musculosa pata de Saphira de cima do seu peito e viu que Murtagh estava preso da mesma maneira. Saphira rugiu

ser mais árdua do que Eragon achava. Só conseguiam ver o caminho se Saphira voasse bem próximo dele, arriscando ser vista.

Perto do meio-dia, um zumbido irritante encheu os ouvidos de Eragon, e ele notou uma pressão estranha em sua mente. Balançou a cabeça, tentando livrar-se daquilo, mas a tensão aumentava cada vez mais. As palavras de Brom sobre as pessoas que tentavam invadir a mente de outras passaram de relance pela cabeça de Eragon, e ele tentou, freneticamente, limpar seus pensamentos. Ele se concentrou em uma das escamas de Saphira e se esforçou para ignorar todo o resto. A pressão cedeu por um momento, mas depois voltou mais forte do que nunca. Um golpe de vento repentino balançou Saphira, e a concentração de Eragon se desfez. Antes que pudesse aprontar qualquer defesa, a força invadiu sua mente. Mas em vez de sentir a presença invasiva de outra mente, só havia palavras:

O que você pensa que está fazendo? Desça aqui. Achei algo importante.

Brom? - Perguntou Eragon.

Isso, - respondeu o ancião irritado. Faça essa sua lagarta superdesenvolvida pousar. Estou aqui... - Enviou a Eragon uma imagem do local onde estava.

Eragon disse rapidamente a Saphira aonde ir, e ela tomou a direção do rio que estava lá embaixo. Nesse meio-tempo, Eragon preparou seu arco e pegou várias flechas.

Se houver problema, estarei pronto.

Eu também, - disse Saphira.

Quando chegaram perto de Brom, Eragon viu-o em pé em uma clareira, agitando os braços. Saphira pousou, e Eragon pulou de seu dorso, procurando o perigo. Os cavalos estavam presos em uma árvore à margem da clareira e Brom estava sozinho. Eragon foi correndo até ele e perguntou:

- O que há de errado?

Brom coçou o queixo e balbuciou várias palavras de xingamento.

Entendido... - Uma série de imagens estonteantes apareceram de repente na mente dele. Ele viu a si mesmo cavalgando ao longo das montanhas Beor, viajando muitos quilômetros rumo ao leste. Eragon fez o melhor possível para se lembrar da rota enquanto montanhas escarpadas e colinas passavam depressa. Agora, rumava ao sul, ainda acompanhando as montanhas. Depois, tudo virou de repente, quando entrou em um vale estreito e sinuoso. Ele serpenteava entre as montanhas até a base de uma cachoeira espumante, que desaguava em um lago profundo. As imagens pararam.

É longe, - disse Arya, - mas não deixe que a distância o desanime. Quando você chegar ao lago Kósthá-mérna, no final do rio Dente-de-Urso, pegue uma pedra, bata no penhasco perto da cachoeira e grite: Aí varden abr du Shur'tugals gata vanta. Você será admitido. Você será desafiado, mas não vacile, por mais perigoso que pareça.

O que eles devem dar a você como antídoto para o veneno? Perguntou ele. A voz dela tremeu, mas, depois, recuperou suas forças.

Diga a eles para me darem o néctar de Túnivor. Agora, você deve me deixar... Já gastei energia demais. Não fale comigo de novo a não ser que não haja esperança de chegar até os varden. Se for o caso, há informações que devo passar a você para que os varden possam sobreviver. Adeus, Eragon, Cavaleiro de Dragões... Minha vida está em suas mãos.

Arya rompeu o contato. A força sobrenatural que ecoava durante a ligação que eles mantiveram desapareceu. Eragon respirou fundo, tremendo, e fez força para abrir os olhos. Murtagh e Saphira estavam perto dele, um de cada lado, observando preocupados.

- Você está bem? - perguntou Murtagh. - Você está ajoelhado aí há quase quinze minutos.

- Estou? - perguntou Eragon piscando.

Está, e fazendo caretas como uma gárgula sentindo dor, - comentou Saphira secamente.

comemos. - Eragon, triste, foi pegar comida em sua saca. Eles comeram em silêncio, olhando para o céu azul.

Novamente, Eragon pensou em sua casa e imaginou o que Roran estaria fazendo. Uma visão da fazenda incendiada surgiu na mente dele e a tristeza ameaçou dominá-lo. O que farei se não encontrarmos os ra'zac? Qual será o meu propósito? Eu poderia voltar para o Carvahall... Ele apanhou um galho do chão e o quebrou entre dois dedos. Ou poderia viajar com Brom e continuar o meu treinamento. Eragon ficou contemplando a planície, tentando acalmar seus pensamentos.

Quando Brom acabou de comer, ficou em pé e tirou seu capuz.

- Pensei em todos os truques que sei, em todas as palavras de poder que conheço, em todas as habilidades que temos, mas ainda não descobri como podemos achar os ra'zac. - Eragon tombou em cima de Saphira, desesperado. - Saphira poderia se mostrar em alguma cidade. Isso atrairia os ra'zac como moscas até o mel. Mas seria uma coisa extremamente arriscada. Os ra'zac poderiam trazer soldados com eles, e o próprio rei poderia ficar interessado demais a ponto de aparecer pessoalmente, o que seria sinônimo de morte certa para você e para mim.

- E agora? - perguntou Eragon, jogando as mãos para o alto.

Você tem alguma ideia, Saphira?

Não.

- Depende de você - disse Brom. - Esta é a sua cruzada.

Eragon rangeu os dentes raivosamente e afastou-se de Brom e de Saphira.

Quando estava para entrar no meio das árvores, seu pé bateu em algo duro. Um frasco de metal, com uma tira de couro comprida o bastante para deixá-lo pendurado no ombro de alguém, estava caído no chão. Uma insígnia prateada, que Eragon reconheceu como sendo dos ra'zac, estava forjada nele.

afirmação ser verdadeira para ele, embora ela pudesse não considerá-lo amigo. A língua antiga tem as suas limitações, pensou Eragon, esperando que a elfa ficasse curiosa o bastante para soltá-lo.

Ela ficou. A pressão diminuiu e as barreiras em volta da mente dela abaixaram-se de modo hesitante. A elfa, apreensiva, deixou que seus pensamentos se tocassem, como dois animais selvagens que se encontravam pela primeira vez. Um calafrio correu pelo lado do corpo de Eragon. A mente dela era estranha. Parecia ser vasta e poderosa, contando com lembranças de anos inumeráveis. Pensamentos sombrios estavam fora do alcance e da vista, artefatos de sua raça fizeram-no se encolher de medo quando tocaram a mente dele. Apesar de tudo isso, as sensações brilhavam com uma melodia de beleza selvagem e pungente, que expressavam a identidade dela.

Qual é o seu nome? - Perguntou ela falando na língua antiga. Sua voz tinha um tom preocupado e estava repleta de um desespero silencioso.

Eragon. E o seu? - A mente dela o atraiu mais para perto, convidando-o a submergir no toque lírico de seu sangue. Ele resistiu à convocação com dificuldade, embora seu coração insistisse para aceitar. Pela primeira vez, entendeu a atração sobrenatural dos elfos. Eram criaturas mágicas, livres das leis mortais da terra, tão diferentes dos humanos quanto os dragões eram dos outros animais.

... Arya. Por que você fez contato comigo desta maneira? Ainda sou prisioneira do Império?

Não, você está livre! - Respondeu Eragon. Embora não soubesse muitas palavras na língua antiga, ele conseguiu dizer: - *Eu estava preso em Gil'ead, como você, mas consegui fugir e a salvei. Nos cinco dias que se passaram desde então, atravessamos o deserto Hadarac e estamos acampados perto das montanhas Beor. Você não se mexeu e não disse uma palavra durante todo esse tempo.*

Ah... Então era Gil'ead. - Ela fez uma pausa. - *Eu sei que minhas feridas foram curadas. Na ocasião, não entendi o porquê. Estava certa que foi*

demora a sarar. Ele é raro e muito caro, especialmente em sua forma convertida.

Eragon lembrou-se das terríveis queimaduras que cobriam Garrow.

Foi o que usaram nele, percebeu Eragon horrorizado.

- Por que será que os ra'zac deixaram para trás algo tão valioso?

- Deve ter caído por acidente quando saíram voando.

- Mas por que não voltaram para pegá-lo? Duvido que o rei ficará satisfeito ao saber que o perderam.

- Não, ele não ficará - assentiu Brom. - Mas ele ficaria mais zangado ainda se eles demorassem muito para levar notícias sobre você. De fato, se os ra'zac já chegaram até ele agora, pode ter certeza de que o rei já sabe seu nome. Isso significa que precisaremos ter muito mais cuidado ao entrarmos nas cidades. Haverá avisos e cartazes falando de você espalhados por todo o Império.

Eragon parou para pensar.

- Este óleo, ele é muito raro mesmo?

- Como diamantes na gamela dos porcos - comparou Brom. Ele se corrigiu depois de alguns segundos. - Na verdade, o óleo normal é usado por joalheiros, mas só por aqueles que têm condição de comprá-lo.

- Então, há pessoas que o comercializam?

- Talvez, uma ou duas.

- Bom - disse Eragon. - As cidades ao longo da costa mantêm registros dos embarques que fazem?

Os olhos de Brom faiscaram.

- É claro que mantêm. Se tivéssemos acesso a esses registros, saberíamos quem trouxe o óleo para o sul e para onde foi enviado depois.

- E o registro da compra do Império nos diria onde os ra'zac moram! - concluiu Eragon. - Não sei quantas pessoas podem comprar este óleo, mas

UM CAMINHO REVELADO

Fatigados e cansados, mas com sorrisos triunfantes, sentaram em volta da fogueira, congratulando um ao outro. Saphira gritou jubilante, o que assustou os cavalos. Eragon olhou fixamente para as chamas. Estava orgulhoso por terem percorrido quase trezentos quilômetros em cinco dias. Era um feito impressionante, até mesmo para uma pessoa perita em montaria, que trocasse de cavalos com regularidade.

“Estou fora do Império”. Era um pensamento estranho. Ele nasceu no Império, viveu a vida toda sob o domínio de Galbatorix, perdeu seus amigos mais chegados e seus familiares para os servos do rei e quase morreu, várias vezes, sob o governo dele. Agora, Eragon estava livre. Ele e Saphira não precisariam mais se esquivar dos soldados, evitar cidades ou esconder quem eles eram. Era uma conquista agriçoce, pois o custo foi a perda do mundo que ele tinha.

Eragon olhou para as estrelas no crepúsculo. E embora o sonho de estabelecer um lar na segurança do isolamento fosse algo que o agradasse, havia testemunhado coisas erradas em demasia, cometidas em nome de Galbatorix, desde assassinatos à escravidão, para dar as costas para o Império. Agora não era apenas o seu desejo de vingança, pela morte de Brom e de Garrow, que o incentivava. Como Cavaleiro, era dever dele ajudar aqueles que não tinham força para resistir à opressão de Galbatorix.

Com um suspiro, deixou seus pensamentos e passou a observar a elfa deitada ao lado de Saphira. A luz alaranjada do fogo deu uma aparência mais quente a seu semblante. Sombras delicadas dançavam sob as maçãs do rosto. Enquanto observava, uma ideia foi lhe ocorrendo lentamente.

Ele podia ouvir os pensamentos de pessoas e animais, e se comunicar com eles do modo que quisesse, mas isso era algo que não fazia sempre, com exceção de Saphira. Lembrou-se dos conselhos de Brom quanto a não violar a mente de alguém, a não ser que fosse absolutamente necessário. Exceto a vez em que tentou entrar na mente de Murtagh, evitava fazer isso.

Eragon e Brom travaram sua luta diária, mas não foi tão enérgica, pois ambos estavam preocupados com os eventos daquele dia. Quando terminaram, os braços de Eragon ardiam por não estarem acostumados com o peso de Czar'roc.

Devemos estar perto do fim do deserto, - disse Eragon. - Só viajamos dois dias e já podemos ver os limites dele e além!

Saphira voava em espiral acima das dunas.

De fato, mas considerando o tamanho daqueles picos, eles ainda podem estar a duzentos e cinquenta quilômetros daqui. É difícil medir distâncias tendo como base algo tão imenso. Elas não seriam um esconderijo perfeito para os elfos ou para os varden?

Poderiam esconder mais do que os elfos e os varden, - afirmou ele. - Nações inteiras poderiam viver lá em segredo, escondidas do Império. Imagine viver com aqueles gigantes pairando acima de você!

Ele guiou Fogo na Neve até Murtagh e apontou, sorrindo.

- O que foi? - resmungou Murtagh, examinando o terreno.

- Olhe com atenção - insistiu Eragon.

Murtagh olhou atentamente para o horizonte. Ele deu de ombros.

- O que foi? Não estou... - As palavras morreram em sua boca, dando espaço para uma expressão de espanto, de queixo caído. Murtagh balançou a cabeça, balbuciando. - Isso é impossível! - Fez tanta força para olhar com os olhos semicerrados que rugas se formaram em seu rosto. Balançou a cabeça de novo. - Eu sabia que as montanhas Beor eram grandes, mas não que tinham esse tamanho monstruoso!

- Vamos torcer para que os animais que vivem lá não tenham seu tamanho proporcional às montanhas - disse Eragon brincando.

Murtagh sorriu.

- Será bom ter um pouco de sombra e passar algumas semanas descansando. Estou farto desta marcha forçada.

- Eu também estou cansado - admitiu Eragon. - Mas não quero parar até que a elfa esteja curada... Ou ela morrerá.

- Não vejo como continuar viajando poderá ajudá-la - disse Murtagh seriamente. - Uma cama será melhor para ela do que ficar pendurada

Na qual eu navegaria eternamente,

Não fosse pela elfa, Que me chama, me chama.

Ela prendeu meu coração com um laço branco como o lírio,

Que nunca será rompido, protegido pelo mar,

Que pode ser retorcido pelas árvores e pelas ondas.

As palavras ecoaram repetidamente na mente de Eragon.

- Ainda há muito mais trechos dessa música, a "*Du Silbena Datia*". Recitei apenas alguns versos. Ela conta a triste história de dois amantes, Acallamh e Nuada, que foram separados por um desejo pelo mar. Os elfos veem um grande significado nela.

- É bonita - disse Eragon, simplesmente.

A Espinha era uma sombra tênue no horizonte ao pararem naquela noite.

Quando chegaram ao contraforte da Espinha, mudaram de direção e seguiram para o sul. Eragon sentia-se feliz por estar junto das montanhas de novo; elas impunham ao mundo limites confortáveis. Três dias depois, chegaram a uma estrada larga sulcada por rodas de carroças.

- Esta é a via principal entre a capital, Uru'baen, e Teirm - informou Brom. - Ela é muito usada e é uma das rotas favoritas dos mercadores. Devemos ter mais cuidado. Esta não é a época mais movimentada do ano, mas algumas pessoas devem usar a estrada.

Os dias passavam rapidamente conforme continuavam a viajar acompanhando a Espinha, procurando a passagem no desfiladeiro. Eragon não podia reclamar de tédio. Quando não estava estudando a língua dos elfos, estava aprendendo a cuidar de Saphira ou praticando magia. Eragon também aprendeu a matar animais selvagens usando magia, o que poupava o tempo que eles gastavam caçando. Ele segurava uma pedra pequena na mão e a atirava na presa. Era impossível errar. Os frutos de seus esforços

o horizonte. O humor de Murtagh não melhorou com o sono, e Eragon notou que o dele piorava rapidamente. Durante o café da manhã, perguntou:

- Você acha que vai demorar para sairmos do deserto?

Murtagh olhou para ele com uma expressão zangada.

- Nós atravessamos apenas uma pequena parte, então só posso supor que levaremos uns dois ou três dias.

- Mas veja como já chegamos longe.

- Tudo bem, talvez não demore tanto! Agora, só me importa sair do Hadarac o mais rápido possível. O que estamos fazendo já é muito difícil sem ter de tirar areia dos olhos a cada minuto.

Eles acabaram de comer, e Eragon foi até a elfa. Ela estava deitada como se estivesse morta, parecendo um cadáver, com exceção de sua respiração ritmada.

- Onde está o seu mal? - sussurrou Eragon, tirando uma mecha de cabelo da testa da elfa. - Como você consegue dormir deste jeito e continuar viva? - A imagem dela, alerta e equilibrada na cela da prisão, ainda estava vívida em sua mente. Preocupado, ele a preparou para viajar e depois selou e montou Fogo na Neve.

Ao levantarem acampamento, uma linha de manchas escuras se tornou visível no horizonte, indistinta no ar nebuloso. Murtagh achava que eram colinas distantes. Eragon não estava convencido, mas não podia obter mais nenhum detalhe sobre aquilo.

O problema da elfa enchia os pensamentos dele. Eragon tinha certeza de que algo devia ser feito para ajudá-la ou ela iria morrer, embora não soubesse o quê. Saphira estava tão preocupada quanto ele. Falaram sobre isso durante horas, mas nenhum deles sabia o bastante sobre cura para resolver o problema que os desafiava.

Ao meio-dia, pararam para um breve descanso. Quando começaram a jornada, Eragon notou que a névoa havia diminuído desde a manhã e que as manchas distantes ganharam mais definição.

Além da floresta, notaram uma mudança. O terreno estava coberto por uma grama macia e por uma vegetação suave, na qual os pés deles afundavam. O musgo prendia-se a todas as pedras e galhos e delineavam a orla dos riachos que rendavam o terreno. Poças de lama pontilhavam a estrada onde os cavalos haviam pisado. Logo, tanto Brom quanto Eragon estavam cobertos de respingos de lama.

- Por que tudo é verde? - quis saber Eragon. - Eles não têm inverno aqui?

- Têm, mas a estação é branda. A névoa e a neblina que vêm do mar mantêm tudo vivo. Alguns gostam disso, mas, para mim, é sombrio e deprimente.

Quando a noite caiu, armaram acampamento no lugar mais seco que conseguiram achar.

Enquanto comiam, Brom comentou:

- Você devia montar Cadoc até chegarmos a Teirm. É bem provável que encontremos outros viajantes, agora que saímos da Espinha, e será melhor se você estiver comigo. Um velho viajando sozinho levantará suspeitas. Com você ao meu lado, ninguém fará perguntas. Além disso, não quero aparecer na cidade e fazer alguém que me viu na estrada ficar imaginando de onde você surgiu de repente.

- Usaremos nossos nomes verdadeiros? - inquiriu Eragon.

Brom pensou por um instante.

- Não seremos capazes de enganar Jeod. Ele já sabe o meu nome, e acho que posso confiar o seu nome a ele. Mas, para todos os outros, eu serei Neal e você será o meu sobrinho Evan. Se nossas línguas nos traírem, acho que isso não fará muita diferença, mas não quero nossos nomes na memória de ninguém. As pessoas têm o irritante hábito de lembrar-se de coisas que não deviam.

- Você gosta daqui tanto assim? - Resmungou Eragon.

Gosto.

Então, quando tudo estiver terminado, talvez possamos voltar... - Ele caiu no sono enquanto falava. Saphira estava contente e murmurava baixinho enquanto ele e Murtagh descansavam.

Era a manhã do quarto dia posterior à saída deles de Gil'ead. Já haviam percorrido cerca de cento e setenta quilômetros.

Dormiram apenas durante tempo suficiente para clarear a mente e descansar os cavalos. Nenhum soldado podia ser visto atrás deles, mas isso não os iludiu quanto a diminuir o ritmo e seus passos. Eles sabiam que o Império continuaria procurando até que estivessem muito além do domínio do rei. Eragon disse:

- Mensageiros devem ter levado a notícia da minha fuga para Galbatorix. Ele já deve ter alertado os ra'zac, que já devem estar seguindo nossos rastros agora. Vão demorar um tempo para nos alcançar, mesmo voando, mas devemos estar preparados para enfrentá-los a qualquer momento.

E, desta vez, eles vão ver que eu não sou tão fácil de se prender com correntes, - disse Saphira.

Murtagh coçou o queixo.

- Espero que não consigam nos seguir além de Bullridge. O Ramr foi um modo muito eficaz de despistar quem nos perseguia, há uma boa chance de nossos rastros não serem encontrados de novo.

- Devemos torcer para isso realmente - disse Eragon, enquanto checava a elfa. A condição dela não havia se modificado. Ela ainda não reagia às investidas dele. - Mas não quero confiar na sorte agora. Os ra'zac podem estar nos seguindo enquanto conversamos.

Ao pôr do sol, eles chegaram aos penhascos que viram de longe naquela manhã. As formações rochosas altas e imponentes elevavam-se acima deles, projetando sombras fracas. A área em volta não tinha dunas em um raio de

Eu sei. Mas Brom e eu temos alguns trunfos que a maioria das pessoas não tem. Nós ficaremos bem.

Se acontecer alguma coisa, vou prendê-lo nas minhas costas e nunca mais vou soltá-lo.

Eu também amo você.

Então, vou prendê-lo ainda mais forte.

Eragon e Brom cavalgaram em direção ao portão, tentando agir de modo casual. Uma flâmula amarela, que ostentava o contorno de um leão rugindo e um braço segurando um lírio, tremulava acima da entrada. Ao se aproximarem da muralha, Eragon perguntou admirado:

- Qual é o tamanho deste lugar?

- É maior do que qualquer cidade que você já viu - respondeu Brom.

Na entrada para Teirm, a postura dos guardas era mais ereta e bloqueavam o portão com suas lanças.

- Qual é o nome de vocês? - perguntou um deles, com um tom de voz desinteressado.

- Eu me chamo Neal - respondeu Brom com uma voz asmática, caminhando sem apuro e com uma feliz expressão de tolice no rosto.

- E quem é o outro? - perguntou o guarda.

- Ora, eu já ia falar. Este é o meu sobrinho Evan. Ele é filho de minha irmã, não é...

O guarda sacudiu a cabeça impaciente.

- Sei, sei. E o que veio fazer aqui?

- Ele veio visitar um velho amigo - respondeu Eragon, forçando um sotaque. - Só vim junto para ele não se perder, se é que você me entende. Ele já não é jovem... e pegou muito sol na cabeça quando era garoto. Parece que fritou os miolos, sabe?

Brom sacudiu a cabeça prazerosamente.

as montanhas Beor. O ar estava repleto de cantos de pássaros que acordavam para um novo dia.

Eragon adormecia até quando andava. E mal percebia que Murtagh estava com tanto sono quanto ele. Havia momentos em que nenhum deles guiava os cavalos, e era apenas a vigilância de Saphira que os mantinha no curso.

Finalmente o solo ficou macio e cedia embaixo dos pés deles, forçando-os a parar. O sol estava alto no céu. O rio Ramr não era mais do que uma linha indistinta atrás deles.

Eles haviam chegado ao deserto Hadarac.

muralha, são mais baixas, os arqueiros das casas mais atrás podem atirar sem medo de atingir os seus colegas. Além disso, se os inimigos tomassem aquelas casas e colocassem seus arqueiros em cima delas, seria muito fácil atingi-los.

- Nunca vi uma cidade planejada dessa maneira - disse Eragon maravilhado.

- De fato, mas isso só foi feito depois que Teirm quase foi completamente incendiada por um ataque pirata - comentou Brom. Enquanto continuavam a subir a rua, as pessoas olhavam para eles desconfiadas, mas também não demonstravam um interesse maior.

“Comparada à nossa recepção em Daret, desta vez fomos recebidos de braços abertos. Talvez Teirm ainda não saiba nada sobre os urgals”, pensou Eragon. Mas mudou de opinião quando um homem grande, de ombros largos, passou com uma espada na cintura. Havia outros sinais sutis de tempos conturbados: não havia crianças nas ruas, as pessoas ficavam de rosto fechado e muitas casas estavam vazias, com ervas daninhas crescendo entre as pedras que cobriam seus jardins.

- Parece que eles tiveram algum problema - observou Eragon.

- Igual a todos os outros lugares - disse Brom fechando a carranca.

- Precisamos achar Jeod. - Dirigiram seus cavalos para o outro lado da rua, até uma taverna, e os amarraram em um pequeno poste.

- A Castanha Verde... Excelente - resmungou Brom, olhando para o letreiro desgastado enquanto ele e Eragon entravam no local.

O salão sombrio parecia ser inseguro. O fogo ardia lentamente na lareira, mas ninguém parecia se incomodar ao ponto de querer alimentá-lo com mais um pedaço de lenha. Poucas pessoas solitárias nos cantos bebericavam seus drinques com expressões mal-humoradas no rosto. Um homem que não tinha dois dedos, sentado em uma mesa mais distante, observava sua mão mutilada. O homem atrás do balcão do bar tinha um toque de cinismo nos lábios e segurava com as duas mãos um copo que não parava de limpar, embora estivesse quebrado.

- Não sei dizer - respondeu Murtagh, com um tom de preocupação na voz. - Você pode ver a distância até o outro lado usando a sua magia?

- Acho que não, a não ser que eu ilumine este lugar como um farol.

Com um golpe de ar, Saphira levantou voo e planou alto sobre o Ramr. Depois de um curto espaço de tempo, ela disse:

Estou na outra margem. O rio tem mais de oitocentos metros de largura. Vocês não podiam ter escolhido um lugar pior para atravessá-lo. O Ramr Jaz uma curva neste ponto, que é o mais largo dele.

- Oitocentos metros! - exclamou Eragon. Ele falou a Murtagh sobre a oferta de Saphira para levá-los voando à outra margem.

- Prefiro não tentar fazer isso, pelo bem dos cavalos. Tornac não está tão acostumado com Saphira quanto Fogo na Neve. Ele pode entrar em pânico e machucar a ambos. Peça a Saphira para procurar lugares rasos onde possamos atravessar nadando em segurança. Se não houver nenhum ponto com essas características no raio de dois quilômetros, sem importar para que lado seja, então acho que ela poderia nos rebocar em uma jangada.

Atendendo ao pedido de Eragon, Saphira concordou em procurar um lugar mais raso. Enquanto ela explorava, eles agacharam-se perto dos cavalos e comeram pão seco. Não demorou para Saphira voltar, suas asas cor de violeta sussurravam no céu do começo do crepúsculo.

O rio é fundo e caudaloso tanto para cima quanto para baixo.

Assim que ouviu isso, Murtagh disse:

- É melhor que eu vá primeiro, assim poderei cuidar dos cavalos. - Ele pulou para cima da sela de Saphira. - Tenha cuidado com Tornac. Eu o tenho há muitos anos. Não quero que nada aconteça a ele. - Depois, Saphira decolou.

Quando ela voltou, a elfa inconsciente já havia sido desamarrada de sua barriga. Eragon levou Tornac até Saphira, ignorando o relinchar baixo do cavalo. Saphira apoiou-se nas patas traseiras para poder agarrar o cavalo em

- Martin. E, claro, já conheceram Gareth. - A voz dele era grave e áspera. Martin apontou para algumas cadeiras vazias. - Vamos, sentem-se. Não me incomode. - Eragon pegou uma cadeira e ajeitou-a de modo que ficasse de costas para a parede e de frente para a porta. Martin ergueu uma sobancelha, mas não fez nenhum comentário.

- Você acabou de me fazer economizar algumas coroas - disse Brom.

- O prazer foi todo meu. Mas não posso culpar Gareth, pois os negócios não têm sido muito bons ultimamente. - Martin coçou o queixo. - Jeod mora no lado oeste da cidade, bem ao lado de Ângela, a herbolaria. Vai fazer algum negócio com ele?

- Mais ou menos - respondeu Brom.

- Bem, ele não estará interessado em comprar nada, pois perdeu outro navio há poucos dias.

Brom aproveitou a divulgação desta notícia e perguntou com interesse:

- O que aconteceu? Não foram os urgals, não é?

- Não - respondeu Martin. - Eles saíram da área. Ninguém os vê há quase um ano. Parece que foram para o sul e para o leste. Mas eles não são nosso maior problema. A maioria dos nossos negócios é feita com o comércio marítimo, como você deve saber muito bem. Então... - Ele parou para dar um gole em sua caneca. - Já faz alguns meses que alguém vem atacando nossos navios. Não são atos de pirataria comuns, pois só os navios que levam as mercadorias de certos comerciantes é que são atacados. Jeod é um deles. A coisa está tão feia que nenhum comandante aceita mercadorias daqueles comerciantes, o que dificulta a nossa vida aqui. Especialmente porque alguns deles dirigem as maiores empresas de comércio marítimo do Império. Estão sendo forçados a despachar suas mercadorias por terra, o que elevou os custos de modo absurdo, e suas caravanas nem sempre chegam aos seus destinos.

- Vocês têm alguma ideia de quem seja o responsável? Deve haver alguma testemunha - disse Brom.

Martin balançou a cabeça.

Esta é a terceira noite desde que salvamos você em Gil'ead, e a elfa ainda não acordou. Estou preocupada. Ela não bebeu ou comeu durante todo esse tempo. Sei pouco sobre elfos, mas ela está fraca. Duvido que consiga sobreviver durante muito tempo se não receber algum alimento.

- O que há de errado? - perguntou Murtagh por cima do dorso de Tornac.

- A elfa - respondeu Eragon, baixando o olhar em direção a ela. - Saphira está preocupada porque ela não acordou nem se alimentou, isso me perturba também. Curei suas feridas, pelo menos na superfície, mas parece que isso não fez bem nenhum a ela.

- Talvez o Espectro tenha mexido na mente dela - sugeriu Murtagh. - Então, precisamos ajudá-la.

Murtagh ajoelhou-se ao lado da mulher. Ele examinou-a com cuidado, depois balançou a cabeça e pôs-se de pé.

- Pelo que vi, ela está apenas dormindo. Parece que eu poderia acordá-la com uma palavra ou com um toque, porém ela continua adormecida. Esse estado de coma pode ser algo que os elfos impõem a si mesmos para fugir da dor dos ferimentos, mas se é assim, por que ela não termina com isso? Agora, não há mais perigo para ela.

- Mas será que ela sabe disso? - perguntou Eragon baixinho.

Murtagh pôs uma das mãos no ombro dele.

- Isso precisa esperar. Temos de partir agora ou arriscaremos perder a vantagem que ganhamos com muito esforço. Você pode cuidar dela depois quando pararmos.

- Só farei uma coisa antes - anunciou Eragon. Ele ensopou um pano e espremeu-o para que a água caísse entre os lábios perfeitos da elfa. Fez isso várias vezes e umedeceu sua testa acima das sobrancelhas uniformes e angulosas, sentindo-se estranhamente protetor.

Seguiram pelas colinas, evitando os topos com medo de serem vistos por sentinelas. Saphira ficou com eles no solo pelo mesmo motivo. Apesar

UM VELHO AMIGO

A loja da herbolária tinha um letreiro alegre e foi fácil de encontrar. Uma mulher baixa, de cabelos encaracolados, estava sentada perto da porta. Segurava uma rã com uma das mãos e escrevia com a outra. Eragon presumiu que fosse Ângela, a herbolária.

Havia uma casa em cada lado da loja.

- Qual você acha que é a dele? - perguntou Eragon. Brom pensou e, depois, disse:

- Vamos descobrir.

Ele aproximou-se da mulher e perguntou educadamente:

- A senhora poderia nos informar qual é a casa de Jeod?

- Poderia. - Ela continuou a escrever.

- E vai nos dizer?

- Sim. - Ela ficou em silêncio, mas sua caneta escrevia mais rápido do que nunca. A rã, que estava na mão dela, coaxou e olhou para eles com olhos perversos. Brom e Eragon esperaram de maneira desconfortável, mas ela não falou mais nada. Eragon estava prestes a falar qualquer coisa quando Ângela olhou para cima. - É claro que posso falar! Tudo o que vocês têm a fazer é pedir. Sua primeira pergunta foi se eu poderia falar e a segunda, se eu diria. Mas, de fato, não me fizeram a pergunta que realmente queriam.

- Então, deixe-me perguntar apropriadamente - disse Brom sorrindo. - Qual é a casa de Jeod? E por que a senhora está segurando uma rã?

- Agora estamos fazendo progresso - disse com bom humor. - Jeod mora na casa à direita e quanto à rã, na verdade, é um sapo. Estou tentando provar que sapos não existem, só rãs.

Os olhos de Murtagh brilharam perigosamente, um sorriso apertado ergueu seus lábios. Olhou para trás, para o caminho pelo qual vieram, onde a fumaça do acampamento dos soldados era visível, e disse:

- Eu sempre gostei de corridas.

- E agora participamos de uma que vale as nossas vidas.

Murtagh pulou para cima da sela de Tornac e saiu trotando do acampamento. Eragon seguiu bem atrás montando Fogo na Neve. Saphira pulou para o alto com a elfa. Ela voou baixo, perto do chão, para evitar que fosse vista pelos soldados. Desse modo, os três seguiram em direção ao sudoeste, para o distante deserto Hadarac.

Eragon sempre olhava para trás, de olho em seus perseguidores, enquanto cavalgavam. A mente dele, repetidas vezes, se voltava para a mulher. Uma elfa! Ele, de fato, havia visto uma, e estava com eles! Imaginou o que Roran pensaria disso. Ocorreu-lhe que, se um dia voltasse ao Carvahall, teria dificuldade de convencer qualquer pessoa de que todas as suas aventuras aconteceram de verdade.

Durante o resto do dia, Eragon e Murtagh viajaram velozes por aquela terra, ignorando o desconforto e o cansaço. Fizeram os cavalos correrem o mais rápido que podiam sem matá-los. Às vezes, desmontavam e corriam a pé, para darem descanso a Tornac e a Fogo na Neve. Pararam apenas duas vezes, em ambas somente para deixar os cavalos comerem e beberem.

Embora os soldados de Gil'ead estivessem bem atrás naquele momento, Eragon e Murtagh tinham de evitar novos soldados cada vez que passavam perto de uma cidade ou vilarejo. De algum modo, um alerta sobre eles foi dado em toda a região. Por duas vezes, quase caíram em emboscadas na trilha, só escaparam porque Saphira conseguiu farejar os soldados que estavam à frente. Depois do segundo incidente, abandonaram a trilha de vez.

O crepúsculo suavizou o campo quando a noite lançou um manto preto em todo o céu. Viajaram durante toda a noite, vencendo os quilômetros de modo implacável. Nas altas horas da noite, o solo ergueu-se embaixo deles, formando colinas baixas repletas de cactos.

cabelos louros, a abriu. Os olhos dela estavam inchados, parecia que estava chorando, mas sua voz estava perfeitamente firme.

- Pois não, o que vocês desejam?

- Jeod mora aqui? - perguntou Brom educadamente.

A mulher deixou a cabeça cair um pouco.

- Sim, mora. É o meu marido. Ele está esperando vocês? - Ela não abriu mais a porta do que já estava aberta.

- Não, mas precisamos falar com ele - disse Brom.

- Ele está muito ocupado.

- Nós viemos de muito longe. É muito importante falar com ele. - A expressão no rosto dela fechou-se.

- Ele está ocupado.

Brom ficou irritado, mas a voz dele continuou em seu tom educado.

- Já que não está disponível, será que poderia dar um recado a ele? - A boca da mulher contorceu-se, mas ela consentiu.

- Diga que um amigo de Gil'ead está esperando aqui fora.

A mulher ficou desconfiada, mas disse:

- Tudo bem. - Ela fechou a porta de repente. Eragon ouviu seus passos afastando-se.

- Isso não foi muito educado - comentou.

- Guarde suas opiniões para si mesmo - disparou Brom. - E não diga nada. Deixe que eu falei. - Ele cruzou os braços e bateu de leve com os dedos. Eragon fechou a boca e olhou para longe.

De repente a porta se abriu e um homem alto irrompeu de dentro da casa. Suas roupas caras estavam amarrotadas, seus cabelos grisalhos eram escassos e ele tinha um rosto triste com sobrancelhas curtas. Uma longa cicatriz atravessava seu couro cabeludo, chegando até suas têmporas.

- *E então? O deserto está franqueado para nós?*

- *Está* - confirmou Eragon.

Ele jogou-se debaixo de sua manta e explicou o que havia descoberto. Quando terminou, Eragon virou-se para a mulher. O rosto dela foi a última coisa que viu antes de dormir.

- Risthart, senhor de Teirm, decretou que todos os comerciantes devem ter seus escritórios no castelo dele. Embora a maioria de nós conduza seus negócios de outros locais, ainda assim temos de alugar salas lá. Não faz sentido, mas nós obedecemos para mantê-lo calmo. Lá ninguém poderá nos ouvir. As paredes são grossas. - Passaram pelo portão principal da fortaleza, entrando no pátio. Jeod andou rapidamente até uma porta lateral e apontou para um anel de ferro. - Pode amarrar os cavalos ali. Ninguém irá incomodá-los. - Quando Cadoc e Fogo na Neve estavam amarrados com segurança, ele abriu a porta com uma chave de ferro e os deixou entrar.

Lá dentro havia um corredor comprido e vazio, iluminado por tochas presas na parede. Eragon ficou surpreso por ser o lugar tão frio e úmido daquela maneira. Ao tocar na parede, seus dedos deslizaram por cima de uma camada de limo. Ele tremeu.

Jeod pegou uma tocha e guiou-os pelo corredor. Pararam diante de uma pesada porta de madeira. Ele a abriu e mandou que entrassem depressa em uma sala dominada por um tapete de pele de urso, ladeado por poltronas estofadas. Prateleiras, repletas de livros com capas de couro, cobriam as paredes.

Jeod pôs lenha na lareira e jogou a tocha dentro dela. O fogo pegou rapidamente.

- Você, seu velho, tem muita coisa a me explicar.

O rosto de Brom se enrugou com um sorriso.

- Quem você está chamando de velho? A última vez em que o vi não havia nenhum fio de cabelo branco na sua cabeça. Agora, parece que eles estão nos estágios finais de decomposição.

- E você está a mesma coisa de vinte anos atrás. Parece que o tempo o vem preservando como um velhote excêntrico só para poder passar sabedoria para as novas gerações. Chega de tudo isso! Vá contando a sua história. Você sempre foi bom nisso - disse Jeod impaciente. Eragon preparou os ouvidos e esperou ansiosamente para ouvir o que Brom diria.

Eu não sei como fiz aquilo, - disse ela calmamente. - Apenas aconteceu.

Você pode fazer de novo? Mas, desta vez, para fazer água?

Eragon, - disse ela, olhando diretamente nos olhos dele, não tenho mais controle sobre as minhas habilidades do que uma aranha tem sobre as dela. Coisas como aquela acontecem quer eu queira ou não. Brom lhe disse que eventos incomuns acontecem perto dos dragões. Ele disse a verdade. Brom não tinha explicação para isso, como eu também não tenho. Às vezes, posso provocar algumas mudanças apenas usando alguns sentimentos, quase sem pensar. No resto do tempo, como neste momento, tenho tantos poderes quanto Fogo na Neve.

Você nunca deixa de ser poderosa, - disse ele docemente, colocando uma das mãos no pescoço dela. Ficaram em silêncio durante um longo período. Eragon lembrou-se do tumulto que havia feito para Brom e como ele estava deitado dentro dele. Eragon ainda podia ver o arenito fluindo acima do rosto do ancião.

- Pelo menos, demos a ele um enterro decente - sussurrou ele. Preguiçosamente, Eragon girou o dedo na terra, produzindo pequenas cristas. Duas delas formaram um vale em miniatura, então ele acrescentou montanhas em volta. Com a ponta da unha, abriu um rio no meio do vale e o fez mais fundo porque estava raso demais. Acrescentou mais alguns detalhes até que se achou olhando para uma reprodução plausível do vale Palancar. A saudade de casa cresceu dentro dele, e ele apagou o vale com um golpe da mão.

- Não quero falar sobre isso, - resmungou zangado, evitando as perguntas de Saphira. Cruzou os braços e ficou olhando fixamente para o chão. Quase contra a sua vontade, seus olhos se voltaram para o lugar onde havia raspado a terra. Pôs-se de pé, surpreso. Embora o solo estivesse seco, o sulco que fizera estava ladeado por umidade. Curioso, raspou mais terra e achou uma camada úmida poucos centímetros abaixo da superfície.

Olhe para isso,- disse animado.

Saphira baixou o nariz até a descoberta dele.

examinou Eragon. Seus olhos cinzentos repararam em todos os detalhes. Ele ergueu as sobrancelhas e disse:

- Presumo, então, que você esteja cumprindo a sua missão.

Brom balançou a cabeça.

- Não, não é tão simples assim. Aquilo foi roubado há algum tempo, pelo menos é o que presumo, pois não recebi nenhum alerta dos nossos amigos e suspeito que os mensageiros deles foram pegos em ciladas. Então decidi descobrir o que pudesse. Por acaso, Eragon viajava na mesma direção. Agora, estamos viajando juntos.

Jeod parecia confuso.

- Mas se eles não mandaram nenhum mensageiro, como você poderia saber que era a sua...

Brom interrompeu-o rapidamente dizendo:

- O tio de Eragon foi brutalmente assassinado pelos ra'zac. Incendiaram a casa dele e quase o mataram também. Ele merece vingança, mas estamos sem nenhuma pista para seguir, e precisamos de ajuda para achá-los.

A expressão do rosto de Jeod ficou mais tranquila.

- Entendo... Mas por que você veio até aqui? Não sei onde os ra'zac podem estar escondidos e quem souber não vai dizer a você.

Em pé, Brom enfiou a mão no bolso do seu manto e pegou o frasco dos ra'zac. Ele o jogou para Jeod.

- Havia óleo de Seithr aí dentro, do tipo perigoso. Os ra'zac estavam com isso. Eles o perderam na trilha, e nós o achamos. Precisamos ver os registros de despachos marítimos de Teirm para acompanharmos as compras do Império desse óleo. Isso nos mostrará onde fica o esconderijo dos ra'zac.

Linhas de expressão apareceram no rosto de Jeod enquanto pensava.

Ele apontou para as estantes de livros.

- Basta. Já deixou o seu ponto de vista bem claro - reconheceu Murtagh.
- Contudo, antes de concordar com isso, há algo que deve ser resolvido. Como sei que você deve ter notado, peguei suprimentos para nós e para os cavalos enquanto estávamos em Gil'ead. Mas como vamos obter água suficiente para todos? As tribos nômades que vivem no deserto disfarçam seus poços e oásis para que ninguém roube a água. E carregar água o bastante para mais do que um dia é impraticável. Pense na quantidade que a Saphira bebe! Ela e os cavalos bebem mais água de uma vez do que nós dois bebemos em uma semana. A não ser que você saiba fazer chover sempre que precisarmos, não vejo como poder seguir o caminho que você propôs.

Eragon se apoiou em seus calcanhares. Fazer chover estava muito além de suas forças. Ele achava que nem o Cavaleiro mais forte poderia fazer isso. Mover uma massa de ar tão grande seria como tentar erguer uma montanha. Precisava de uma solução que não drenasse todas as suas forças. Será que é possível transformar a areia em água? Isso resolveria o nosso problema, mas só se não consumisse energia demais.

- Eu tenho uma ideia - disse ele. - Deixe-me fazer uma experiência, depois vou lhe dar uma resposta. - Eragon saiu do acampamento com passos largos, com Saphira o seguindo de perto.

O que você vai tentar fazer? - Perguntou.

- Não sei - resmungou ele. *Saphira, você conseguiria levar água suficiente para nós todos?*

Ela balançou sua cabeça enorme.

Não. Eu nem sei se seria capaz de levantar tanto peso, sem falar em conseguir voar levando tudo isso.

É uma pena. - Ele se ajoelhou e pegou uma pedra que tinha uma cavidade grande o bastante para abrigar um gole de água. Apertou um pouco de terra na depressão e a estudou pensativo. Agora, vinha a parte difícil.

palavras trabalharem a meu favor. Afinal, veja o que consegui fazer com *brisingr*”!

Ele se concentrou intensamente, buscando seu poder. Assim que ele o atingiu, disse: "*Thverr stenr un atra eka hórna*”! E imbuíu essas palavras de seu desejo. Quando o poder emanou dele, ouviu um fraco sussurro em seus ouvidos, mas nada mais. Desapontado, voltou a sentar e deu um pulo quando Jeod disse: - ... E estou fazendo isso há quase oito anos.

Eragon olhou em volta. Não havia ninguém por perto, exceto alguns guardas que tomavam conta do portão que dava acesso ao pátio. Sorrindo, sentou no pátio e fechou os olhos.

- Eu nunca podia imaginar que você viraria um comerciante - disse Brom. - Depois de todo o tempo que você passou com os livros. E achar a passagem daquela maneira! O que fez você abraçar o comércio em vez de continuar sendo um estudioso?

- Depois de Gil'ead, perdi o gosto de ficar sentado em salas úmidas, lendo pergaminhos. Decidi ajudar Ajihad da melhor maneira possível, mas não sou um guerreiro. Meu pai também era mercador, você deve se lembrar disso. Ele me ajudou no começo. Entretanto, o objetivo de meu negócio não é nada mais do que ser apenas uma fachada para levar mercadorias até Surda.

- Mas soube que as coisas não andam bem.

- É, nenhum dos carregamentos tem conseguido chegar ao destino, e Tronjheim está ficando com os estoques baixos. De alguma forma, o Império, pelo menos eu acho que seja ele, descobriu aqueles de nós que vêm ajudando Tronjheim. Mas ainda não estou convencido de que seja o Império. Ninguém vê soldados. Não entendo. Talvez Galbatorix tenha contratado mercenários para nos atacar.

- Soube que você perdeu um navio recentemente.

- Era o último que eu possuía - respondeu Jeod amargamente. - Toda a tripulação era leal e corajosa. Duvido que os veremos novamente... A única opção que me resta é mandar caravanas até Surda ou Gil'ead, que sei que

Eragon contraiu a testa. Uma dor de cabeça ameaçava afogar seus pensamentos com pontadas quentes.

- É perigoso demais ir para Surda. Teríamos de atravessar a maior parte do Império, evitando todas as cidades e vilarejos. Há pessoas demais entre nós e Surda para passarmos despercebidos.

Murtagh levantou uma sobrancelha.

- Então, você quer atravessar o deserto?

- Não vejo outras opções. Além disso, assim podemos deixar o Império antes que os ra'zac cheguem aqui. Com seus cavalos alados, eles chegarão a Gil'ead em poucos dias, então não temos muito tempo.

- Mesmo que cheguemos ao deserto antes que eles apareçam por aqui - disse Murtagh -, ainda assim, poderiam nos alcançar. De qualquer maneira será difícil deixá-los para trás.

Eragon esfregou o lado do corpo de Saphira, sentindo a aspereza das escamas sob seus dedos.

- Isso, pressupondo que eles seguirão a nossa pista. Mas, para nos pegar, terão de deixar os soldados para trás, o que será bom para nós. Se houver uma luta, acho que nós três podemos derrotá-los... Desde que não sejamos pegos em uma emboscada como Brom e eu fomos.

- Se chegarmos em segurança ao outro lado do deserto Hadarac disse Murtagh devagar -, aonde iremos? Aquelas terras estão bem longe do Império. Haverá poucas cidades, se houver alguma. E há o deserto em si.

O que você sabe sobre ele?

- Só que é quente, seco e cheio de areia - confessou Eragon.

- Isso resume tudo - retrucou Murtagh. - Ele é repleto de plantas venenosas e que não podem ser comidas, cobras, escorpiões e um sol escaldante. Você viu a grande planície no nosso caminho para Gil'ead?

Era uma pergunta retórica, mas Eragon respondeu assim mesmo:

- Vi e já havia visto outra vez.

- Acho que tenho. Vai depender de onde ele terá de ir.

- Não sei - disse Brom. - Fiquei isolado durante tanto tempo que a maioria dos meus contatos deve ter morrido ou esquecido de mim. Você poderia mandá-lo até quem recebe seus carregamentos?

- Poderia, mas será arriscado.

- E o que não é hoje em dia? Quando ele pode partir?

- Pela manhã. Vou mandá-lo até Gil'ead. Será mais rápido - disse Jeod. - O que ele pode levar para convencer Ajihad de que a mensagem é sua mesmo?

- Tome, dê o meu anel ao seu mensageiro. E diga a ele que, se o perder, eu, pessoalmente, arrancarei seu fígado. Quem me deu este anel foi a rainha.

- Você não está animado - comentou Jeod.

Brom resmungou. Depois de um longo silêncio, ele disse:

- É melhor sairmos logo e irmos ter com Eragon. Fico preocupado quando ele fica sozinho. Aquele garoto tem uma propensão natural para sempre ficar perto de onde existe problema.

- Está surpreso com isso?

- Nem um pouco.

Eragon ouviu cadeiras sendo puxadas para trás. Ele, rapidamente, desviou seu pensamento e abriu os olhos. "O que será que está acontecendo?" Falou para si mesmo. "Jeod e outros comerciantes estão encrencados porque estão ajudando pessoas de quem o Império não gosta. Brom achou algo em Gil'ead e foi se esconder no Carvahall. O que poderia ser tão importante para ele deixar seu amigo pensar que estava morto durante quase vinte anos? Ele falou em uma rainha, mas não há rainha nenhuma nos reinos que conhecemos. E em anões, que, segundo o que ele mesmo me disse, desapareceram no subsolo há muito tempo".

ÁGUA DA AREIA

Quando pararam para descansar à noite, Eragon não estava se sentindo melhor e seu humor havia piorado. A maior parte do dia foi gasta percorrendo longos desvios para evitar serem achados pelos soldados, que usavam cães de caça. Desmontou de Fogo na Neve e perguntou a Saphira:

Como ela está?

Acho que não está pior do que antes. Ela se mexeu levemente algumas vezes, mas foi só isso. - Saphira agachou-se perto do chão para que ele pudesse tirar a elfa da sela. Durante um instante, seu corpo macio pressionou o de Eragon. Ele, apressadamente, colocou-a no chão.

Eragon e Murtagh prepararam um jantar simples. Era difícil para eles resistirem à vontade de dormir. Quando acabaram de comer, Murtagh disse:

- Não podemos manter esse passo. Não estamos ganhando vantagem sobre os soldados. Em mais um dia ou dois eles podem nos alcançar.

- O que mais podemos fazer? - perguntou Eragon de modo abrupto. - Se fôssemos só nós dois e se você estivesse disposto a deixar Tornac para trás, Saphira poderia sair voando conosco para longe daqui. Mas com a mulher junto? Impossível!

Murtagh olhou para ele atentamente.

- Se você quiser seguir sozinho, não vou impedi-lo. Não posso esperar que você e Saphira fiquem aqui, correndo o risco de serem presos.

- Não me insulte - resmungou Eragon. - Eu só estou livre por sua causa. Não vou abandoná-lo à mercê do Império. Eu seria muito mal agradecido!

Murtagh inclinou a cabeça.

- As suas palavras me alegam. - Ele fez uma pausa. - Mas não resolvem o nosso problema.

alcance da vista. Depois, perguntou:

- Vocês se incomodariam se fôssemos comer em outro lugar? Talvez seja constrangedor se vocês entrarem agora.

- Faça o que for melhor para você - concordou Brom.

Jeod ficou aliviado.

- Obrigado. Vamos deixar seus cavalos no meu estábulo.

Fizeram como ele sugeriu e seguiram-no até uma grande taverna.

Ao contrário da Castanha Verde, esta era barulhenta, limpa e cheia de pessoas que falavam alto. Quando o prato principal chegou, um suculento leitão recheado, Eragon comeu a carne de modo entusiasmado, mas saboreou mais as batatas, cenouras, nabos e as maçãs doces que o acompanhavam. Fazia muito tempo que ele comia apenas animais de caça.

Estenderam a refeição durante horas, enquanto Brom e Jeod se revezavam contando histórias. Eragon não se incomodou. Estava aquecido, uma música alegre era tocada ao fundo e havia comida mais do que o suficiente. O burburinho animado da taverna soava prazerosamente aos seus ouvidos.

Quando finalmente saíram da taverna, o sol aproximava-se do horizonte.

- Vocês dois podem ir na frente, preciso cuidar de uma coisa - avisou Eragon. Ele queria ver Saphira e saber se ela estava escondida em segurança.

Brom concordou distraidamente:

- Tenha cuidado. Não demore muito.

- Espere - disse Jeod. - Você vai sair de Teirm? - Eragon hesitou, mas concordou com a cabeça de modo relutante. - Então, certifique-se de estar dentro das muralhas antes do anoitecer. Os portões são fechados e os guardas só o deixarão entrar pela manhã.

- Não vou demorar - prometeu Eragon. Ele virou-se e andou a passos largos por uma rua lateral, em direção à muralha de Teirm. Assim que

sem deixar nenhuma cicatriz. Ignorou hematomas e feridas que não representavam risco de vida, pois curar todas elas consumiria a energia de que ele precisava para os ferimentos mais graves. Enquanto Eragon trabalhava, ficou impressionado pelo fato de a mulher ainda estar viva. Foi torturada até chegar à beira da morte várias vezes, com uma precisão que o espantava.

Embora tentasse preservar o recato da bela mulher, não podia deixar de notar que embaixo de todas aquelas feridas desfigurantes seu corpo era extremamente belo. Ele estava exausto e não se deixou levar por isso - embora suas orelhas ficassem vermelhas de vez em quando, e esperasse com ardor que Saphira não soubesse o que ele estava pensando.

Ele trabalhou até a alvorada, parando apenas durante pequenos intervalos para comer ou beber, tentando se refazer de seu jejum, da fuga e, agora, da cura da elfa. Saphira permaneceu ao lado dele, emprestando sua força quando podia. O sol já estava alto no céu quando finalmente se pôs de pé, gemendo quando seus músculos doloridos esticaram-se. As mãos dele estavam com um tom cinzento, e seus olhos estavam ressecados e pareciam cheios de areia. Foi cambaleando até os alforjes e tomou um grande gole do odre de vinho.

- Acabou? - perguntou Murtagh.

Eragon concordou com a cabeça, tremendo. Não se arriscou a falar.

O acampamento girou em sua frente, ele quase desmaiou.

Você trabalhou muito bem, - disse Saphira confortando-o.

- Ela vai viver?

- Eu... Eu não sei - disse ele com uma voz desolada. - Os elfos são fortes, mas mesmo eles não podem suportar um abuso como esse sem pagar um preço. Se eu soubesse mais sobre cura, poderia tentar reanimá-la, mas... - Ele gesticulou fracamente. A mão dele tremia tanto que chegou a derramar um pouco do vinho. Outro grande gole ajudou-o a se manter em pé. - É melhor começarmos a cavalgar de novo.

- Não! Você precisa dormir - protestou Murtagh.

deviam ficar admirados com sua inteligência ao conseguir ter achado apenas um beco sem saída. Ora, se você tivesse começado a escalada a apenas alguns metros na outra direção, o caminho até o topo seria bem tranquilo. - Ela jogou a cabeça em direção a ele, seus olhos brilhavam.

Tudo bem! Eu errei! Agora, por favor, você poderia me tirar daqui? - Pediu. Ela afastou sua cabeça da beira do penhasco. Depois de um instante, ele chamou:

- Saphira? - Acima dele estavam apenas as árvores que balançavam. - Saphira! Volte aqui! - gritou.

Com um estrondo, Saphira passou em alta velocidade pelo topo do penhasco, dando uma pirueta em pleno ar. Flutuou até Eragon como um grande morcego e agarrou a camisa dele com suas garras, arranhando as costas do rapaz: Ele soltou a pedra quando ela o puxou para cima, em pleno ar. Depois de um breve voo, colocou-o gentilmente no topo do penhasco e tirou as garras da camisa dele.

Tolice, - disse Saphira educadamente.

Eragon olhou ao longe, estudando a paisagem. O penhasco fornecia uma vista maravilhosa do lugar que os cercava, especialmente do mar que espumava na praia, como também um bom esconderijo contra olhos inconvenientes. Só os pássaros podiam ver Saphira ali. O local era ideal.

O amigo de Brom é de confiança? - Perguntou ela.

Não sei. - Eragon começou a relatar os eventos do dia. - *Há forças ao nosso redor sobre as quais não temos conhecimento. Às vezes penso se podemos entender as intenções verdadeiras das pessoas que nos cercam. Parece que todos têm segredos.*

O mundo é assim. Ignore todos os esquemas e confie na natureza de cada pessoa. Brom é bom. Ele não nos deseja o mal. Não devemos ter receio quanto aos planos dele.

É o que espero, - disse ele, olhando para as suas mãos.

Não desista, - disse ela encorajando-o. Depois, acrescentou com indiferença: - *Contudo, provavelmente você deve estar certo.*

Obrigado. - Ele olhou para Murtagh.

- Você arriscou a sua vida para me salvar. Fico lhe devendo por isso. Eu não conseguiria escapar sozinho. - Mas havia mais do que isso. Agora, havia um elo entre eles, firmado na fraternidade da batalha e fortalecido pela lealdade que demonstrou Murtagh.

- Estou feliz por ter ajudado. Eu... - hesitou Murtagh e esfregou o rosto. - Minha maior preocupação agora é como vamos viajar com tantos homens nos procurando. Os soldados de Gil'ead vão nos caçar amanhã. Assim que acharem as pegadas dos cavalos, saberão que não fugimos voando com Saphira.

Eragon concordou com tristeza.

- Como você conseguiu entrar no castelo?

Murtagh riu baixinho.

- Pagando um belo suborno e rastejando por uma canaleta imunda do esgoto da cozinha. Mas o plano não teria dado certo sem a Saphira. Ela... - Ele parou e dirigiu suas palavras para ela. *Quer dizer, você é a única razão por termos escapados de lá com vida.*

Eragon, com dignidade, pôs uma das mãos em seu pescoço escamoso. Enquanto ela murmurava satisfeita, olhou cativado para o rosto da elfa. Relutante, ele pôs-se de pé com dificuldade.

- Devíamos fazer uma cama para ela.

Murtagh ficou em pé e esticou um cobertor para a mulher. Quando a levantaram para deitá-la, o punho da manga dela rasgou-se em um galho. Eragon começou a arrumar o tecido e espantou-se de repente.

O braço dela estava repleto de hematomas e cortes, alguns já estavam quase curados, enquanto outros estavam abertos e inflamados. Eragon balançou a cabeça com raiva e levantou a manga um pouco mais.

Um mordomo rechonchudo abriu a porta e levou-o para dentro sem dar uma palavra. Tapeçarias cobriam as paredes de pedra. Tapetes adornados pontilhavam o chão de madeira polida que brilhava com a luz dos três candelabros de ouro que pendiam do teto. Uma fumaça pairava pelo ar e subia.

- Por aqui, senhor. Seu amigo está na sala de leitura.

Passaram por várias portas até que o mordomo abrisse a que dava para a sala de leitura.

Livros cobriam as paredes do cômodo. Mas ao contrário daqueles no escritório de Jeod, estes tinham várias formas e tamanhos. Uma lareira cheia de toras ardentes aquecia o local. Brom e Jeod estavam sentados na frente de uma mesa oval, conversando amigavelmente. Brom ergueu seu cachimbo e falou com uma voz jovial:

- Ah, aí está você. Já estávamos ficando preocupados. Como foi a caminhada? O que será que o deixou de bom humor? Por que ele não pergunta logo como a Saphira está?

- Foi agradável, mas os guardas quase me deixaram do lado de fora da cidade. E Teirm é grande. Tive dificuldade para achar a casa.

Jeod riu.

- Depois que você vir Dras-Leona, Gil'ead ou até mesmo Kuasta, não ficará tão facilmente impressionado com esta cidadezinha litorânea. Mas gosto daqui. Quando não está chovendo, Teirm é muito bonita.

Eragon se virou para Brom.

- Tem alguma ideia de quanto tempo ficaremos aqui?

Brom abriu as mãos e as esticou para cima.

- É difícil dizer. Vai depender de quando teremos acesso aos registros e de quanto tempo levaremos para achar o que precisamos. Nós todos teremos de ajudar, será um trabalho enorme. Falarei com Brand amanhã para ver se ele nos deixará ver os registros.

declarado guerra e mandado seu exército ir ao encalço deles. Como isso não aconteceu, a questão é: os soldados de Galbatorix foram capazes de extrair dela o local do esconderijo dos elfos antes de nós a salvarmos?

- Só saberemos quando ela recuperar a consciência. Conte o que aconteceu depois que fui capturado. Como fui parar em Gil'ead?

- Os urgals estão trabalhando para o Império - disse Murtagh brevemente, jogando seu cabelo para trás. - E, pelo que parece, o Espectro também. Saphira e eu vimos os urgals entregando você a ele, embora eu não soubesse o que ele era na ocasião, e para um grupo de soldados. Foram eles que o levaram a Gil'ead.

É verdade, - disse Saphira enrolando-se perto deles.

A mente de Eragon lembrou-se de repente dos urgals com quem ele falou em Teirm e do "chefe" que eles mencionaram. Eles falaram do rei! Eu insultei o homem mais poderoso de toda a Alagaésia!, percebeu ele com temor. Lembrou o horror dos aldeões dizimados em Yazuac. Uma sensação doentia, de raiva, percorreu o estômago dele. Os urgals estavam sob as ordens de Galbatorix! Por que ele cometeria tal atrocidade contra seus próprios súditos?

Porque ele é diabólico, - afirmou Saphira.

Com uma expressão zangada no rosto, Eragon exclamou:

- Isso vai significar guerra! Assim que o povo do Império souber disso, irá se rebelar e apoiar os varden.

Murtagh apoiou o queixo em sua mão.

- Mesmo que todos soubessem desse ultraje, poucos conseguiriam chegar aos varden. Com os urgals sob seu comando, o rei tem guerreiros suficientes para fechar as fronteiras do Império e continuar no controle, sem se importar com o tamanho da revolta do povo. Com tal domínio de terror, ele será capaz de dar a forma que quiser ao Império. E embora seja odiado, o povo poderia ser galvanizado e se juntaria a ele se tivessem inimigos em comum.

- Uma pessoa que ama os livros - explicou Jeod e voltou a conversar com Brom. Entediado, Eragon olhou para as prateleiras. Um livro elegante, com pinos dourados, chamou sua atenção. Ele o tirou da estante e o observou curiosamente.

Era encapado com couro preto e havia misteriosas runas entalhadas. Eragon passou os dedos por cima da capa e apreciou sua suavidade gelada. As letras dentro dele foram impressas com uma tinta avermelhada e brilhante. Deixou as páginas correrem por seus dedos. Uma coluna de escritos, destacada do texto normal, chamou sua atenção. As palavras eram longas e fluentes, havia muitas linhas elegantes e pontos nítidos.

Eragon levou o livro até Brom.

- O que é isto? - perguntou, apontando para o texto estranho.

Brom examinou a página atentamente e ergueu suas sobrancelhas em surpresa.

- Jeod, você aumentou a sua coleção. Onde conseguiu isto? Não vejo um destes há muito tempo.

Jeod esticou o pescoço para ver o livro.

- Ah, sim, o *Domia abr Wyrda*. Um homem passou por aqui há alguns anos e tentou vendê-lo a um comerciante no cais. Felizmente, eu estava lá por acaso e pude salvar o livro, como também o pescoço dele. Ele nem imaginava de qual assunto o livro tratava.

- É estranho, Eragon, você ter escolhido este livro, o Domínio do destino - disse Brom. - De todos os livros nesta casa, este deve ser o que tem mais valor. Descreve em detalhes a história completa da Alagaésia, começando muito antes dos elfos chegarem aqui e terminando poucas décadas atrás. O livro é muito raro e é um dos melhores do seu gênero. Quando foi escrito, o Império o condenou como uma blasfêmia e queimou seu autor vivo, Heslant, o monge. Eu achava que não existia mais nenhuma cópia. As letras sobre as quais você pergunta são da língua antiga.

- E o que diz aí? - perguntou Eragon. Brom levou alguns instantes para ler o texto.

Certo, - disse Eragon.

- Agüente firme - murmurou ele para Murtagh. Depois, quebrou a ponta da flecha. Tentando não causar mais danos, puxou a haste de madeira para fora do corpo de Saphira. Quando a flecha saiu do músculo, ela jogou a cabeça para trás e soltou um gemido de dor enquanto mordida a árvore fortemente. A asa se contraiu involuntariamente, cortando Murtagh embaixo do queixo e jogando-o no chão.

Com um rosnado, Saphira balançou a árvore, enchendo-os de terra antes que ela a jogasse para longe. Depois que Eragon curou a ferida, ajudou Murtagh a ficar em pé.

- Ela me pegou de surpresa - admitiu Murtagh tocando seu queixo arranhado.

Sinto muito.

- Ela não quis machucar você - garantiu Eragon. Ele foi ver como estava a elfa desacordada.

Você terá de carregá-la mais um pouco, - disse ele a Saphira. - *Não podemos levá-la nos cavalos e cavalgar rápido o bastante. Você vai voar com mais facilidade agora, pois já retirei a flecha.*

Saphira abaixou a cabeça.

Eu a carregarei.

Obrigado, - agradeceu Eragon. Ele a abraçou calorosamente. O que você fez foi incrível. - *Nunca esquecerei isso.*

A emoção transpareceu nos olhos dela.

Agora, partirei. - Ele afastou-se quando ela alçou voo, agitando o ar; os cabelos da elfa debatiam-se ao vento. Segundos depois, eles partiram. Eragon correu para Fogo na Neve, pulou para cima da sela e saiu galopando com Murtagh.

Enquanto cavalgavam, Eragon tentou lembrar o que sabia sobre os elfos. Eles tinham vida longa, esse fato era constantemente repetido,

- Desculpe - disse Eragon, repreendendo-se por causa do deslize. - Bem, mas é possível evocar uma imagem de algo que você não pode ver?

Brom sentou na beira de sua cama.

- Você está falando de adivinhação usando-se uma bola de cristal. Isso é possível e extremamente útil em certas situações, mas tem uma grande desvantagem. Só podemos observar pessoas, lugares e coisas que já tenhamos visto. Se quiséssemos ver os ra'zac, nós os veríamos, sim, mas não o lugar que os cercava. E também há outros problemas. Digamos que você quisesse ver certa página de um livro, uma que já tivesse visto. Você só conseguiria ver a página se o livro estivesse aberto. Se o livro estivesse fechado quando você tentasse vê-la, a página apareceria toda preta.

- Por que não podemos ver objetos que nunca vimos? - perguntou Eragon. Mesmo com essas limitações, ele achava que usar uma bola de cristal poderia ser muito útil. "Será que posso ver alguma coisa quilômetros à frente e usar a magia para mudar o que estiver acontecendo lá?"

- Porque - respondeu Brom pacientemente - para usar uma bola de cristal você precisa conhecer o que está procurando e deve saber para onde dirigir o seu poder. Mesmo se descrevessem um estranho para você, seria praticamente impossível vê-lo, sem falar no lugar e nas coisas que estivessem em volta dele. Você precisa conhecer o que quer ver na bola de cristal antes de poder vê-lo ali de fato. Isso responde à sua pergunta?

Eragon pensou por um instante.

- Mas como se faz isso? Você evoca a imagem em pleno ar?

- Nem sempre - respondeu Brom, sacudindo sua cabeça branca. - Fazer isso requer mais energia do que projetar uma imagem em uma superfície como um lago ou um espelho. Alguns Cavaleiros viajavam o máximo que podiam, tentavam conhecer o máximo de coisas possíveis. Então, quando havia uma guerra ou algum tipo de calamidade, eles podiam ver o que acontecia por toda a Alagaésia.

- Posso tentar fazer isso? - inquiriu Eragon.

Brom olhou para ele cuidadosamente.

Longe o bastante.

Eragon agarrou a mulher com força enquanto eles sobrevoavam Gil'ead, deixavam a cidade para trás e seguiam rumo ao leste, voando alto no meio da noite.

inimigo do Império, eles podem usá-lo como isca para me capturar. E se eu me encontrar com Roran e eles souberem disso, vão torturá-lo para descobrir onde eu estava.

- Muito bem. Você previu tudo muito bem - parabenizou-o Brom.

- Mas qual é a solução? Não posso permitir que ele seja morto!

Brom fechou as mãos sem apertá-las.

- A solução é óbvia. Roran terá de aprender a se defender. Isso pode parecer algo frio, mas como você mesmo destacou, não pode arriscar encontrá-lo. Talvez você não se lembre disso, pois estava delirando na ocasião, mas quando saímos do Carvahall, eu disse que tinha deixado uma carta alertando Roran para que ele não ficasse completamente ignorante quanto ao perigo. Se ele tiver algum senso de autopreservação, quando os ra'zac aparecerem no Carvahall novamente, ouvirá o meu conselho e fugirá.

- Não gosto disso - disse Eragon insatisfeito. - Ah, mas você esqueceu uma coisa.

- O quê? - inquiriu.

- Há algo bom nisso tudo. O rei não pode se dar ao luxo de ter um Cavaleiro sobre o qual ele não tenha controle andando por aí. Galbatorix é o único Cavaleiro vivo conhecido, além de você, mas ele gostaria de ter mais um Cavaleiro sob seu comando. Antes que tente matar você ou Roran, ele lhe oferecerá a chance de servi-lo. Infelizmente, se conseguir se aproximar o bastante para lhe fazer essa proposta, será tarde demais para você recusá-la e sair vivo de lá.

- E você diz que isso é bom?

- Isso é tudo que está protegendo Roran agora. Enquanto o rei não souber o lado que você escolheu, não arriscará perdê-lo ao ferir seu primo. Mantenha sempre isso em mente. Os ra'zac mataram Garrow, mas acho que não foi uma decisão acertada da parte deles. Pelo que conheço de Galbatorix, ele não deve ter aprovado isso, a não ser que tenha tido alguma vantagem.

e contorceu-se de dor, cobrindo o rosto. A pele ficou cinza. Uma névoa formou-se no ar em volta dele, escondendo sua figura. Houve um grito ensurdecedor, e a nuvem desapareceu.

Nada restou onde o Espectro estava, com exceção de sua capa e de uma pilha de roupas.

- Você o matou! - exclamou Eragon. Ele sabia que apenas dois heróis lendários haviam sobrevivido ao ataque de um Espectro, conseguindo matá-lo.

- Não tenho certeza - disse Murtagh.

Um homem gritou:

- É isso mesmo! Ele falhou. Entrem e peguem-nos! - Soldados com redes e lanças entraram no salão por ambos os lados. Eragon e Murtagh recuaram, encostando-se na parede, arrastando a elfa com eles. Os homens formaram um meio círculo ameaçador em volta deles. Foi então que Saphira enfiou a cabeça no buraco no teto e rugiu. Agarrou a extremidade da abertura com suas garras poderosas e arrancou outro grande pedaço do teto. Três soldados viraram-se e correram, mas os outros mantiveram suas posições.

Com um estrondo bem alto, a viga central do teto quebrou, fazendo chover pesadas telhas. A confusão espalhou os soldados, que tentavam se livrar do forte bombardeio. Eragon e Murtagh se espremeram contra a parede, evitando os destroços que caíam. Saphira rugiu de novo, e os soldados fugiram, alguns sendo esmagados enquanto corriam.

Com um esforço titânico final, Saphira arrancou o resto do teto antes de pular para dentro do salão com as asas fechadas. Seu peso quebrou uma das mesas, produzindo um alto estalo. Gritando de alívio, Eragon correu para abraçá-la. Ela soltou um zumbido baixo de satisfação.

Senti a sua falta, pequenino.

Eu também. Há mais uma pessoa conosco. Você agüenta com nós três?

A BRUXA E O MENINO-GATO

A manhã já ia alta quando Eragon acordou. Ele vestiu-se, lavou o rosto na bacia e levantou o espelho para ajeitar os cabelos. Algo em seu reflexo o fez parar e olhar com mais atenção. Seu rosto havia se modificado desde que saíra do Carvahall pouco tempo atrás. As feições rechonchudas de menino haviam desaparecido agora, eliminadas pelas viagens, lutas e treinamentos. As maçãs do seu rosto estavam mais proeminentes, a linha do seu maxilar estava mais definida. Seus olhos ganharam um visual que, quando observou mais atentamente, deram ao rosto dele uma aparência selvagem, exótica. Segurou o espelho com o braço esticado, e seu rosto voltou a ter a aparência normal, mas ainda assim não parecia que era a dele.

Um pouco confuso, pôs o arco e a aljava nas costas e saiu do quarto. Antes de chegar ao final do corredor, o mordomo o alcançou.

- Senhor, Neal foi com o meu patrão para o castelo mais cedo. Ele disse que você pode fazer o que quiser hoje, pois só voltará à noite.

Eragon agradeceu-lhe o recado e, ansioso, começou a explorar Teirm. Durante horas vagou pelas ruas, entrando em todas as lojas que chamavam a sua atenção e conversou com várias pessoas. Finalmente foi forçado a voltar para a casa de Jeod por estar com a barriga e os bolsos vazios.

Quando chegou à rua onde o comerciante morava, parou perto da loja vizinha, da herbolaria. Era um local incomum para uma loja. Todos os outros estabelecimentos comerciais ficavam próximos à muralha da cidade e não espremidos entre casas caras. Tentou olhar pelas janelas, mas estavam cobertas por dentro por uma grossa camada de plantas. Curioso, entrou.

Em um primeiro instante, não viu nada, pois a loja estava muito escura, mas seus olhos foram se acostumando à fraca luz esverdeada que entrava pelas janelas. Um pássaro colorido, que tinha uma cauda com penas compridas e largas e um bico forte e afiado, olhou curioso para Eragon de sua gaiola perto de uma janela. As paredes estavam cobertas por plantas,

- Tudo bem, vá - disse Murtagh. - Você não terá de segurá-lo por muito tempo.

- Espero que não - disse Eragon, de modo assustador. Sacou Czar'roc e avançou lentamente. A lâmina vermelha brilhava com as luzes das tochas na parede.

Os olhos castanho-avermelhados do Espectro brilhavam como carvões. Ele sorriu levemente.

- Você acha mesmo que pode me derrotar, *Du Súdavar Freohr*? Que nome deplorável. Eu esperava algo mais astuto da sua parte, mas suponho que você só seja capaz disso.

Eragon recusou-se a deixar ser levado à ação. Olhou fixamente para o Espectro, esperando um piscar de olhos ou um movimento de lábio, qualquer coisa que pudesse trair sua próxima investida. Não posso usar magia, pois eu o provocaria a fazer o mesmo. Ele tem de pensar que pode vencer sem recorrer a ela, o que, provavelmente, deve ser verdade.

Antes que algum deles se movesse, houve um estrondo no teto e ele balançou. Poeira caiu dele e deixou o ar cinzento enquanto pedaços de madeira caíam em volta deles, batendo no chão. E do teto também vinham sons de gritos e de metal batendo. Com medo de ser atingido na cabeça pela madeira que caía, Eragon olhou de relance para cima. O Espectro aproveitou-se dessa distração e atacou.

Eragon mal teve tempo de erguer Czar'roc para bloquear um golpe que vinha em direção a suas costelas. As espadas se encontraram, produzindo um som agudo que estremeceu seus dentes e deixou seu braço dormente. Pelos céus! Ele é forte! Eragon segurou Czar'roc com as duas mãos e lançou-a com toda a sua força em direção à cabeça do Espectro, que bloqueou o golpe com facilidade, girando sua espada no ar mais rápido do que Eragon achava ser possível.

Rangidos horríveis soavam acima deles, como cravos de ferro sendo enfiados na rocha. Três grandes rachaduras dividiram o teto. Pedaços das telhas de pedra caíam pelas aberturas. Eragon os ignorou, mesmo quando um deles se espatifou no chão perto dele. Embora tivesse treinado com um

se. A dor foi passando lentamente, deixando-o ofegante. O gato pulou para o chão e olhou para ele.

Você não é muito inteligente para um Cavaleiro de Dragão. Eu avisei.

Foi você que falou! - Exclamou Eragon. O gato bocejou, espreguiçou-se e andou lentamente pelo lugar, costurando seu caminho entre os objetos.

Quem mais poderia ter falado?

Mas você é apenas um gato! - Objetou.

O gato estrilou e voltou correndo para Eragon. Pulou no peito do rapaz e curvou-se ali, olhando-o com olhos brilhantes. Eragon tentou levantar-se, mas o animal rosnou, mostrando suas presas.

Eu me pareço com os outros gatos?

Não...

Então, o que faz você pensar que eu seja um? - Eragon começou a falar alguma coisa, mas a criatura apertou as garras no peito dele. - *Obviamente, sua educação não foi das melhores. Eu - corrigindo seu erro - sou um menino-gato. Não restam muitos de nós, mas acho que até um garoto do campo já devia ter ouvido falar de nós.*

Eu não sabia que vocês existiam de verdade, - disse Eragon fascinado. - *Um menino-gato!*

Ele, de fato, estava com sorte. Essas criaturas estavam sempre presentes em todas as histórias, apenas observando ou dando conselhos. Se as lendas fossem verdadeiras, os meninos-gato tinham poderes mágicos, viviam mais do que os humanos e, geralmente, sabiam mais do que falavam.

O menino-gato piscou preguiçosamente.

Saber independe de ser. Eu não sabia que você existia até que entrou aqui e estragou a minha soneca. Entretanto, isso não significa que você não existia antes de me acordar.

Eragon ficou perdido com a argumentação do animal.

Dez soldados entraram no salão. Revistaram o cômodo apressadamente, olhando embaixo de apenas algumas mesas, e continuaram em seu caminho. Eragon recostou-se contra uma das pernas da mesa e suspirou. O alívio o fez lembrar de repente de seu estômago que roncava e de sua garganta ressecada. Uma grande caneca e um prato com restos de comida, que estavam do outro lado do salão, chamaram sua atenção.

Eragon saiu correndo de seu esconderijo, pegou a comida depressa e voltou velozmente para baixo da mesa. Havia cerveja na caneca, a qual bebeu em dois grandes goles. Uma sensação de alívio correu por todo o seu corpo quando o líquido frio desceu em sua garganta, aliviando o tecido irritado. Suprimiu um arroto antes de comer desesperadamente um pedaço de pão.

Murtagh voltou carregando Czar'roc, um arco estranho e uma elegante espada sem bainha. Murtagh deu Czar'roc para Eragon.

- Encontrei a outra espada e o arco na sala da guarda. Nunca vi armas como estas antes, então presumi que fossem dela.

- Vamos descobrir - disse Eragon, com a boca cheia de pão. A espada, fina e leve, com uma proteção curvada no punho, cujas pontas eram estreitas e afiadas, encaixou-se perfeitamente na bainha que estava na cintura da mulher. Não havia como dizer se o arco era dela, mas sua forma era tão graciosa que ele duvidava que aquilo fosse de outra pessoa.

- E agora? - perguntou ele, enfiando outro pedaço de pão na boca. - Não podemos ficar aqui para sempre. Mais cedo ou mais tarde, os soldados vão nos achar.

- Agora - disse Murtagh, pegando seu próprio arco, preparando uma flecha para ser disparada - nós esperamos. Como eu disse, nossa fuga já foi planejada.

- Você não entende. Há um Espectro aqui! Se formos encontrados, estaremos perdidos!

- Um Espectro! - exclamou Murtagh. - Nesse caso, mande Saphira vir imediatamente. Íamos esperar até a troca da guarda, mas demorar tanto

- Obrigado.

- Vindo dele, isso é um elogio. Você é apenas a terceira pessoa que veio aqui e que conseguiu falar com ele. A primeira foi uma mulher, há muitos anos. A segunda foi um mendigo cego. E, agora, você. Mas não tenho uma loja só para ficar tagarelando. Você deseja alguma coisa? Ou só entrou para olhar?

- Só para olhar - respondeu Eragon, ainda pensando no menino-gato. - Além disso, não preciso de nenhuma erva.

- Eu não faço só isso - disse Ângela sorrindo. - Os senhores ricos e tolos me pagam para fazer poções de amor e coisas assim. Nunca digo que funcionarão, contudo, por algum motivo, eles sempre voltam. Mas não acho que você precise dessas bobagens. Gostaria que eu lesse a sua sorte? Posso fazer isso também, para as damas ricas e tolas.

Eragon riu.

- Não, temo que o meu futuro seja muito difícil de ler. E não tenho dinheiro.

Ângela olhou para Solembum de modo curioso.

- Eu acho... - Ela apontou para a bola de cristal que estava em cima do balcão. - É só para fazer vista, não serve para nada. Mas eu tenho... Espere aqui. Voltarei já. - Ela foi correndo até um cômodo nos fundos da loja. Voltou, ofegante, segurando uma bolsa de couro, que pôs no balcão. - Não uso isto há muito tempo, quase esqueci onde estava. Bem, sente em frente a mim e mostrarei por que tive todo esse trabalho.

Eragon pegou um banquinho e sentou. Os olhos de Solembum brilhavam por entre as frestas nas gavetas.

Ângela esticou um pano grosso no balcão e jogou um punhado de ossos lisos, que eram um pouco mais longos do que um dedo. Havia runas e outros símbolos entalhados em suas laterais.

- Estes - disse ela, tocando-os gentilmente - são ossos dos dedos de um dragão. Não pergunte onde os consegui, é um segredo que não revelarei.

- Murtagh! É você? - exclamou ele.

- Sou eu - respondeu Murtagh, tirando a barba falsa do seu rosto barbeado. - Não quero que vejam o meu rosto. Você o matou?

- Não, ele só está dormindo. Como você conseguiu entrar aqui?

- Não há tempo para explicar. Precisamos ir para o próximo andar antes que alguém nos ache. Haverá uma rota de fuga para nós em poucos minutos. Não podemos perdê-la.

- Você não ouviu o que eu disse? - perguntou Eragon, apontando para o soldado inconsciente. - Há uma elfa na prisão. Eu vi! Precisamos salvá-la. Precisarei da sua ajuda.

- Um elfo...! - Murtagh atravessou o corredor apressado e resmungando. - Isso é um erro. Devíamos fugir enquanto há chance. - Ele parou na frente da cela que o guarda havia indicado e pegou um monte de chaves debaixo de seu manto surrado. - Peguei de um dos guardas explicou ele.

Eragon esticou a mão para pegar as chaves. Murtagh deu de ombros e as entregou. Eragon achou a chave certa e abriu a porta. Apenas um raio de luar entrava inclinado pela janela, iluminando o rosto da bela criatura com um tom frio de prata.

Ela olhou para ele, tensa e retraída, pronta para o que quer que acontecesse depois. Ela manteve a cabeça erguida, com uma atitude de rainha. Seus olhos, verde-escuros, quase negros e levemente amendoados como os de uma gata, encontraram os de Eragon. Calafrios percorreram o corpo dele.

Mantiveram seus olhares fixos um no outro durante alguns momentos, depois a mulher tremeu e caiu de repente. Eragon quase não conseguiu pegá-la antes que ela batesse no chão. Era surpreendentemente leve. O aroma de pinho recém-quebrado a cercava.

Murtagh entrou na cela:

- Ela é linda!

- Mas está ferida.

- Fiquei lisonjeada, mas não se iluda, sou muito mais velha do que pareço. A aparência jovem deve ser fruto de ingerir as minhas ervas quando os negócios não vão muito bem.

Sorrindo, Eragon respirou fundo. “Se aquela moça era a minha mãe, e se ela conseguiu suportar saber o que o futuro lhe reservava, eu também conseguirei”.

- Jogue os ossos para mim - pediu em um tom solene.

A expressão no rosto de Ângela ficou bem séria quando agarrou os ossos com as mãos. Fechou os olhos e seus lábios se mexeram em um murmúrio inaudível. Depois, disse bem alto: "*Manin! Wyrda! Hugin!*", e jogou os ossos no pano. Caíram amontoados, brilhando na luz fraca.

As palavras retumbaram nos ouvidos de Eragon; reconheceu-as da língua antiga e percebeu preocupado que, para poder usá-las para fazer magia, Ângela devia ser uma bruxa. Ela não mentiu, estava prevendo o futuro de verdade. Os minutos passavam lentamente enquanto ela estudava os ossos.

Finalmente Ângela jogou-se para trás e soltou um longo suspiro. Ela esfregou a sobrancelha e pegou um odre de vinho embaixo do balcão.

- Quer um pouco? - perguntou Ângela. Eragon balançou a cabeça. Ela encolheu os ombros e tomou um grande gole. - Esta - disse ela, limpando a boca - foi a leitura mais difícil que já fiz. Você estava certo. Seu futuro é quase impossível de se ver. Nunca vi o futuro de alguém tão conturbado e nebuloso. Mas eu, contudo, consegui arrancar algumas respostas.

Solembum pulou para cima do balcão e ficou lá, olhando ambos. Eragon fechou suas mãos com força quando Ângela apontou para um dos ossos.

- Vou começar aqui - disse lentamente -, pois é o mais fácil de se entender.

O símbolo no osso era uma longa linha horizontal com um círculo em cima.

Eragon! Estou sobre Gil'ead. Não faça nada. Murtagh está a caminho.

O quê... - Passos interromperam-no. Virou depressa, se abaixando no momento em que um grupo de seis soldados entrou marchando no corredor. Eles pararam de repente, seus olhos piscavam admirados entre Eragon e a porta aberta da cela. O sangue sumiu de seus rostos. Ótimo, eles sabem quem eu sou. Talvez eu possa assustá-los e espantá-los e assim não teremos de lutar.

- Atacar! - gritou um dos soldados, correndo para a frente. Os outros homens sacaram suas espadas e começaram a correr.

Seria loucura lutar contra seis homens desarmado e fraco, mas a lembrança da elfa o manteve no lugar. Ele não poderia abandoná-la. Sem ter certeza se o esforço o deixaria continuar em pé, ele invocou seu poder e ergueu a mão, a *gedwey ignasia* brilhava. O medo ficou claro nos olhos dos homens, mas eram guerreiros experientes e não diminuíram o passo. Conforme Eragon abria a boca para pronunciar as palavras fatais, ouviu um zumbido baixo, um movimento sutil. Um dos homens caiu com uma flecha cravada nas costas. Mais dois foram atingidos antes que pudessem entender o que estava acontecendo.

No final do corredor, por onde os soldados tinham entrado, estava em pé um homem maltrapilho, barbado, com um arco nas mãos. No chão, perto dos pés deles, havia uma muleta caída, que aparentemente não era necessária, pois ele estava em pé ereto e firme.

Os três soldados restantes viraram-se para encarar a nova ameaça. Eragon aproveitou-se da confusão.

- *Thrysta!* - gritou ele. Um dos homens agarrou seu peito com força e caiu. Eragon cambaleou quando a magia cobrou seu preço. Outro soldado caiu depois de ter o pescoço atravessado por outra flecha.

- Não o mate! - berrou Eragon, vendo seu salvador mirando no último soldado. O homem barbado abaixou seu arco.

Eragon concentrou-se no soldado na frente dele. O homem estava ofegante, a parte branca de seus olhos aparecia em destaque. Ele parecia

pensou em sua terra natal. “O que poderia me fazer partir? E aonde eu iria? Se há terras além do mar ou ao leste, só os elfos as conhecem”.

Ângela esfregou as têmporas e respirou profundamente.

- O próximo osso é fácil de ler e, talvez, um pouco mais prazeroso.

- Eragon examinou-o e viu uma rosa entalhada entre as pontas de uma lua crescente.

Ângela sorriu e disse:

- Há um romance épico no seu futuro, extraordinário, como a lua indica, pois esse é um símbolo mágico, e é forte o bastante para durar mais do que impérios. Não posso dizer se essa paixão acabará de modo feliz, mas o seu amor nasceu em berço nobre e tem tradição. Ela é poderosa, sábia e tem uma beleza sem igual.

“De berço nobre”, pensou Eragon surpreso. “Como isso poderia acontecer? Não tenho mais bens do que o mais pobre dos fazendeiros”.

- Agora, os dois últimos ossos, a árvore e a raiz de espinheiro, que se cruzam fortemente. Queria que não fosse assim, pois só pode significar mais problemas, mas a traição está bem clara. E ela virá de dentro da sua família.

- Roran não faria isso! - protestou Eragon de repente.

- Eu não sei - disse Ângela com cuidado. - Mas os ossos nunca mentiram, e é isso o que eles dizem.

A dúvida assolou a mente de Eragon, mas tentou ignorá-la. “Que razão poderia existir para que Roran o traísse?” Ângela quis confortá-lo ao pôr a mão em seu ombro e oferecer o vinho novamente. Dessa vez, Eragon aceitou a bebida, o que o fez se sentir melhor.

- Depois disso tudo, a morte pode ser até bem-vinda - brincou ele nervosamente. “Traição de Roran? Isso não pode acontecer! Não vai acontecer!”

Apreensivo, aproximou-se da porta e viu dois soldados arrastando a elfa corredor abaixo. Quando não podia mais vê-la, Eragon jogou-se no chão e tentou usar a magia de novo. Xingamentos saíram de sua boca quando a magia escapou de seu domínio.

Olhou para a cidade e rangeu os dentes. Era apenas o meio da tarde. Inspirando de maneira que o acalmasse, tentou esperar pacientemente.

- O que foi? - perguntou Eragon.

- Não, não fique chateado - disse Ângela escondendo um sorriso. - É só que... bem, ele é muito conhecido pelas pessoas da minha profissão. Temo que o destino do pobre homem, ou futuro se preferir, é uma piada para nós.

- Não o insulte! É um homem muito bom, é difícil achar alguém como ele! - disparou Eragon.

- Paz, paz - censurou Ângela, divertindo-se. - Eu sei disso. Se nos encontrarmos de novo em um momento apropriado, falarei tudo a você sobre isso. Mas por enquanto, você devia... - Ela parou de falar quando Solembum andou entre eles. O menino-gato olhou para Eragon sem piscar.

- O que foi? - Indagou Eragon irritado.

Ouçã com atenção, pois lhe direi duas coisas: quando chegar a hora e você precisar de uma arma, olhe embaixo das raízes da árvore Menoa. Depois, quando tudo parecer perdido e o seu poder não for suficiente, vá até a pedra de Kuthian e diga o seu nome para abrir o Cofre das Almas.

Antes que Eragon pudesse perguntar o que Solembum queria dizer com aquilo, o menino-gato afastou-se, abanando a cauda de modo muito gracioso. Ângela inclinou a cabeça, cachos de cabelo espesso encobriam sua testa.

- Não sei o que ele disse e não quero saber. Ele falou com você, somente para você. Não conte isso a mais ninguém.

- Acho que preciso ir - disse Eragon, abalado.

- Se você deseja... - disse Ângela sorrindo de novo. - Você é bem vindo para ficar quanto tempo quiser, especialmente se comprar alguma das minhas mercadorias. Mas vá, se é o que deseja. Sei que demos o bastante para você meditar durante algum tempo.

- Deram, sim. - Eragon saiu rapidamente pela porta. - Obrigado por ter lido o meu futuro. - Eu acho.

- Não há de quê - respondeu Ângela, ainda sorrindo.

- Não tenho certeza... Meu nome é Eragon, mas isso não é tudo, não é?

Os lábios finos do Espectro se esticaram de forma tensa sobre sua boca quando riu de repente:

- Não, não é. Você tem uma mente interessante, meu jovem Cavaleiro. - O Espectro inclinou-se para a frente. A pele em sua testa era fina e translúcida. - Parece que preciso ser mais direto. Qual é o seu nome?

- Era...

- Não! Esse, não! - O Espectro interrompeu-o com um gesto de sua mão. - Você não tem outro nome? Um nome que você usa raramente?

“Ele quer saber o meu nome de verdade para poder me controlar!” Pensou Eragon. “Mas não posso dizer. Eu nem mesmo sei tal nome”. Pensou rápido, tentando inventar um logro que ocultaria sua ignorância. “E se eu inventar um nome?” Ele hesitou - isso poderia entregá-lo facilmente - depois se apressou para criar um nome que resistiria ao escrutínio. Quando estava prestes a dizê-lo, decidiu aproveitar a chance para assustar o Espectro.

Com habilidade, trocou algumas letras, concordou com a cabeça de modo tolo e disse:

- Brom me disse uma vez. Era... - A pausa se estendeu por alguns segundos, depois o rosto dele se iluminou, como se tivesse lembrado. - Era *Du Súdavar Freohr*. - O qual significa, quase literalmente, "morte dos espectros".

Um frio macabro pairou sobre a cela quando o Espectro sentou-se estarelecido, com seus olhos cobertos. Parecia estar meditando profundamente sobre o que havia descoberto. Eragon imaginou se tinha ousado demais. Esperou até que o Espectro se mexesse para perguntar ingenuamente:

- Por que você está aqui?

O Espectro olhou-o com seus olhos vermelhos emanando desprezo e sorriu.

- Obrigado - disse Eragon. Ele foi com passos largos até aquele cômodo e espiou. Brom estava sentado na frente da lareira, fumando. - Como foram as coisas? - perguntou Eragon.

- Muito ruins! - reclamou Brom, segurando seu cachimbo.

- Então, falou com Brand?

- E não adiantou nada. Esse gerente de comércio é do pior tipo de burocrata. Obedece a todas as regras, adora fazer as suas próprias se puder causar inconveniência a alguém e, ao mesmo tempo, acredita que está fazendo o certo.

- Então, ele não nos deixará ver os registros? - indagou Eragon.

- Não - disparou Brom, furioso. - Nada que eu dissesse poderia convencê-lo. Recusou até um suborno! Um bem gordo! Não pensei que conheceria um nobre que não fosse corrupto. Agora que conheci, acho que gostava mais quando os via como patifes gananciosos. - Ele tragava seu cachimbo furiosamente e balbuciava uma série de pragas.

Quando ele parecia estar mais calmo, Eragon perguntou hesitante:

- E agora?

- Na semana que vem, vou ensinar você a ler.

- E depois disso?

Um sorriso dividiu o rosto de Brom.

- Depois disso, nós vamos dar a Brand uma surpresa desagradável.

Eragon perturbou-o, querendo mais detalhes, mas Brom se recusou a continuar o assunto.

O jantar foi servido em uma sala suntuosa. Jeod sentou em uma ponta da mesa e Helen, de cara fechada, na outra. Brom e Eragon estavam entre eles, onde Eragon achava ser um lugar perigoso para se ficar.

Havia cadeiras vazias a seu lado, mas ele não se importava com o espaço. Isso ajudava a protegê-lo dos olhares de sua anfitriã.

Eles cometeram um erro. As drogas estão perdendo o efeito! Esperançoso, tentou fazer contato com Saphira e usar sua magia, mas as duas atividades ainda estavam longe de seu alcance.

Uma ponta de preocupação queimava dentro dele quando pensava se ela e Murtagh tinham conseguido fugir. Esticou os braços e olhou pela Janela. A cidade estava acabando de acordar, a rua estava vazia, com exceção de dois mendigos.

Pegou a jarra de água, refletindo sobre a elfa e o Espectro. Quando começou a beber, notou que a água tinha um odor suave, como se contivesse algumas gotas de um perfume rançoso. Fazendo uma careta, colocou a jarra no chão. A droga deve estar aí. E também deve estar na comida! Lembrou que quando os ra'zac o drogaram o efeito levou horas para passar. Se eu puder evitar comer e beber por tempo suficiente, serei capaz de usar magia. Assim, poderei resgatar a elfa... Tal pensamento o fez sorrir. Sentou-se em um canto, sonhando sobre como poderia fazer isso.

O carcereiro corpulento entrou na cela uma hora depois com uma bandeja de comida. Eragon esperou até que ele saísse e levou a bandeja até a janela. A refeição era composta apenas de pão, queijo e uma cebola, mas o cheiro fez seu estômago roncar de fome. Aceitando forçar a si mesmo a passar um dia sem comer, jogou a comida para fora da janela, na rua, esperando que ninguém tivesse notado.

Eragon estava determinado a superar os efeitos das drogas. Tinha dificuldade para se concentrar durante qualquer período de tempo, mas com o passar do dia a sua acuidade mental aumentava. Começou a lembrar-se de várias palavras da língua antiga, embora nada acontecesse quando as pronunciava. Ele queria gritar de frustração.

Quando o almoço foi entregue, jogou-o fora pela janela como fez com o café da manhã. Podia esquecer a fome, mas era a sede que mais o atormentava. Sua garganta estava ressecada. Pensamentos de água fresca torturavam-no cada vez que sua respiração secava um pouco mais sua boca e sua garganta. Mesmo assim, forçou a si mesmo a ignorar a jarra.

LEITURAS E TRAMAS

Brom rabiscou uma runa em um pergaminho com um pedaço de carvão e mostrou a Eragon.

- Esta é a letra "a" - ensinou ele. - Aprenda.

Assim, Eragon iniciou a tarefa de se tornar alfabetizado. Foi difícil e estranho, exigiu o máximo de sua inteligência, mas gostou. Sem mais nada para fazer e tendo um bom, mas às vezes impaciente professor, ele progrediu rapidamente.

Logo uma rotina foi estabelecida. Todos os dias, Eragon levantava, comia na cozinha e ia à sala de leitura para ter suas lições, onde aprendia a relacionar os sons com as letras e as regras de gramática. Mergulhou tão fundo nisso que, quando fechava os olhos, as letras e palavras dançavam em sua mente. Quase não pensou em outra coisa durante esse tempo.

Antes do jantar, ele e Brom iam para os fundos da casa de Jeod treinar esgrima. Os criados, junto com um pequeno grupo de crianças curiosas, iam assistir. Se sobrasse tempo depois de tudo isso, Eragon praticava magia em seu quarto, com as cortinas bem fechadas.

Sua única preocupação era Saphira. Ele a visitava todas as tardes, mas isso não era suficiente para nenhum dos dois. Durante o dia, Saphira passava o tempo a muitos quilômetros de distância, procurando comida. Ela não podia caçar perto de Teirm sem levantar suspeitas. Eragon fazia o que podia para ajudá-la, mas sabia que a única solução tanto para a fome dela quanto para sua solidão era deixar a cidade bem longe.

Todos os dias, mais notícias sombrias chegavam a Teirm. Comerciantes relatavam ataques terríveis ao longo da costa. Havia relatos de pessoas poderosas desaparecendo de suas casas à noite e de seus cadáveres mutilados descobertos pela manhã.

Eragon sempre ouvia Brom e Jeod falando sobre tais eventos à meia voz, mas paravam quando ele se aproximava.

De repente, percebeu o que estava errado. Fui capturado pelos urgals, não por homens! Como vim parar aqui? O cérebro confuso lutava com esse paradoxo sem sucesso. Com um esforço mental, colocou essa descoberta de lado quando viu que não sabia o que fazer com ela.

Ele sentou-se no catre e olhou fixamente para longe. Horas depois, trouxeram mais comida. Eu já estava ficando com fome, pensou de modo pouco claro. Desta vez foi capaz de comer sem ficar enjoado. Quando terminou, decidiu que era hora de tirar uma soneca. Afinal, ele estava em uma cama, o que mais poderia fazer? A mente foi se acalmando, o sono começou a tomar conta dele. Foi quando, em algum lugar, um portão fez barulho ao ser aberto e o ruído constante de botas com reforço de aço batendo no piso de pedra encheu o ar. O ruído foi ficando cada vez mais alto até parecer que alguém batia com uma panela dentro da cabeça de Eragon. Ele resmungou consigo mesmo:

- Será que não podem me deixar descansar em paz? - Uma curiosidade confusa foi, lentamente, superando sua exaustão, até que conseguiu se arrastar até a porta, piscando como uma coruja.

Pela janela, viu um corredor largo com mais de nove metros de comprimento. A parede oposta estava pontilhada por celas similares à dele. Uma coluna de soldados marchou pelo corredor, com as espadas desembainhadas, de prontidão. Todos os homens trajavam armaduras iguais, seus rostos exibiam a mesma expressão implacável, e seus pés batiam no chão com uma precisão mecânica, nunca perdendo o compasso. O som era hipnótico. Era uma demonstração de força impressionante.

Eragon observou os soldados até ficar entediado. E foi quando notou uma abertura no meio da fileira. Uma mulher inconsciente estava sendo carregada entre dois homens corpulentos.

Seus cabelos longos e escuros como a noite, escondiam seu rosto, apesar de haver uma tira de couro amarrada em sua cabeça para manter suas madeixas para trás. Vestia uma calça e uma camisa feitas de couro escuro. Um cinto brilhante estava preso em sua cintura fina, de onde pendia uma bainha vazia em seu lado direito. Botas altas, até o joelho, cobriam suas pernas e seus pés pequenos.

Os sonhos dominaram sua consciência, levando-o à beira do que podia ser considerado são. Às vezes, tremia de medo. Em outras, ria de prazer. Depois, algo ficou diferente. Foi como se os seus olhos tivessem se aberto pela primeira vez, e o sonho tornou-se mais claro do que qualquer outro.

Viu uma jovem mulher, curvada devido à aflição, acorrentada em uma cela fria e opressiva. Um raio de luar entrava por uma janela fechada por barras no alto da parede e caía em seu rosto. Uma única lágrima escorria pelo rosto dela, parecendo diamante líquido.

Eragon levantou-se espantado e viu que estava chorando de modo descontrolado antes de voltar a cair em um sono intermitente.

primeiro urgai, um bando deles veio correndo do outro lado. Mas que truque estúpido no qual cair!

Houve um barulho alto de aço chocando-se quando Murtagh atacou os urgais. Eragon tentou se juntar a ele, mas foi barrado por quatro dos monstros. O primeiro jogou a espada em direção ao ombro dele. Desviou-se do golpe e matou o urgai com magia. Ele acertou o segundo na garganta girando Czar'roc freneticamente e perfurou o coração do terceiro. Ao fazer isso, o quarto correu para cima dele, balançando uma pesada clava.

Eragon viu que ele se aproximava e tentou erguer a espada para bloquear a clava, mas demorou um segundo além do que podia. Conforme ela descia em direção a sua cabeça, ele gritou:

- Voe Saphira!

Uma explosão de luz encheu seus olhos e ele perdeu a consciência.

mas não viu ninguém. A palma de sua mão formigava. Olhou para o telhado de novo, mas não havia nada por lá.

Brom guiou-os junto à muralha de Teirm. Quando chegaram ao castelo, o céu estava negro. Os muros fechados da fortaleza fizeram Eragon tremer. Odiaria ter de ficar preso lá. Jeod tomou a dianteira silenciosamente e andou até os portões, tentando parecer relaxado. Bateu no portão e esperou.

Uma portinhola abriu-se, e um guarda mal-encarado olhou para fora.

- Quem é? - rosnou. Eragon podia sentir o cheiro da bebida no hálito dele.

- Nós precisamos entrar - disse Jeod.

O guarda examinou Jeod mais atentamente.

- Para fazer o quê?

- O rapaz esqueceu algo muito valioso na minha sala. Precisamos pegá-lo imediatamente. - Eragon baixou a cabeça, envergonhado.

O guarda fez uma cara feia, claramente impaciente para voltar à sua garrafa.

- Ah, não importa - disse ele balançando o braço. - Basta dar uma boa sova no moleque por mim.

- Farei isso - afirmou Jeod quando o guarda destrancou a pequena porta que havia no portão. Entraram no pátio, e Brom deu algumas moedas ao guarda.

- Obrigado - resmungou o homem, afastando-se cambaleante. Assim que ele estava longe, Eragon pegou seu arco e esticou-o. Jeod levou-os rapidamente até a parte principal do castelo. Correram até o seu destino, prestando atenção nos guardas que poderiam estar fazendo patrulha. Na sala dos registros, Brom tentou abrir a porta. Estava trancada. Encostou a mão nela e balbuciou uma palavra que Eragon não reconheceu. Ela abriu-se com um clique fraco. Brom pegou uma tocha da parede e eles entraram correndo, fechando a porta silenciosamente.

- E o que aconteceu?

Murtagh colocou mais uma colherada de comida em sua tigela.

- Uma coisa simples, mas é muito perigosa exatamente por isso. Fui visto na rua por uma pessoa que me conhece. Fiz a única coisa que podia fazer e saí correndo. Mas era tarde demais, pois ele me reconheceu.

Não foi algo bom, mas Eragon não tinha noção da gravidade da situação.

- Como não conheço seu amigo, devo perguntar: ele vai contar isso a alguém?

Murtagh deu uma risada contida.

- Se você o tivesse encontrado, essa pergunta não precisaria de resposta. A língua dele não tem limites, sua boca fica aberta o tempo todo, vomitando tudo o que passa pela cabeça. A questão não é se ele vai contar isso às pessoas, mas para quem ele vai contar. Se o que ele falar chegar aos ouvidos errados, estaremos encrencados.

- Duvido que enviarão soldados para procurá-lo no escuro - destacou Eragon. - Podemos, pelo menos, contar que estaremos em segurança até o sol raiar, e, depois disso, se tudo der certo, partiremos com Dormnadr.

Murtagh sacudiu a cabeça.

- Não, só você vai acompanhá-lo. Como já disse antes, não irei até os varden.

Eragon olhou triste para ele, pois queria que Murtagh ficasse. Eles ficaram amigos durante suas viagens, e ele não queria que essa amizade acabasse. Começou a protestar, mas Saphira aconselhou-o a se calar e disse gentilmente:

Espere até amanhã. A hora não é apropriada.

Tudo bem, - disse mal-humorado. Conversaram até as estrelas brilharem no céu, depois foram dormir enquanto Saphira fazia o primeiro turno como vigia.

É você? - Perguntou ele incrédulo.

Quem mais poderia ser?

Eragon engoliu em seco e concentrou-se no pergaminho.

Se meus olhos não me enganam, é você mesmo.

O garoto sorriu levemente, revelando seus dentes pontudos.

A minha aparência não muda quem eu sou. Você não acha que eu me chamo menino-gato à toa, não é?

O que você está fazendo aqui?

O menino-gato jogou a cabeça para a frente, pensando se aquela pergunta merecia uma resposta.

Vai depender do que você estiver fazendo aqui. Se estiver lendo esses pergaminhos por pura distração, não vejo nenhum motivo para a minha visita. Mas se o que você está fazendo for ilegal e se não quiser ser descoberto, eu poderia muito bem avisá-lo de que o guarda que vocês subornaram acabou de falar sobre vocês ao superior dele e que esse outro guarda do Império mandou alguns soldados procurarem vocês.

Muito obrigado por me contar, - disse Eragon.

Eu contei alguma coisa a você? Suponho que tenha contado. E sugiro que faça uso disso.

O garoto ficou em pé e jogou para trás seus cabelos rebeldes. Eragon perguntou rapidamente:

O que você quis dizer da última vez com uma árvore e um cofre?

Exatamente aquilo que eu disse.

Eragon tentou perguntar mais, no entanto o menino-gato desapareceu na janela. Ele afirmou de repente:

- Os guardas estão nos procurando.

- Como sabe disso? - perguntou Brom agressivamente.

exército. Aquelas não são apenas casas, também servem de base militar. Entrar lá seria como se entregar ao rei em uma bandeja de prata.

Eragon pediu a opinião de Saphira. Ela enrolou a cauda em volta das pernas do rapaz e deitou-se perto dele.

Você não devia ter me perguntado, ele está com razão. Há certas palavras que posso dar a ele que convencerão Dormnadr de que Murtagh está falando a verdade. E ele está certo, se alguém deve se arriscar a ser capturado, deve ser ele, pois conseguiria sobreviver à prisão.

Eragon fez uma expressão de insatisfação no rosto.

Não gosto de deixá-lo correr perigo por nossa causa.

- Tudo bem, você pode ir - disse ele relutante. - Mas, se algo der errado, irei atrás de você.

Murtagh riu.

- Isso daria uma bela lenda: como um Cavaleiro solitário derrotou o exército do rei sem nenhuma ajuda. - Ele riu de novo e ficou em pé. - Há algo que eu deva saber antes de partir?

- Não devíamos descansar e esperar até amanhã? - perguntou Eragon visando cautela.

- Por quê? Quanto mais ficarmos aqui, maiores serão as chances de sermos descobertos. Se esse Dormnadr pode levá-lo aos varden, ele deve ser encontrado o mais rápido possível. Nenhum de nós deve ficar mais de alguns dias perto de Gil'ead.

Novamente a sabedoria flui da boca dele, - comentou Saphira friamente. Ela disse a Eragon o que devia ser dito a Dormnadr, e ele passou a informação a Murtagh.

- Muito bem - disse Murtagh, ajeitando sua espada. - A não ser que haja problema, voltarei daqui a algumas horas. Deixe um pouco de comida para mim. - Com um aceno de mão, ele montou em Tornac com um pulo e começou a cavalgar. Eragon sentou-se perto da fogueira, batendo de modo apressado no cabo de Czar'roc.

O líder coçou o queixo.

- Tudo bem. Não sei o que vocês tramavam, mas já que a porta está fechada, vocês podem ir. Venham. - Os soldados os cercaram e marcharam de volta até o pátio.

"Não acredito nisso, pensou Eragon. Eles estão nos ajudando a sair!"

No portão principal, o soldado apontou e disse:

- Agora, podem sair e não tentem fazer mais nada assim. Estaremos vigiando. Se tiverem que voltar, esperem até amanhecer.

- Claro - prometeu Jeod.

Eragon podia sentir os olhos dos soldados perfurando suas costas ao saírem depressa do castelo. Assim que os portões se fecharam atrás deles, um sorriso triunfante tomou conta de seu rosto e ele deu um pulo no ar.

Brom lançou-lhe um olhar de reprovação e fechou o rosto.

- Volte andando para casa normalmente. Poderá comemorar lá. - Censurado, Eragon adotou uma conduta mais sossegada, mas borbulhava de energia por dentro. Assim que eles entraram correndo em casa e na sala de leitura, Eragon exclamou:

- Nós conseguimos!

- De fato, mas agora temos de ver se o risco valeu a pena - disse Brom. Jeod pegou um mapa da Alagaésia da prateleira e o esticou na mesa.

No lado esquerdo do mapa, o oceano se alastrava até o oeste desconhecido. Junto com a costa, estendia-se a Espinha, uma imensa extensão de montanhas. O deserto Hadarac enchia o centro do mapa, a parte leste estava em branco. Em algum lugar naquele vazio, os varden escondiam-se. Ao sul ficava Surda, uma pequena região que cortou relações com o Império depois da queda dos Cavaleiros. Disseram a Eragon que Surda apoiava os varden secretamente.

Perto da fronteira leste de Surda havia uma cordilheira chamada montanhas Beor. Eragon ouviu falar delas em muitas histórias, deviam ser

Murtagh hesitou, mas acabou entregando sua comprida espada. Eragon anulou o fio da arma com magia, do modo como Brom havia ensinado. Enquanto Murtagh examinava a lâmina, Eragon disse:

- Posso desfazer isso quando terminarmos.

Murtagh verificou o peso de sua arma. Satisfeito, ele disse:

- Está boa. - Eragon protegeu o fio de Czar'roc, agachou-se e girou-a em direção ao ombro de Murtagh. As espadas encontraram-se em pleno ar. Eragon afastou-se dando um golpe floreado e reagiu depressa quando Murtagh desviou um golpe, afastando-se graciosamente.

Ele é rápido, pensou Eragon.

Eles lutavam, para frente e para trás, um tentando acertar o outro.

Depois de uma série de golpes particularmente intensa, Murtagh começou a rir. Além de ser impossível para qualquer um deles ganhar vantagem sobre o outro, suas forças eram tão equilibradas que eles se cansaram ao mesmo tempo. Reconhecendo com sorrisos suas habilidades mútuas, lutaram até que seus braços ficassem pesados e o suor escorresse por seus corpos.

Finalmente, Eragon gritou:

- Chega, basta! - Murtagh parou um golpe em pleno ar e sentou-se ofegante. Eragon cambaleou até sentar-se no chão, o peito dele subia e descia. Nenhum de seus combates com Brom foi tão intenso.

Enquanto inalava o ar a golfadas, Murtagh exclamou:

- Você é incrível! Pratico esgrima a vida toda, mas nunca enfrentei alguém como você. Você poderia ser o mestre das armas do rei se quisesse.

- Você é tão bom quanto eu - observou Eragon, ainda ofegante. - O homem que ensinou você a lutar, Tornac, poderia fazer fortuna se abrisse uma escola de esgrima. As pessoas viriam de todas as partes da Alagaësia para aprender com ele.

- Ele morreu - disse Murtagh brevemente.

Brom correu a mão por cima do mapa.

- Acho que podemos eliminar algumas cidades. Os ra'zac têm de viajar para onde o rei queira, e sei que ele os mantém ocupados. Se precisam estar prontos para partirem para qualquer lugar, a qualquer momento, o único local razoável onde deviam ficar seria em um ponto central onde poderiam ir facilmente para qualquer parte do país. - Ele agora estava animado e andava pelo cômodo. - Esse ponto central tem de ser grande o bastante para que os ra'zac não levanten suspeitas. E também deve fazer bastante comércio, para que pedidos incomuns, como o alimento especial para as suas montarias, por exemplo, passem despercebidos.

- Isso faz sentido - disse Jeod, concordando com a cabeça. - Seguindo esse raciocínio, podemos eliminar a maioria das cidades ao norte. As únicas grandes são Teirm, Gil'ead e Ceunon. Sei que não estão em Teirm e duvido que o óleo tenha sido enviado costa acima até Narda, pois é pequena demais. Ceunon é muito isolada... Assim resta apenas Gil'ead.

- Os ra'zac devem estar lá - admitiu Brom. - Seria uma certa ironia. - Seria, sim - aquiesceu Jeod baixinho.

- E quanto às cidades ao sul? - perguntou Eragon.

- Bem - começou Jeod -, claro, há Uru'baen, mas não é um destino provável. Se alguém morresse por causa de óleo de Seithr na corte do rei Galbatorix, seria fácil demais para um conde, ou outro nobre, descobrir que o Império estava comprando grandes quantidades disso. Ainda assim há muitas outras, qualquer uma pode ser a que queremos.

- É - disse Eragon -, mas o óleo não foi enviado para todas elas. O pergaminho lista apenas Kuasta, Dras-Leona, Aroughs e Belatona. Kuasta não seria boa para os ra'zac, pois fica na costa e é cercada por montanhas. Aroughs é isolada como Ceunon, embora seja um centro de comércio. Assim restam Belatona e Dras-Leona, que são bem próximas. Das duas, acho que a mais provável seria Dras-Leona. É maior e está melhor situada.

- E é por onde quase todos os bens do Império passaram em um momento ou outro, incluindo os de Teirm - disse Jeod. - Seria um bom lugar para os ra'zac se esconderem.

Os dias passavam quase sem serem notados à proporção que o pequeno grupo viajava em meio ao isolamento. Eragon ficou satisfeito ao saber que ele e Murtagh tinham vários interesses em comum. Passavam horas conversando sobre técnicas de arco-e-flecha e de caçada.

Havia um assunto, entretanto, que eles evitavam debater, obedecendo a um consenso inconfesso: o passado deles. Eragon não explicou como achou Saphira, como conheceu Brom ou de onde tinha vindo. Murtagh mantinha um silêncio parecido com relação a por que o Império o procurava. Era um acordo simples, mas dava certo.

Todavia, devido à proximidade deles, era inevitável que um descobrisse coisas sobre o outro. Eragon ficou intrigado com a familiaridade de Murtagh com a luta pelo poder e pela política no Império. Parecia saber o que cada nobre e cortesão fazia e como isso afetava as outras pessoas. Eragon ouvia com cautela, suspeitas fervilhavam em sua mente.

A primeira semana passou sem nenhum sinal dos ra'zac, o que aplacou alguns medos de Eragon. Mesmo assim, eles se revezavam vigiando durante a noite. Eragon esperava encontrar os urgals no caminho para Gil'ead, mas também não encontraram nenhum rastro deles. Eu achava que estes lugares remotos estariam repletos de monstros, meditou ele. Porém, não vou reclamar se tiverem ido para outra parte.

Ele não sonhou mais com a mulher. E embora tentasse visualizá-la mentalmente, via apenas uma cela vazia. Sempre que passavam por um vilarejo ou por uma cidade, investigava para ver se havia uma cadeia. Se houvesse, ele se disfarçava e a visitava, mas ela não foi encontrada. Os disfarces ficavam cada vez mais elaborados à medida que via em várias cidades cartazes, com seu nome e descrição, oferecendo uma bela quantia por sua captura.

A viagem rumo ao norte forçou-os a seguir em direção à capital, Uru'baen. Era uma área densamente povoada, o que tornava difícil passarem despercebidos. Soldados patrulhavam as estradas e guardavam as pontes. Levaram vários dias tensos e nervosos para circundá-la.

- Eu sei - disse Brom. - Mas você tem uma vida em Teirm. Chegou a hora da próxima geração começar a agir. Você já fez a sua parte, seja feliz.

- E quanto a você? - perguntou Jeod. - A estrada nunca terá um fim?

Uma risada vazia escapou dos lábios de Brom.

- Estou vendo o fim chegar, mas ainda não. - Ele apagou o cachimbo, e cada um foi para o seu quarto, exaustos. Antes de dormir, Eragon contatou Saphira para relatar as aventuras da noite.

conforme o arenito se transformava. Soltando um bufo de satisfação, Saphira deu um passo atrás e examinou sua obra.

O mausoléu, de momentos antes esculpido no arenito se transformou em um cofre reluzente feito de pedras preciosas, sob o qual o rosto intocado de Brom podia ser visto. Eragon admirou com saudade o ancião, que parecia estar dormindo.

O que você fez? - Perguntou a Saphira com admiração.

Eu dei a ele o único presente que podia dar. Agora, o tempo não irá destruí-lo. Ele poderá descansar em paz eternamente.

Obrigado. - Eragon colocou a mão no lado do corpo dela. E partiram juntos.

- Eles são bem reais. Durante os anos de glória dos Cavaleiros, eram tão famosos quanto os dragões. Reis e elfos os tinham como companhia, embora os meninos-gato fossem livres para fazerem o que quisessem. Muito pouco se sabe sobre eles. Temo que essa raça tenha se tornado bem rara ultimamente.

- Eles podiam fazer magia? - perguntou Eragon.

- Ninguém sabe, mas eles, sem dúvida, podiam fazer coisas incomuns. Parecia que sempre sabiam o que estava acontecendo e, de alguma maneira, conseguiam se envolver. - Brom puxou o capuz para se proteger de um vento frio.

- O que é Helgrind? - perguntou Eragon, depois de parar para pensar por um momento.

- Você verá quando chegarmos a Dras-Leona.

Quando Teirm estava fora do alcance da vista, Eragon abriu sua mente e chamou:

Saphira! - A força do seu grito mental era tão grande que Cadoc, incomodado, sacudiu suas orelhas.

Saphira respondeu e foi correndo até eles com toda a sua força. Eragon e Brom aguardavam quando uma mancha escura saiu de uma nuvem, então, ouviram um ruflar grave quando as asas de Saphira abriram-se. O sol brilhava atrás das finas membranas, tornando-as translúcidas, destacando as veias escuras. Pousou causando um grande golpe de ar.

Eragon jogou as rédeas de Cadoc para Brom.

- Encontrarei você na hora do almoço.

Brom concordou com a cabeça, mas parecia preocupado.

- Divirta-se - disse ele e depois olhou para Saphira e sorriu. - É bom revê-la.

E a você também.

Essa é uma responsabilidade que eu exercerei honrosamente.

Ótimo.

Então, vamos a Gil'ead, - afirmou Eragon, sentindo a força e a determinação voltando a ele. E quanto a Murtagh? Você acha que ele deve vir conosco?

Devemos a vida a ele, - disse Saphira. - Mas, mesmo sem essa dívida, ele viu tanto você quanto a mim. Devemos mantê-lo por perto para que não forneça ao Império nossa localização e nossa descrição, por vontade própria ou não.

Ele concordou com ela e contou sobre o seu sonho.

O que eu vi me perturbou. Sinto que o tempo está se esgotando para ela. Algo terrível vai acontecer em breve. Ela está correndo perigo mortal, estou certo disso. Mas não sei como encontrá-la! Ela pode estar em qualquer lugar.

O que o seu coração diz? - Perguntou Saphira.

Meu coração morreu há bem pouco tempo, - respondeu Eragon com um toque de humor negro. - Entretanto, acho que devemos ir para o norte, para Gil'ead. Com um pouco de sorte, essa mulher pode estar presa em uma das cidades ou vilarejos no nosso caminho. Temo que meu próximo sonho com ela mostre uma cova. Eu não suportaria isso.

Por que?

Não sei ao certo, - respondeu ele, dando de ombros. O caso é que quando eu a vejo, sinto como se ela fosse preciosa e que não deveria ser perdida... É muito estranho. - Saphira abriu sua boca comprida e riu silenciosamente, suas presas brilhavam. - O que foi? - Disparou Eragon. Ela balançou a cabeça e afastou-se caminhando silenciosamente.

Eragon resmungou consigo mesmo e comunicou a Murtagh o que haviam decidido. Murtagh disse:

- Se vocês acharem esse Dormnad e forem para os varden, eu os deixarei. Encontrar os varden seria tão perigoso para mim quanto entrar

Confio em você com toda a minha alma, e é por isso que ainda estou viajando a seu lado, mas preciso saber mais sobre você e o que está fazendo. O que roubou em Gil'ead? E o que é essa tal de *tuatha du orothrim* pela qual estou passando? Acho que depois de tudo que aconteceu, mereço uma explicação.

- Você andou nos escutando às escondidas.

- Só uma vez - revelou Eragon.

- Vejo que ainda precisa aprender boas maneiras - zangou-se Brom, puxando a barba. - O que o faz pensar que isso tudo tem a ver com você?

- Na verdade, nada - retorquiu Eragon, dando de ombros. - Mas foi apenas uma coincidência estranha você estar escondido no Carvahall quando eu achei o ovo da Saphira, além do fato de você saber tanto sobre dragões. Quanto mais penso sobre isso, menos coincidência isso me parece. Havia outras pistas que ignorei, mas, ao olhar para trás, vejo que são óbvias. Como o jeito que você reconheceu os ra'zac e o modo como eles fugiram quando você se aproximou. E não posso deixar de imaginar se você não teve algo a ver com o aparecimento do ovo da Saphira. Há muitas coisas que não nos contou, e Saphira e eu não podemos ignorar nada que possa ser perigoso.

Rugas fundas apareceram na testa de Brom quando puxou as rédeas para fazer Fogo na Neve parar.

- Você não quer esperar? - perguntou. Eragon balançou a cabeça teimosamente.

Brom suspirou.

- Isso não seria problema se você não fosse tão desconfiado, mas acho que você não seria digno do meu tempo se não fosse assim. - Eragon não sabia se encarava isso como um elogio. Brom acendeu seu cachimbo e, lentamente, soprou uma nuvem de fumaça para o alto. - Vou contar - disse -, mas você deve entender que não posso revelar tudo. - Eragon começou a protestar, mas Brom o cortou. - Não é a minha vontade esconder informações de você, mas não posso revelar segredos que não são meus. Há

nisso. - E as suas costelas vão demorar para ficarem boas. Sei que pode se defender usando magia, mas precisa de um companheiro que possa levantar coisas pesadas e usar uma espada. Estou pedindo para viajar com você, pelo menos, por enquanto. Mas devo alertá-lo, o Império está à minha procura. É certo que algum sangue será derramado.

Eragon riu fracamente e viu-se chorando porque doía muito. Assim que recuperou o fôlego, disse:

- Não me importo se um exército inteiro estiver à sua procura. Você está certo. Eu realmente preciso de ajuda. Ficarei feliz se tiver você ao meu lado, entretanto devo falar com Saphira primeiro. Mas eu preciso alertar você, Galbatorix pode mandar um exército inteiro atrás de mim. Você não estará mais seguro junto a mim e Saphira do que se estivesse sozinho.

- Eu sei disso - respondeu Murtagh com um sorriso ligeiro. - Mas, mesmo assim, isso não me fará mudar de ideia.

- Ótimo - sorriu Eragon com gratidão.

Enquanto conversavam, Saphira entrou engatinhando na caverna e cumprimentou Eragon. Ela ficou feliz ao vê-lo, mas havia grande tristeza em seus pensamentos e palavras. Ela deitou sua grande cabeça azul no chão e perguntou:

Você está bem de novo?

Ainda não.

Sinto saudade do velho.

Eu também... Nunca suspeitei que ele fosse um Cavaleiro. Brom! Ele era realmente muito velho, tão velho quanto os Renegados. Tudo o que me ensinou sobre magia, ele deve ter aprendido com os próprios Cavaleiros.

Saphira virou-se levemente.

Eu soube o que ele era no momento em que ele me tocou na sua fazenda.

E por que você não me disse? Por quê?

- Eu menti sobre os dragões - afirmou Brom sem rodeios. - Embora os Cavaleiros não existam mais, ainda restam três ovos de dragões, todos eles estão sob a posse de Galbatorix. Na verdade, agora só restam dois, já que Saphira nasceu. O rei pegou os três ovos durante sua última grande batalha com os Cavaleiros.

- Então, logo haverá dois novos Cavaleiros leais ao rei? - perguntou Eragon, sentindo-se triste.

- Exatamente - confirmou Brom. - Há uma corrida fatídica em andamento. Galbatorix tenta achar desesperadamente as pessoas para quem os ovos eclodirão, enquanto os varden tentam de toda maneira matar os candidatos ou roubar os ovos.

- Mas de onde veio o ovo da Saphira? Como alguém conseguiu roubá-lo do rei? E por que você sabe disso tudo? - perguntou Eragon confuso.

- Perguntas demais - riu Brom amargamente. - Há outro capítulo nisso tudo, algo que aconteceu muito antes de você nascer. Na época, eu era um pouco mais jovem, mas, talvez, não tão sábio. Eu odiava o Império, por questões que prefiro guardar para mim mesmo, e queria prejudicá-lo de todas as maneiras possíveis. Meu fervor me levou até um estudioso, Jeod, que alegava ter descoberto um livro que mostrava uma passagem secreta para o castelo de Galbatorix. Ansioso, levei Jeod até os varden, que são os meus "amigos", e eles bolaram um plano para roubar os ovos.

Os varden!

- Entretanto, algo deu errado, e nosso ladrão pegou apenas um ovo. Por algum motivo, fugiu com o ovo e não voltou para os varden. Quando ele não foi encontrado, Jeod e eu fomos enviados para trazê-lo e o ovo de volta.

Os olhos de Brom ficaram distantes, e ele falou com uma voz estranha.

- Esse foi o começo de uma das maiores buscas da história. Nós corremos contra os ra'zac e Morzan, o último dos Renegados e o melhor servo do rei.

- Morzan! - interrompeu Eragon. - Mas foi ele que entregou os Cavaleiros a Galbatorix! - E isso aconteceu há muito tempo! Morzan devia

Nunca havia carregado Czar'roc na cinta e nunca a usou em combate, exceto quando treinava com Brom, pois ele não queria que as pessoas a vissem. Mas isto não preocupava mais Eragon. Os ra'zac ficaram surpresos e assustados com a espada. Isso parecia uma razão mais do que suficiente para que ele usasse aquela arma. Sentindo um calafrio, pegou seu arco e pôs Czar'roc na cintura.

“A partir deste momento, viverei segundo as leis da espada. Que o mundo inteiro veja quem eu sou. Não tenho medo. Agora, sou um Cavaleiro, total e completamente”.

Mexeu nas bolsas de Brom, mas achou apenas roupas, alguns poucos itens esquisitos e uma pequena bolsa de moedas. Eragon pegou o mapa da Alagaésia, colocou as bolsas de lado e agachou-se perto do fogo. Murtagh apertou os olhos quando desviou o olhar do coelho que ele estava tirando a pele.

- Essa espada. Posso vê-la? - perguntou ele, limpando as mãos.

Eragon hesitou, relutando a entregar a arma por um momento que fosse, mas acabou concordando com a cabeça. Murtagh examinou o símbolo na lâmina atentamente. O rosto dele ficou com uma expressão extremamente séria.

- Onde você arranjou isto?

- Brom me deu. Por quê?

Murtagh devolveu a espada com grosseria para Eragon e cruzou os braços zangado. Ele ficou com a respiração ofegante.

- Essa espada - disse ele cheio de emoção - já foi tão conhecida quanto o seu dono. O último Cavaleiro a empunhá-la foi Morzan, um homem bruto e selvagem. Achei que você fosse inimigo do Império, porém vejo-o carregando uma das armas sangrentas dos Renegados!

Eragon olhou chocado para Czar'roc. Percebeu que Brom devia ter pegado a arma de Morzan depois da luta em Gil'ead.

sido o fim de Brom, o contador de histórias. A única razão de terem fugido é que sou mais forte do que eles dois, especialmente durante o dia. Deviam ter planejado me pegar durante a noite, quando me interrogariam sobre o ovo.

- Você mandou uma mensagem para os varden falando sobre mim?

- Mandei. Sei que eles vão querer que eu leve você a eles o mais rápido possível.

- Mas você não vai levar, não é?

Brom balançou a cabeça.

- Não vou.

- Por quê? Ficar com os varden deve ser mais seguro do que perseguir os ra'zac, especialmente para um novo Cavaleiro.

Brom bufou e olhou para Eragon com afeto:

- Os varden são pessoas perigosas. Se você for até eles, ficará envolvido em suas politicagens e tramas. Os líderes poderiam mandá-lo em várias missões só para chamar a atenção, mesmo que ainda não estivesse preparado para elas. Quero que você esteja muito bem preparado antes de chegar perto dos varden. Pelo menos, enquanto estivermos perseguindo os ra'zac, não preciso me preocupar se alguém poderá envenenar a água que você beberá. Esse é o menor dos males. E - disse ele com um sorriso - ficará feliz enquanto eu o estiver treinando... *Tuatha du orothrim* é apenas um estágio no seu treinamento. Eu o ajudarei a achar, e talvez até a matar, os ra'zac, pois eles são tão meus inimigos quanto seus. Mas depois você terá de fazer uma escolha.

- Que será...? - perguntou Eragon desconfiado.

- Se juntar ou não aos varden - disse Brom. - Se você matar os ra'zac, as únicas alternativas para escapar da ira de Galbatorix serão: procurar a ajuda dos varden; fugir para Surda; ou implorar a misericórdia do rei e juntar-se a ele. Mesmo que não mate os ra'zac, no final você terá que fazer essa escolha.

TÚMULO DE DIAMANTE

Quando Eragon acordou, seus olhos pareciam estar cheios de areia, e seu corpo, rígido. A caverna estava vazia, com exceção dos cavalos. A maca não estava mais lá, não restava nenhum sinal de Brom. Andou até a entrada e sentou-se no arenito desgastado. Então, a bruxa Angela estava certa, havia uma morte no meu futuro, pensou, olhando para a terra de modo inexpressivo. O sol cor de topázio proporcionou um calor desértico ao começo da manhã.

Uma lágrima escorreu em seu rosto apático e evaporou sob a luz do sol, deixando uma crosta salgada na pele. Eragon fechou os olhos e absorveu o calor, esvaziando sua mente. Com uma de suas unhas, começou a arranhar o arenito de modo desinteressado. Quando olhou, viu que havia escrito: “Por que eu?”

Ele ainda estava no mesmo lugar quando Murtagh subiu até a caverna, carregando um par de coelhos. Sem dar uma palavra, ele sentou-se ao lado de Eragon.

- Como você está? - perguntou.

- Muito doente.

Murtagh refletiu sobre o que ele falou.

- Você vai se recuperar? - Eragon deu de ombros. Depois de alguns minutos de reflexão, Murtagh disse: - Detesto ter de perguntar isso a você neste momento, mas preciso saber... O seu Brom era "o" Brom? Aquele que ajudou a roubar um ovo de dragão do rei, que foi perseguido por todo o Império e que matou Morzan em um duelo? Ouvi você falar o nome dele e li a inscrição que fez no túmulo, mas preciso saber com certeza. Ele era o Brom?

- Era - respondeu Eragon baixinho. Uma expressão preocupada tomou conta do rosto de Murtagh. - Como sabe de tudo isso? Você fala sobre coisas que são segredo para a maior parte das pessoas. E você estava atrás

Eragon suspirou fingindo agonia.

Quando pararam naquele dia, Eragon foi buscar água enquanto Brom fazia o jantar. Ele esfregava suas mãos para esquentá-las no momento em que entrou em um grande círculo, seguindo o som de um riacho ou de uma fonte. Estava sombrio e úmido entre as árvores.

Achou um riacho afastado do acampamento. Agachou-se na margem e observou a água cair em cima das pedras molhando a ponta de seus dedos. A água gelada da montanha escorreu em volta de sua pele, deixando-a dormente. Não importa o que aconteça conosco ou com qualquer outra pessoa, pensou Eragon. Ele tremeu e ficou em pé.

Uma pegada diferente do outro lado da margem chamou a sua atenção. Tinha uma forma incomum e era muito grande. Curioso, saltou da margem para cima de um banco de areia. Ao pousar, seu pé atingiu um monte de musgos. Agarrou um galho para tentar se equilibrar, mas este quebrou, e Eragon esticou o braço para aparar sua queda. Sentiu seu pulso direito quebrar ao bater no chão. A dor subiu lancinante por seu braço.

Uma sequência contínua de xingamentos saiu de trás de seus dentes cerrados, pois ele tentava não berrar. Sem ver direito por causa da dor, ele se enrolou no chão, protegendo o braço.

Eragon! - Ele ouviu o grito assustado de Saphira. O que aconteceu?

Quebrei o pulso... Fiz uma besteira... Caí.

Estou indo, - disse Saphira.

Não... Eu posso voltar. Não... venha, As árvores estão juntas demais para você abrir as asas.

Ela enviou a Eragon uma breve imagem dela dizimando a floresta para chegar até ele e disse:

Rápido.

Gemendo, ficou em pé, cambaleante. A pegada estava impressa fundo no solo a poucos metros de distância. Era a marca de uma bota pesada,

- Para o topo - disse Eragon duramente, apontando para o cume da colina de arenito.

- Mas não podemos cavar na pedra sólida - protestou Murtagh.

- Eu posso.

Eragon subiu até o cume liso, fazendo um grande esforço por causa de suas costelas. Lá, Murtagh deitou Brom na pedra.

Eragon enxugou os olhos e fixou seu olhar na pedra de arenito.

Enquanto fazia gestos com uma das mãos, ele disse:

- *Moi stenr!*

A pedra formou pequenas ondas. Ela se mexia como água, formou uma depressão do comprimento de um corpo no topo da colina. Moldando o arenito como barro molhado, ele levantou paredes, que chegavam à altura da cintura, em volta da cova.

Colocaram Brom dentro do cofre de arenito inacabado, juntamente com seu cajado e sua espada. Dando um passo atrás, novamente Eragon deu forma à pedra usando magia. Ela se fundiu sobre o rosto imóvel de Brom e fluíu para cima, formando um pináculo lapidado. Como tributo final, Eragon escreveu runas na pedra:

AQUI JAZ BROM

Que era um dos Cavaleiros de Dragões

E como um pai para mim.

Que seu nome viva em glória.

Depois, abaixou a cabeça e chorou copiosamente. Ele ficou em pé como uma estátua viva até a noite, quando a luz deixou de iluminar a terra.

Naquela noite, sonhou com a mulher aprisionada novamente.

- Teremos de pôr uma tala no seu braço o mais rápido possível. Tente não mover seu pulso até então. - Eragon segurou as rédeas com força com a mão esquerda.

Brom disse a Saphira:

- Está quase escuro. Você poderia voar na nossa frente. Se os urgals aparecerem, pensarão duas vezes em atacar com você por perto.

É melhor que pensem assim ou nunca mais pensarão de novo, - comentou Saphira ao decolar.

A luz desaparecia rapidamente, e os cavalos estavam cansados, mas eles davam esporeadas nos animais sem trégua. O pulso de Eragon, inchado e vermelho, continuava a latejar. A quase dois quilômetros do acampamento, Brom parou.

- Ouça - alertou ele.

Eragon ouviu o chamado fraco de uma trombeta de caça atrás deles. Quando ela se silenciou, o pânico tomou conta dele.

- Eles devem ter achado onde estávamos - disse Brom - e, provavelmente, as pegadas de Saphira. Eles vão nos perseguir agora. Não é da natureza deles deixar uma presa escapar. - Depois, duas trombetas soaram.

Elas estavam mais perto. Um calafrio percorreu o corpo de Eragon.

- Nossa única chance é fugir - sugeriu Brom. Ele levantou a cabeça para o céu e seu rosto ficou pálido ao chamar Saphira.

Ela surgiu no meio do céu escuro e pousou.

- Deixe Cadoc. Vá com ela. Você ficará em segurança - ordenou Brom.

- Mas e você? - protestou Eragon.

- Eu ficarei bem. Agora, vá! - Sem energia para discutir, Eragon montou em Saphira enquanto Brom fez Fogo na Neve disparar com uma chicotada e cavalgou para longe com Cadoc. Saphira voou atrás dele, batendo as asas acima dos cavalos galopantes.

depois, ele nos traiu com Galbatorix... E na luta em Dorú Areaba, a cidade de Vroengard, meu jovem dragão foi morto. Também era uma fêmea, e o nome dela... Era Saphira.

- Por que você não me contou isso antes? - perguntou Eragon docemente.

Brom riu.

- Porque... Não havia necessidade. - Ele parou. A respiração estava pesada, e suas mãos cerradas. - Eu sou velho, Eragon... Muito velho. Embora meu dragão tenha sido morto, minha vida estendeu-se mais do que a da maioria das pessoas. Você não sabe como é chegar à minha idade, olhar para trás e perceber que não se lembra de muita coisa que passou. E, depois, olhar para a frente e saber que ainda lhe restam tantos anos... Depois de todo esse tempo, eu ainda choro a perda da minha Saphira... E odeio Galbatorix pelo que ele tirou de mim. - Seus olhos febris perfuraram Eragon quando ele disse furiosamente: - Não deixe que isso aconteça com você. Não deixe! Guarde Saphira com a sua vida, pois sem ela a vida não vale ser vivida.

- Você não devia falar desse jeito. Nada vai acontecer com ela - disse Eragon, preocupado.

Brom virou sua cabeça para o lado.

- Talvez eu esteja divagando. - O olhar dele passou cegamente por Murtagh, depois se concentrou em Eragon. A voz de Brom ficou mais forte. - Eragon! Eu não vou durar muito tempo. Esta... Esta é uma ferida fatal, ela está drenando as minhas forças. Não tenho energia para combatê-la... Antes que eu parta, você quer a minha bênção?

- Tudo vai acabar bem - disse Eragon, com lágrimas nos olhos. - Você não precisa fazer isso.

- As coisas são assim... Eu devo. Você quer a minha bênção? - Eragon abaixou a cabeça e fez um sinal de aceitação, sobrepujado. Brom encostou uma mão trêmula na testa do rapaz. - Então, eu a dou. Que os anos vindouros tragam-lhe muitas felicidades. - Ele fez um gesto para Eragon

Saphira, de modo abrupto, fechou as asas e desceu direto de cima das árvores, pousando na trilha, produzindo uma chuva de terra e pedras.

Os urgals gritaram assustados e puxaram as rédeas dos seus cavalos. Os animais ficaram com as pernas duras e bateram uns nos outros, mas os urgals se ajeitaram rapidamente para encarar Saphira com as armas expostas. O ódio ficou estampado em seus rostos quando olharam fixamente para ela. Havia doze deles, eram animais feios e zombeteiros. Eragon pensou por que não fugiram. Achou que a visão de Saphira iria assustá-los, fazendo-os correr para longe. Por que estão esperando? Eles vão nos atacar ou não?

Ficou chocado quando o maior urgál se aproximou dele e disse cuspindo:

- O nosso chefe quer falar com você, humano! - O monstro falou com uma voz grave e gutural.

É uma armadilha! - Alertou Saphira antes que Eragon pudesse falar qualquer coisa. - *Não lhe dê ouvidos.*

Pelo menos, vamos ver o que ele tem a dizer, - argumentou Eragon curioso, mas extremamente cauteloso.

- Quem é o seu chefe? - perguntou Eragon.

O urgál olhou com desdém.

- O nome dele não deve ser dito a alguém tão inferior quanto você. Ele governa o céu e domina a terra. Você não é nada mais do que uma formiga desgarrada para ele. Porém, ele decretou que você deve ser levado até ele, vivo. Fique grato por ter sido digno de tal graça!

- Eu nunca irei com você ou com nenhum de meus inimigos! - declarou Eragon, lembrando-se de Yazuac. - Não importa que você sirva um Espectro, um urgál ou algum outro inimigo do qual eu nunca tenha ouvido falar, não tenho nenhuma vontade de conversar com ele.

- Esse será um grave erro - rosnou o urgál, mostrando as presas. - Não há como fugir dele. No final, você ficará perante o nosso chefe. Se resistir,

O LEGADO DE UM CAVALEIRO

Acorde, Eragon. - Ele se mexeu e resmungou. *Preciso da sua ajuda. Há algo errado!* - Eragon tentou ignorar a voz e quis voltar a dormir. - *Levante!*

Vá embora, - reclamou ele.

Eragon! - Um grito ressoou na caverna. Ele levantou-se de repente, tateando à procura de seu arco. Saphira estava curvada em cima de Brom, que tinha rolado para fora da laje e estava caído no chão da caverna. O rosto dele estava contorcido por causa da dor, seus punhos estavam cerrados. Eragon foi correndo para perto dele, temendo o pior.

- Ajude-me a colocá-lo direito. Ele vai se machucar! - gritou para Murtagh, agarrando os braços de Brom. Ele sentiu uma forte dor no lado do corpo quando o ancião começou a espasmar. Juntos, contiveram Brom até que a convulsão dele passasse. Depois, voltaram a colocá-lo cuidadosamente na laje.

Eragon tocou a testa de Brom. A pele estava tão quente que o calor podia ser sentido a quase três centímetros de distância.

- Traga água e panos - disse ele, preocupado. Murtagh trouxe o que ele pediu, e Eragon, gentilmente, umedeceu o rosto de Brom, tentando baixar a temperatura. Quando a caverna ficou em silêncio novamente, ele notou que o sol brilhava do lado de fora.

Quanto tempo nós dormimos? - Perguntou a Saphira.

Um bocado. Fiquei observando Brom durante a maior parte do tempo que vocês dormiram. Ele estava bem até um minuto atrás quando começou a se debater. Acordei você assim que ele caiu no chão.

Ele esticou-se, estremecendo porque suas costelas causaram uma dor aguda. Uma mão, de repente, agarrou o ombro dele. Os olhos de Brom abriram-se de uma vez e ele fixou o olhar em Eragon.

- Você! - suspirou ele. - Traga-me o odre de vinho!

Não!... - Saphira girou em volta do monstro, rugindo de modo selvagem. Suas garras cortaram-no em uma velocidade incrível. Sangue espirrou por toda parte quando o urgal foi dividido em dois.

Saphira fechou as mandíbulas com força, produzindo um estalo, determinada, e voltou para Eragon. Envolveu gentilmente suas garras ensanguentadas no tronco dele, soltou um rosnado e pulou para o alto. A noite virou um borrão repleto de dor. O som hipnótico das asas de Saphira fizeram-no entrar em um transe escuro: para cima, para baixo, para cima, para baixo, para cima, para baixo...

Quando finalmente Saphira pousou, Eragon, vagamente consciente, ouviu Brom conversando com ela. Não entendeu o que disseram, mas uma decisão deve ter sido tomada, pois Saphira alçou voo de novo.

Seu torpor rendeu-se ao sono, cobrindo-o como um cobertor macio.

- Belo discurso - disse Murtagh, apagando a fogueira. - Mas aonde vocês irão? Há algum lugar por perto onde possam descansar em segurança?

- Não - admitiu Eragon.

Os olhos de Murtagh brilharam quando viu o punho da espada.

- Nesse caso, acho que vou acompanhá-los até estarem fora de perigo. Não tenho lugar melhor aonde ir. Além disso, se ficar com vocês, poderei golpear os ra'zac novamente mais cedo do que se estivesse sozinho. Coisas interessantes acontecem perto de um Cavaleiro.

Eragon hesitou, pois não tinha certeza se devia aceitar a ajuda de um completo estranho. Contudo, ele não estava nem um pouco satisfeito ao saber que estava fraco demais para discutir esse assunto. Se Murtagh não for confiável, Saphira pode colocá-lo para correr.

- Se quiser, pode vir conosco. Ele deu de ombros.

Murtagh concordou com a cabeça e montou seu cavalo de batalha cinzento. Eragon pegou as rédeas de Fogo na Neve e começou a cavalgar para longe do acampamento, avançando na vastidão do campo. Uma meia-lua provia uma luz fraca, e ele sabia que aquilo facilitaria o trabalho dos ra'zac quanto a localizá-los.

Embora Eragon quisesse interrogar mais Murtagh, ficou em silêncio, poupando suas energias para a cavalgada. Perto do amanhecer, Saphira disse:

Eu preciso parar. Minhas asas estão cansadas, e Brom precisa receber cuidados. Descobri um bom lugar para ficarmos, ele fica a uns quatro quilômetros à frente de onde vocês estão.

Encontraram-na sentada na base de uma grande formação de arenito, que se elevava em curva do chão, como uma grande colina, com as laterais repletas de cavernas de vários tamanhos. Havia abóbadas similares espalhadas por todo aquele local. Saphira parecia estar satisfeita consigo mesma.

mente, formou uma imagem de Saphira, tornando-a a mais real possível. Aquilo era mais desgastante do que ele esperava. Então, ele disse:

- *Draumr kópa!* - E olhou fixamente para a água.

A superfície ficou completamente lisa, congelada por uma força invisível. Os reflexos desapareceram e a água ficou bem clara. Nela, brilhava uma imagem de Saphira. O ambiente que a cercava era completamente branco, mas Eragon podia ver que ela estava voando. Brom estava sentado nas costas dela, a barba dele voava ao vento e havia uma espada em seus joelhos.

Eragon, exausto, deixou a imagem desaparecer. “Pelo menos, eles estão bem”. Deu a si mesmo alguns minutos para se recuperar e voltou a inclinar-se sobre a água. “Roran, como vai você?” Em sua mente, viu o primo claramente. Por impulso, invocou a magia e pronunciou as palavras.

A água ficou imóvel e a imagem se formou em sua superfície. Roran apareceu, sentado em uma cadeira invisível. Como Saphira, o ambiente que o cercava era branco. Havia novas rugas no rosto de Roran, mais do que nunca, ele estava parecido com Garrow. Eragon segurou a imagem o máximo que podia. “Será que Roran está em Therinsford? Certamente ele está em um lugar onde eu nunca estive”.

O esforço causado pelo uso da magia formou gotas de suor em sua testa. Ele suspirou e por um longo tempo ficou satisfeito em apenas ficar sentado. Depois, uma ideia absurda tomou conta dele. E se eu tentasse visualizar algo que criei na minha imaginação ou que vi em um sonho? Ele sorriu. Talvez visse o que a minha própria consciência produziu.

Aquela era uma ideia atraente demais para ser deixada de lado. Ajoelhou-se perto da água mais uma vez. O que eu devo procurar? Pensou em algumas coisas, mas descartou todas elas quando se lembrou do sonho sobre a mulher na cadeia.

Depois de fixar a cena na mente, Eragon pronunciou as palavras e observou a água com atenção. Esperou, mas nada aconteceu. Decepcionado, estava prestes a liberar a magia quando uma escuridão pesada rodopiou na água, cobrindo sua superfície. A imagem de uma vela solitária brilhava no

Estou aqui, Eragon. - Quando a mente dela se juntou à dele, uma força revigorada entrou em seu corpo. Eragon fez uso do poder combinado dos dois e concentrou-se nas palavras. A mão dele tremia enquanto a mantinha parada sobre a ferida.

- *Waíse heill!* - disse. A palma da mão dele brilhou, e a pele de Brom voltou a ficar normal, como se nunca tivesse sido cortada. Murtagh assistiu ao processo inteiro.

Tudo acabou rapidamente. Enquanto a luz desaparecia, Eragon sentou, sentindo-se mal.

Nós nunca fizemos isso antes, - disse ele.

Saphira concordou com a cabeça.

- *Juntos, podemos realizar encantos que estão muito acima da nossa capacidade individual.*

Murtagh examinou o lado do corpo de Brom e perguntou:

- Ele está completamente curado?

- Eu só posso curar o que está na superfície. Não tenho conhecimento bastante para consertar o que esteja errado por dentro. Agora, depende dele. Fiz tudo que podia. - Eragon fechou os olhos por um momento, extremamente cansado. - Parece... Que a minha cabeça está nas nuvens.

- Provavelmente, você precisa comer - disse Murtagh. - Farei uma sopa.

Enquanto Murtagh preparava a refeição, Eragon imaginava quem era aquele estranho. A espada e o arco dele eram da melhor qualidade possível, como também o chifre que ele carregava.

Ou era um ladrão ou devia estar acostumado com dinheiro, muito dinheiro. Por que ele estava perseguindo os ra'zac? O que eles fizeram para tê-lo como inimigo? Será que trabalha para os varden?

Murtagh deu a ele uma tigela de caldo. Eragon o tomou e perguntou:

- Quanto tempo faz desde que os ra'zac fugiram?

- Eu não queria matá-los - disse Eragon sentindo-se diminuído.

- Mas não teve esse problema em Yazuac.

- Lá eu não tive escolha, não sabia controlar a magia. Desta vez, parecia... Um exagero.

- Um exagero! - gritou Brom. - Não seria um exagero, pois eles não teriam a mesma misericórdia com você. E, por que, por que você se mostrou a eles?

- Você disse que eles tinham achado as pegadas de Saphira. Não faria diferença se me vissem - Eragon defendeu-se.

Brom enfiou sua espada na terra e disparou:

- Eu disse que eles provavelmente tinham achado as pegadas dela. Não sabíamos com certeza. Podiam achar que seguiam alguns viajantes erráticos. Mas como eles acharão isso agora? Afinal, você pousou bem na frente deles! E como você os deixou viver, devem estar correndo pelos campos contando um monte de histórias fantásticas! Elas podem chegar até o Império! - Ele jogou as mãos para o ar. - Você não merece ser chamado de Cavaleiro depois dessa, rapaz. - Brom arrancou sua espada do chão e foi andando pesadamente até a fogueira. Pegou um trapo dentro do seu manto e, zangado, começou a limpar a lâmina.

Eragon estava chocado. Tentou pedir um conselho a Saphira, mas tudo o que ela dizia era:

Fale com Brom.

Hesitante, Eragon caminhou até a fogueira e perguntou:

- Ajudaria se dissesse que eu sinto muito?

Brom suspirou e embainhou sua espada.

- Não, não ajudaria. Seus sentimentos não podem mudar o que aconteceu. - Ele golpeou o peito de Eragon com seu dedo. - Você fez escolhas muito ruins que podem ter repercussões perigosas. Sem falar que você quase morreu. Morreu, Eragon! A partir de agora, você terá de pensar.

- Murtagh. - A voz dele era baixa e controlada, mas curiosamente emotiva.

Eragon passou suas mãos por baixo das pernas, para que ficassem na sua frente. Rangeu os dentes quando sentiu uma dor aguda no lado do seu corpo.

- Por que você nos ajudou?

- Vocês não são os únicos inimigos que os ra'zac têm. Eu estava atrás deles.

- Você sabe quem eles são?

- Sei.

Eragon concentrou-se nas cordas que prendiam seus punhos e recorreu à magia. Hesitou, consciente de que os olhos de Murtagh estavam em cima dele, depois concluiu que isso não tinha mais a menor importância.

- *Jierda!* - disse ele com um gemido. As cordas se arrebentaram nos pulsos dele. Ele esfregou as mãos para fazer o sangue voltar a correr.

Murtagh suspirou espantado. Eragon apoiou-se e tentou ficar em pé, mas suas costelas ardiam de dor. Caiu para trás, arfando entre seus dentes cerrados. Murtagh tentou ajudá-lo, mas Saphira parou-o com um rosnado.

- Eu poderia ter ajudado você há muito mais tempo, mas seu dragão não deixou.

- Ela é fêmea, seu nome é Saphira - disse Eragon por entre os dentes.

Agora, deixe-o passar! Não posso fazer isso sozinho. Além do mais, ele salvou nossas vidas.

Saphira rosnou de novo, mas fechou as asas e afastou-se. Murtagh olhou para ela sem rodeios quando começou a andar para a frente.

Segurou o braço de Eragon, colocando-o de pé gentilmente. Eragon gemeu de dor e teria caído se não tivesse apoio. Eles foram até a fogueira, onde Brom estava deitado de barriga para cima.

preciso ter prudência, algo que você não tem. Toda a magia em Alagaésia não vai ajudá-lo se você não souber como usá-la.

- Mas ainda vamos para Dras-Leona, não é? - perguntou Eragon.

Brom levantou os olhos.

- Sim, podemos continuar procurando os ra'zac, mas mesmo se os acharmos, não adiantará nada se você não estiver curado. - Ele começou a desselar Saphira. - Está se sentindo capaz de cavalgar?

- Acho que sim.

- Ótimo, então podemos percorrer alguns quilômetros hoje.

- Onde estão Cadoc e Fogo na Neve?

Brom apontou para o lado.

- Mais ali embaixo. Eu os preendi onde havia grama. - Eragon preparou-se para partir e seguiu Brom até os cavalos. Saphira disse enfaticamente:

Se você tivesse me dito o que pretendia fazer, nada disso teria acontecido. Eu teria dito que seria uma má ideia não matar os urgals. Só concordei com o que você pediu porque presumi que era mais ou menos razoável!

Não quero falar sobre isso.

Como queira, - disse ela, torcendo o nariz.

Enquanto cavalgavam, todos os montes e depressões na trilha faziam Eragon ranger os dentes de dor. Se ele estivesse sozinho, já teria parado. Com Brom presente, não ousou reclamar. Além disso, Brom começou a desafiá-lo com situações difíceis envolvendo urgals, magia e Saphira. As lutas imaginárias eram muitas e variadas. Às vezes, um Espectro ou outros dragões eram incluídos. Eragon descobriu que era possível torturar corpo e a mente ao mesmo tempo. Respondeu errado à maior parte das questões e ficou ainda mais frustrado.

Quando pararam para dormir, Brom resmungou de modo ríspido:

adaga o atingiu, produzindo um baque seco, e ele caiu pesadamente em cima de seu ombro. A cabeça dele repousou como se estivesse sem vida.

- Não! - gritou Eragon, embora estivesse se contorcendo de dor. Ouviu passos, seus olhos fecharam-se e não soube de mais nada.

O MESTRE DA ESPADA

O dia seguinte foi mais tranquilo para os dois. Eragon sentia-se melhor e conseguia responder corretamente às perguntas de Brom. Depois de um exercício particularmente difícil, Eragon falou sobre a mulher que visualizou na água. Brom puxou a barba.

- Você disse que ela estava presa?

- Isso.

- E viu o rosto dela? - indagou Brom de modo sério.

- Não muito claramente. A iluminação estava ruim, mas pude ver que ela era bonita. É estranho, não tive dificuldade para ver os olhos dela. E ela olhou para mim.

Brom balançou a cabeça.

- Pelo que sei, é impossível a pessoa saber que está sendo visualizada.

- Você sabe quem ela poderia ser? - perguntou Eragon surpreso pela ansiedade em sua própria voz.

- Não - admitiu Brom. - Se fizesse um esforço, poderia pensar em alguns nomes, mas nenhum deles seria plausível. Este seu sonho é muito peculiar. De alguma maneira, você conseguiu visualizar algo que nunca viu antes, sem dizer as palavras de poder. Os sonhos, de fato, ocasionalmente tocam no reino dos espíritos, mas isso é diferente.

- Talvez para entendermos isso, deveríamos procurar em todas as prisões e calabouços até acharmos a mulher - brincou Eragon. Realmente, ele achava que essa seria uma boa ideia.

Brom riu e continuou cavalgando.

O treinamento rígido de Brom preenchia todas as horas à medida que os dias lentamente se tornavam semanas. Por causa da tala, Eragon foi forçado

talvez, se você se comportar, nosso mestre vai deixar você lustrá-la. - O hálito molhado tinha cheiro de carne podre.

Então virou a espada em suas mãos e deu um grito agudo quando viu o símbolo na bainha. Seu amigo aproximou-se correndo. Ficaram parados na frente da espada, sibilando e soltando pequenos estalos. Finalmente eles se viraram para Eragon.

- Você servirá muito bem ao nosso mestre, com certezza.

Eragon forçou sua língua grossa a formar algumas palavras.

- Se eu fizer isso, matarei vocês.

Eles sorriram friamente.

- Oh, não. Somos valiosos demais. Mas você... Você é dispensável. - Um rugido baixo saiu de Saphira, um pouco de fumaça subiu de suas narinas. Parecia que os ra'zac não se importavam com aquilo.

A atenção deles foi desviada quando Brom gemeu e rolou para o lado. Um dos ra'zac agarrou a camisa dele e levantou-o, sem fazer muita força, para o alto.

- Essstá passssando.

- Dê mais a ele.

- Vamoss matá-lo - disse o ra'zac mais baixo. - Ele já nos causou muita dor.

O mais alto correu os dedos pela espada.

- É um bom plano, mas lembre que as instruções do rei foram para capturá-los vivos.

- Podemosss dizer que ele morreu quando foi capturado.

- E quanto a esste aqui? - perguntou ra'zac, apontando a espada para Eragon. - E ssse ele falar?

Seu companheiro riu e sacou uma adaga assustadora.

De manhã, Eragon correu ansioso para ver o lago à luz do dia. Pequenas cristas, com espuma, formavam-se na água onde o vento batia. Só o tamanho do lago já foi um deleite para ele. Eragon gritou entusiasmado e correu para a água.

Saphira, onde está você? Vamos nos divertir!

No instante em que Eragon montou nela, Saphira pulou por cima da água. Subiram bem alto, circulando sobre o lago e mesmo àquela altura, a outra margem ainda não estava visível.

Você gostaria de tomar um banho? - Perguntou Eragon casualmente a Saphira.

Ela sorriu de maneira selvagem.

Segure-se! - Fechou as asas e atirou-se para cima das ondas, cortando as cristas com suas garras. A água espirrava sob a luz do sol enquanto eles sobrevoavam o lago. Eragon gritou de novo. Saphira fechou as asas e mergulhou, a cabeça e o pescoço entraram como uma lança.

A água atingiu Eragon como uma parede gelada, deixando-o sem ar e quase tirando-o de cima de Saphira. Segurou-se firme enquanto ela nadava até a superfície. Com três golpes com os pés, saltou para fora do lago, jogando uma cortina de águas brilhantes para cima. Eragon respirou fundo e sacudiu seus cabelos enquanto Saphira deslizava por cima do lago, usando sua cauda como leme.

Pronto?

Eragon concordou com a cabeça e respirou fundo, apertando os braços. Dessa vez, ela deslizou gentilmente para baixo d'água. Podiam ver metros à frente sob o líquido límpido. Saphira virou-se e deu voltas de formas incríveis, cortando a água como uma enguia. Eragon sentiu como se estivesse montando em uma serpente marinha de uma das lendas que ouviu.

Assim que os pulmões dele começaram a pedir mais ar, Saphira arqueou as costas e apontou a cabeça para cima. Uma explosão de gotas os cercou quando ela voou para o alto, abrindo as asas completamente. Com duas batidas fortes, ganhou altitude.

- Então, devemos esquecer os ra'zac? Se deixarmos que Saphira seja vista, eles irão correndo aonde quer que ela esteja.

- E quando eles fizerem isso, haverá cinquenta soldados com eles - disse Brom. - De qualquer maneira, esta não é a hora ideal para falarmos sobre isso. Agora, devemos nos concentrar em continuarmos vivos. Hoje, o perigo será maior, pois os ra'zac estarão nos caçando no escuro, que é a hora em que eles são mais fortes. Teremos de nos revezar vigiando até de manhã.

- Certo - disse Eragon, ficando em pé. Ele hesitou e apertou os olhos, que captaram um movimento sutil. Uma pequena mancha colorida se destacou da paisagem noturna que os cercava. Deu um passo em direção ao limite do acampamento, tentando enxergar melhor.

- O que foi? - perguntou Brom enquanto desenrolava suas cobertas. Eragon olhou fixamente para dentro da escuridão e voltou.

- Não sei. Acho que vi alguma coisa. Deve ter sido um pássaro.

Uma dor aguda brotou de sua nuca, e Saphira rugiu. Depois, Eragon caiu inconsciente no chão.

na testa do velho e os vasos do seu pescoço estavam dilatados devido ao grande esforço.

De repente, mais confiante, Eragon golpeava com Czar'roc mais rápido do que nunca, tecendo uma teia de aço na espada de Brom. Aumentando sua velocidade, bateu com a parte chata de sua lâmina contra a guarda de Brom, jogando a espada dele no chão. Antes que Brom pudesse reagir, Eragon tocou levemente a garganta de Brom com a espada.

Estavam em pé, ofegantes, com a ponta da espada vermelha tocando a clavícula de Brom. Eragon, lentamente, abaixou o braço e se afastou. Foi a primeira vez que ele ganhou de Brom sem usar nenhum truque. Brom pegou sua espada e a colocou na bainha. Ainda com a respiração difícil, ele disse:

- Chega por hoje.

- Mas nós apenas começamos - disse Eragon surpreso.

Brom balançou a cabeça.

- Eu não posso lhe ensinar mais nada com relação à espada. De todos os guerreiros que conheci, só três deles poderiam ter me vencido dessa maneira, e duvido que algum deles conseguiria fazer isso usando a mão esquerda. - Ele sorriu com melancolia. - Posso não ser tão jovem quanto antes, mas posso afirmar que você é um espadachim de talento singular.

- Isso quer dizer que não vamos mais lutar todas as noites? - perguntou Eragon.

- Oh, você não vai se livrar tão fácil disso - riu Brom. - Mas iremos mais devagar a partir de agora. Não fará tanta falta se deixarmos de treinar uma noite de vez em quando. - Ele enxugou sua sobrancelha. - Mas lembre-se disso: se acontecer a infelicidade de lutar com um elfo, treinado ou não, macho ou fêmea, espere perder. Eles, juntamente com dragões e outras criaturas mágicas, são muitas vezes mais fortes do que a Natureza os concebeu. Até mesmo o mais fraco dos elfos poderá subjugar-lo facilmente. O mesmo vale para os ra'zac, eles não são humanos e se cansam muito mais lentamente do que nós.

estavam livres, Eragon liberou os portões. Eles tremeram e fecharam-se, fazendo um grande barulho.

Ele se inclinou devido ao cansaço esperado, mas conseguiu continuar cavalgando. Brom o observava preocupado. A corrida continuou até se afastarem de Dras-Leona enquanto os trompetes de alarme soavam nas muralhas. Saphira esperava por eles na divisa da cidade, escondida atrás de algumas árvores. Os olhos dela ardiam. Sua cauda chicoteava para frente e para trás.

- Vá, monte nela - disse Brom. - E, desta vez, fique no ar, não importa o que aconteça comigo. Eu irei para o sul. Voe perto de mim, não me importo se Saphira for vista. - Eragon montou em Saphira rapidamente. Enquanto o solo se afastava embaixo dele, viu Brom galopando ao longo da estrada.

Você está bem? - Perguntou Saphira.

Estou, - respondeu Eragon. - Mas só porque tivemos muita sorte.

Uma baforada de fumaça saiu das narinas dela.

Todo o tempo que gastamos procurando os Ra'zac foi inútil.

Eu sei, - disse ele, deixando sua cabeça cair em cima de suas escamas. *Se os ra'zac fossem os únicos inimigos na catedral, eu teria ficado e lutado. Mas com todos aqueles soldados ao lado deles, eu não teria a menor chance!*

Agora, você sabe que todos falarão de nós. Essa foi uma fuga nem um pouco discreta. Evitar o Império agora será mais difícil do que nunca. - Havia um tom de nervosismo em sua voz ao qual ele não estava acostumado.

Eu sei.

Voaram baixo e depressa sobre a estrada. O lago Leona perdeu-se na distância. A terra tornou-se árida e rochosa, repleta de arbustos ressecados e espinhosos e de altos cactos. Nuvens escureciam o céu. Relâmpagos brilhavam ao longe. Quando o vento começou a uivar, Saphira mergulhou de repente em direção a Brom. Ele parou os cavalos e perguntou:

Saphira enrolou a sua cauda confortavelmente em volta de Eragon e perguntou:

Por que esperar? Quando o inimigo perceber que você atacou, será tarde demais para ele reagir.

Eragon repetiu a pergunta em voz alta.

Brom balançou a cabeça.

- Não, não seria. Se eu fosse usar o meu poder, de repente, contra você, Eragon, você provavelmente morreria, mas no instante antes de ser destruído, haveria tempo para um contra-ataque seu. Portanto, a não ser que um combatente tenha o desejo de morrer, nenhum dos lados atacará até que um deles tenha tido acesso às defesas do outro.

- E o que acontece depois? - perguntou Eragon.

Brom deu de ombros e disse:

- Uma vez que você esteja dentro da mente do seu inimigo, é bem fácil antecipar o que ele fará e evitar sua ação. Mesmo com essa vantagem, ainda é possível perder se você não souber como contra-atacar os encantos.

Ele encheu o cachimbo e acendeu-o.

- E isso requer um raciocínio extremamente rápido. Antes de poder se defender, você deve entender a natureza das forças que vêm na sua direção. Se estiver sendo atacado com calor, terá de saber se virá em forma de vapor, fogo, luz ou por outros meios. Só depois de saber isso é que poderá combater a magia, por exemplo, esfriando o material aquecido.

- Parece ser difícil.

- Extremamente - confirmou Brom. Uma nuvem de fumaça subiu do seu cachimbo. - Raramente uma pessoa sobrevive a um duelo como esse por mais de alguns segundos. A quantidade maciça de esforço e destreza condena qualquer um que não tenha o treinamento adequado a uma morte rápida. Assim que você for avançando, começarei a ensinar os métodos necessários. Enquanto isso, se você se achar travando um duelo de magos, sugiro que fuja o mais rápido possível.

Eragon sentiu que eles se aproximavam e usou todas as suas forças para se suspender. Seus ombros doeram quando se jogou por cima do muro e caiu do outro lado. Cambaleou, recuperou o equilíbrio e saiu a toda por um beco no momento em que os ra'zac pularam o muro. Elettrizado, Eragon aumentou a velocidade da corrida.

Correu por quase dois quilômetros antes de parar para recuperar o fôlego. Sem ter certeza se havia despistado os ra'zac, entrou em um mercado movimentado e mergulhou embaixo de uma carroça que estava estacionada ali. Como eles me encontraram? Pensou ele, ofegante. Eles não deviam saber onde eu estava... A não ser que algo tenha acontecido a Brom! Ele fez contato mental com Saphira e disse:

Os ra'zac me encontraram. Nós todos estamos em perigo! Veja se Brom está bem. Se estiver, avise-o e peça que me encontre na estalagem. E esteja pronta para vir voando para cá o mais rápido possível. Talvez precisaremos da sua ajuda para fugir.

Ela ficou em silêncio e disse sumariamente:

Ele vai encontrá-lo na estalagem. Não fique parado. Você está em grande perigo.

- Como se eu não soubesse - resmungou ele ao sair de baixo da carroça. Eragon voltou correndo para a estalagem Globo Dourado, arrumou os pertences deles rapidamente, selou os cavalos e levou-os para a rua. Brom chegou logo depois, com seu cajado na mão, olhando de cara feia. Ele montou em Fogo na Neve com um pulo e perguntou:

- O que aconteceu?

- Eu estava na catedral quando os ra'zac apareceram de repente atrás de mim - respondeu Eragon, montando em Cadoc. - Voltei correndo o mais rápido possível, mas eles podem chegar a qualquer minuto. Saphira vai nos encontrar assim que sairmos de Dras-Leona.

- Temos de sair das muralhas da cidade antes que eles fechem os portões, se já não os fecharam - disse Brom. - Se estiverem fechados, será quase impossível escaparmos. Não importa o que você faça, não se separe

destruir a pista, tornando muitos trechos intransponíveis. O aumento de viajantes forçou Saphira a se esconder de dia e depois alcançar Brom e Eragon à noite. Durante dias eles continuaram em direção ao sul acompanhando a vasta margem do lago Leona. Eragon começou a pensar se, um dia, conseguiriam contorná-lo e ficou muito satisfeito quando encontraram dois homens que disseram que Dras-Leona estava a apenas um dia tranquilo de cavalgada à frente deles.

Não tenha tanta certeza disso, - alertou-o e, em seguida, foi se esconder até a noite.

A estrada estava repleta de fazendeiros que levavam seus produtos para o mercado em Dras-Leona. Brom e Eragon foram forçados a diminuir a velocidade de sua cavalgada, pois tinham de esperar as carroças que bloqueavam a passagem.

Embora tenham visto fumaça antes do meio-dia, ainda tiveram de percorrer mais uns cinco quilômetros até a cidade ficar claramente visível. Ao contrário de Teirm, que foi planejada, Dras-Leona era uma confusão embaralhada que se espalhava até perto do lago Leona. Construções caindo aos pedaços ladeavam ruas curvas. E o coração da cidade era cercado por uma parede amarelada, suja de lama.

A vários quilômetros ao leste, uma montanha de rocha nua arranhava o céu com torres e colunas, como um navio tenebroso. Suas laterais quase verticais erguiam-se do chão como um pedaço irregular do osso da terra.

Brom apontou.

- Aquilo é Helgrind. É o motivo pelo qual Dras-Leona foi originalmente construída. As pessoas são fascinadas por aquilo, embora seja uma coisa doentia e maligna. - Ele apontou para as construções dentro das muralhas da cidade. - Devemos ir ao centro primeiro.

Enquanto caminhavam lentamente na estrada para Dras-Leona, Eragon viu que a construção mais alta na cidade era uma catedral que se avultava atrás dos muros. Era muito parecida com Helgrind, especialmente quando seus arcos e torres elevadas ficavam iluminados.

O altar era uma grande laje de pedra desprovido de qualquer adorno. Um feixe de luz solitário caía sobre ele, iluminando partículas de poeira douradas que flutuavam no ar. Atrás do altar, os tubos de um órgão perfuravam o teto e abriam-se para os elementos. O instrumento só tocava sua música quando uma tempestade invadia Dras-Leona.

Por respeito, Eragon ajoelhou-se perante o altar e curvou a cabeça. Ele não rezou, mas demonstrou admiração pela catedral em si. Os sofrimentos das vidas que ela já havia testemunhado, como também o desgosto dos elaborados cerimoniais desenrolados entre suas paredes, emanavam das pedras. Era um lugar amedrontador, exposto e frio. Mas, naquele ambiente frígido, veio um vislumbre da eternidade e, talvez, dos poderes que estavam lá.

Finalmente Eragon inclinou sua cabeça e levantou-se. Calmo e com a expressão séria, sussurrou palavras para si mesmo na língua antiga. Depois, virou-se para sair. Ficou paralisado. O coração dele disparou, começou a bater como um tambor.

Os ra'zac estavam na entrada da catedral, observando-o. Suas espadas estavam desembainhadas, suas lâminas ganhavam um aspecto mais sangrento devido à luz avermelhada. Um chiado sibilante saiu do ra'zac menor. Nenhum deles se mexeu.

O ódio cresceu em Eragon. Procurava os ra'zac há tantas semanas que a dor de seus atos assassinos havia se aplacado dentro dele. Mas sua vingança agora era iminente. A ira dele explodiu como um vulcão, abastecida ainda mais pela fúria provocada pela situação dos escravos. Um rugido saiu dos seus lábios, ecoando como um trovão quando sacou depressa o arco de suas costas. Com habilidade, colocou uma flecha na corda e a soltou. Duas mais seguiram a primeira, instantes depois.

Os ra'zac desviaram-se com um pulo das flechas em uma velocidade sobre-humana. Sibilaram ao correrem pelo corredor entre os bancos da igreja, seus mantos debatiam-se como asas de corvos. Eragon foi pegar outra flecha, mas, cautelosamente, parou a mão. Se eles sabiam onde ele achar, Brom deve estar em perigo também! Eu preciso alertá-lo! Depois, para o horror de Eragon, uma fila de soldados formou-se na catedral, e ele

- Agora, precisamos encontrar uma estalagem e bolar uma estratégia. Dras-Leona pode ser um lugar perigoso até para os mais cautelosos. Não quero ficar nas ruas mais do que o necessário.

Avançaram para dentro de Dras-Leona, deixando a sórdida entrada para trás. Ao chegarem às partes mais ricas da cidade, Eragon pensou: “Como essas pessoas podem viver em paz quando o sofrimento ao redor delas é tão óbvio?”

Acharam acomodações na Globo Dourado, que era uma estalagem barata, mas não decrépita. Uma cama estreita estava espremida contra uma das paredes do cômodo, tendo ao seu lado uma mesa bamba e uma bacia. Eragon deu uma olhada no colchão e disse:

- Vou dormir no chão. Deve haver naquela coisa insetos bastante para me devorarem vivo.

- Bem, não quero privá-los de uma refeição - disse Brom, jogando suas bolsas no colchão. Eragon colocou as suas no chão e tirou seu arco.

- E agora? - perguntou ele.

- Vamos procurar comida e cerveja. Depois disso, dormir. Amanhã, podemos começar a procurar pelos ra'zac. - Antes de saírem do quarto, Brom alertou: - Não importa o que aconteça, tenha cuidado para não soltar a língua. Teremos de partir imediatamente se formos descobertos.

A comida da estalagem era suportável, mas a cerveja era excelente.

Quando voltaram cambaleantes para o quarto, a cabeça de Eragon zumbia prazerosamente. Desenrolou seus cobertores no chão e jogou-se embaixo deles enquanto Brom despencava na cama.

Pouco antes de dormir, Eragon fez contato com Saphira:

Ficaremos aqui durante alguns dias, mas não serão tantos quanto em Teirm. Quando descobrirmos onde os Ra'zac estão, você poderá nos ajudar a pegá-los. Falarei com você de manhã. Não estou pensando claramente agora.

O leiloeiro terminou sua lista e fez um gesto para que um jovem, atrás da plataforma, se juntasse a ele. O rapaz subiu desengonçado, havia correntes em suas mãos e pés.

- Eis aqui o nosso primeiro item - proclamou o leiloeiro. - Um jovem saudável do deserto de Hadarac, recém-capturado no mês passado e em excelente estado. Olhem para estes braços e pernas, ele é forte como um touro! Daria um perfeito escudeiro, mas se vocês não confiam nele o suficiente para fazer isso, deem-lhe um trabalho pesado. Mas, permitam-me dizer, damas e cavalheiros, isso seria um desperdício. Ele é muito inteligente, isto é, se conseguirmos fazer que ele fale uma língua civilizada!

A multidão riu, e Eragon rangeu os dentes com raiva. Seus lábios começaram a formar uma palavra que poderia libertar o escravo, e seu braço, que tinha se livrado recentemente da tala, se ergueu. A marca na palma da mão dele brilhou. Estava prestes a liberar a magia quando lhe ocorreu de repente: “Ele nunca escapará!” O escravo seria preso antes que chegasse às muralhas da cidade. Eragon só pioraria a situação se tentasse ajudar. Abaixou o braço e xingou baixinho. “Pense! Foi assim que você se encrencou com os urgals”. Sem poder fazer nada, viu o escravo ser vendido para um homem alto com nariz de papagaio. O próximo item era uma escrava, uma menina que não devia ter mais de seis anos de idade, que foi arrancada dos braços de sua mãe chorosa. Quando o leiloeiro começou a ouvir as ofertas, Eragon forçou a si mesmo a ir para longe dali, tenso por causa da raiva e daquele ultraje.

Foi preciso caminhar várias quadras até que o choro deixasse de ser ouvido. Queria ver um ladrão tentar roubar a minha saca agora, pensou ele fechando a carranca, quase desejando que aquilo acontecesse mesmo. Frustrado, socou uma parede próxima, ferindo seus dedos.

“Este é o tipo de coisa que posso evitar ao lutar contra o Império, percebeu ele. Com Saphira ao meu lado, eu poderia libertar aqueles escravos. Fui agraciado com poderes especiais, seria um egoísmo não usá-los para o bem dos outros. Se eu não fizer isso, talvez não seja mesmo um Cavaleiro”.

A TRILHA DO ÓLEO

“O que eu tinha em mente?” Pensou Eragon de manhã. Sua cabeça latejava e sua língua estava áspera e grossa. Quando um rato passou correndo sob o piso, Eragon apertou os olhos por causa do barulho.

Como você está se sentindo? - Perguntou Saphira de forma convencida. Eragon a ignorou.

Um instante depois, Brom levantou-se da cama e resmungou. Mergulhou a cabeça na bacia cheia de água fria e saiu do quarto. Eragon o seguiu até o corredor.

- Aonde você vai? - perguntou ele.

- Vou me recuperar.

- Irei junto. - No bar, Eragon descobriu que o método de recuperação de Brom envolvia beber grandes quantidades de chá quente e água gelada e fazer tudo isso descer com conhaque. Quando voltaram para o quarto, Eragon sentiu que estava um pouco melhor.

Brom pôs a espada na cinta e alisou as partes amarrotadas do seu manto.

- Primeiro, precisamos fazer algumas perguntas com discrição. Quero ver se o óleo de Seithr foi entregue em Dras-Leona e qual foi o destino dele depois disso. Provavelmente, soldados ou trabalhadores estiveram envolvidos no transporte do óleo. Precisamos achar esses homens e fazer que um deles fale.

Saíram da Globo Dourado e procuraram pelos armazéns onde o óleo de Seithr poderia ter sido entregue. Perto do centro de Dras-Leona, as ruas começaram a subir em direção a um palácio de granito polido. Ele foi construído em uma elevação, de modo que estava acima de todas as construções do local, com exceção da catedral.

No pátio havia um mosaico de madrepérola, e partes das paredes eram incrustadas com ouro. Havia estátuas negras nas alcovas, segurando bastões

Eragon concordou.

Quando acabarmos o que temos para fazer aqui, talvez pudéssemos visitar o Carvahall.

O que você quer? - Perguntou ela, ficando amarga de repente. - *Voltar para a sua vida antiga? Você sabe que isso não acontecerá, então pare de ficar desejando isso! Em certo momento, terá de decidir que partido tomar. Você se esconderá pelo resto da vida ou ajudará os varden? São as únicas opções que lhe restam, a não ser que se una a Galbatorix, o que eu nunca aceitaria.*

Gentilmente, ele disse:

Se devo escolher, entregarei meu destino aos varden, como você sabe muito bem.

É, mas, às vezes, você precisa se ouvir falando isso. - Ela o deixou para meditar sobre suas palavras.

Brom encostou-se na parede, as rugas em sua testa ficaram mais fundas.

- Parece que Tábor tomou liberdades demais ao usar seu poder, e Galbatorix resolveu vir aqui dar uma lição de humildade a ele. Será a primeira vez que o rei sairá de Uru'baen em mais de dez anos.

- Você acha que ele sabe alguma coisa sobre nós? - perguntou Eragon.

- É claro que ele sabe sobre nós, mas tenho certeza de que ninguém revelou a ele o lugar onde estamos. Se tivessem revelado, já estaríamos sob as garras dos ra'zac. Contudo, isso significa que seja lá o que faremos com os ra'zac, deve ser feito antes de Galbatorix chegar. Queremos ficar o mais longe possível dele. A única coisa a nosso favor é a certeza de os ra'zac estarem aqui, preparando a visita dele.

- Quero pegar os ra'zac - afirmou Eragon apertando os punhos -, mas não farei isso se tiver de lutar com o rei. Ele, provavelmente, me faria em pedaços.

Aquilo pareceu agradar Brom.

- Muito bem: cautela. E você está certo, pois não teria a menor chance contra Galbatorix. Agora, conte o que descobriu hoje. Talvez confirme o que ouvi.

Eragon deu de ombros.

- A maior parte das coisas foi besteira, mas falei com um homem que sabia para onde o óleo havia sido levado. O lugar é um velho armazém. Além disso, não descobri nada mais útil.

- Meu dia foi um pouco mais produtivo do que o seu. Descobri a mesma coisa que você, então fui ao armazém e conversei com os trabalhadores. Não precisei falar muito para saber que os tonéis de óleo de Seithr são sempre levados do armazém para o palácio.

- E, depois disso, voltou para cá - concluiu Eragon.

- Não, nada disso! Não me interrompa. Depois, fui ao palácio e consegui entrar no quarto dos empregados fingindo ser um bardo. Durante várias horas, andei por lá, distraindo as camareiras e outras pessoas com poemas e